

Organizadores:
Mirian Barreto Lellis, Paula Libos
Benedito Dielcio Moreira, Pedro Pinto de Oliveira



Olhares interdisciplinares sobre comunicação,
cultura e contemporaneidade

Cadernos Multimundos V. 5



Organizadores:
Mirian Barreto Lellis
Paula Libos
Benedito Dielcio Moreira
Pedro Pinto de Oliveira

MULTIMUNDOS
Olhares interdisciplinares sobre comunicação, cultura e
contemporaneidade

Cadernos Multimundos V. 5

EDITORA FAITH
ESTÂNCIA VELHA - RS
2025

Ficha Técnica da obra

Título:

MULTIMUNDOS

Olhares interdisciplinares sobre comunicação, cultura e contemporaneidade

Organizadores

Mirian Barreto Lellis, Paula Libos,
Benedito Dielcio Moreira, Pedro Pinto de Oliveira

Arte da capa, diagramação e editoração

Editora Faith

Registro

1ª. Edição ©2025 - ISBN: 978-65-89270-73-7

DOI: 10.71137/978-65-89270-73-7

Todos os direitos reservados aos autores e organizadores,
sob encomenda à Editora Faith.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M961 Multimundos olhares interdisciplinares sobre comunicação, cultura e contemporaneidade [recurso eletrônico] / Mirian Barreto Lellis, Paula Libos, Benedito Dielcio Moreira, Pedro Pinto de Oliveira (organizadores) .-- Estância Velha , RS: Faith, 2025.
231p.(Série Cadernos multimundos, v.5)

ISBN: 978-65-89270-73-7

DOI: 10.71137/978-65-82970-73-7

- 1.Comunicação
- 2.Cultura e contemporaneidade
- 3.Educação
- 4.Ciencia
- I.Lellis, Mirian Barreto
- II.Libos, Paula
- III.Moreira, Benedito Dielcio
- IV.Oliveira, Pedro Pinto de
- V.Título

CDU:316.77

Direção Geral
Caroline Powarczuk Haubert

Corpo Editorial

Prof. Dr. Alfredo Alejandro Gugliano - UFRGS
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida - UFMT
Prof. Dr. Dejalma Cremonese - UFSM
Profa. Dra. Elisângela Maia Pessoa - UNIPAMPA
Prof. Dr. Fernando da Silva Camargo - UFPEL
Prof. Dr. Gabriel Sausen Feil - UNIPAMPA
Profa. Dra. Patrícia Krieger Grossi - PUC-RS
Prof. Dr. Ronaldo B. Colvero - UNIPAMPA
Profa. Dra. Simone Barros Oliveira - UNIPAMPA
Profa. Dra. Sheila Kocourek - UFSM
Prof. Dr. Edson Paniagua - UNIPAMPA
Profa. Dra. Maria de Fátima Bento Ribeiro – UFPEL
Profa. Dra. Danusa de Lara Bonoto – UFFS
Profa. Dra. Erica do Espírito Santo Hermel – UFFS
Prof. Dr. João Carlos Krause – URI
Prof. Dr. Márcio Marques Martins -UNIPAMPA
Prof. Dr. Marcos Barros - UFPE
Profa. Dra. Paula Vanessa Bervian – UFFS
Profa. Dra. Sandra Nonenmacher – IFFAR

Sumário

Prefácio - Interdisciplinar e Multimundos: os desafios das tensões contemporâneas.....	7
Apresentação.....	11
Fundamentos da Comunicação e Cultura na Era Digital.....	16
Capítulo 1 - Quando a notícia comunica: o metáforo colocado em prática (Camila Bini Pereira Rosa).....	17
Capítulo 2 - O ser e pertencer no interior das telas (Tania Mara Rauber).....	29
Capítulo 3 - Cultura Científica no Mundo da Vida - Um estudo sobre a ciência, educação e informação na palma da mão (Mirian Barreto Lellis).....	39
Capítulo 4 - Extração de sentidos e valores no garimpo digital (Alessandra Pereira da Paz).....	52
Capítulo 5 - Memes e tipificação na formação de quadro de sentidos em torno de Dilma Rousseff (Jessica Bastos).....	62
Espaços e Identidades em Transformação.....	75
Capítulo 6 - Espaço escolar e a percepção do estudante do século XXI (Paula LIBOS).....	76
Capítulo 7 - O pensamento moderno urbanístico (Danielle Ferraz Garcia).....	87
Capítulo 8 - Passarelas contemporâneas para pedestres à Ponte de Ferro do rio Coxipó (Fabiane Krolow).....	97
Cultura, Relações Sociais e Representações na Mídia.....	104
Capítulo 9 - O Falar Cuiabano como Resistência Cultural: entre tensões, representações e poder simbólico na contemporaneidade (Dalila Rodrigues Souza).....	105
Capítulo 10 - Migrante venezuelano; fragilidade e insegurança: Um estudo de caso em Mato Grosso (José Elias Antunes Neto, Cristóvão Domingos Almeida).....	113

Capítulo 11 - Do Mestrado ao Doutorado - Do Olhar Sobre as Crianças e a Cultura Digital para o Protagonismo Feminino no Cuidado Familiar e Comunitário (Gracielly Soares Gomes).....	122
Capítulo 12 - Albergue da juventude, perfil dos jovens que se hospedam em Cuiabá, Mato Grosso (Débora Moreira Mello, Pedro Pinto de Oliveira).....	129
Capítulo 13 - As novas formas da cultura de comunicação do agronegócio: o movimento Agroligadas (Julia G. N. Munhoz, Pedro Pinto de Oliveira).....	140
Ciência, Saúde e Conhecimento em Diferentes Contextos.....	151
Capítulo 14 - Da divulgação científica sobre células-tronco do cordão umbilical e placentário à Saúde Única da comunidade ribeirinha São Gonçalo Beira Rio (Juliana Michaela Leite Vieira).....	152
Capítulo 15 - Mulheres na Pesca Artesanal: Experiências Transnacionais entre Rosário Oeste (Brasil) e a Costa de Oaxaca/Chiapas (México) (Ivoneides Maria Batista do Amaral).....	163
Capítulo 16 - Cultura e comunicação: o pensamento sistêmico em saúde para crianças da educação infantil (Jessiane Maria de Almeida).....	172
Capítulo 17 - Radioatividade: uma breve história das areias monazíticas de Guarapari(ES) (Marina Coelho Motta).....	183
Expressões Artísticas e Subjetividade na Contemporaneidade.....	194
Capítulo 18 - Renato - de Manfredini Junior a Russo (Luciano Carneiro Alves).....	195
Capítulo 19 - A dialética da fotografia contemporânea brasileira: a decolonialidade e o documental imaginário (Vinicius Appolari).....	205
Resumo dos Textos Publicados.....	218
Organizadores.....	231

Prefácio

Interdisciplinar e Multimundos. Os desafios das tensões contemporâneas

A publicação deste livro é um importante momento para o Grupo de Pesquisa Multimundos – Estudo das Tensões Contemporâneas. Nele, estão reunidos alguns dos principais estudos de mestrado e doutorado desenvolvidos por pesquisadores do grupo, egressos do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura contemporânea (ECCO), da Universidade Federal de Mato Grosso. As autoras e autores, uns no mercado de trabalho, outros cursando doutorado, apresentam e atualizam as pesquisas realizadas.

Abrir espaços e oportunidades para os integrantes do grupo e realizar parcerias importantes no Brasil e no Exterior sempre estiveram em nosso horizonte. A ideia de um grupo Multimundos nasceu antes mesmo de ter esta denominação. Ainda na segunda metade dos anos de 2010 convidamos para realizar minicursos no ECCO os professores Antônio La Pastina, da Universidade do Texas (EUA), sobre a Pesquisa Etnográfica; Bernd Fichtner, da Universidade de Siegen (DE), sobre a obra de Walter Benjamin; Fernanda Bruna, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre a teoria Ator-Rede, de Bruno Latour, dando início a um processo de intensa participação em seminários nacionais e internacionais, publicação de livros e produção de artigos em periódicos científicos.

A criação do Grupo de Pesquisas Multimundos, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), tem uma história de afetos, sensibilidade e experiência compartilhada, condições decisivas que nos fizeram chegar aonde hoje estamos. O Multimundos nasceu de um diálogo com dois mentores de grande relevância no campo de pesquisa interdisciplinar: Vera Regina Veiga França, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e João Carlos Correia, da Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã/Portugal

Em 2017, Pedro em Portugal e Dielcio no Brasil, abrimos conversas com a professora Vera França e com o professor João Carlos Correia. Vera e João foram vitais para que o nosso sonho de grupo de pesquisa articulado com pesquisadores nacionais e internacionais tomasse forma real, e que os propósitos fossem alinhavados por ações intelectuais e práticas.

O eixo teórico da ideia relacional da comunicação, a relação com o Outro; a apreensão plural do mundo da vida e o diálogo criativo e potente entre duas correntes filosóficas, a fenomenologia social e o pragmatismo, são bases que nos inspiraram e que ganharam vida com apoio dos nossos interlocutores, João e Vera.

Uma curiosidade do mundo acadêmico: os dois dos principais nomes da pesquisa em Comunicação no Brasil e em Portugal, Vera França e João Carlos, se conhecem apenas pelo nome e pelas respectivas obras. Eles só trabalharam juntos pela primeira e única vez, à distância, nesta contribuição valiosa que deram para a criação do Multimundos.

O Multimundos tem entre seus compromissos o diálogo com pesquisadoras e pesquisadores nacionais e internacionais que se interessam também em promover o fortalecimento prático da ideia de comunidade acadêmica com a visão ética e política de que a produção de conhecimento deve retornar para a sociedade.

Nesta visada de associação e inovação, o Multimundos incentiva ainda novas escrituras de ciência, buscando alargar a cultura acadêmica e democratizar o conhecimento. Uma destas experiências de comunicação multimodal hoje é uma marca nacional e internacional do Grupo de Pesquisa Multimundos: o Ensaio Audiovisual Científico, uma escritura de ciência para os pares, a partir de imagens e sons, com foco na vida, em todas as vidas, onde a ciência nasce e a ela deve retornar.

Destacamos duas características do Multimundos, desde a sua criação, em relação às alunas e aos alunos de mestrado e doutorado que fazem parte do grupo: a) o incentivo à participação em eventos internacionais e b) a coorientação das suas pesquisas com nossos parceiros internacionais. Entendemos que, além das parcerias nacionais relevantes, mestrandos e doutorandos ganham novas possibilidades de intercâmbio de ideias e de experiências com a participação em eventos nacionais e internacionais.

Quatro exemplos de discentes que apresentam seus textos neste novo livro do Multimundos indicam a nossa vocação para o trabalho participativo. A doutoranda Julia Gabriella Nogueira Munhoz, participou com trabalho no Congresso da IAMCR em Lyon, na França, em 2023, e em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia, e tem como coorientador o professor Daniel Cabrera, da Universidade de Zaragoza/Espanha. A hoje doutora Débora Moreira apresentou trabalho no Congresso da Associação Portuguesa de Comunicação (Sopcom) em Funchal, Ilha da Madeira/Portugal, em 2019.

A doutora Ivoneides do Amaral, com estudo sobre a pesca artesanal, participou de um estágio doutoral no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social (CIESAS) – Pacífico Sul, em Oaxaca, no México, e Vinicius Appolari, com estudos sobre a fotografia decolonial, apresentou como convidado um trabalho sobre fotografia e arte na Universidad de Medellín, Colômbia.

No Brasil, avançamos em parcerias com professores de diferentes áreas do conhecimento: André Chaves e Júlio Suzuki, Universidade de São Paulo (USP); João Massarolo, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Nilda Jacks, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Denise Moraes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste); Paula Guimarães Simões, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Ricardo Duarte, Universidade Federal de Viçosa (UFV); Rodrigo Portari, Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). As parcerias envolvem participação em projetos de pesquisa, seminários, disciplinas, bancas de defesa e publicações.

Praticamente todas as atividades do grupo geraram produtos editoriais ou audiovisuais com a participação decisiva de nossos alunos. Destacamos aqui nossas publicações com a participação dos alunos. Com esta obra que ora prefaciamos, V.5, são cinco livros os publicados da Coleção Cadernos Multimundos: V.1. “Comunicação, Cultura e Sensibilidade”; V.2. “Comunicação, Cultura e o Outro”; V.3. “Estudos Interdisciplinares em Comunicação e Mediações Culturais”; V.4 “Comunicar Ciência: Democracia, Cultura e Audiovisual”.

Gostaríamos aqui de agradecer a todos os atuais e ex-integrantes do

grupo de pesquisa pela dedicação, atenção ao projeto, participação em reuniões, seminários publicações, a todos que ajudaram a dar vida e sustentação ao grupo Multimundos, especialmente aos professores Cristóvão Almeida e Aclyse Matos que nos acompanharam desde a Fundação do grupo. Agradecemos também as doutoras Paula Libos e Miriam Lellis pelo empenho e dedicação para tornar esta publicação uma realidade.

Benedito Dielcio Moreira
Pedro Pinto de Oliveira

Apresentação

Esta obra coletiva reúne vozes diversas que se debruçam sobre os fenômenos e nas complexas relações entre cultura, comunicação em suas intersecções com os desafios sociais, poder, subjetividades e tecnologias do presente, representados e vivenciados na sociedade midiaticizada. Organizado em cinco blocos temáticos, a obra propõe uma travessia teórica, metodológica e sensível pelos múltiplos territórios da experiência contemporânea, marcada pela digitalização, pela fluidez das identidades e pelas novas formas de mediação, visibilidade e consumo nas dinâmicas urbanas, nas identidades culturais e nas narrativas artísticas e midiáticas. Com uma abordagem marcadamente interdisciplinar, os capítulos aqui presentes convidam o leitor a uma reflexão crítica sobre as tensões que moldam nosso "mundo da vida" e a constante busca por sentidos e pertencimento.

O Livro está estruturado em cinco blocos temáticos:

BLOCO 1 – Fundamentos da Comunicação e Cultura na Era Digital

Este bloco inicial estabelece as bases para as análises desenvolvidas ao longo da obra. São discutidos temas conceituais como acontecimento, metáforo, memes, performance, mediador científico e redes sociais, usados para analisar os fenômenos nos blocos subsequentes. Os textos apresentam ao leitor as complexidades da comunicação contemporânea, estabelecendo as bases teóricas para compreender a comunicação e a cultura no contexto atual, especialmente na era digital. O artigo “Quando a notícia comunica: o metáforo colocado em prática”, de Camila Bini Pereira Rosa, discute se o jornalismo contemporâneo comunica de fato ao explorar o "metáforo" como um método de pesquisa fenomenológica, demonstrando a importância dos aspectos estéticos e imagéticos na eclosão de um evento comunicacional e diferenciando a comunicação de meros sinais e informações. Em seguida, “O ser e pertencer no interior das telas”, de Tania Mara Rauber, problematiza os modos de constituição da identidade na ambiência digital. Discute a busca incessante por visi-

bilidade e reconhecimento no ambiente virtual, revelando novos comportamentos influenciados pelo "eu performático" e pela "sociedade do espetáculo". Já o texto "Cultura Científica no Mundo da Vida: Um estudo sobre a ciência, educação e informação na palma da mão", de Mirian Barreto Lellis, analisa como o conhecimento científico se manifesta no cotidiano digital das pessoas através dos smartphones. O texto trabalha ainda a invisibilidade da ciência, o distanciamento do saber formal e a necessidade de experiências que rompam com a indiferença, propondo, para tanto, o conceito de "Mediador Científico" como um novo agente que "vive ciência" nas redes e a transporta para a educação. No capítulo "Extração de sentidos e valores no garimpo digital", Alessandra Pereira da Paz propõe uma reflexão sobre o fenômeno das celebridades digitais, com destaque para a trajetória de um garimpeiro que ascendeu à fama nas redes sociais por meio de consumo ostentatório e estratégias de comunicação. Encerrando o bloco, "Memes e tipificação na formação de quadro de sentidos em torno de Dilma Rousseff", de Jessica Bastos, analisa os memes como dispositivos de construção simbólica no campo político, atribuindo-os como "artefatos híbridos de mídia e cristalização cultural".

BLOCO 2 – Espaços e Identidades em Transformação

Os textos deste bloco discutem como os espaços (urbanos, escolares) e as identidades (locais, históricas) são construídos, contestados, redefinidos, negociados e remodelados na contemporaneidade. Ele oferece uma visão sobre as infraestruturas e os ambientes que moldam a vida social e explora como os espaços físicos (urbanos, educacionais) e as identidades culturais, refletem as tensões entre tradição e modernidade, exclusão e pertencimento. Em o "Espaço escolar e a percepção do estudante do século XXI", Paula Libos discute como a familiaridade com espaços inovadores pode transformar a percepção dos alunos e destacar o potencial do ambiente educativo como mediador na construção do conhecimento, comunicação e socialização diante das novas tecnologias e práticas educativas. "O pensamento moderno urbanístico", de Danielle Ferraz Garcia, aborda a influência do urbanismo moderno na alteração dos centros urbanos ao discutir como a valorização do progresso em detrimento do pas-

sado levou à desvalorização de memórias e ao surgimento de "não-lugares". A autora defende a necessidade de redesenhar cidades com foco nos pedestres para promover ambientes mais humanos e sustentáveis. "Passarelas contemporâneas para pedestres à Ponte de Ferro do rio Coxipó", de Fabiane Krolow, examina a importância histórica, cultural e urbana das pontes de ferro em Cuiabá, especialmente a Ponte de Ferro do rio Coxipó, analisando sua ressignificação como passarela e seu papel como marco simbólico da memória coletiva.

BLOCO 3 – Cultura, Relações Sociais e Representações na Mdiatização

Neste bloco, os textos trazem discussões sobre cultura e relações sociais, contendo reflexões sobre temas como vulnerabilidades sociais, desigualdades e processos de representação que ganham forma em meio à midiatização, tensionando os discursos de poder e visibilidade. Em "Arte e poder: o falar cuiabano na cultura contemporânea", Dalila Rodrigues reflete sobre o Linguajar cuiabano como elemento central de identidade e poder simbólico, que hoje enfrenta preconceitos e estereótipos no modo de se expressar de famílias tradicionais e ribeirinhas. O estudo analisa como figuras públicas e artistas regionais utilizam o humor, que pode ser tanto um mecanismo de afirmação cultural quanto de ridicularização ou exclusão. O capítulo "Migrante venezuelano; fragilidade e insegurança: Um estudo de caso em Mato Grosso", de José Elias Antunes Neto e Cristóvão Domingos Almeida, investiga a fragilidade e insegurança enfrentadas por migrantes venezuelanos em Mato Grosso, com um foco particular na feminização da migração. Em "Do Mestrado Ao Doutorado - Do Olhar Sobre as Crianças e a Cultura Digital para o Protagonismo Feminino no Cuidado Familiar e Comunitário", Gracielly Soares Gomes investiga as trajetórias de pesquisa sobre cultura digital e cuidado a partir da construção social e cultural dos papéis de gênero no cuidado, a transmissão desses saberes entre gerações de mulheres. Em "Albergue da juventude, perfil dos jovens que se hospedam em Cuiabá, Mato Grosso" Débora Moreira, explora a relação entre turismo, cultura, interações sociais e as experiências de indivíduos em um ambiente de hospedagem es-

pecífico, hostels que funcionam como mediadores para o enriquecimento cultural e a formação de laços sociais. Já em “As novas formas da cultura de comunicação do agronegócio: o movimento Agroligadas”, Julia G. N. Munhoz discute a emergência de um novo discurso comunicacional protagonizado por mulheres no setor do agronegócio em Mato Grosso, que buscam defender valores conservadores e masculinos predominantes no setor rural.

BLOCO 4 – Ciência, Saúde e Conhecimento em Diferentes Contextos

Este bloco direciona a atenção para os modos como o conhecimento científico é apropriado, divulgado e ressignificado em contextos sociais diversos, especialmente no campo da saúde e da educação. No capítulo “Da divulgação científica sobre células-tronco do cordão umbilical e placentário à Saúde Única da comunidade ribeirinha São Gonçalo Beira Rio”, Juliana Michaela Leite Vieira apresenta uma articulação entre ciência biomédica e saberes locais, o texto centraliza a discussão na divulgação científica e na aplicação do conceito de Saúde Única (One Health), que interliga saúde humana, animal e ambiental. “Mulheres na pesca artesanal: experiências transnacionais entre Rosário Oeste (Brasil) e a Costa de Oaxaca/Chiapas (México)”, Ivoneides Maria Batista do Amaral investiga a participação feminina na pesca artesanal em contextos latino-americanos distintos, a partir de um intercâmbio doutoral realizado em 2024. O estudo evidencia a centralidade das mulheres na sustentabilidade econômica e cultural das comunidades e examina as práticas de trabalho, a divisão sexual das atividades, os impactos ambientais e as estratégias de resistência das pescadoras ao lidarem com a persistente invisibilidade social e institucional. Em “Cultura e comunicação: o pensamento sistêmico em saúde para crianças da educação infantil”, Jessiane Maria de Almeida propõe uma abordagem integrada entre comunicação, infância e promoção da saúde. Investiga a percepção das crianças sobre a interligação da saúde com o meio ambiente e a vida animal, ressaltando a importância de um ensino lúdico e da comunicação entre escola e família para uma compreensão mais completa e duradoura. “Radioatividade: uma breve histó-

ria das areias monazíticas de Guarapari-ES”, de Marina Coelho Motta, oferece uma narrativa histórica e crítica sobre ciência, natureza e risco. A pesquisa investiga a história e a percepção social da radioatividade que transitaram de um fenômeno de medo para uma ideia de cura refletindo sobre como a divulgação midiática e a falta de conhecimento influenciaram interpretações duvidosas sobre a radioatividade

BLOCO 5 – Expressões Artísticas e Subjetividade na Contemporaneidade

Encerrando a coletânea, este bloco explora a arte e a subjetividade como meios de expressão, crítica e resistência diante das transformações do mundo contemporâneo. Em “Renato - de Manfredini Junior a Russo”, Luciano Carneiro Alves analisa a trajetória artística e subjetiva do cantor Renato Russo como fenômeno cultural e ressalta a complexidade de sua persona artística e a importância de sua obra no contexto social brasileiro. Por fim, em “A dialética da fotografia contemporânea brasileira: a decolonialidade e o documental imaginário”, Vinicius Appolari traz uma leitura crítica sobre as imagens fotográficas contemporânea brasileira sob a ótica do pensamento decolonial, discutindo a fotografia como produção artística que contribui com as construções de memória e contestação dos valores imperialistas. e promove o debate sobre as minorias e culturas ancestrais.

MULTIMUNDOS: olhares interdisciplinares sobre comunicação, cultura e contemporaneidade é, portanto, uma contribuição dos integrantes do Grupo Multimundos para pesquisadores e estudantes interessados nas nuances da cultura e nas tensões contemporâneas, nas complexas relações de poder e representação na sociedade midiaticizada e nos múltiplos modos pelos quais o ser humano se expressa, resiste e se reinventa em meio aos desafios do nosso tempo.

Boa leitura

Mirian Barreto Lellis
Paula Libos

Fundamentos da Comunicação e Cultura na Era Digital

Capítulo 1 - Quando a notícia comunica: o metáforo colocado em prática¹

Camila Bini Pereira Rosa²

1. Introdução

Após 20 anos distante da academia, ingressei no mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea (Ecco) motivada por um desejo de autocrítica e na esperança de abrir horizontes sobre o fazer jornalístico. Parti da premissa de investigar a relação entre jornalistas profissionais e produtores de notícia ‘não jornalistas’. Embora o objeto “jornalismo” sempre estivesse à mente, foi necessário aprofundar na definição conceitual do que era, de fato, comunicar.

Como consumidora de notícias, não era a qualidade ou credibilidade do jornalismo que incomodava. Era, hoje sei, seu mínimo potencial comunicacional. Outros critérios, componentes, marcas e expressividades orientavam as pessoas a lerem ou não o noticiário. Lá fui eu, então, atualizar meus paradigmas do que é comunicação. Contribuindo para a ansiedade do meu orientador, praticamente comecei tudo de novo, do zero. Mudei meu referencial teórico e me apoiei em autores que podiam me ajudar a perceber esse universo sensorial e persuasivo, imagético e sedutor, no qual as notícias concorriam com outros conteúdos em busca de atenção das pessoas.

Até mantive uma etapa de pesquisa ‘tradicional’, apenas para confirmar o pressentimento de que a autocrítica que eu perseguia *precisava* passar pelo crivo da Teoria do Acontecimento Comunicacional, do professor

¹ Este artigo é uma derivação da dissertação de mestrado intitulada “Quando a notícia comunica: no percurso da Teoria do Acontecimento Comunicacional”, defendida em 2019 no ECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

² Mestra em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Feral de Mato Grosso (UFMT). Jornalista e fundadora da Dialog Assessoria e Comunicação. E-mail: camilabinipr@gmail.com.

Ciro Marcondes Filho³, e de sua proposta radical de um a-método de pesquisa em comunicação (o *metáporo*). Adotando suas ideias e seu caminho, foi possível ver a comunicação (e, portanto, o jornalismo) como um Acontecimento; algo raro, muito raro; da ordem das afecções, dos sentimentos e sensações; totalmente dependente de uma postura de abertura e disponibilidade dos comunicantes; e constatar que, *vez ou outra*, uma notícia, o produto mestre do jornalismo, consegue, de fato, comunicar.

2. Referencial Teórico

Numa espécie de risco nada controlado, adotei como principal referencial teórico o universo de ideias do autor e pesquisador brasileiro Ciro Marcondes Filho. Dele, absorvi o conceito de comunicação e também o *metáporo*, sua contribuição sobre como pesquisar comunicação dentro de uma perspectiva inédita, que propõe à área um status de ciência nômade (Deleuze e Gattari) e cuja abordagem é muito próxima da fenomenologia.

O primeiro passo foi entender a comunicação como um Acontecimento – um fenômeno intangível e expressivo, inscrito na esfera do sensível e, portanto, raro, mas possível. Complexa, subjetiva, forte e impaciente, a comunicação está em/é movimento. Trata-se de uma vivência real que provoca sensações, pensamentos, ideias e dúvidas no indivíduo. Assim, a comunicação não é transmitida ou recebida: ela nos acontece.

Conceber a comunicação como um acontecimento (movimento, fluxos, forças e vetores), assim como a questão do sentido enquanto extra-ser, exprimível, e sua investigação no contexto das tecnologias atuais, é certamente o problema filosófico mais sério com o qual o mundo hoje se depara. (Marcondes Filho, 2010, p. 66)

O Acontecimento, em geral, e também o Acontecimento comuni-

³ Ciro Marcondes Filho (1948-2020) idealizou a chamada Nova Teoria da Comunicação (também denominada “Teoria do Acontecimento Comunicacional”, opção que prefiro), conjunto de provocações e propostas para uma ontologia e epistemologia da comunicação. Foi professor livre-docente da USP, com doutoramento pela Universidade de Frankfurt e pós-doutorado pela Universidade Stendhal de Grenoble (França). Autor de vários livros sobre o tema, fundou e coordenou o Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação (Filocom), da USP.

cacional, é uma experiência que altera a forma de pensar; mexe com a percepção imediata; e insere a pessoa em um ambiente em que nada está definido e tudo pode mudar. Esse “susto” é um dos elementos constitutivos mais viscerais de um Acontecimento. Da mesma maneira, a comunicação como Acontecimento fragiliza, dissolve. Leva a um choque: algo fala comigo, afeta-me, mexe internamente, fazendo desaparecer as certezas. Sou levada a pensar, a entrar em dúvida, a indagar. Quando ocorre, a comunicação incomoda e, em função desse “incômodo”, Marcondes Filho (2010) associa comunicação à ruptura.

A comunicação, em primeiro lugar, é algo que violenta o pensamento, como diz Deleuze. Ser violento aqui é nos forçar a pensar, e as coisas que nos fazem pensar, diz o filósofo, são mais importantes que o próprio pensamento. (...) Comunicação realiza-se, assim, plenamente e acima de tudo, como um fenômeno estético, no sentido da *aisthesis*, enquanto relação sensível com o mundo. (...) Por isso, Deleuze fala também nas impressões que nos forçam a olhar, nos encontros que nos forçam a interpretar. (Marcondes Filho, 2010, p. 10)

Ao longo de “A Lógica do Sentido”, Deleuze fala de Acontecimento como a eclosão de um novo sentido. Enfatiza que para ser Acontecimento algo deve gerar uma nova ordem de coisas. Só é possível se aproximar e compreender um Acontecimento “no próprio acontecimento” (Queré, 2005, p. 4), quando se alcança esse novo sentido. Sentido que será gestado por cada um dos afetados pelo Acontecimento, que nele incidem até que uma nova significação surja. Um mesmo acontecimento pode impactar diferentes pessoas com consequências distintas. Em alguns, nada novo surgirá: será mais um fato corriqueiro. Porém, sempre que um Acontecimento eclode, um novo sujeito “Acontece”.

Acontecimento e sujeito surgem, assim, em conjunto, ligados inextricavelmente: a singularidade do acontecimento e a ipseidade dos que o sentem são tecidas em conjunto, até porque é através da sua apropriação por indivíduos ou coletividades que o acontecimento adquire a sua identidade e a sua significação próprias. (Queré, 2005, p. 18)

Dado seu caráter subjetivo, interior, a comunicação como Aconteci-

mento reforça a noção de que é improvável compreender ou saber de fato o que comunica o Outro. Não, nenhum conteúdo pode ser “transmitido” tal como ele é vivido de A para B. Será preciso lançar mão de ‘traduções’ para que as pessoas possam se *aproximar* de como aquela experiência comunicacional se deu para uma outra pessoa. Para tornar mais complexo, a comunicação é um fenômeno extralinguístico, onde os sentidos atuam, onde mora aquilo que não se fala, apenas se sente: o indizível (Marcondes Filho, 2011, p. 188).

Mas mesmo com toda essa improbabilidade, há várias tentativas de se comunicar, e Marcondes Filho diferencia três momentos bem distintos: a sinalização, a informação e a comunicação propriamente dita – marcada pela emergência do novo. Um sinal é um conteúdo que me chega sem que a ele associe qualquer afecção, sentido ou qualidade. A sinalização pode ser involuntária ou intencional, mas os sinais que me atingem diariamente dificilmente me comunicam. Estão soltos em uma atmosfera de conteúdos – *o contínuo atmosférico mediático*⁴ – formada por veículos de comunicação, pessoas, governos, empresas, grupos de amigos etc.

Esses sinais somente serão informação quando alguém os selecionar, permitindo-se ser afetado por eles e lhes dando algum sentido. Enquanto estiverem na “nuvem” são apenas estímulos. O sinal tornado informação reafirma preceitos, endossa ideias existentes, reforça crenças e paradigmas, fortalece posicionamentos e age, assim, na manutenção do que já existe. É onde localizamos boa parte do jornalismo, pois o leitor seleciona conteúdos – e pontos de vista – com os quais está acostumado, nos quais confia.

A informação, portanto, tem uma função de apoio, de aumento de minhas salvaguardas, de agregação de novos dados para meu agir no mundo. Ela está ligada à decisão, a um ato racional de eu selecionar no mundo os sinais que me interessam e refutar aqueles que me são indiferentes. (...) Serve, assim, de componente

⁴ Marcondes Filho (2010, p. 131) define “contínuo amorfo mediático” como um ambiente de conteúdos, sensações, sinais e movimentos que podem vir a se tornar comunicação. Nutrido por organizações e pessoas, é uma instância imaterial, amorfa, sem contorno físico, com a importante característica de influenciar na estruturação dos sentidos na comunicação. Há três “subsistemas de funcionamento” do contínuo amorfo mediático: o sistema operacional propriamente dito (entretenimento), o sistema de manutenção (publicidade) e o sistema de alerta (jornalismo).

conservador e reforçador da minha consciência e de meu estar no mundo. (Marcondes Filho, 2013, p.26)

Alimentada pelo “indizível”, manifesta como um Acontecimento, a comunicação pode ser perceptível apenas sob a ótica do “receptor”, pois aqui falamos daquele fenômeno que *altera* o sujeito. Como atestar a ocorrência da comunicação “de fora” de quem “foi comunicado”? Somente ele (*quem foi comunicado*), face ao seu universo interior, poderá apontar que “sim, houve comunicação”. Em outras palavras, *a pessoa* é comunicada. O observador nunca terá certeza absoluta a esse respeito, o que significa que para nos aproximarmos da comunicação será preciso prestar muita atenção no contexto da *recepção*.

A comunicação não depende de um emissor, mas de um receptor, de sua decisão de acolher o Outro (seja esse Outro um texto, uma fala, um filme, uma obra estética). A comunicação pode ser recíproca quando, enquanto emissor, busco que o outro me acolha, incorpore minha alteridade. Mas isso não é nem regra geral nem uma ocorrência obrigatória na comunicação, apenas uma coincidência. Comunicação não é uma pista de duas vias, mas duas pistas de mão única que correm independentemente da outra. (Marcondes Filho, 2013, p. 36).

3. Um (A)Método

Aceitar a comunicação como um Acontecimento, sabendo de seu caráter disruptivo, subjetivo, impactante, raro e fugidio, além de inscrito no universo do “receptor”, requer uma abordagem particular de estudo. Marcondes Filho dedicou-se nas últimas décadas a construir uma proposta metodológica ousada, capaz de dar conta do Acontecimento comunicacional como objeto de pesquisa. Essa proposta, ancorada no conceito de ciências nômades de Deleuze e Gattai, é o *metáporo*, que estressa o rigor metodológico da ciência contemporânea.

Nomadizar é andar, ir atrás de algo, continuar andando mesmo que a meta já tenha sido atingida, pois esta não passa de uma estação intermediária. Seu método é andar sem meta. (Marcondes Filho, 2010, p. 248)

O valor desse percurso meio errante, ambulante, é a possibilidade de se alcançar um “espaço livre do saber” (Marcondes Filho, 2010, p. 248). O caminho é pelos “poros” que permitem o vislumbre do que não se mostra claramente e da luz possível. Por isso, *metáporo*⁵, um quase caminho, uma rota porosa, acidentada, imprevisível, flexível, mutável, desafiante, fluida e criativa, porque nos leva a uma saída.

Sugerimos poro como o próprio ato de cavar uma passagem. Construir uma passagem para o outro lado. (...) Metáporo supõe um ato de permitir o acesso, de deixar entrar, de liberar, de hospedar o outro, de me atravessar. (...) É o que se chama, também, “abrir-se à estranheza do outro”, do outro enquanto outra pessoa e enquanto objeto, cena, drama. É a origem da própria comunicação. Eu só posso descrever um ato genuinamente comunicacional na medida em que eu, ao mesmo tempo, o sinto, o vivencio, permito que meus poros sejam atravessados por esse clima, esse espetáculo, essa atmosfera circundante, essa energia produzida pelo amorfo mediático. Por isso, poros é também arte e inventividade. (Marcondes Filho, 2010, p. 263, grifo meu)

Classificado como um “quase-método”, o *metáporo* tem base fenomenológica. Convida o pesquisador a se lançar ao Acontecimento comunicacional, no “mundo vivido”, buscando absorvê-lo sem analisá-lo. Guiado pela observação e voltado à descrição do que lhe Acontece, exercita a *epoché*, técnica que lhe permite questionar a realidade (e a si mesmo) de forma crítica ao colocar em dúvida tudo o que lhe impacta, tudo o que é aparente, ou pré-estabelecido. A subjetividade, a *máquina desejante* do pesquisador, está lá, latente; será registrada e faz parte de uma atitude sincera de busca pela neutralidade possível por parte do cientista. Não se trata de anular ou desconsiderar os efeitos e afecções subjetivos, mas de tê-los conscientemente.

O tempo de pesquisa é o “agora”, pois não é possível pesquisar um Acontecimento comunicacional no tempo presente. Qualquer reprodução, repetição ou enquadre do “agora” em um momento posterior deixa

⁵ Ciro Marcondes Filho sugere substituir método (caminho definido para se produzir o conhecimento) por metáporo (algo como a produção permanente de possíveis saídas a partir da intuição sensível, que mantém o pesquisador caminhando).

de ser comunicação e vira outra coisa (um objeto de História, Antropologia, Sociologia). É fundamental viver o Acontecer comunicacional enquanto ele se dá – conceito traduzido por Marcondes Filho como *Razão Durante*. Aproximar-se do Acontecimento comunicacional sem vivenciá-lo, sem experimentá-lo, numa postura de terceira pessoa, não tem efeito.

Razão durante é a interpretação da comunicação como fenômeno que ocorre enquanto estamos vivendo. Ela acompanha nossa vida, é paralela, contígua, sincrônica. Nós participamos junto. (...) Não podemos ficar de fora olhando o girar do carrossel. A razão durante é um olhar da comunicação que mergulha no próprio acontecimento. (Marcondes Filho, 2010, p. 92)

A técnica a ser adotada para viver e relatar a comunicação que Acontece é a intuição sensível, que une a habilidade sensorial e afetiva do indivíduo à apreensão “concreta” do real. É a busca de “captar” (não capturar) o fenômeno comunicacional.

Nosso instrumento é a intuição sensível. Não operamos com o método dedutivo, tampouco com o indutivo, mas com a apresentação de constatações, impressões ou descrições relativas a um fenômeno comunicacional específico. (Marcondes Filho, 2010, p. 250)

Mas como colocar isso em prática? Marcondes Filho identifica três momentos essenciais no metáforo: a aproximação do pesquisador em relação ao ambiente que quer compreender; a observação do fenômeno; e a apresentação dos sentidos nascidos durante o Acontecer comunicacional. Na aproximação, o pesquisador se coloca disponível e ciente de que, mesmo em situações imprevistas, poderá haver a afecção. A observação mantém o estudioso em movimento, em busca dos sentidos, curioso e aberto para as possibilidades da comunicação. É quando ouvimos o Outro, observamos suas expressões e comportamento, perguntamos, anotamos percepções e buscamos a conexão possível para podermos identificar se alguém (além de mim mesma) também foi comunicado.

O terceiro momento metapórico consiste na descrição do que foi experimentado, de forma objetiva, inicialmente, indicando em que condições concretas a insurgência comunicacional se deu, lembrando-se de

se identificar nesse ambiente. Em seguida, há o desafio de analisar, comentar, contextualizar o que Aconteceu. Quando o pesquisador consegue dar vazão ao Acontecer enquanto produtor de um sentido até então não percebido, constrói conhecimento – razão de ser de toda ciência, nômade ou não.

4. Resultados

A Aproximação. Em 12 de maio de 2018 uma notícia policial virou motivo de comentário com uma amiga, colega do Ecco. Trocávamos impressões sobre a imprensa e então ela chamou minha atenção para a prisão de três jovens em Pedra Preta (MT). Estranhei a foto da matéria: as meninas sorriam para a câmera fotográfica da Polícia Militar (PM). Fiquei meio sem entender: elas pareciam felizes. Li a matéria e logo percebi que havia ali um acontecimento banal no prisma jornalístico transformando-se em um Acontecimento comunicacional para pelo menos três pessoas – minha amiga, eu e uma jornalista de Cuiabá.

A observação. No dia 10 de maio de 2018, um boletim de ocorrência (BO) policial virou notícia. Três jovens de Pedra Preta foram detidas sob suspeita de tráfico de drogas na noite anterior. Após receber denúncias anônimas, a PM acabou fazendo revista na casa das três garotas, que foram detidas. O BO 2018.150006 relatava um fato corriqueiro, nada diferente da rotina dos repórteres de Polícia. Algumas horas depois de o BO ter sido liberado à imprensa, às 17h18, o site de notícias Agora MT publicou a primeira matéria⁶ sobre o caso, destacando que duas das detidas eram gêmeas. Outros dois sites republicaram a matéria.

Somente no dia seguinte, em 11 de maio, às 16h37, o site Midianews⁷, um dos mais acessados de Mato Grosso, tratou do assunto, com outra ótica. A notícia passa a ser a foto de registro criminal. Ao contrário da postura usual, em que os suspeitos ficam de frente para a câmera, sérios ou até cobrindo o rosto, as três amigas sorriem para a câmera, como

⁶ Disponível em: <https://www.agoramt.com.br/2018/05/gemeas-e-amiga-sao-presas-com-droga-em-pedra-preta/>

⁷ Disponível em: <http://www.midianews.com.br/policia/jovens-fazem-pose-e-sorriem-para-foto-apos-prisao-em-mt/324446>

se estivessem posando em algum evento ou mídia social. Foi essa a notícia que li com minha amiga no dia 12 de maio, e foi a partir dessa publicação (“Jovens fazem pose e sorriem para foto após prisão em MT”) que um mesmo acontecimento torna-se então duas notícias: o registro de que houve a prisão e o estranhamento com a fotografia posada.

Figura 3: Jovens presas em 10-05-2018.



Crédito: Polícia Militar-MT.

Com o *backdrop* oficial da Polícia Militar ao fundo, três jovens sorriem para a câmera. Uma delas, à esquerda, está algemada, e posiciona seu corpo de lado. As outras duas, irmãs gêmeas, também riem e têm as mãos na cintura. É uma fotografia posada, e diferentemente da maior parte das imagens que resultam dessa identificação criminal, vemos mulheres sorridentes, aparentando alegria e nenhum incômodo ou embaraço pela prisão. A foto foi compartilhada pela PM à imprensa ao lado de duas outras imagens, mais convencionais. Os primeiros sites de notícias a publicarem a prisão usaram a foto com as jovens de costas e a imagem de mais de 90 papелotes de cocaína e pasta à base de cocaína).

Figura 4: Outras fotos compartilhadas pela PM



Fotos compartilhadas pela PM referentes ao caso de Pedra Preta (MT), em 10-05-2018. Crédito: Polícia Militar-MT.

Será a partir da notícia do Midianews que o registro da prisão se transformará. Surgem adjetivos (deboche, bizarro, “no estilo”), os comentários aumentam e mais de 30 publicações saem em sites de MT, MS, PA, BA, MG e SP. O conteúdo viraliza.

A notícia entrou no *contínuo atmosférico mediático* de maio de 2018, e foi transformada em informação quando a equipe do Midianews vê a foto em um grupo de WhatsApp e uma das jornalistas associa a foto ao BO já noticiado. “Achei bizarro”, afirmou a repórter⁸ que assina a matéria. O conteúdo “falou” com ela. Da afecção que a fotografia causou, a repórter foi comunicada⁹ (Marcondes Filho, 2010). Mesmo sendo uma notícia da concorrência, ela queria publicar o assunto, mas com outra abordagem. A repórter tentou convencer seus editores, argumentou e então vem a decisão: “vamos publicar”. Uma nova narrativa surge: a foto posada virou o fato a ser noticiado.

A apresentação dos sentidos. No percurso observado, houve diferentes momentos de um mesmo conteúdo ecoando como sinal (o link no grupo de Whatsapp), informação (notícia publicada no site) e comunicação (a foto Acontecendo). Fica clara a fluidez da comunicação, sua dinâmica permanente, em que o movimento parte de um sinal (o BO) para duas expressividades distintas e concomitantes: uma unidade de informação (a notícia) e a eclosão da comunicação pura (o estranhamento da repórter).

Não sei, ainda hoje, o que levou as meninas a posarem daquela forma. Quem deu a ideia? Qual a intenção? Também não sei quem liberou a foto para a imprensa. Nenhuma dessas dúvidas, entretanto, impede a constatação de que naquele 10 de maio de 2018 um sinal (a foto) atingiu o *contínuo atmosférico mediático* adquirindo potencial comunicacional. Constatei, também, o agenciamento (Deleuze; Guattari, 2012) não apenas da repórter, mas principalmente das três jovens. Embora não me tenha sido

⁸ A jornalista Daffiny Delgado, que assina a matéria publicada pelo Midianews, foi ouvida por mim para mais esclarecimentos sobre como ocorreu a publicação.

⁹ Importante observar que essa percepção é minha a partir da descrição da repórter e tomando por base os conceitos da Teoria do Acontecimento Comunicacional. A repórter como é compreensível não verbalizou “que foi comunicada”.

possível acessá-las¹⁰, a foto “falou” comigo.

Com o corpo e seus gestos, elas criaram naquele ambiente já cristalizado um novo lugar a partir de suas expressividades e comportamento. É possível ouvi-las: “esta imagem e estes corpos são nossos”. Com as mãos na cintura e sorrisos abertos, elas deixaram de ser as suspeitas para se recriarem como autoras de sua própria narrativa, reterritorializando-se a partir da expressividade corporal. Fichadas, algemadas – mas donas de sua imagem. Verdadeiras “máquinas de guerra” (Deleuze; Guattari, 2012), seres comunicantes.

As máquinas de guerra têm uma potência de metamorfose pela qual elas certamente se fazem capturar pelos Estados, mas pela qual também elas resistem a essa captura e renascem sob outras formas, com outros "objetos" que não a guerra (a revolução?). (Deleuze; Guattari, 2012, v.5, p.138).

5. Considerações Finais

No relato recuperado para este artigo, fui atravessada por um Acontecimento comunicacional que permitiu pôr à prova importantes contributos deixados como legado por Marcondes Filho. Busquei a comunicação no momento em que ela “nasce” como Acontecimento, vivenciando o conceito da *razão durante*. Constatei que havia algo estético e expressivo naquela foto que ampliou seu potencial comunicacional, de forma que aquela notícia não teria comunicado sem a imagem. A afecção da notícia sobre minha amiga e a afecção da foto sobre a jornalista me permitiram atestar que, mesmo rara e difícil de alcançar, a comunicação pode ter como origem uma notícia, aumentando as chances quando há conteúdo imagético ou uma manifestação estética impactante. Rara, improvável, fugidia, mas possível, a comunicação como Acontecimento é, comprovadamente, um objeto de pesquisa desafiador e sedutor.

¹⁰ Conforme o Diário Oficial da Justiça de Mato Grosso, em 11 de junho o pedido de habeas corpus das três foi negado, e elas continuavam presas até o fechamento do artigo.

6. Referências

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo, Ed. Perspectiva, EdUSP, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 5. São Paulo, Editora 34, 2012, 2ª edição.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante: O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica**. São Paulo: Paulus, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante: Da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea**: Paulus, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e a máquina: O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico**. São Paulo: Paulus, 2013.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. Trajectos, **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p.59-75, 2005.

Capítulo 2 - O ser e pertencer no interior das telas

Tania Mara Rauber

1. Introdução

Nascidos para a internet. Talvez esta possa ser uma boa definição para as gerações que nascem cada vez mais intimamente conectadas com o mundo virtual. Se relacionam com as novas tecnologias com desenvoltura e habilidade de manusear os aparelhos, equipamentos tecnológicos e navegar pelo *ciberespaço*¹, se apresentam com a mesma naturalidade do processo de aprendizagem do gatinhar, falar, se alimentar e caminhar.

Os avanços com as tecnologias de inteligência artificial e realidade aumentada atingiram um nível, podemos falar “de maturidade”, tornando o virtual uma extensão do real e vice-versa. São inovações que permitem ao usuário uma interação dentro das telas. Tudo isso com um clique ou, até mesmo, singelos movimentos.

Nas próximas páginas, propomos aqui alguns pontos de discussão, embasados em contextos teóricos e, também, em vivências desta pesquisadora, para alguns novos comportamentos deste viver dentro e fora das telas, tendo como uma das características a velocidade com que se alternam e alteram. São condutas e hábitos extremamente passageiros.

Propomos ainda a hipótese de que a presença cada vez maior, acompanhada de novas experiências nesses ambientes virtuais, conectados com o real, são acompanhados por um anseio por reconhecer-se e ser reconhecido, “ser visto”, “pertencer” nas mídias digitais. Abordagem que pode explicar e trazer algumas proposições para fenômenos percebidos nos últimos anos.

Neste contexto, os conceitos de “público e privado” nas redes, ou seja, o que é individual, da identidade de cada indivíduo, e o que é repetido do coletivo, do público, como forma de ser visto, reconhecido e pertencer, nos trazem relevantes questionamentos.

Para construir este percurso, trazemos constatações de pesquisa rea-

¹ Segundo Lemos (2010), é o conjunto de redes que interliga computadores no mundo todo.

lizada entre os anos de 2016 e 2018, durante participação no programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - Mestrado, que teve como objeto uma dimensão científica de um fenômeno percebido na época, em que jovens youtubers com grande visibilidade na rede e influência no público juvenil, passaram a ocupar espaços também em outras mídias, dentre elas, a televisão. Nossa proposta foi analisar o curso deste fenômeno e qual o entendimento e opinião de jovens seguidores, bem como se esta estratégia de estar na televisão teria tido impacto na audiência virtual.

Finalizamos esta discussão com um olhar para possíveis impactos desta busca pelo ser visto e pertencer nas redes, trazendo outras observações a partir deste percurso, dentre elas uma abordagem das famosas “trends”, que nos remetem ao anseio por visibilidade, cliques e conexões.

2. Referencial Teórico

Pesquisas apontam que a população brasileira é uma das que mais passa tempo conectada. A média é de 9 horas por dia². Este é apenas um dos indicadores que revela às barreiras cada vez mais permeáveis entre real e virtual. A dualidade entre ambos não existe mais. Enquanto faz suas tarefas diárias, o indivíduo também navega e interage no ciberespaço. É uma mão na escova de dente e outra no celular. Uma mão no garfo e outra no celular.

Já há algum tempo, com o amadurecimento de novas tecnologias, como a inteligência artificial e realidade aumentada, notamos outro nível de interatividade entre sujeito e máquina, quando a interface não invade o corpo, e sim a mente (Venturelli, 2001). Neste cenário, temos uma hibridação por experiência, como se fosse uma invasão da consciência, e não mais por ligação direta entre homem-máquina. Podemos exemplificar esse processo com a naturalidade com que as pessoas executam tarefas nos dois espaços – real e virtual - ao mesmo tempo, conforme citamos anteriormente.

São estas as condições que fazem parte do cotidiano do público jo-

² <https://gizmodo.uol.com.br/brasil-e-vice-lider-mundial-em-tempo-de-uso-de-internet-veja-o-ranking/>. Acesso em 21/10/23.

vem, aqui compreendido como “ator social” (Toaldo; Jacks, 2012). Este ator social, que se constrói socialmente, também se constrói no ambiente virtual como “senhor de seus passos” (Moreira, 2014, p. 25), não precisando mais de porta-vozes falando e pedindo por ele, mas assumindo um protagonismo. Desta forma, segundo Moreira (2014), a máquina não funciona mais como uma prótese, mas como parte visceral do corpo e da mente, surgindo o que ele chama de “ser tecnológico”.

É diante deste contexto, desta nova relação mantida entre homem-máquina e a popularização das novas mídias, que percebemos o surgimento também de novas demandas socioculturais que, por sua vez, passaram a exigir do sujeito novas formas de ser e estar no mundo.

Conforme diz Levy (1999), as grandes inovações obrigam a uma reorganização do sistema global de funções, ou seja, tanto no modo de pensar, agir quanto de ser reconhecido, ser visto e pertencer, questões que embasam a discussão proposta neste artigo.

Todorov (2014) defende que, para existir, o ser humano necessita de interação, ou seja, a relação com o outro não é apenas um meio de satisfação ou garantia de manutenção da espécie, mas assegura a existência do indivíduo. Esta necessidade, segundo o autor, surge pouco depois do nascimento físico e só desaparece na inconsciência que precede à morte. “O homem vive talvez, antes de tudo, em sua pele, mas só começa a existir pelo olhar do outro; ora, sem existência, a própria vida se extingue” (Todorov, 2014, p. 87).

Portanto, não basta estar num ambiente virtual como *You Tube* ou *TikTok*, é preciso interagir com quem está lá e mais, ser visto e reconhecido.

3. Métodos

Para alcançar os objetivos da pesquisa de mestrado, que contribui para esta discussão, percorremos um caminho que partiu da experiência desta pesquisadora na atuação como jornalista em diferentes veículos de comunicação e, também, na observação do comportamento de jovens estudantes e sua relação com personalidades de influência no ambiente virtual. Isso foi possível pela experiência de campo no projeto “Educomunicação, ciências e outros saberes: um estudo do trabalho colaborativo em

narrativas transmídias”, desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Secretaria do Estado de Educação (Seduc) em escolas públicas localizadas nos municípios de Cuiabá, Várzea Grande, Jaciara, Acorizal, Jangada e Santo Antônio de Leverger, região metropolitana de Cuiabá-Mato Grosso.

Paralelamente às leituras, discussões e reflexões, realizamos a observação de três youtubers que transitaram pela televisão e aplicamos questionários em escolas rurais e urbanas, como estudo preliminar para a pesquisa quali-quantitativa de caráter exploratório. O estudo investigativo do jovem seguidor de youtubers passou pela aplicação de questionário online e, posteriormente, a realização de grupo de discussão com jovens. Como defendem Bauer e Gaskell (2002), não há um modo ideal e único para realizar pesquisas sociais, sendo a escolha embasada no conhecimento de cada método e nos benefícios que cada um pode trazer ao estudo.

Cinco anos após a conclusão da pesquisa, algumas questões ainda indagam esta pesquisadora, que segue com observações de fenômenos percebidos no mundo virtual, surgimento de novas tecnologias, novos comportamentos, e que levam a propor outras reflexões, que discurremos a seguir.

4. Resultados

Se por um lado real e virtual não são mais duais, por outro ainda temos uma parcela que busca na internet “gente como a gente”. O termo foi usado no grupo de discussão realizado durante pesquisa de mestrado para explicar a espontaneidade do youtuber como requisito para a conexão com pessoas reais, que geram identificação. Ora, teríamos no meio virtual pessoas “não tão reais”?

Para debater esta questão, trazemos aqui o conceito do “eu performático” nas redes. É fato que esta não é uma novidade. Schechner (2006) explica que, para viver em sociedade, os indivíduos precisam se ajustar a papéis sociais, ou seja, desenvolver determinados comportamentos. Sendo assim, ele pode desempenhar mais de um papel social, dependendo da circunstância a que está submetido, ou seja, desenvolver diferentes performances para ser aceito.

O que notamos, diante da visibilidade possível pelo acesso às novas mídias no século 21, é que as pessoas vivem muito a performance, se exibindo e sendo vistas praticamente durante todo o tempo. A internet, na globalização, e a sempre crescente presença dos meios de comunicação estariam saturando o comportamento humano em todos os níveis? Ao mesmo tempo que estou tomando um café em um lugar agradável, estou replicando cenas deste momento no virtual, para uma rede de pessoas, conhecidas ou não.

Sendo assim, é inoportuno mencionar quais performances são reais e quais não são, tendo em que é na interatividade com os fãs que essa relação performática se concretiza (Schechner, 2006). Afinal, é possível separar o que é do indivíduo e de sua identidade, ou seja, privado, e o que é público, ou seja, repetido, performatizado?

Este comportamento que acompanha as evoluções tecnológicas nos remete ao que Benjamin (1955) chamou de perda do valor das experiências e declínio da aura, usada por ele para sintetizar a autenticidade e originalidade de um material ou história, antes único, singular. Hoje, tudo é reproduzível. “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (Benjamin, 1955, p. 115).

O autor refere-se a esta pobreza de experiências ao novo modelo de vida em que as pessoas já não têm mais tempo para experienciar suas ações e emoções. A função da memória é substituída por câmeras fotográficas ou de filmagem, que, posteriormente, relembram os fatos vividos e as emoções sentidas em determinados momentos da vida do sujeito. Estas mudanças afetaram também a maneira com que o indivíduo passou a tratar a própria imagem. A preocupação com o que está sendo registrado e compartilhado está à frente do que vai ser vivido.

O anseio pelo aparecer se sobressai ao ser, sentir, até mesmo ter, ou seja, não basta ter, tem que mostrar. Na “sociedade do espetáculo” (Sibilia, 2008), as pessoas, de forma geral, são fascinadas pela visibilidade. O importante é aparecer. E com tecnologias cada vez mais exuberantes, assumindo papel maior na vida cotidiana, tudo passa a ser espetacularizado, inclusive o próprio “eu”, tornando o “ser visto” um cobiçado troféu.

Podemos observar este comportamento nas famosas “trends”, termo

de origem inglesa que pode ser traduzido como “tendência nas redes sociais”, ou seja, conteúdos ou hábitos coletivos que viralizam, são replicados milhares de vezes, chegando a pessoas em todas as partes do mundo. Repetir estes hábitos – danças, movimentos, músicas, dublagens, truques, criando conteúdos genéricos, tudo isso torna-se “quase” que obrigatório para que o indivíduo faça parte da grande rede ou para atrair os cliques de quem está do outro lado da tela, ser visto.

Observamos uma das mais recentes “*trends*”, “*live NPC*”³, com grande notoriedade no TikTok, uma das redes sociais que mais atinge o público jovem, responsável por viralizar constantemente diversos vídeos curtos que estimulam os usuários ativos a publicarem algo semelhante. Este é um termo comum no meio dos games, usado para identificar personagens que interagem com o jogador durante o jogo, mas não desempenham outras funções. Não é possível controlá-los e muitos deles apenas repetem o mesmo movimento quando você passa por perto ou aperta algum botão de ação.

O conceito foi transportado para o TikTok e uma *live de NPC*⁴ é nada mais que transmissões ao vivo em que o usuário, usando alguma fantasia ou filtros disponíveis na plataforma, age como um personagem não jogável. Esse usuário fica em *loop* até um espectador enviar algum “presente” pela rede social, na maioria das vezes pagamentos em valores. Após a recompensa, a pessoa faz um gesto ou fala uma frase específica com o nome do perfil de quem enviou “o presente”.

Trazemos este modelo de interação como exemplo do que propomos no início, de comportamentos de jovens usuários para conseguir os famosos “likes”, recompensas, presentes, gestos e atitudes que demonstram uma aceitação ou aprovação.

Artigo escrito na Fapcom (2016)⁵ trouxe uma reflexão sobre os impactos das “curtidas” como forma de recompensa nas redes sociais, causando sensações imediatas de bem-estar e prazer no indivíduo, a exemplo

³ Tradução livre: Personagem não jogável.

⁴ <https://canaltech.com.br/redes-sociais/live-de-npc-o-que-e-a-nova-trend-bizarra-do-tiktok-que-rende-dinheiro-262963/>. Acesso em 21/10/23.

⁵ <https://www.fapcom.edu.br/blog/o-que-acontece-no-seu-cerebro-quando-voce-ganha-um-like.html>. Acesso em 28/10/23.

de outros hábitos, como quando comemos algo que gostamos, praticamos sexo ou ganhamos dinheiro. Este resultado, esta sensação, é imediata, podendo causar sentimentos de pertencimento que cessam na mesma rapidez na qual foram criadas. Aliás, na mesma velocidade nos fenômenos que observamos no mundo virtual.

Outro ponto importante para ser observado é quando, em busca destas “recompensas” e “sensações” imediatistas, o indivíduo perde a noção do que é aparência e do que é realidade. Falamos aqui sobre a “sociedade do espetáculo” e como as imagens têm conquistado notoriedade à frente das memórias. E mais, o processo de aprendizado tem forte influência do “repetir”, “simular”.

As pessoas fazem parte do espetáculo em todas as esferas, porém, nas redes sociais, por haver certa competição pela busca de atenção dos espectadores, os usuários tendem a simular comportamentos de quem já possui fama, o que pode causar um afastamento da individualidade, do que é privado deste indivíduo, até mesmo suas ideias.

Kellner (2003) contextualiza o espetáculo como “os meios e instrumentos que incorporam os valores básicos da sociedade contemporânea e servem para doutrinar o estilo de vida dos indivíduos”.

5. Considerações Finais

Percebemos que, a exemplo do fenômeno estudado em nossa pesquisa de mestrado e de outros observados no decorrer dos últimos anos, há como característica comum o tempo de vida útil curto. Há um imediatismo, acompanhado de reprodução de comportamentos em busca de visibilidade e aceitação. Esta realidade nos deixa aqui alguns pontos importantes a serem aprofundados.

Como discorremos, se eu me vejo a partir do outro, quando o que eu vejo é uma vitrine de pessoas felizes e bem-sucedidas, como eu lido com a minha individualidade e realidade talvez nem sempre condizente com estas condições? Estudos já começam a mensurar os impactos da busca por um padrão talvez inalcançável de beleza, sucesso, felicidade, seja na saúde emocional ou mental, e alguns termos novos como “*nomofobia*” e “*fear of missing out*” surgem. O primeiro sobre “o medo de ficar sem o celular” e,

o segundo, sobre o “medo de ficar fora”.

Notamos estes reflexos não somente no público jovem, que foi objeto da pesquisa de mestrado desta autora, mas também em outros grupos. Em trabalho de mentoria e assessoria realizado com mulheres empreendedoras e profissionais liberais, percebemos uma certa angústia e cobrança de muitas por não conseguir atender à exigência de não apenas estar, mas também ser vista e reconhecida nas redes sociais. Esta parcela da população com um pouco mais de idade, faixa etária de 35 a 55 anos, também sofre os reflexos desta nova realidade. São questões importantes que merecem uma melhor atenção e podem se tornar objeto de futuras pesquisas.

6. Referências

BENJAMIM, Walter. **Textos de Walter Benjamin**. 1975. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/47829778/A-Obra-de-Arte-Na-Era-de-Sua-ReprodutibilidadeTecnica#>. Acesso em 22/02/2017.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura história da cultura/Walter Benjamin**. (Obras escolhidas v. I). Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994. 7ª edição

GOECKING, Dandara. PEREIRA, Lilian. SANTOS, Lorena. FERREIRA, Luís Eduardo. GALVÃO, Rodrigo Arthur. ALMEIDA, Leonardo. A Compulsão do TikTok e a Exibição de Transtornos Psicológicos. 2021. **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL**. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij02/rodrigo-arthur-galvao.pdf> Acesso em 24/10/23.

JACKS, Nilda Aparecida; TOALDO, Mariângela Machado; OIKAWA, Erika. **Práticas Culturais e Ciberculturais: para pensar a relação com as tecnologias**. Disponível em www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/download/1180/876. Acesso em 10/11/2017.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010. LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOURES, Alexandre. CASTRO, Flávio Castro. Trends: O virtual como extensão do real. **Revista Exame**. Disponível em <https://exame.com/bussola/trends-o-virtual-como-extensao-do-real/>. Acesso em 20/10/23.

MOREIRA, Benedito Dielcio. **Educomunicação, Ciência e Outros Saberes: um estudo do trabalho colaborativo em narrativas transmídias**. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. ABEducom, 2017. P.600-613. Texto Disponível em <http://www.abpeducom.org.br/o-que-fazemos/publicacoes>

_____. **Interfaces Sociais e Textualidades Midiáticas**. Org. Benedito Dielcio Moreira. Cuiabá: EdUFMT, 2014. Disponível em http://www.editora.ufmt.br/download/ebook INTERFACES%20SOCIAIS%20E%20TEXTUALIDADES%20MIDI%C3%81TICAS_protegido.pdf

PERROTI, Edmir. PIERUCCINE, Ivete. **A mediação cultural como categoria autônoma**. 2014. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em 22/10/2017.

SCHECHNER, Richard. **What is performance? In Performance studies: in Introduction**, second edition. New York and Londres: Routledge, 2006.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

RAUBER, Tania Mara. **Youtubers na televisão: O que pensam jovens seguidores**. 2018. Dissertação de Mestrado de Estudos de Cultura Contemporânea. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

TOALDO, Mariangela M. JACKS, Nilda Aparecida. **Juventude consumo, mídia e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum: ensaio de Antropologia geral**. São Paulo: Editora Unesp. 2014.

VENTURELLI, Suzete. **Considerações sobre Interfaces homem/máquina na Realidade Virtual e no Ciberespaço**. Porto Alegre: EDI-PUCRS. 2001.

Capítulo 3 - Cultura Científica no Mundo da Vida

Um estudo sobre a ciência, educação e informação na palma da mão¹

Mirian Barreto Lellis²

1. Introdução

Para Heller (2014), o cotidiano é o “mundo da vida” que se produz e se reproduz ordinariamente, num eterno movimento, mesmo que esse movimento seja repetido mecanicamente, sem a consciência do seu significado ou importância. O cotidiano é o palco onde a vida acontece. E, por isso, não pode ser visto sob uma teoria única ou uma só definição. Sua compreensão e análise deve permitir revelar os “processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam” (Pais, 2003, p. 72). Temos no celular o nosso “mundo da vida”, carregamos neste pequeno aparelho nossa identidade, nossas relações, pensamentos e opiniões. Desse modo, concebemos o cotidiano como o motor propulsor desta pesquisa, visto que ele é marcado por uma nova configuração da comunicação, por meio da forma interativa de disponibilizar conteúdos informativos *on-line*. Um quase infinito repositório de informações tornou-se acessível ao público leitor a qualquer hora, em qualquer lugar, por meio dos dispositivos tecnológicos, em particular o *smartphone*, que mudou nosso modo de interagir no cotidiano (Jenkins, 2009; Santaella, 2007).

A Ciência é parte integrante do processo de conhecimento cotidiano. Ela é parte do que fazemos todos os dias, seja por uma ação espontânea, costumeira, automática e impensada, seja por uma ação pesquisada

¹ Este artigo faz parte da Tese de Doutorado de mesmo título, defendida em 2022 no PPGECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/4871>

² Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pelo PPG ECCO da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: mirian.ellis@gmail.com.

e refletida, mas principalmente por meio da interação com os conteúdos científicos que nos chegam a todo instante nos dispositivos móveis. A partir disso, propomos, então, investigar a Ciência com foco na cultura científica, no universo digital que está presente no cotidiano das pessoas. Para tanto, nos ancoramos em conceitos contemporâneos como da Cultura científica, Ciência viva e Ciência Cidadã.

No processo de divulgação científica, muitos são os agentes envolvidos nas ações de disseminação de informações da ciência como os jornalistas, cientistas e até mesmo o público leigo. Nesse sentido, vemos surgir na comunicação do universo digital um novo agente: o “Mediador Científico³” que auxilia na construção e disseminação de conhecimentos, “vivendo ciência” nas redes ao transformar conhecimentos científicos em práticas cotidianas. Concebemos esse novo personagem de divulgação científica na perspectiva de Comunicação Mediada de Martín-Barbero (2009), que introduz a cotidianidade e cultura como elementos mediadores.

O mediador científico interpõe-se como um facilitador, ou melhor, “interator” do conhecimento científico, aloca-se entre o cientista e a audiência a fim de interagir com esses dois polos. Assemelha-se ao “digital influencer” que mantém com sua audiência uma relação de intimidade, confiança, um envolvimento intelectual e afetivo. Não se trata, portanto, de um mero tradutor ou divulgador, visto que ele não só traduz a ciência para o leigo, ele “vive ciência” com ações práticas do cotidiano, envolvendo no embate tanto o especialista quanto o público leigo com os quais dialoga, discute, critica etc. Apesar de vislumbrarmos as potencialidades da descoberta desse novo agente para a ciência, pouco sabemos sobre ele.

Ao incluirmos os mediadores científicos no processo de fazer ciência, procuramos investigar a relação deles com a ciência na palma da mão⁴. Se por um lado afirmamos que a participação dos cientistas do mundo no

³ O termo por nós cunhado para referenciar as pessoas que não são especialistas ou leigas, busca interromper com a divisão hierárquica no campo científico existente na sociedade atual. Passaremos a chamá-las de “Mediador Científico”.

⁴ A expressão *na palma da mão* pode, à primeira vista parecer banal, mas o que percebemos no estudo é que ela é dotada de uma complexidade que pode significar inúmeras ações e comportamentos e, portanto, requer uma reflexão mais aprofundada a fim de compreender não só o que ela é e representa, mas especialmente centralizar ideias em torno de “o que está na palma da mão” e “o que é acionado pelo dedo”, num gesto mecanicamente repetido pela intuição técnica.

fazer ciência é contributiva e altamente valorosa, por outro sabemos das dificuldades existentes para que essa proposta se concretize, pois demanda um esforço coletivo e desprendimento de conceitos pré-estabelecidos. Nesse estudo, olhamos principalmente para a educação e comunicação como ferramentas imprescindíveis na superação dessas dificuldades.

Nesse sentido, a pesquisa realizou um estudo qualitativo para investigar o conhecimento científico no universo digital presente no cotidiano das pessoas a fim de compreender como se dá a relação dos jovens com a Ciência - na forma dos conteúdos científicos - no celular, tendo o cotidiano como fio condutor para a pesquisa, ou seja, uma espécie de linha de costura de ideias e discussões reflexivas em todo o tecido textual. Diante disso, nos pautamos em refletir sobre alguns problemas da relação humano/tecnológico, tais como: a invisibilidade da ciência; o distanciamento da ciência no cotidiano das pessoas, principalmente no fazer ciência; a ausência de interação entre os indivíduos e os conteúdos científicos; a falta de afecção e interesse pela ciência; a categorização da ciência como produto, dentre outros. E por fim, usamos a pesquisa de campo para aprofundar as discussões abertas no campo teórico e para lidarmos com os problemas que surgem no cotidiano, a fim de servir de insumo e apoio à compreensão e à formulação de novos caminhos de divulgação científica no universo digital.

2. Referencial Teórico

O preceito geral seguido nesse estudo é de que o conhecimento científico fornece uma visão única e privilegiada do mundo e, portanto, é o elemento que distingue as sociedades atuais das sociedades de épocas passadas (Vogt, 2006). Entretanto, a falta de compreensão de temas científicos por parte do “público em geral é enorme e muitos, senão a maioria, não sabe situar questões sócio científicas e interpretar argumentos a favor ou contra” (Martins, 2015, p.36). Desse modo, compreendemos que poucos conseguem usar a ciência para compor conhecimentos.

Vogt (2006) destaca a comunicação e a linguagem como elementos fundamentais para a divulgação da ciência, e mais, para a sua popularização e aproximação com o público leigo. Para reforçar isso, Vogt (2003,

2006, 2016) usa a dinâmica na Espiral da Cultura Científica⁵ e sustenta que a informação científica, a circular entre os atores sociais e espaços diversos, é compreendida a partir de adequações de linguagem e, posteriormente, retransmitida, disseminada e experienciada pela vivência. Ora, se o problema do distanciamento ou ausência da percepção e entendimento da ciência é a adequação da linguagem, teríamos um objeto perfeitamente identificado para atuar com melhorias, contudo compreendemos que vai muito além da linguagem adequada ou “um esforço de transformar uma linguagem extremamente restrita de poucos em uma linguagem aberta a todos” (Vogt, 2016). Nesse sentido, acreditamos que não há uma linguagem tal como uma fórmula milagrosa para resolver o problema, mas a pesquisa nos chama atenção para a questão da forma como o conteúdo científico é disseminado, nutrindo na figura do mediador científico e sua forma de viver ciência um caminho para que a ciência se faça mais presente, percebida e compreendida no cotidiano das pessoas.

Dessa maneira, trazer o mediador científico para pensar a cultura científica no cotidiano, na palma da mão, a partir da tela do celular, é o novo desafio. Trata-se de uma tecnologia digital utilizada por mais de cinco bilhões de pessoas no planeta, só no Brasil são mais de 140 milhões de pessoas acessando conteúdos e compartilhando informações diariamente, o que requer atenção e estudos redobrados. As pessoas acessam informações de diversos segmentos, inclusive de ciência e tecnologia, contudo não sabemos quanto e se a maior parte das vezes o sujeito tem a compreensão dos conteúdos científicos.

De fato, ajustar a linguagem do cientista ao entendimento do público é o desafio da comunicação. Entretanto, as contribuições de Vogt (2003, 2006, 2016), Santaella (2007), Marcondes Filho (2019) e tantos outros – apontam que essa ausência também se dá pela falta de experiências que possam levar os indivíduos a romperem com a indiferença e acionar

⁵ Busca explicar o processo de absorção da informação científica, ou seja, nas palavras do autor, “[...] a espiral da Cultura Científica pretende representar, na forma que lhe é própria, e, em termos gerais, a dinâmica constitutiva das relações inerentes e necessárias entre ciência e cultura” (VOGT, 2006, p. 6). Essa dinâmica explica que para haver a inter-relação ciência-cultura é preciso que a informação científica circule entre os atores e espaços - uma condição primordial para a existência e disseminação da informação científica entre e para os indivíduos, sem distinção de nível de conhecimento.

o desejo de saber, de descobrir. A visibilidade da ciência e a força da divulgação científica não estão nem na ciência nem no divulgador, mas no campo da recepção, onde a comunicação efetivamente acontece (Sousa, 1990).

Isto posto, entendemos que o que nos chega à palma da mão e é acionado pelo dedo torna-se cultura da participação (Jenkins, 2009), uma consequência da modernidade que requer o convívio e participação no cotidiano por meio da partilha de ideias, do registro e divulgação de acontecimentos. E o mediador científico é um novo agente que surge no cenário conhecido como divulgação científica para desnudar o conhecimento científico aproximando, popularizando, participando e principalmente, vivendo ciência no cotidiano das redes sociais, chegando na palma da mão não mais apenas como um divulgador, mas como um agente que ainda precisa ser melhor estudado, bem como a sua forma de mediar a ciência.

Outro ponto importante da pesquisa é o caráter mercadológico da ciência. Stengers (2002) entende que a pesquisa científica, tal como é pensada e produzida hoje, está sendo moldada pelas bolhas e colisões associadas à especulação econômica e ao mercado, uma vez que a ciência foi transformada em produto rentável em que a ideia dominante é a de "só é ciência se for produto e gerar lucro.

Consideramos importante também mencionar que constatamos diversas iniciativas que buscam fazer com que a ciência se aproxime do grande público para a criação e fortalecimento de uma consciência científica coletiva, a fim de que o uso, aplicação e construção de novos saberes sejam mais acessíveis e igualitário. Dentre as iniciativas destacamos: o uso de plataformas digitais colaborativas como a internet e redes sociais; a propagabilidade de informações e troca de experiências; o emprego da serendipidade e da inteligência coletiva na construção do conhecimento e sua disseminação; a importância do senso comum e o reconhecimento das práticas culturais das pessoas na construção de um conhecimento popularizado, acessível. Desse modo, compreendemos que todas estas iniciativas representam formas de amplificar a relação da ciência com os sujeitos sociais, principalmente os leigos, por meio dos movimentos da (Meadows, 1999; Jenkins, 2009, 2014), da Open Science (Nielsen, 2014) e Ciência

Cidadã (Gura, 2013) de modo a devolver e envolver os sujeitos no fazer e no consumir ciência.

3. Métodos

Sabemos que os objetos de estudo não se detêm nas divisões modernas entre os campos e disciplinas e, por isso mesmo, exigem do pesquisador um olhar holístico afim de lidar melhor com as complexidades que a interdisciplinaridade e suas abordagens metodológicas requerem. A pesquisa engloba uma análise interdisciplinar com conhecimentos nos campos sociológico, antropológico histórico, filosófico e da comunicação. Por este motivo optamos pela metodologia quali/quantitativa, por meio da qual buscamos cruzar várias fontes de informações para compreender como o conhecimento científico no universo digital está presente no cotidiano das pessoas.

A escolha metodológica se pautou pela busca do entendimento do que está além dos dados visíveis. Preocupamo-nos com as dimensões da realidade que se manifestam nas práticas, nos hábitos, nas crenças, nos valores, na linguagem do grupo pesquisado. Para que haja uma maior compreensão dos significados que isso representa para as pessoas que pertencem a uma localidade, a construção da cultura e dos hábitos científicos são marcados pelo contexto vivido, onde a vida individual e a organização social são impossíveis sem alguma estabilidade do sentido intersubjetivo.

A partir de pesquisas exploratórias utilizando dados do MEC (2019, 2020), ENEM (2019) e consulta das legislações vigentes (LDB, BNCC), optamos por realizar a pesquisa de campo junto aos jovens estudantes com idade entre 15 e 18 anos, cursistas do 1º, 2º ou 3º anos do Ensino Médio de duas escolas da cidade de Barra do Garças - MT, sendo uma da rede pública e outra da rede particular de ensino.

A pesquisa de campo foi dividida em quatro momentos. No primeiro momento visitamos as escolas selecionadas para um contato inicial com alunos, corpo docente e direção. Como descreve Rocha *et. al* (2005, p.5) “[...] para apreender o ponto de vista do outro é necessário partilhar a sua realidade, a sua descrição do mundo e as suas marcas”. Nesse contato inicial, observamos o ambiente escolar e as relações dos alunos com os

colegas e professores, as interações com os conteúdos das disciplinas e com os celulares.

Em um segundo momento, realizamos uma entrevista individual com os professores, diretores e coordenadores pedagógicos das escolas pesquisadas. A entrevista foi conduzida por meio de um roteiro semiestruturado. Essa abordagem auxiliou no levantamento informações sobre a escola, perfil socioeconômico do público escolar, processo histórico e as metodologias usadas no processo de ensino-aprendizado das instituições, interação dos alunos com as disciplinas, entre outros temas. A etapa serviu de apoio para a construção do questionário e, também, para as discussões em grupo com os alunos.

O terceiro momento foi a apresentação do estudo e aplicação de um questionário. Explicamos a importância da participação dos alunos, bem como do corpo docente e direção, a fim de podermos identificar comportamentos no mundo digital e ajudar na divulgação, compreensão da ciência e construção de políticas públicas voltadas para uma educação científica mais inclusiva e acessível. Após a apresentação aplicamos os questionários impressos contendo perguntas fechadas e abertas com o intuito de levantar informações sobre a percepção da ciência no cotidiano.

O quarto momento foi a prática de Grupo de discussão com os alunos das duas escolas. A partir do quadro pedagógico, constatamos que as escolas contavam com um total de 35 professores lecionando no ensino Médio, sendo 21 docentes da Escola Pública “A” e 14 professores da Escola Privada “B”. Diante disso, e prevendo as dificuldades provocadas pelo contexto da época pela pandemia de Covid-19, bem como outras questões que poderiam ser impeditivas para alguns docentes, estabelecemos a participação de 8 (oito) docentes de cada escola das principais disciplinas (biologia, matemática, química, física, história, geografia). A partir das respostas obtidas pelo questionário aplicado aos estudantes, selecionamos 8 (oito) alunos para cada grupo de discussão, sendo, portanto, um grupo na escola pública e outro na escola privada.

À época da coleta de informações, as escolas estavam usando a dinâmica do ensino híbrido, em que parte dos alunos assistiam às aulas de casa e parte estavam presentes nas escolas. Nessas condições, do total geral dos 362 matriculados no Ensino Médio nas duas escolas, obtivemos um total

de 185 questionários, mas só consideramos as informações de 178 surveys que foram respondidos na forma presencial, sendo, 89 alunos respondentes em cada uma das Escola.

Tabela 1 - Número de questionários respondidos

Escola	Alunos Matriculados	Alunos frequentes presencial	Alunos respondentes
Escola Privada	151	89	95
Escola Pública	211	89	90
Total	362	178	185

Fonte: elaboração da autora.

Os questionários serviram de guia para a fase das entrevistas e grupos de discussão, visto que eles ajudaram a visualizar potencialidades e tensões relacionadas à ciência no cotidiano dos jovens, permitindo formarmos a base para a dinâmica do diálogo interacional.

A partir das informações extraídas das entrevistas, criamos um Sistema de Categorias de codificação que permitiu descrever, contextualizar e refletir sobre a interação dos jovens barra-garcenses com o conhecimento científico no cotidiano, além de proporcionar conexões entre os tipos de saberes escolares e populares.

As análises foram apresentadas separadamente, por escola e sujeitos. Primeiro foi realizada a descrição da escola, seu contexto, público e propósitos. Depois, nessa ordem, são discutidas as falas do diretor e coordenador, em seguida dos professores e, finalmente, os alunos. Após a análise em separado é feito o cruzamento de todas as informações obtidas por escola, para, então, apresentar ao final o cruzamento de informações das duas escolas, suas semelhanças, recorrências, diferenças e divergências.

Das entrevistas, extraímos um Sistema de Categorias que nos permitiu organizá-los nas dimensões por nós atribuídas e analisá-las em direção aos objetivos do trabalho. O Sistema de Categorias de codificação (Bogdan; Bilken, 1994) é um instrumento de análise de informações, busca contribuir com o conhecimento sobre a Cultura Científica. É importante destacar que as categorias surgiram das próprias falas dos entrevistados. Para analisar e cruzar os resultados foram inicialmente estabelecidas cinco

dimensões, ou seja, temas pertencentes ao problema estabelecido, aos objetivos pretendidos e, também, discutidos no escopo teórico deste estudo. São elas: 1) Tecnologia, 2) Ciência 3) Cotidiano, 4) Escola e 5) Universo Digital. Com as respostas de cada público agrupadas em suas respectivas dimensões, foram extraídas das leituras categorias de decodificação ofertadas por cada um dos públicos em suas falas. Uma vez extraídas as categorias, elas foram agrupadas também nas dimensões correspondentes.

4. Resultados

O estudo apontou para a necessidade urgente de encontrar formas eficazes do ensino formal se beneficiar da experiência do aluno com o seu aparelho celular. Para os jovens, a Ciência no cotidiano é mais visível e concebida como tal se estiver na forma de um produto, confirmando, assim, uma das nossas hipóteses. A integração do uso de tecnologias na escola pode aproximar a ciência dos jovens e contribuir para a redução de consumo de informações falsas e manipuladas. Sobretudo com relação ao papel da escola no auxílio ao desenvolvimento da autonomia do jovem estudante. Possibilitar ao estudante o uso do celular como ferramenta de apoio ao seu processo de construção de conhecimento é ajudá-lo a ser autônomo, guiá-lo na questão disciplinar, e, principalmente, na apropriação de elementos que incluem métodos sistematizados de raciocínio, como por exemplo a pesquisa.

Outro achado que se mostrou absolutamente imprescindível é o conhecimento científico do próprio aparelho celular. Os jovens disseram não mais viver sem ele, sofrem com a distância. Ora, aprendemos ao longo da vida que devemos conhecer com quem andamos, o celular não foge à regra. Sem conhecer a máquina que operamos, sobretudo com todo o desenvolvimento tecnológico em curso, como ter certeza de que somos os sujeitos da história e não propagadores de produtos, ideologias e ideias, muitas delas contrárias à nossa própria condição humana? No entanto, esse conhecimento está invisível para maioria de nós, em especial para os estudantes. Tal perspectiva é comprovada pela pesquisa que mostrou que a ciência é mais visível na Escola Privada e menos na Escola Pública. Alcançar sua visibilidade também é uma tarefa da escola. Porque, insti-

tucionalmente, a escola é um campo fértil para a propagação da cultura científica, mas exige da própria instituição e dos seus profissionais, especialmente os professores, uma preocupação com isso.

A sociedade tem urgência na resignificação do conhecimento científico. A interação entre os conhecimentos (formal e informal) promove uma espécie de movimento em que os conhecimentos adquiridos no mundo da vida são levados para a escola e se unificam com os conhecimentos do currículo e que são novamente dispersadas na sociedade via os processos de compartilhamento de experiências (Gohn, 2006). Assim, compreendemos o diálogo de saberes como um importante aspecto formador da Cultura Científica, visto a potência de resignificação que o saber popular possibilita ao proporcionar reflexão, problematização, observação, experimentação, investigação. Dito isso, compreendemos que essa vivência da Cultura científica é desejada pelos jovens estudantes, especialmente com a natureza do entorno da cidade, enquanto um laboratório ao ar livre para estudos interdisciplinares e gerador de produtos científicos.

Tanto professores como alunos mostram-se convencidos da experiência audiovisual na escola. Há uma clara preferência por esse formato de ensino e, também, de aprendizagem. Adotar essa forma não significa a desvalorização da escrita. Ao contrário, a produção da escrita torna-se mais prazerosa. Outra revelação absolutamente relevante é o papel do mediador científico. Imagens em movimento, competência na comunicação da ciência e a utilização de uma linguagem apropriada a este público jovem são os ingredientes para cativar e estimular os estudantes.

5. Considerações Finais

A ciência para a população, de modo geral, não faz parte do cotidiano. Apesar de estar ao alcance dos dedos, na palma da mão, ela não é percebida como tal, configurando-se como uma presença invisível. Desse modo, muitos indivíduos não se dão conta de que possuem, com tanta proximidade, a possibilidade de um conhecimento cidadão.

As reflexões produzidas dão conta de que o Cotidiano é lugar de produção de conhecimentos, sejam eles formais ou da vida. Na escola, a presença do cotidiano também remete à dimensão desses contextos e têm nos cotidianos escolares dinâmicas criadoras de conhecimentos, criados e

articulados não apenas como um “[...] domínio do social no qual só existe passividade, submissão, repetição, reprodução” (Ferraço; Soares; Alvez, 2018). A escola não é só um espaço físico, uma estrutura guardiã do conhecimento formal, ela acompanha a evolução da sociedade, reconhece e respeita os saberes populares, e nesse aspecto não se nega a inclusão do universo digital e os saberes geracionais. Ir para o cotidiano do aluno e dos familiares como condição para alcançá-los e envolvê-los com cultura científica significa um diálogo de saberes, daqueles que já fazem parte do cotidiano da sociedade. Em outros termos, o conhecimento não se encontra mais preso em um só lugar, como por exemplo na escola, o conhecimento está em toda parte.

Ao investigarmos a ciência no cotidiano, por meio da interação entre sujeitos sociais e conteúdos científicos que circulam nas redes, constatamos vários possíveis objetos e caminhos que ajudam na construção da cultura científica no cotidiano e, dentre eles, a figura do Mediador Científico, um novo agente que vivencia ciência nas redes e é potencialmente um elemento que mudará a nossa forma de conceber e fazer divulgação científica.

Por fim, o estudo mostrou que há inúmeras formas de popularizar a ciência na escola, de expandir a Cultura Científica para o seio familiar e, principalmente, oferecer à sociedade respostas propositivas. A educação, de fato, é capaz de dar uma resposta que possa fazer o enfrentamento das desigualdades do país. É o que desejam os operadores da educação, os alunos, gestores e professores. Com certeza também os pais e a sociedade.

6. Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K.; **Investigação Qualitativa em Educação**. Trad.: Maria João Sara dos Santos; Telmo M. Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 16 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **ENEM 2019: evolucionar**. Disponível em: <https://enem2019.evolucional.com.br/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação. 2019**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/igc/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/13565-avaliacao>. Acesso em: 12 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação Básica. Coordenação Geral de Ensino Médio. Programa ensino médio inovador: documento orientador. **Elaboração de Propostas de Redesenho Curricular**. Brasília, DF, 2016/2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/fevereiro-2017-pdf/58611-doc-orientador-elaboracao-de-propostas-de-redesenho-curricular-prc-pdf/file>. Acesso em: 11 nov. 2022.

FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S.; ALVEZ, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109 p. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575115176>. Acesso em: 26 mai 2022.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GURA, T. **Citizen science: amateur experts**. Nature, 11 April 2013, Vol.496(7444), pp.259-261, 2013. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nj7444-259a>. Acesso em: 10 abr. 2020.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder 11ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

MARCONDES FILHO, C. **Nova teoria da comunicação**, v. 3 – Tomo V: O princípio da razão durante. O conceito de comunicação e a epistemologia metafórica. São Paulo: Paulus, 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação,**

cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTINS, I. P. **Ciência, público e compreensão pública da ciência.** In: INTERACÇÕES N. 39, 2015, PP. 36-48.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica.** Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

NIELSEN, M. **Reinventing Discovery: The New Era of Networked Science.** Princeton: Princeton University Press, 2014.

PAIS, J. M., **Sociologia da Vida Quotidiana.** Teorias, Métodos e Estudo de casos. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. [Edição Brasileira: Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações. São Paulo: Cortez, 2003].

ROCHA, E. P. Q.; BARROS C. e PEREIRA, C. **Perspectivas do Método Etnográfico em Marketing: Consumo, Comunicação e Netnografia.** 2005. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2005/MKT/2005_MKTA2861.pdf. Acesso em: 07 mai 2018.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo : Cortez, 2008.

SOUSA, M. W. de . **O Lado Oculto de Receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

STENGERS, I. **A invenção das ciências modernas.** Tradução de Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002.

VOGT, C. A espiral da cultura científica. **ComCiência**, n.45. 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml>. Acesso em: 20 mar 2019.

VOGT, C. **Cultura científica: desafios.** São Paulo: Universidade de São Paulo; Fapesp, 2006.

VOGT, C. **Entrevista: Carlos Vogt e a espiral da cultura científica.** Galoá Journal, 2016. Disponível em: <https://galoa.com.br/blog/entrevista-carlos-vogt-e-espiral-da-cultura-cientifica>. Acesso em: 03 jun 2020.

Capítulo 4 - Extração de sentidos e valores no garimpo digital¹

Alessandra Pereira da Paz²

1. Introdução

Tornar-se celebridade converteu-se em valor e o desejo até mesmo de crianças. Ganhar fama pela rede mundial de computadores, em redes sociais de diferentes plataformas, atualmente são conhecidas como celebridades da internet. A sociedade contemporânea tem utilizado tecnologias da informação e comunicação para se mediatizar, ampliando suas conexões com pessoas e sua visibilidade, na busca constante de ser visto e por reconhecimento.

Usar redes sociais como o Instagram para aumentar a visibilidade permite que pessoas comuns e celebridades alcancem seu público e ganhem fama. Neste ambiente, as pessoas partilham os seus momentos quotidianos, utilizando molduras para gerar significado e inspirar o público a envolver-se direta ou indiretamente nos seus ambientes sociais virtuais.

Na pesquisa intitulada “A trajetória de uma figura pública poconeana” no garimpo digital da fama observamos o percurso de uma figura pública por meio de frames (enquadramentos) e publicações nas redes sociais, analisando os sentidos produzidos por essas publicações e as posturas assumidas pelo sujeito em sua relação com o público.

Nesse sentido, as figuras públicas são vistas pelas lentes do acontecimento³, abrindo novas perspectivas para a compreensão do significado da

¹ Trabalho faz parte da Dissertação de Mestrado intitulada “A trajetória de uma figura pública poconeana: No garimpo digital da fama”, defendida em 2021 no PPGECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

² Professora e coordenadora de cursos na área de tecnologia da informação e comunicação, graduada em Processamento de Dados pelo Univag e especialização nas áreas de gestão, educação e tecnologia. E-mail: alessandra.paz@univag.edu.br.

³ Para França (2018, p.9) “acontecimentos são ocorrências que quebram anormalidade da vida social; são emergências que rompem com a continuidade da experiência e afetam a vida dos sujeitos”.

experiência desse mesmo acontecimento. Essa relação entre figuras públicas e o público reflete o sentimento de pertencimento dos fãs às estrelas. Além de valorizar a personalidade das estrelas, eles também estabelecem uma relação de amor e ódio com seus ídolos, criando um vínculo, um reconhecimento. Tal como uma figura pública desafia o seu público, isto também nos permite compreender como outros passam a conhecer, reconhecer e ver esta figura pública.

O objeto de estudo escolhido para a pesquisa foi Dom Wagner, morador do município de Poconé, no Estado de Mato Grosso, em julho de 2019. A escolha se deu por alguns critérios: ascensão midiática e pelo interesse da figura pública pela política, com a intenção de se lançar como candidato na eleição municipal. Após alguns meses com muitas evidências de grande interesse da pesquisa, em acompanhamento e analisando em tempo real os acontecimentos, nos deparamos com o decreto pandêmico, em decorrência do Covid 19.

Com o início da pandemia, inicia também um silêncio midiático caracterizando uma dificuldade de se adequar à situação problemática⁴. Em maio de 2020, em pleno *lockdown*, Dom Wagner volta à sua rotina de publicações, expondo reuniões e confraternizações, promovendo aglomerações, sem a utilização de máscara de proteção, mantendo o silêncio sobre a pandemia, ignorando totalmente a crise.

A trajetória de Dom Wagner, de garimpeiro à fama midiática, o interesse político e o silêncio midiático durante o primeiro ano de pandemia mundial foram percorridos de forma espontânea, em uma estratégia comunicativa intuitiva, alcançando visibilidade e simpatia do público, demonstrando uma ostentação material e usando o imaginário do garimpo. A espontaneidade e a facilidade em criar bordões que expressam o personagem por ele nos seus gestos digitais são acolhidos e compartilhados pelos seus seguidores - atuantes na cultura digital, que participam ativamente, compartilhando o perfil, criando memes ou figurinhas. O tom de humor é uma característica marcante do personagem, situando a atmosfera da sua performance.

⁴ “Situação problemática” do momento - termo do filósofo John Dewey para descrever o momento da ação diante de um problema por meio do pensamento reflexivo.

E foi a partir desses elementos que traçamos uma linha de pesquisa para que pudéssemos de fato extrair sentidos e valores através do eixo teórico da comunicação relacional e apoiado pelos conceitos operadores de enquadramento e performance na construção dos quadros relacionais.

2. Referencial Teórico

Para iniciarmos a pesquisa foi necessário compreender a cultura digital e os elementos que evidenciam e constroem uma cultura. Para isso, foi necessário buscar referências que fornecessem conceitos sobre cultura através de uma discussão teórica dos estudos de Morgan, (2005), Lévi-Strauss (2009), Canclini (1998) e Edgar e Sedgwick (2003), a fim de analisar como essas pessoas socializam, realizam trocas ou incorporam aprendizados na busca de encontrar significados, principalmente em situações que não foram previstas ou premeditadas.

Em seguida, buscamos entender a dimensão digital da cultura, já que esta não elimina culturas já existentes ou outros modos de pensar, sentir, agir que não sejam os previstos nos valores e práticas digitais discutido em trabalho dos autores Kenski (2018), Carvalho Junior (2009), Prado (2009), Stolarski (2009), com um conceito de convergência, característica atual da web 4.0, que incorpora a cultura participativa e a convergência das mídias, ampliando a visão até então somente pelo viés tecnológico, como discutido por Jenkins (2009, p. 43).

Na sequência, buscamos compreender o conceito de celebridade e expandir para celebridade digital, para isso utilizamos Rojek (2008), Lilti (2018) e Inglis (2012). Na interação com seguidores ou fãs, evidenciando a importância do reconhecimento de um status social alcançado por uma celebridade, em decorrência da sua visibilidade, temas trabalhados pela autora Simões (2013) e França (2014)

Após compreender a cultura digital e as suas características foi possível iniciar um estudo performático da celebridade, bem como entender a relação com os fãs, e a partir dessa relação analisar os valores e os sentidos que emergem. Foi utilizado o eixo teórico da ideia relacional da comunicação de Vera França, em que a autora discute a interação entre os sujeitos e os outros (do relacional) e os conceitos operadores de performance,

destacando a noção de Goffman de performance, do ator social e conceito operador de enquadramento e footing, também de Goffman, que nos permitiram analisar o nosso objeto de estudo em ação e seu desempenho nos momentos que selecionamos para análise.

Cabe lembrar que a nossa construção teórica foi a de utilizar os conceitos operadores na criação de quadros relacionais e de sentidos que emergiram pela sobreposição das dimensões da interação da comunicação, simbólica e contextual. Os conceitos operadores foram fundamentais para operacionalizar as análises dos momentos biográficos da figura pública; na identificação do personagem enquanto pessoa famosa; o papel representado por ele; pelos estudos de performance, os quais foram enquadrados em três momentos distintos, assim possibilitando a extração dos sentidos e valores que emergiram da interação com o público inserido na cultura digital.

3. Métodos

Os dados coletados durante a pesquisa se deram entre o nascimento da figura pública até a fama e sua ascensão midiática, em tempo real através dos acontecimentos, para entender as estratégias comunicativas e os sentidos produzidos da interação entre a figura pública com seu público. Dessa forma, os procedimentos metodológicos foram divididos em três eixos: 1) O recorte empírico; 2) O corpus; e 3) O quadro de análises.

Para análise, foi utilizado um recorte empírico, dividido em três momentos A: de um homem comum para uma mini celebridade; B: figura pública de perfil popular e sua intenção política; e C: silêncio midiático da figura pública. Para isso foram trabalhados os seguintes conceitos operadores, vinculados ao eixo teórico da ideia relacional de comunicação: 1) Celebridade, 2) Performance 3) Enquadramento.

O conceito de celebridade nos permitiu uma análise no momento A; o conceito de performance articulado com o enquadramento dentro da cultura digital também nos possibilitou a análise da atuação para contornar as questões polêmicas como prisão, política e pandemia. Já o conceito operador de enquadramento nos permitiu a análise dos quadros apresentados em sua performance na rede social Instagram.

4. Resultados

Em dois anos de pesquisa foi possível observar o percurso da nossa figura pública da fama evidenciada pelo aumento do número de seguidores de forma orgânica, sem a necessidade de investir dinheiro ou comprar seguidores em apenas uma rede social, cuja rede verificamos ser a predominante. Durante o período de análise percebemos que a apresentação da figura pública a novos seguidores foi realizada “boca a boca” virtual, ou seja, seu próprio público quem marcou outras pessoas para conhecer o “Rei do Pacote”.

Em uma análise dos aspectos performáticos que evidenciam esse crescimento e sua fama, vistas pela quantidade de likes e comentários são as que apresentam o tom de humor, da postura dele de saber rir de si e ostentação da riqueza conquistada, como é apresentada, pelo trabalho de garimpeiro. O uso repetido de bordões, de modo espontâneo e natural, caracteriza uma estratégia comunicativa de um tipo de humor, mas também da própria política, de se colocar como um sujeito comum, igual aos seus potenciais seguidores. Dentre os bordões utilizados repetidamente em suas publicações estão: “meu biririco” e “passar bens”, utilizada constantemente por ele para falar das suas posses e evidenciar o papel de ostentador que representa.

Dentre os bordões analisados na pesquisa estão: “passar bens”, “meu biririco”, “meu casto”, “dar a voz”, “rasgar o papel”, “decola pra cá” e os mais populares e replicados entre os seguidores: “eu não tenho culpa de você ser quebrado”, “o sol nasceu para todos”, “a picanha não está cara, é você que não tem dinheiro”, “você aguenta eu em cima de você?” e “vou montar”. Evidenciamos também um bordão singular, utilizado principalmente para a apresentação pessoal, “Rei do pacote”, a fim de evidenciar sua representação do homem que tem dinheiro.

Ao analisar os bordões, percebemos a importância deles para a composição do personagem representado pelo Dom Wagner, sempre utilizando o tom de humor acompanhado de um grito estridente, marcando as características do pobre ostentador.

A performance é potencializada pelo seu carisma e sua força popular. Ele quase sempre aparece acompanhado e rodeado de muitas pessoas, fa-

zendo churrasco de picanha, carne nobre, e som alto, uma espécie de grito estridente de alegria. Esse contraste entre simplicidade e ostentação não incomoda seu público, ao contrário. Quando nosso personagem deixa de postar vídeos com essas características, as demais publicações recebem questionamentos sobre a ausência da ostentação.

A figura pública na sua representação de pobre rico, ostentador, foi composta por um conjunto de características postas na sociedade contemporânea e temática de diversos debates, tais questões afetam diretamente a vida social, afetiva e profissional. Dentre essas características apreendemos a questão racial, o padrão de beleza corporal, comportamental e socioeconômico.

A figura pública trata de uma ideia de riqueza, que para o homem comum pode ser acesso a coisas que as pessoas simples e pobres, a origem dele, não podem usufruir, consumir: piscina, carne de primeira, carro novo. Ou seja, ele exibe uma ideia de riqueza nos seus posts ligada ao poder de consumir. A dimensão de riqueza para ele é esse acesso, bem diferente da riqueza atrelada às figuras públicas de milionários ou de gente poderosa. O poder dele, a ostentação dele é uma riqueza de consumo!

A escolha do papel representado por ele, no que se refere à ostentação, não incomoda o público, mas reflete em valores da interação na condição do homem simples que, por sua origem humilde, ganha o direito de ostentar uma riqueza conquistada pelo trabalho no garimpo. Dito de outro modo, essa exposição parece não ofender os seguidores, porque conhecem a sua trajetória humilde e porque o tom utilizado acaba sendo de humor, rindo das situações que se apresentam e/ou rindo da condição de um pobre-rico.

A trajetória de figuras públicas é hoje uma questão central na sociedade midiaticizada. Acreditamos que estamos construindo um conhecimento relevante para ver as condições de força e fraqueza dessa interação; do jogo de poder, fama e o Blefe; das influências e tensões exercidas pelas relações celebridade & público e/ou celebridade x público. Relações que constroem um relevante quadro de sentidos. Tais quadros constituem uma base de conhecimento para apreendermos o contexto da cultura contemporânea com uso das redes sociais como estratégia comunicativa: as novas formas de comunicar e a fama, valor tradicional e cada vez mais ambicionado no mundo da vida.

5. Considerações Finais

Observar uma figura pública em trajetória, em movimento e construção, e não em retrospecto do já acontecido, potencializou as análises, pelos enquadramentos e publicações nas redes sociais e os sentidos produzidos na e pela interação. Além disso, a mudança do percurso em tempo real dos acontecimentos nos fez ampliar a busca do conhecimento para atender e entender o caminho percorrido pelo sujeito.

Dom Wagner, objeto do estudo, ampliou sua popularidade e atualmente possui 167 (cento e sessenta e sete) mil seguidores ativos. Sua rede social no Instagram continua a ganhar novos seguidores, com um intervalo de curtidas em seu feed de 254 à 2.989 e em todas as postagens com comentários de seguidores em replicação aos seus bordões ou sobre a ostentação, marca predominante do personagem representado por ele. Ostentar a simplicidade através de elementos que estão atrelados à riqueza e o rir de si, frequentemente em suas publicações, demonstra uma validação do personagem, como se os seguidores entregassem à figura pública em questão, uma autoridade para ostentar uma riqueza.

A proximidade entre o sonho da riqueza e a realidade vivida por muitas pessoas que vivem de forma simples, foi o ponto de partida para atrair o gosto popular pelo Rei do Pacote, que apesar de apresentar-se como ostentador, traz em sua performance a simplicidade vivida pela classe média-baixa, evidenciando a importância de ostentar valores intrínsecos, a exposição do corpo, no reconhecimento da importância de ser e mostrar-se como de fato é, sem filtros ou padrões estabelecidos pela sociedade, além disso estar sempre rodeado de pessoas fortalecendo as relações e conferindo a relevância dessas características.

Percebemos que a pesquisa foi totalmente potencializada com o advento da pandemia, em que as relações sociais, elemento fundamental da construção da cultura e da relação comunicacional para produção de sentidos e valores sofreram rupturas inesperadas, fazendo com que o universo digital ficasse em evidência e utilizado como principal ferramenta para comunicação, marcando totalmente as relações sociais.

Por fim, as relações sociais midiáticas produzem sentidos e valores através da comunicação relacional no âmbito digital e propicia uma abertura para novas pesquisas a fim de entender a sociedade contemporânea.

6. Referências

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2a ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CARVALHO JUNIOR, José Murilo. **Por uma cultura digital participativa**. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Orgs.). *Cultura digital.br*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. 312 p.

CARVALHO, José Maurício. Resenha de Lipovetsky, Gilles e Serroy, Jean. A cultura-mundo, respostas a uma sociedade desorientada. **Revista Estudos Filosóficos**, São João del-Rei, n. 8, 2012, p. 108-112. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudos-filosoficos/res1_rev8.pdf> Acesso em: 12 Ago. 2020.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria Cultural de A a Z**: conceitos chaves para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: contexto, 2003.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, n. 05, 2001. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/314>>. Acesso: 21 Mai. 2020.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, São Paulo, v. 12, p. 1-12, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>>. Acesso em 10 Jan. 2021.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística**. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs.). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 39-51.

FRANÇA, Vera Regina Veiga.; SIMÕES, Paula Guimarães. Celebriedades como ponto de ancoragem na sociedade midiaticizada. **Revista FAMECOS**, v. 21, n. 3, 2014. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16397>> Acesso em: 06 Jun. 2020.

FRANÇA, Vera Regina Veiga.; SIMÕES, Paula Guimarães. **Celebri-**

dades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea. *In:* 27º Encontro Anual da Compós - XXVII COMPÓS. **Anais...** Bauru, Unesp, 2018. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Bauru, 2018. p. 1-25. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1910/1964>> Acesso em: 19 Set. 2020.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life.** New York: Doubleday Anchor Books, 1959.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis:** an essay on the organization of experience. Londres: Harper and Row, 1974.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985. GOFFMAN, Erving. **Estigma.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.]

INGLIS, Fred. **Breve história da celebridade.** Rio de Janeiro: Versal, 2012. JENKINS, JENKINS, H. **Cultura da Convergência.** 2.ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. **Convergence culture:** where old and new media collide. New York: NewYork University, 2006a.

KENSKI, Vani Moreira. **Cultura digital.** *In:* MILL, Daniel. Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância. Campinas: Papirus, 2018. p. 139-144.

LÉVI-STRAUSS. Claude. **Natureza e Cultura.** **Antropos**, Brasília, v.3 n. 2, Dez., 2009, p.17-26. Disponível em: <<https://revista.antropos.com.br/downloads/dez2009/Artigo%203%20-%20Natureza%20e%20Cultura%20-%20Claude%20L%20E9vi-Strauss.pdf>> Acesso em: 08 Jan. 2021.

LILTI, Antonie. **A invenção da celebridade (1750-1850).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

MORGAN, Lewis Henry. **A sociedade antiga.** *In:* CASTRO, Celso (Org.) **Evolucionismo cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. JENKINS,

PRADO, Cláudio. **Política da cultura digital.** *In:* SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio

(Orgs.). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p. 44-55.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

SIMÕES, Paula Guimarães. Celebidades na sociedade midiaticizada: Em busca de uma abordagem relacional. **Revista ECO-POS**, v. 16, n. 1, p. 104-119, 2013.

SIMÕES, Paula Guimarães. A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades. **Líbero**, São Paulo, v. 14, n.28, dez. 2011. p. 129-140. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/9-A-potencialidade-do-conceito-de-acontecimento-para-a-an%C3%A1lise-da-imagem-p%C3%BAblica-das-celebridades.pdf>> Acesso em: 23 Out. 2020.

SIMÕES, Paula Guimarães. **O acontecimento e o campo da comunicação**. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; ALDÉ. Alessandra; RAMOS Murilo César. Teorias da Comunicação no Brasil: Reflexões contemporâneas. Salvador: Edufba, 2014. p. 173-195.

STOLARSKI, André. **Comunicação Digital**. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Orgs.). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p. 215-229.

Capítulo 5 - Memes e tipificação na formação de quadro de sentidos em torno de Dilma Rousseff¹

Jessica Bastos²

1. Introdução

A pesquisa que realizamos surge, sobretudo, do incômodo acerca da compreensão do meme pelos sujeitos, da capacidade de apreensão, transmissão e construção de sentidos presente em um elemento comumente lido como mera piada, em relação a temas e acontecimentos de elevado potencial de afetação de aspectos fundamentais da sociedade. Neste sentido, direcionamos nossa observação para o cenário político eleitoral, tendo como objeto os memes políticos que se utilizaram da imagem da ex-presidenta Dilma Rousseff. Tendo em vista a função ora ocupada, compreendemos Dilma como figura pública, o que acrescentou um segundo fator de constituição ao nosso objeto: figura pública, e memes inscritos no contexto político.

Iniciamos a apreensão do objeto a partir da figura pública, em assimilação às noções de Cris Rojek (2008) e Fred Inglis (2012), em relação à Celebridade, complementadas, principalmente, pela perspectiva de Vera França (2014).

O fenômeno da “celebrificação” não está diretamente relacionado à modernização tecnológica, bem como também não está relacionado a fatores isolados, mas parece ajustar-se ao longo do tempo, conforme as características de cada período histórico.

Diante dos diversos termos utilizados para fazer menção às personali-

¹ Trabalho faz parte da Dissertação intitulada A Cultura dos memes e a construção de sentidos na Política: o caso Dilma, defendida em 2021 no PPGECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO-UFMT, na linha de Pesquisa Comunicação e Mediações Culturais. E-mail: jeul1309@gmail.com.

dades que alcançam o status de celebridade e da aproximação identificada por França (2014), para quem os termos não são excludentes, mas na verdade conformam sentidos (França, 2014), definimos o uso da terminologia figura pública, para referenciar a ex-presidenta Dilma Rousseff.

Compreender esta perspectiva de transformação das celebridades é importante para situar a figura pública em nosso tempo, reconhecendo sua relação com as características históricas que a referenciam.

Resgatando a perspectiva de Rojek acerca do rosto público como resultado das transformações sociais e, portanto, como parte da legitimação política (Rojek, 2008), podemos apreender que “a exemplo das celebridades que personificam produtos e marcas por meio do uso de sua imagem em campanhas publicitárias, a democracia é representada pelo rosto público de seu presidente” (Bastos B., 2021, p. 26). Nesta perspectiva, consideramos estabelecida a relação entre a figura pública e sua presença no campo político (Bastos B., 2021).

Outro ponto na constituição do nosso objeto, o meme se popularizou sob a ótica do entretenimento (Chagas, 2020), reconhecido como conteúdo de grande apelo - viral - mas com baixo valor informacional. Entretanto, conforme apontam os autores, está é uma interpretação simplificada e equivocada, que reside na falta de letramento digital e na incapacidade de compreender o meme como gênero midiático dotado de aspecto poliexpressivo (Chagas, on-line; 2020; 2014; Knobel; Lankshear, 2020; Shifman, 2014).

A proposição de mudança dessa compreensão se dá a partir da abordagem de Shifman (2014), que estabelece a ação do sujeito no processo de elaboração e circulação do meme e passa a considerá-lo como um conjunto de informações (Shifman, 2014). A nova apreensão expôs dois aspectos fundamentais para a nossa investigação: a intencionalidade e o reconhecimento das referências, “É esse arcabouço de informações prévias que estabelece o vínculo com a cultura.” (Bastos B., 2021, p. 48).

Desse modo, compreendemos que o meme ocupa uma posição interseccional entre a comunicação e a cultura. Enquanto elemento midiático, o meme transmite mensagens e o conteúdo dessas mensagens carregam traços referenciais da Cultura.

Antes de avançar sobre a relação do meme com a política, destaca-

mos dois aspectos da perspectiva cultural do meme: sua função enquanto operação cultural, nas maneiras do fazer, a partir de Certeau (1998) e sua capacidade de fixação de determinados aspectos, contrariando a lógica efêmera das redes e desencadeando um processo de cristalização da Cultura. (Bastos B., 2021; Simmel, 2006).

A relação entre meme e política, ou a presença contundente do meme nas discussões políticas já estava demonstrada nas explanações apresentadas por Limor Shifman (2014) e Viktor Chagas (2020), que faz referência ao contexto brasileiro contando pelo menos uma década antes.

Nesse sentido, avaliamos a proposição de nossa investigação foi assertiva e esteve em consonância com os questionamentos de seu tempo. Esta percepção foi reforçada ao longo do período de realização da pesquisa, quando em resgate aos apontamentos de Shifman, observarmos a utilização do meme como forma de expressão e participação no debate político, de modo contundente (Shifman, 2014).

Em França (2000), temos a perspectiva da dimensão simbólica que perpassa as práticas do jogo político (França, 2000). Nesse sentido, entendemos que o meme é um elemento apreensível - possui elementos e forma característica - da subjetividade em disputa “é exatamente a forma que inspira a liberdade de conteúdo, bem como o conteúdo auxilia na construção da forma.” (Bastos B., 2021, p. 56).

Conforme apontamos no texto original, essas peças digitais, têm a capacidade de condensar um conjunto informacional, amparado em referências e alusões que ampliam a mensagem em dimensões reflexivas. Uma vez distribuída em rede, conformam um poder de ataque inédito (Bastos B., 2021).

Acreditamos que, o resgate do estado da arte de ambos os termos: figura pública e meme, que realizamos, tem potencial de contribuir para uma apreensão mais objetiva e localizada em relação ao tempo presente, o que também é importante para a apreensão dos conceitos operadores que articulamos em nossa exploração.

2. Referencial Teórico

Nossa fundamentação estabeleceu como eixo teórico a noção de co-

municação relacional (França, 2002) em relação aos conceitos operadores de enquadramento (Goffman, 2012) e tipificação (Schutz, 2018).

A fundamentação que elaboramos visa constituir uma sustentação robusta, que abarque o objeto proposto em sua perspectiva mais fundamental, a relação com a realidade social ou momento histórico decorrido e a interpretação da experiência constituída neste processo (Bastos B., 2021, p. 68).

O paradigma relacional da comunicação, proposto por França (2002), nos orienta na perspectiva de uma observação ampliada, em que, embora recortado da realidade, o objeto não esteja isolado do contexto no qual emerge (França, 2002).

Retomando as noções de Goffman (2012), temos a busca pela organização dos acontecimentos sociais, que ocorre a partir da consideração prévia acerca das projeções e expectativas que se estabelecem entre os sujeitos de uma interação, cuja intenção é o estabelecimento de um modo de agir em conformidade (Goffman, 2012).

Esta definição que permite ao sujeito estabelecer um modo de agir em uma dada situação é nomeada como quadro, um enquadramento do acontecimento que se desenvolve (Goffman, 2012). O autor complementa sua proposição a partir de um conjunto de formulação que contribuem para o ‘exame da organização da experiência’. Veremos cada uma dessas proposições, detidamente, em relação ao nosso objeto.

O primeiro aspecto que assimilamos são os esquemas primários, que são as bases referenciais que possibilitam ao sujeito reconhecer a situação em que está inserido “Os esquemas primários só atuam como significantes originais porque estão constituídos coletivamente...” (Bastos B., 2021, p. 77). Compreendemos que a pesquisa desenvolvida guarda relação com três desses esquemas:

- complexo surpreendente, que se dá a ver na “fratura da percepção atribuída à instituição política....” (Bastos B., 2021, p. 77);
- a casualidade, “manifesta na aparente decisão individual e independente, de incontáveis sujeitos [...] que iniciam um processo de exposição de possíveis irregularidades e críticas, através de manifestações miméticas... (Bastos B., 2021, p. 77), e

- a segregação, entre tensão e brincadeira, que refere-se à interpretação equivocada de que o meme - é apenas uma piada – borrando os limites entre chacota e ofensa (Bastos B., 2021).

A tonalização, segundo aspecto que retomamos, refere-se ao ajuste do quadro. Em relação ao objeto de nossa pesquisa, seria o equivalente a questionar ‘o que está acontecendo aqui’, “obter a resposta ‘isto é uma piada’ e perceber que se deve perguntar: ‘é mesmo?’ (Bastos B., 2021, p. 78).

Como parte da tonalização Goffman aborda a transformação, que nós relacionamos à fidelidade entre a mensagem que o meme veicula e o acontecimento com o qual se relaciona. Retomando a narrativa acerca de lontras e macacos que imitavam estar lutando (Goffman, 2012), no âmbito dessa pesquisa, “não é a diversão que imita as formas da agressão, mas o ataque indecoroso ao adversário que é fantasiado de brincadeira... (Bastos B., 2021, p. 79).

Resgatamos, ainda, a ancoragem na atividade, que é que o vínculo entre a ação desenvolvida e sua inserção na realidade, em nosso contexto de pesquisa, a interação que ocorre entre produtores e consumidores de memes.

Por fim, aplicamos a noção de enquadre para estabelecer os momentos biográficos que definem o ‘aqui’ da nossa investigação. São eles a) 1ª eleição à Presidência – Campanha da gerente; b) 1º Mandato – a Mãe; c) Dilma reeleita – Mingula³.

Conforme apontamos, “A análise dos quadros escolhidos [...] só poderia ser realizada se estivesse estabelecida uma compreensão de valores amplamente partilhada e calcada em um substrato comum.” (Bastos B., 2021, p. 82). É a partir dessa perspectiva que acionamos Alfred Schutz (2018) e a formação dos tipos.

O conceito apresentado pelo autor consiste na identificação e reconhecimento de um sistema de significação compartilhado, que permitisse aos sujeitos interpretar ações ou comportamentos e compreender a experiência, ainda que não a tenha vivenciado (BASTOS B., 2021).

³ Trata-se de uma manifestação informal para a expressão ‘me engula’. A versão informal é utilizada em memes, com destaque para o perfil ‘Bode Gaiato’. No verbete do Dicionário inFormal temos: 1- usada geralmente para pedir para alguém parar de te encher o saco.

Schutz estabelece parâmetros que evidenciam a ocorrência deste sistema, ao tempo em que auxiliam na melhor compreensão do conceito e de sua apreensão na experiência. Nesse sentido, consideramos fundamental abordar as explicações do autor acerca o mundo social, da ação do sujeito e da relação com o outro.

O autor estabelece o mundo social como o lugar de experimentação do sujeito, o espaço onde se dão as relações e as vivências que compõem a experiência (Bastos B., 2021).

Comprendemos que o mundo social é também o ambiente virtual, no contexto do nosso objeto, especificamente as redes on-line, onde os sujeitos interagem e vivenciam suas experiências em ‘atitude natural’.

A ação do sujeito é um parâmetro que se relaciona ao comportamento humano significativo “em que cada gesto está investido de um sentido por ele relacionado...” (Bastos B., 2021, p. 85). Entretanto, o autor ressalta que o significado só existe porque a ação é executada tendo em consideração o agir de um outro, a quem o sujeito interpreta como referência de sua própria ação (Schutz, 2018).

Uma vez reconhecido que partilhamos um mundo comum, que é o mundo social onde os sujeitos interagem, não é possível dissociar este mundo das relações estabelecida entre e pelos sujeitos. É por meio do reconhecimento do outro como sabedor de suas vivências e capaz de atribuir significado a estas que são construídos os sentidos partilhados no mundo social.

É no âmbito dessas relações, nos gestos de interpretação que se constituem os tipos. Schutz (2018) detalha o processo de constituição do tipo a partir da ‘relação-eles’, quando a vivência da experiência não se dá em presença física, ou seja, na mesma temporalidade,

“o ‘eu’ reconhece a existência de um outro que não está presente, que lhe é dado apenas como referencial de um ‘alter ego’. Trata-se de um saber indireto... [em que] a vivência do outro só é apreensível de modo tipificante. O sentido é atribuído por meio de um gesto que busca componentes não variáveis para estabelecer padrões de reconhecimento” (Bastos B., 2021, p. 88).

Nesse sentido, reafirmando a compreensão do meme enquanto um elemento midiático, portanto um artefato de comunicação, em apro-

ximação à correlação que Correia (2004) estabelece entre a proposição de Schutz e a prática comunicacional, sendo esta uma “experiência que abrange os três aspectos fundamentais da tipificação - a ocorrência no mundo social, a ação do sujeito e a relação que estabelece com o outro... entendemos que só é possível o comunicar-se, porque o gesto está tipificado.” (Bastos B., 2021, p. 91).

Assim, compreendemos que a produção de memes se orienta por uma lógica que direciona a temática em relação à capacidade de assimilação dos interlocutores, ao tempo em que é ele mesmo - o meme - uma tipificação da comunicação nas redes, devido à sua caracterização estética, produção automatizada e seriada, a busca pela simplificação da informação, velocidade de disseminação, entre outros (Bastos B., 2021).

3. Métodos

Realizamos análise dedutiva de um estudo de caso com característica qualitativa. O *corpus* foi constituído a partir de uma curadoria especialmente realizada para a análise proposta, resultando, como definido por Chagas e Toth (2016), em uma coleção (Bastos B., 2021).

Os memes que compõem esta observação foram coletados de forma manual, no período entre 10 e 20 de abril de 2020. A coleta ocorreu em ambiente on-line, em quatro fontes distintas:

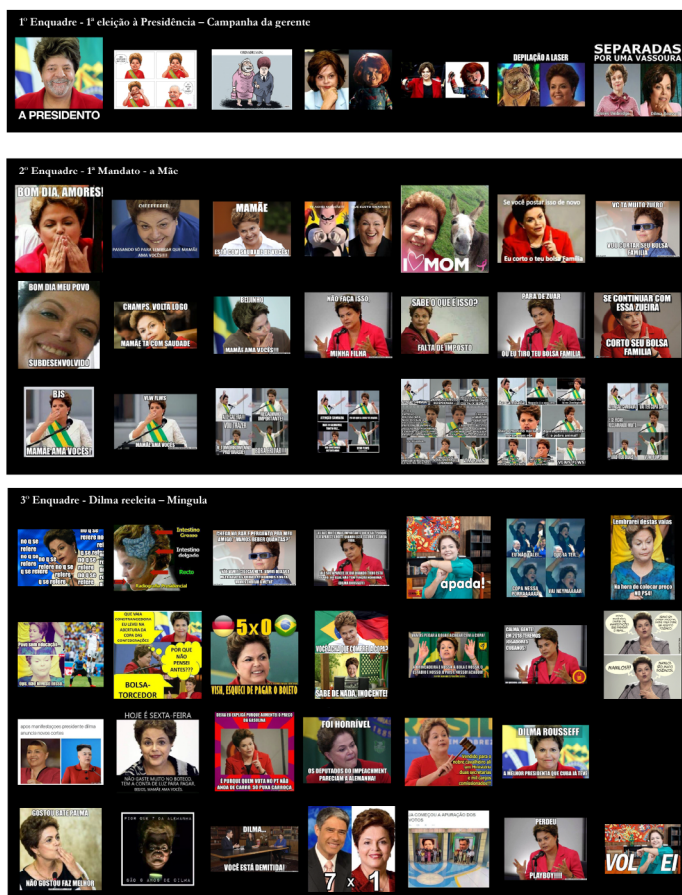
- a) busca no *Google Imagens*, com o uso da palavra-chave “memes Dilma”;
- b) sites de redes sociais, referências surgidas no contexto da busca por palavra-chave;
- c) explorar do Instagram, sugestão do algoritmo, baseado em conteúdos similares, e
- d) busca por *hashtags* no Twitter, com alcance nos meios tradicionais de comunicação - *#impeachmentday*, *#tchauquerida*, *#ISIDilma* e *#Dilmanaplayboy*, sendo as duas últimas referências associadas.

A partir de conteúdos jornalísticos, identificamos os temas abordados nos memes circunscritos nos períodos biográficos definidos. O corpus de análise foi formado por 84 memes, segmentados nos enquadres temporais e distribuídos em pranchas digitais.

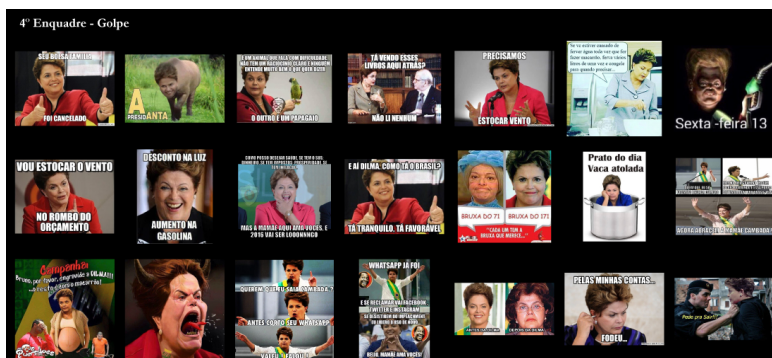
4. Resultados

Para a análise, dispomos os memes lado a lado, apresentando séries conjuntas dos memes, buscando despertar outras leituras do objeto, a partir de sua observação inserido no contexto de seu surgimento e/ou circulação (Bastos B., 2021).^{Nota}

A intenção que carregamos com esse exercício é acrescentar novas percepções aos debates que já reconhecem o meme para além um elemento midiático de elevado valor cultural, capaz de expressar e transmitir opiniões e posicionamentos de coletividades. (Bastos B., 2021, p. 98).



^{Nota} - As imagens que formam o 3º Enquadre – Dilma reeleita – Míngula e 4º Enquadre – Golpe foram editadas para esta publicação, ocorrendo a supressão de alguns memes que apresentavam fundo pornográfico. A versão original das referidas imagens pode ser acessada na Dissertação, disponível em <https://ri.ufmt.br/handle/1/2864>



Conforme apresentamos no texto original, elaboramos quadros cuja função é propiciar uma apreensão mais efetiva das considerações elaboradas a partir da análise dos memes apresentados em cada um dos enquadres identificados acima. Os quadros: 1 - Funções e operações dos memes, 2 - Quadro de Sentidos e 3 - Tipificação cumprem função sintetizadora para os achados da pesquisa.

A análise completa, referenciando cada um dos três aspectos observados - Aspectos Culturais, Enquadramento e Tipificação -, está disponível no texto original. Abaixo apresentam-se os quadros sintéticos de nossos achados:

Quadro 1 – Funções e operações dos memes

Funções	Retórica da descridibilidade ¹ : o conteúdo é baseado em argumentos morais e emocionais, busca vincular a imagem de Dilma a temas que podem gerar indignação e rechaço. Mesmo o papel maternal é atribuído com angulação negativa, esboçando ironia, condescendência e imposição.
	Repercussão situacional ² : referências e alusões a acontecimentos vinculados ao contexto político e social em curso, aos quais se pretendia destacar
Operações	- apropriação de personagens da cultura pop - exploração da visibilidade de personalidades da mídia - ressignificação da violência - remixagem de memes reconhecidos e longevos - interpretação de características de identificação
Valores Fixados	- gênero, marcado por manifestações machistas e misóginas - juízos maniqueístas: bem x mal e certo x errado - punitivismo e violência como resposta

Fonte: A autora

⁴ Inspirada pela codificação apresentada por Viktor Chagas e outros na proposta de taxonomia para análise de memes (CHAGAS *et al.*, 2017)

⁵ Idem

Quadro 2 - Quadro de Sentidos

Enquadramentos	- inadequação - inferioridade - obediência - chantagem - negociação - depreciação	- humilhação - depreciação - ojeriza - espiritual - gênero - hostilidade
Tonalizações	- encenação - relação maternal - ataque	- julgamento - guerra
Posicionamentos (Dilma está posicionada)	- papel de mentirosa, fraudadora; - posição social errada - submetida a agressões - merecedora de ofensa	- pária da sociedade, não merece civilidade - alvo de ira, cólera - representação do mal, da perdição
Valores tensionados	- honestidade - individualidade - independência - família - competência - idoneidade	- bom senso - honra - individualidade - liberdade - direito à vida - direito de expressão

Fonte: A autora

Quadro 3 - Tipificação

Tipificações de gênero	Machismo: à mulher estão autorizados alguns benefícios e determinada condescendência, mas não estar nunca, hierarquicamente, acima de homens Coisificação: a mulher 'pode' figurar na cena pública, desde que em papel secundário, como adereço que acompanha o homem público
Tipificações da Política	Competência política: oratória, desenvoltura, estratégia, negociação, caracterizam o jogo político e estão diametralmente opostas aos adjetivos que recaem sobre as mulheres [históricas, destemperadas, arrogantes, mandonas] Inimigo comum: seja pela presença maligna provocada pela mistificação ou pela 'ameaça' comunista, a eliminação do outro deve ser feita a qualquer custo, inclusive com violência
Tipificações de crenças	Zoomorfização: o especismo que aparta a humanidade dos demais seres vivos, atribuindo <i>status</i> de superioridade do <i>homo sapiens</i> em relação às demais espécies. Mistificação: tendo como principal base a moral religiosa cristã, estabelece julgamento de aspecto binário -bem x mal, atribuindo característica demoníacas ao que venha a ser rotulado como mal
Tipificação estética	Gestual: ênfase na face e valorização de expressões que distorcem a harmonia facial [movimento de fala ou sorriso enviesado] Composição de plano: incidência da imagem de Dilma em primeiro plano
Tipificação de meme	Conteúdo: construção e disseminação de sentidos, desconstrução da imagem por meio do ataque e da ridicularização Forma: diagramação, uso e combinação de cores Postura: efeito pretendido no interlocutor, códigos linguísticos

Fonte: A autora

5. Considerações Finais

Acreditamos ter constituído um objeto de exploração que apresenta potencial elevado, cabendo observações a partir de outras visadas. Entendemos ainda que os memes são protagonistas deste tempo, tendo se espalhado pelos espaços intra e extra redes e sendo parte do cotidiano. Um elemento de ampla compreensão, é eficiente na geração de engajamento e visibilidade.

Entendemos que as características inerentes do meme, sobretudo sua relação midiática foram decisivas para a sua apropriação pelo campo político, incorporado às estratégias de campanha como uma nova forma de combate destrutivo do adversário.

Neste sentido, reafirmamos a posição crítica quanto à interpretação simplista do meme, destacando que os memes que se utilizaram da imagem da figura pública da ex-presidenta Dilma Rousseff de forma desrespeitosa, ofensiva e degradante, com implicações direcionadas não apenas à figura política, mas às subjetividades da mulher, não podem ser interpretados como crítica social ou ética.

Trata-se de ataque intencional que usou do escárnio e da agressão despropositada para desconstruir a imagem de Dilma. A análise que ora realizamos, buscou apreender a intencionalidade das mensagens, identificando sentidos e valores acionados e circulados por meio desses memes em um momento de relevância histórica e intensa disputa política.

Por fim, resgatamos as perspectivas de França (2014) e Shiffman (2014), quando ambas apontam a potência dos elementos que conformam este objeto - figuras públicas e memes - como instrumentos de registro do quadro de valores do dado instante sociocultural em que emergem.

6. Referências

BASTOS B., J. **A Cultura dos memes e a construção de sentidos na política: o caso Dilma**. 2021. 150f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Feral de Mato Grosso, Cuiabá, 2021. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/2864>

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: VOZES, 1998.

CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes – aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020.

CHAGAS, Viktor. DOLCE FARMEME: a retórica da brincadeira política. *In*: XXIX Encontro Anual da Compós, 2020, Campo Grande. **Anais 2020 - XXIX COMPÓS: UFMS/CAMPO GRANDE**. Campo Grande: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2020. On-line.

CHAGAS, Viktor. **Problematizando o que é meme I: definições**. #MUSEUdeMEMES. Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/problematizando-o-que-e-meme-i-definicoes/#inicoes>>, Acesso em: 21 jun. 2019.

CHAGAS, V.; TOTH, J. **Monitorando memes em Mídias Sociais** *In*: SILVA, T.; CORREIA, João Carlos. A Teoria da Comunicação de Alfred Schutz. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

CORREIA, João Carlos. **Comunicação, mundo da vida e reificação**. *In*: CORREIA, João Carlos; *et al.* Comunicação e Poder. Covilhã: Serviço Gráficos da Universidade da Beira Interior, 2002.

FRANÇA, Vera. **Celebridades: Identificação, idealização ou consumo?** *In*: FRANÇA, V. *et al.* (Orgs). Celebidades no Século XXI: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FRANÇA, Vera. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?** *In*: MOTTA, L. G. *et al.* (orgs). Estratégias e culturas da comunicação. Brasília: Ed. da UnB, 2002.

FRANCA, Vera. **Comunicação e política: edifica-se uma tradição?** Revista E-compós, Salvador, 2000.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula. **Perfis, atuação e formas de inserção dos famosos**. *In*: FRANÇA, V. *et al.* (Orgs). Celebidades no Século XXI - volume 2: diversos perfis, diferentes apelos. Belo Horizonte, MG: PPGCOM, 2020.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

INGLIS, Fred. **Breve história da celebridade**. Trad. Eneida Vieira Santos e Simone Campos. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2012.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. **Memes on-line, afinidades e produção cultural (2007-2018)** In: CHAGAS, Viktor (Org.). A cultura dos memes – aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020. ROJEK, Chris. **Celebridade**. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

SCHUTZ, Alfred. **A Construção significativa do mundo social – Uma introdução à sociologia compreensiva**. Petrópolis: Vozes, 2018.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. Massachusetts: The MIT Press, 2014.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Trad. CALDAS, Pedro. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Espaços e Identidades em Transformação

Capítulo 6 - Espaço escolar e a percepção do estudante do século XXI

Paula Libos¹

1. Introdução

O espaço escolar refere-se ao ambiente físico onde ocorrem atividades educacionais, como aulas, aprendizado, interação entre estudantes e professores, e outras atividades relacionadas à educação. Os ambientes compõem a escola e as configurações e instalações podem variar de acordo com o nível de ensino (fundamental, médio ou superior), podendo também ser público ou privado. O ambiente escolar desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento dos estudantes. portanto é importante que seja seguro, estimulante e propício ao aprendizado.

Em nossa tese, defendida em 2022, dedicamos um tempo investigando o espaço escolar segundo a percepção dos estudantes do século XXI, pois ainda na contemporaneidade é notado o imobilismo dos espaços educativos. É notada que a forma de ver a escola pode variar de acordo com diversos fatores, incluindo cultura, localização geográfica, faixa etária e experiências individuais. No entanto, existem algumas tendências gerais na forma como os estudantes desse século percebem o ambiente escolar. O objetivo desse artigo é apresentar as “vozes” dos principais atores que utilizam esse espaço, os estudantes.

2. Referencial Teórico

O espaço escolar desempenha um papel fundamental na educação e

¹ Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, na Linha de Pesquisa de Comunicações e Mediações Culturais. Mestra em Física Ambiental PGFA-UFMT. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Cuiabá. E-mail: paulalibos@gmail.com

no desenvolvimento dos indivíduos. Ele é um ambiente onde ocorrem interações significativas entre alunos, professores e funcionários, influenciando diretamente o processo de ensino e aprendizagem. O referencial teórico sobre espaço escolar é vasto e multidisciplinar, envolve áreas como arquitetura, pedagogia, psicologia, sociologia e educação.

A inovação, tecnologia e os espaços escolares na contemporaneidade personalizam o ensino e atende aos interesses e necessidades de uma formação propositiva e humanista. No contexto da época do império no Brasil, por exemplo, o sistema de educação religioso unificado para todo o território nacional estabelecia um padrão pedagógico e arquitetônico também com poucos registros, reforça Kowaltowski (2011, p. 104). Sibilia (2012) vem questionando a função da escola e seu percurso em um mundo digital que avança, inclusive, sem sintonia com o prédio escolar, que pouco tem avançado e continuam dependendo de programas e cartilhas.

Durante muitos anos o professor ocupou o lugar da autoridade, no século XXI é imprescindível considerar o jovem no processo educativo:

A natureza humana não é imutável, constituída como uma entidade inalterável através das histórias e das geografias; pelo contrário, as subjetividades se constroem nas práticas cotidianas de cada cultura, e os corpos também se esculpem nesses intercâmbios. (Sibilia, 2012, p. 10)

Alicerçado nesse pensamento, é importante pensar a escola tanto no presente quanto no futuro de nossa sociedade. Os pressupostos da educação e quais as considerações sobre o sentido da formação escolar na sociedade moderna. O estudante, em algum momento, irá exercer alguma profissão. Para que esse processo se consolide, além de aulas a escola precisa de mais tecnologia, espaços diversificados, o necessário para a autonomia do estudante, para que ele possa aprender e disseminar conhecimentos fundados nos esforços da ciência, da ética e, sobretudo, para o bem comum.

Para compreender a importância dos espaços educativos no ensino e na aprendizagem e a percepção do estudante em relação a eles, faz-se necessário dialogar com diversos autores. Loris Malaguzzi, por exemplo,

foi um pedagogo italiano e fundador da abordagem Reggio Emilia, que valoriza a importância do ambiente e do espaço na educação infantil; David Thornburg, conhecido por seu trabalho sobre a criação de ambientes de aprendizagem flexíveis e tecnológicos, contribuindo para a integração da tecnologia na sala de aula; Peter Lippman discute a importância de compreender a percepção dos alunos sobre os espaços de aprendizagem e como isso pode impactar o design desses espaços; Benjamin Moore pesquisa sobre a percepção do ambiente escolar, incluindo a influência da arquitetura, do design de interiores e da iluminação no bem-estar e na aprendizagem dos alunos; Kari Smith investiga a relação dos espaços flexíveis de aprendizagem e como esses espaços são específicos para atender as necessidades e experiências dos estudantes. Há outros autores que dialogam sobre a importância do papel do estudante na construção do ensino e da aprendizagem.

Vale ressaltar que as referências sobre espaço escolar são dinâmicas e evoluíram com as mudanças nas teorias educacionais, nas políticas públicas e na sociedade. É fundamental considerar a importância de projetar espaços que atendam às necessidades de todos os envolvidos na educação, promovendo um ambiente inclusivo, estimulante e propício para o aprendizado e o desenvolvimento humano.

3. Métodos

Todas as teorias discutidas tiveram o objetivo de estruturar uma proposta de pesquisa que contemplasse a visão do espaço escolar público cuiabano, posto em debate. Discutimos a percepção dos alunos bem como os procedimentos utilizados para a coleta de dados e para sua análise e discussões teóricas.

A pesquisa foi desenvolvida em Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, localizada na região Centro-Oeste do Brasil. O estado contém os biomas Cerrado, Pantanal e Amazônia. Segundo De Lamonica Freire, (1997) “Cuiabá foi uma cidade do século XVIII, com um desenho barroco de ruas tortuosas e estreitas, topografia movimentada, becos, largos e praças”, descoberta pelos bandeirantes que se fixaram na região devido às “enormes jazidas de ouro” (Vilarinho Neto, 2008, p. 16).

O início da colonização na região Centro-Oeste deu-se através das bandeiras ou monções, expedições armadas que partiam da Capitania de São Paulo com a Intenção de aprisionar índios e vendê-los como escravos ou à procura de metais e pedras preciosas (Conte & Freire, 2005, p. 23).

O primeiro passo foi aplicar de modo presencial um questionário, pré-testado, cujo objetivo foi conhecer melhor os alunos, a percepção que apresentam dos edifícios e espaços escolares, hábitos de consumo de informações em sites e redes sociais. A escolha de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio se deve porque nessa fase o jovem já possui um julgamento mais maduro e independente. Além de aplicar diretamente a esses alunos, o questionário foi disponibilizado por meio de um formulário eletrônico e divulgado nas redes sociais e contatos eletrônicos para preenchimento orgânico, de modo que pudéssemos entender também outros pontos relevantes que podem não ter aparecido nas respostas com o grupo pesquisado.

Outra função deste questionário foi servir de orientação para convidar um grupo de alunos a participar de discussões em grupos. Para tabular os dados quantitativos obtidos pelo questionário utilizamos o software SPSS Data Editor. A discussão em grupo foi conduzida com oito participantes de cada escola. Após a aplicação do questionário foi construído um roteiro, o que tornou possível o aprofundamento nos grupos de discussões das questões apresentadas nos questionários.

A pesquisa, em sua expressão maior, é de caráter qualitativo, já que esse método permite um contato direto do pesquisador com os sujeitos da pesquisa. Além disso possibilita, segundo Lüdke e André (1986), uma descrição minuciosa dos acontecimentos, das situações e dos materiais obtidos, elementos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, favorecendo a utilização de diferentes procedimentos: análise dos espaços, questionário, observação do participante e entrevistas.

4. Resultados

É importante que o espaço escolar esteja alinhado com a construção social do conhecimento, trabalhando o ensino a partir das condições e da

história de vida dos alunos e professores, sobretudo. Entendemos que a concepção dialética do processo educativo, do espaço e “o conhecimento é um processo de transformação da realidade que parte da prática (síntese), teoriza sobre esta prática (teorização ou análise) e volta à prática para transformá-la (síntese)” (Rheingantz, Andrade, Tangari, Alcantara, & Duarte, 2009). Entendemos que para que esse processo seja capaz de implementar transformações, o espaço a qual as atividades serão desenvolvidas devem corroborar.

Para esse processo, é importante compreender a educação como forma de intervenção no mundo, uma prática inteligente, construtiva e realizadora, com acréscimos à cultura, à tecnologia e à circulação de informação. Os alunos se envolvem no processo do seu próprio desenvolvimento, compreendem seu papel no mundo, interpretam a construção e reconstrução do mundo em que estão imersos.

Quando observamos os espaços das escolas pesquisadas, é curioso que 140 alunos pesquisados, de um total de 219, acreditam que os ambientes da escola são adequados para a prática pedagógica. Como podemos perceber na Tabela 1, a percepção dos usuários no cotidiano é que os espaços da escola estão adequados para o estudo.

Tabela 1 - Espaços da Escola: percepção

A escola tem todos os espaços adequados para você estudar?			
Escola	Sim	Não	Mais ou Menos
EE Rafael Rueda	40	34	<u>2</u>
EE Senador Azeredo	67	29	12
EMEB Clóvis Hugueney	33	<u>2</u>	<u>0</u>
Total	140	65	14
%	64%	30%	6%

Fonte: autora, 2022

Esse fato nos chamou a atenção e pelos diálogos realizados no grupo de discussão ficou claro que a situação familiar em diversos momentos proporciona menos do que é encontrado nos ambientes educacionais: “eu gosto da escola, tem espaço para brincar”; “aqui eu tenho amigos”; “posso ficar no piso brincando com minhas amigas”; “em casa eu não tenho

espaço para brincar”.

Uma outra característica é a falta de merecimento. Quando estávamos dialogando sobre os espaços que eles gostariam que tivesse na escola, um aluno falou “piscina”. De forma imediata, outro aluno repreende: “cê tá louco? Aqui é escola pública, não tem dinheiro”. Um terceiro aluno rebate: “aqui não pode por que?”. É nítido que a igualdade não faz parte do vocabulário de alguns alunos do grupo.

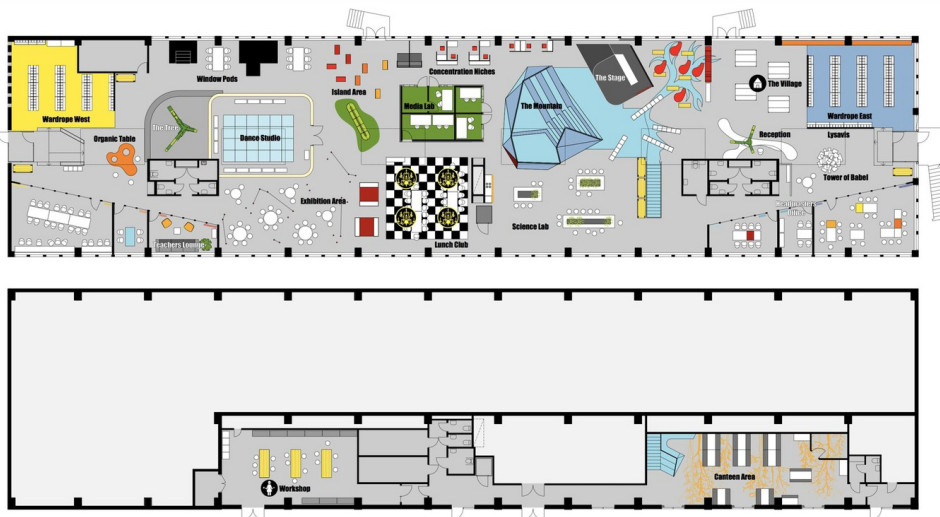
É importante compreender de onde vem essas tradições e convenções para entender como e qual é a melhor forma de ruptura. Na arquitetura escolar as soluções projetuais são naturalizadas e, às vezes, pelo fato de não estar disposto a confrontar o sistema posto acabamos por aceitar que são assim porque são assim. Diz uma aluna: “eu gosto da escola, acho ela bonita e grande”, quando vamos aprofundando na discussão em grupo, outra aluna complementa: “minha casa não é pintada, a escola é bonita, sim”. Para outro aluno, “a escola antes da reforma era feia, agora ela é bonita”, relatando sobre a reforma da fachada.

O fato é que o espaço escolar tem um potencial nas relações entre o conhecimento e a aprendizagem, inclusive na construção cultural que vai refletir no seu comportamento e atitudes. O que outrora se ensinava em larga escala para grupos grandes de alunos, com o advento da tecnologia, das novas metodologias de educar e a transformação da sociedade, o modo de aprender vem se transformando.

Para a realização dos grupos de discussão, a opção foi aprofundar questões que se mostraram relevantes nas respostas do questionário e para estabelecer um diálogo sobre os espaços escolares foram apresentadas imagens de ambientes escolares inovadores.

Uma educação flexível, interativa e atraente, que foca a individualidade do aluno, conforme podemos perceber na Figura 1 é a proposta da Teleponplan School, Estocolmo – Suécia, que possui divisões espaciais personalizadas que servem como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento no cotidiano da escola. Esse layout foi apresentado ao grupo: o olhar de espanto e surpresa desponta no semblante dos alunos, assim como com as demais imagens que fomos apresentando ao longo do diálogo em grupo: “nossa que escola massa”, “linda”, “genteeee, eu quero uma escola assim”.

Figura 1 - Telefonplan School – Estocolmo-Suécia



Fonte: ArchDaily, 2021

Figura 2 - Telefonplan School



Fonte: ArchDaily² editado pela autora , 2021

² Infográfico montado a partir de imagens e informações coletadas no site: <https://www.archdaily.com/202358/vittra-telefonplan-rosan-bosch>, (a) a árvore, (b) a montanha, também definida como iceberg, (c) e (d) espaço não definido na imagem, (e) recepção, (f) área da ilha, (g) clube do almoço, (h) laboratório de ciências.

Criar escolas sem paredes é um desafio que rompe paradigmas e desafia a cultura do ensino e aprendizagem. Conforme a Figura 2, criar um cotidiano para os alunos em que o desenvolvimento individual e coletivo é respeitado torna a cultura escolar enriquecedora e o ambiente de aprendizado desafiador, importantes para o desenvolvimento dos alunos.

Nesta escola, o interior obedece a princípios pedagógicos e serve como ferramentas de aprendizagem. As divisões clássicas são substituídas por espaços flexíveis que definem as múltiplas formas de aprendizado. Um exemplo: o iceberg gigante, segundo ArchDaily (2011), serve como cinema, plataforma e espaço para relaxamento, e define o quadro para muitos tipos diferentes de aprendizado. Esse conceito é observado em cada espaço projetado, flexíveis, e possibilitam trabalho prático com temas e projetos distintos. Para a escola, o design personalizado e desafiador cria espaços de aprendizado personalizado e o ambiente físico é considerado a ferramenta mais importante da escola em seu desenvolvimento cotidiano e pedagógico.

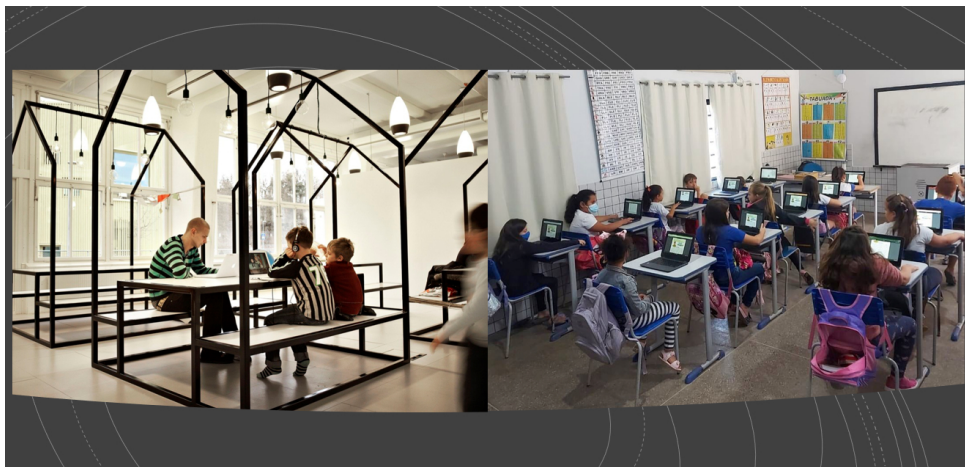
“Professora, que legal”, exclama um aluno, enquanto os demais, como se não acreditassem que aquela imagem se tratava de uma escola, cochichavam com o colega ao lado: “eu não acredito, aqui poderia ter um espaço assim?”. Um Aluno responde: “nós temos a concha, é quase a mesma coisa”. Outro contesta: “não é a mesma coisa, a concha é lugar quente e não usa sempre”.

A solução de design inovador, projetados para escolas, apontam para novas compreensões do papel participativo das crianças. Birch, Parnell, *et al* (2016) sugerem que os designers entendam as interações como um espaço recíproco e cocriado. Vale reforçar que os autores apontam as esferas comportamentais, “ações e modos de ser que juntos se tornam um facilitador de mudanças” (Birch, Parnell, Patsarika, & Sorn, 2016). As pesquisas reconhecem o potencial e a compreensão que jovens e crianças têm em processos de participação no planejamento. Frank (2006) defende que os jovens são em muitos aspectos diferentes dos adultos, e não focar em suas necessidades e preferências os segrega dos lugares públicos e limita sua mobilidade.

Conforme podemos perceber na Figura 3, o espaço precisa estar em sintonia com o estudante, dessa forma cria-se uma atmosfera colaborati-

va, capaz de possibilitar reações fora das convenções e das normas sociais, muitas vezes inibidoras da criatividade, afastando as relações de poder institucionalizadas, as quais os alunos se acostumaram, oferecendo uma abordagem diferente, promissora.

Figura 3 - O espaço e a ferramenta digital



Fonte: compilação pela autora, 2022

Nos grupos também foram discutidas as implicações desse design. Enquanto uns ficavam eufóricos com o lúdico, desejosos com a possibilidade de estudar em um ambiente divertido, outros argumentavam negativamente, como se tivessem presas dentro do ambiente tradicional, não apenas na abordagem disciplinar, mas, sobretudo, a dificuldade de lidar com a ideia de que os alunos “não levariam as coisas muito a sério na escola”: “povo conversa só de sentar junto, imagina assim”. Outro Aluno diz: “claro que não ia dar certo, pessoal não respeita”.

É surpreendente a compreensão do que é importante para os alunos no ambiente escolar. A organização estruturada é percebida na escola, os conceitos são rígidos e inflexíveis, repelem o diferente. É como se o novo pudesse subverter a ordem e a autoridade, como as transgressões das normas sociais que podem ser controladas no ambiente tradicional: “não pode fazer isso”, “não grite”, “não converse”, “não troque de lugar”.

As mudanças no espaço escolar não é um assunto abordado entre a comunidade acadêmica do ensino público, percebe-se que os alunos e do-

centes estão satisfeitos com o que está posto, não há uma crítica ou sonho de ambientes mais adequados. Os alunos não tinham o entendimento da importância do espaço educativo como agente transformador e agregador na construção do conhecimento. Percebemos durante a pesquisa que atender a base nacional comum curricular é a premissa básica entre os educadores.

5. Considerações Finais

Foram recompensadoras as experiências que essa pesquisa proporcionou, algumas surpreendentes, pois em diversas vezes a realidade não dialogava com a expectativa e todo o processo passava por novas análises. A incerteza tomava conta do processo durante o desenvolvimento das pesquisas, das visitas, dos estudos, do levantamento de dados e diversas vezes durante a escrita.

O sentimento dos estudantes, expressos em suas falas, são contribuições de grande importância e significado para o processo de diálogo e análise. O processo envolve a compreensão da escuta na produção espacial como um caminho para o atendimento do coletivo, de toda comunidade escolar. Apresentar aos estudantes as novas possibilidades de espaço público escolar foi como lançar luz no caminho, outras formas de enxergar o espaço público tradicional emergiram no processo e nos levou a refletir sobre não se desejar o que não se conhece.

Tem-se muito ainda a estudar e analisar nos ambientes educacionais as tecnologias digitais, o crescente conservadorismo que atualmente ainda implica em escolas conservadoras, o ensino de arquitetura que continua reproduzindo os modelos do século XVIII e esperando resultados diferentes.

6. Referências

ArchDaily. (2011). Acesso em 02 de 05 de 2021, disponível em ArchDaily: <https://www.archdaily.com/202358/vittra-telefonplan-rosan-bosch>

Birch, J., Parnell, R., Patsarika, M., & Sorn, M. (12 de 04 de 2016).

Creativity, play and transgression: children transforming spatial design. CoDesign, 13, pp. 245-260. doi:<https://doi.org/10.1080/15710882.2016.1169300>

Cascio, J. (14 de setembro de 2021). A educação em um mundo cada vez mais caótico. **Boletim Técnico do Senac**, 47, pp. 101-105. Acesso em 12 de outubro de 2023, disponível em <https://bts.senac.br/bts/article/view/879/747>

Conte, C. Q., & Freire, M. V. (2005). **Centro Histórico de Cuiabá, patrimônio de Brasil**. Cuiabá: Entrelinhas.

De Lamonica Freire, J. (1997). **Por uma poética popular da arquitetura** (1ª ed.). Cuiabá: EdUFMT.

Frank, K. I. (01 de 05 de 2006). **The Potential of Youth Participation in Planning**. Journal of Planning Literature, 20, pp. 351-357. Acesso em 12 de 08 de 2022, disponível em <http://www.petkovstudio.com/bg/wp-content/uploads/2017/03/0885412205286016.pdf>

Kowaltowski, D. C. (2011). **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos.

Lima, M. S. (1989). **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel.

Lüdke, M., & André, M. (1986). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária.

Malaguzzi, L. (1999). **História, Ideias e Filosofia Básica** *In* As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed.

Rheingantz, P. A., Andrade, L. d., Tangari, V., Alcantara, D., & Duarte, C. (Outuro de 2009). **Escola na escola: reflexões sobre um método de ensino de projeto**. IV PROJETAR 2009, p. 23.

Sibilia, P. (2012). **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Contraponto.

Vilarinho Neto, C. S. (2008). **Cuiabá, uma metrópole regional**. Em S. R. Romancini (org.), & S (Ed.), Novas territorialidades urbanas em Cuiabá (p. 177). Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT.

Capítulo 7 - O pensamento moderno urbanístico¹

Danielle Ferraz Garcia²

1. Introdução

Onde estariam as ruas de alto valor simbólico para a sociedade? Existem depois de todo o movimento moderno?

As cidades, palco do desenrolar da vida contemporânea, são excelentes objetos de estudo uma vez que refletem de maneira a cultura, o estilo de vida e as interações sociais de um povo. Mas, justamente sendo este palco, quais conflitos guardam? Quais reflexos trazem do nosso modo de vida, de pensar e de agir? Por que existem áreas mais valorizadas e estimadas pela população e áreas que definham sem ninguém parecer se importar? Estas são perguntas chave que sempre me motivaram a buscar compreender melhor os processos urbanos e sociais que estão envolvidos nesta temática.

Na atualidade, temos muitas críticas a respeito das cidades, muitas queixas e um certo abandono generalizado de suas áreas. O interesse em experimentar a vida urbana parece decair nas últimas décadas, e investigar alguns fatores que contribuíram para isto é de suma importância para que possamos compreender para onde o futuro nos leva.

Deste modo, o presente artigo traz um breve estudo acerca da influência do pensamento moderno urbanístico em um contexto geral e seus reflexos culturais, pois muito se discute acerca de sua importância, mas pouco se analisa e investiga sobre os fatores que influenciaram em seu abandono. O objetivo geral norteador deste artigo versa sobre como o modernismo urbanístico influenciou na alteração dos centros urbanos.

¹ Trabalho faz parte da Dissertação intitulada “A influência do pensamento moderno urbanístico no Centro Histórico de Cuiabá-MT”, defendida em 2022 no PPGECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

² Arquiteta e Urbanista, MBA em Gerenciamento de Projetos, Mestra em Cultura Contemporânea, docente titular do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Cuiabá. E-mail: dferrazg@gmail.com

2. Referencial Teórico

O termo moderno, amplamente relacionado ao conceito do que é novo e de última geração é fortemente empregado em várias áreas da sociologia, cultura, urbanismo entre outros. Quando adentramos nesta seara, o passado, o presente e o futuro passam a ser utilizados como lugar de situação do indivíduo. A temporalidade é trazida com o intuito de posicionar as visões de mundo de acordo com a evolução do tempo e do homem. A modernidade trouxe um conceito de que evoluímos e nos tornamos modernos a partir do momento em que a nossa vida passou a ser pautada por novas formas de pensar e agir.

Apesar de nos habituarmos com o termo “moderno”, sua amplitude conceitual parece deixar escapar seu significado em si, a expressão amplamente utilizada em variados contextos pode ser abordada através de diferentes atravessamentos e autores. Giddens (1991) traz: “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”.

A visão de progresso trazida pelo desenvolvimento da tecnologia e ciência abriu um campo de pensamento voltado para o relacionamento do homem com as máquinas, uma vez que o homem usa a máquina para dominar os meios e a natureza. Neste conceito, o Renascimento contribuiu fortemente para o desenvolvimento de ideologias voltadas para o racionalismo, o cientificismo e ainda o antropocentrismo aliado ao forte apelo do individualismo.

As tradições ligadas ao passado passam então por um processo de mudança, sendo desvalorizadas e deixadas de lado em nome do progresso. O novo vem para substituir aquilo que por muitos já é considerado ultrapassado. A preservação de memórias é vista como desnecessária, uma vez que o futuro ganha muito mais importância no viés moderno e o passado deve ser abandonado.

Seguindo em linhas temporais, o Iluminismo também contribuiu com a modernidade, uma vez que este movimento intelectual e filosófico se baseia em ideias centradas no eixo racional, tendo a razão como diretriz lógica de governança da vida.

Para Adorno; Horkheimer (1985) e Silva (2005), tal processo levou a dissolução dos mitos, substituindo a imaginação pela racionalidade, validando o conhecimento humano e trazendo a perda do encantamento pela natureza.

Obviamente há um longo processo histórico que envolve a temática de modernidade, porém é necessário abordar um período marcante para as cidades: a primeira Revolução Industrial iniciou-se em Londres por volta de 1760 e perdurou até meados de 1860 (Sousa, 2019). Graças a ela, as cidades passaram a oferecer mais oportunidades de trabalho em suas fábricas e, com isso, o contingente populacional atraído para o espaço urbano tornou-se cada vez maior.

A Revolução Industrial contribuiu significativamente para a evolução do pensamento progressista aplicado às políticas urbanas até então vigentes. A cidade pujante pediu soluções que inicialmente foram tratadas a partir da ótica sanitaria, e, após isso, voltou-se para a necessidade de ordenar a sua expansão a partir das tecnologias existentes à época.

Se a Revolução Industrial foi o marco que iniciou tais processos, o pensamento voltado para a Arquitetura e Urbanismo Modernos consolidou toda a estrutura que até então estava se instalando.

A modernidade no urbanismo se traduziu em uma cidade planejada e executada de maneira racional, com viés progressista que buscava dentre outras coisas as ideias higienistas aplicadas ao planejamento urbano. A cidade moderna passa a ser um mero local de deslocamentos, com uma alma submersa na visão progressista.

Para Colosso (2016), o urbanismo moderno traz uma racionalidade limitada, fragmentada e presa a racionalidade do paradigma produtivo industrial. Neste interim, o conceito de *genius loci* - termo em latim que pode ser traduzido como “espírito de um determinado lugar” (Nesbitt, 2006) - cai em desuso no modernismo, pois os locais urbanos passam a ser pensados sob a ótica funcionalista.

A respeito do espírito do lugar, é possível se fazer um paralelo com a abordagem de Walter Benjamin (1994), quando este cita a aura presente nas obras artísticas e como o processo de reprodução em massa acabou influenciando sua perda. No contexto urbano isto também ocorre, o em-

prego de técnicas ditas modernas na elaboração das cidades culminou em diversas perdas históricas, onde vários patrimônios culturais deram lugar a novas construções, sempre em nome do progresso.

É notoriamente importante que o termo moderno venha a ser contextualizado quando se fala de arquitetura e de urbanismo. A palavra moderno é utilizada para abordar um período que se iniciou no final do século 19 e século 20. Historicamente, o movimento moderno teve o seu início a partir do momento em que a Revolução Industrial permitiu o uso de novos materiais como o aço, concreto e o vidro. A entrada desses materiais permitiu aos arquitetos uma maior liberdade na hora de projetar e construir.

No âmbito do pensamento moderno da produção arquitetônica ocorre um apego maior àquilo que é facilmente inteligível e escalável. Tal pensamento permeou também o campo do urbanismo, influenciando fortemente os projetos das cidades em todo o globo.

A lógica da arquitetura moderna materializa-se em espaços fragmentados, compactos e altamente racionalizados. A cidade pensada para o automóvel, fruto da industrialização, ganha espaço a partir do momento em que a Carta de Atenas (1933) vira um documento balizador do planejamento urbano, buscando tornar as cidades mais funcionais, por meio de seu zoneamento separatista e que só seria possível a bordo de um automóvel.

O Brasil foi uma das maiores potências no âmbito do movimento moderno da arquitetura e urbanismo, com um legado bastante expressivo. Desde a década de 20 as expressões construtivas e plásticas já marcavam presença no cenário nacional, tal época também trouxe a base ideológica do movimento, estruturando-se com as experiências estrangeiras do cenário entre guerras. O Estado Novo traz ainda muita consistência para o movimento, fortalecendo o paradigma da cultura nacional e atinge o clímax com a construção de Brasília. (Del Rio; Gallo, 2000).

A cidade moderna passa a ser um mero local de deslocamentos, com uma alma submersa na visão progressista. A vitalidade da cidade é deixada de lado em nome de sua organização extrema, a busca por tornar os espaços facilmente identificáveis e inteligíveis acaba retirando toda e

qualquer possibilidade de improviso, com isto a descoberta que a cidade ocasiona em quem circula por ela deixa de ser uma premissa e passa a ser combatida.

O caos urbano que se vê hoje nas cidades contemporâneas em boa parte se dá pela sistemática da desorganização que as originou. O crescimento não planejado, a falta de igualdade na distribuição de renda e o zoneamento baseado no automobilismo foram, e ainda são, fundamentais fatores que contribuem para uma cidade espalhada, pouco densa e desconexa.

Para Jane Jacobs (1961), é totalmente compreensível a necessidade de se ter um automóvel dada a complexidade das cidades, para ela muitos urbanistas e projetistas acreditam que se conseguirem solucionar os problemas de trânsito solucionariam a maior parte dos problemas da cidade.

Tal reflexo de pensamento pode ser visto até a atualidade. Formaram-se cidades que são dependentes do transporte individual, pois historicamente o transporte coletivo ainda possui muitos problemas, dentre eles um de ordem cultural, sendo visto como símbolo de pobreza. A organização arquitetônica das cidades também contribui para o excedente viário, prédios e edifícios cada vez mais isolados em seus lotes que dificilmente conversam com seu entorno e com a cidade. Sob a desculpa da violência a sociedade se isola, cada um em sua fortaleza particular e a cidade só é utilizada quando é necessário acessar um de seus serviços. Desse modo, a cidade passa a ser uma reunião de locais generalistas, onde o sentido de identidade e vinculação se perde, a vida já não habita e o meio urbano se torna frio e impessoal.

Assim sendo, a própria cultura reflete as mudanças vividas pela cidade: o desenvolvimento de novas tecnologias construtivas e as ideias do racionalismo e do progressismo contribuíram notoriamente para o abandono das tradições culturais, bem como dos Centros Históricos pois a ideia do conservacionismo não se alinha com os ideais modernos.

Ao analisar o comportamento da cidade moderna, Marc Augé (1992) em seu livro: *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade* trata do conceito de lugares que não são considerados lugares, como por exemplo áreas de estacionamento, caixas eletrônicos, supermercados, entre outros. Como discute Fonseca:

O não lugar, produtor da supermodernidade, distingue-se dos lugares antropológicos, carregados de conteúdos históricos e de simbolização. Os não lugares deslocam os lugares históricos e tradicionais, na medida em que fazem desaparecer uma memória e uma ligação pessoal com aquele ambiente. Não são históricos, identitários ou relacionais, já que o sujeito não se identifica propriamente com aquele local, porque são lugares de passagem e não exigem nenhum tipo de envolvimento afetivo acerca de sua espacialidade. (Fonseca, 2015).

A ocorrência destes não-lugares seria justamente o reflexo do modernismo que evoluiu e passou então ser tratado como “supermodernidade”. Seriam lugares onde a vida, especialmente a urbana acontece, mas sem que exista uma vinculação do sujeito com o local, há um usufruto, porém não há uma experiência associada.

Deste modo, observa-se então que a cidade da atualidade reflete exatamente as premissas modernistas quanto a sua organização espacial, pautando-se em ser meramente palco dos deslocamentos cotidianos, sem uma vinculação emocional que desperte o interesse de seus habitantes.

3. Métodos

A metodologia de pesquisa desempenha um papel fundamental na condução de estudos acadêmicos e científicos, fornecendo o alicerce para a coleta, análise e interpretação de dados. Em muitos casos, os pesquisadores optam por utilizar abordagens qualitativas para investigar fenômenos complexos e explorar as nuances das experiências humanas. A pesquisa qualitativa é caracterizada por sua ênfase na compreensão profunda e contextualizada dos dados, em vez de números e estatísticas.

Como método de pesquisa para a construção do presente artigo, foram utilizados estudos qualitativos que possibilitaram o alcance da profundidade almejada para o estudo, uma vez que estes permitem a expressão do “como”, buscando entender os fenômenos que se apresentam diante dos símbolos e significados.

Outra característica importante da pesquisa qualitativa é a sua abordagem indutiva, que permite ser iniciada com uma pergunta e a partir disto desenvolver teorias e conclusões à medida que exploram os dados.

4. Resultados

O principal impacto causado pelo pensamento moderno urbanístico foi a reestruturação viária das cidades na busca por acomodar os automóveis e meios de locomoção motorizados. A implantação e alargamento de vias impactou diretamente as áreas centrais das cidades e seu entorno. E tem-se em cadeia o impacto do automóvel a partir do momento que este permite maiores deslocamentos dentro da área urbana: o espraiamento da cidade foi fortificado pelos meios de transporte e com isso bairros cada vez mais distantes foram criados.

Com a criação de bairros cada vez mais longínquos houve o esvaziamento do centro, tornando as áreas monofuncionais e, conseqüentemente, dependentes das atividades que ali se desenvolvem.

A importância de as cidades adotarem atividades multifuncionais é crucial para promover um desenvolvimento urbano sustentável e uma qualidade de vida melhor para seus habitantes. Quando as cidades oferecem uma variedade de funções e serviços em suas áreas, como habitação, comércio, lazer e educação, elas proporcionam conveniência e acessibilidade, reduzindo a necessidade de longos deslocamentos e congestionamentos de tráfego.

Durante as pesquisas bibliográficas fica tangível que uma das saídas viáveis para as áreas centrais da cidade é que se proporcione a retomada da sua vitalidade, compondo com atividades diversas e dinâmicas e trazendo assim o uso contínuo dos espaços. Voltar a pensar nos espaços tendo o pedestre como principal foco e cliente permite reverter a lógica rodoviarista empregada como muito apreço pelo movimento urbanístico moderno. Neste aspecto, Jan Gehl (2013) diz que caminhar é o ponto de partida de todos os eventos da vida urbana.

Projetar uma cidade com o foco nos pedestres, em vez de nos automóveis, é fundamental para promover um ambiente urbano mais humano, sustentável e inclusivo. Quando as ruas são concebidas com os pedestres em mente, as pessoas ganham um espaço mais seguro e agradável para caminhar, brincar e interagir. Isso não apenas melhora a qualidade de vida, mas também estimula a atividade física, reduzindo os índices de sedenta-

rismo, melhorando a saúde da população.

Além disso, uma cidade voltada para os pedestres contribui para a redução do tráfego automobilístico, diminuindo a poluição do ar e os congestionamentos. Isso, por sua vez, tem impactos positivos no meio ambiente, na economia e na mobilidade urbana, tornando as cidades mais eficientes e ecologicamente responsáveis. Priorizar os pedestres também torna as áreas urbanas mais acessíveis para todas as faixas etárias e pessoas com mobilidade reduzida, promovendo uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Em resumo, projetar cidades pensando nos pedestres é uma estratégia essencial para o desenvolvimento de metrópoles mais saudáveis, prósperas e harmoniosas.

5. Considerações Finais

Diante do exposto até aqui, fica evidenciado que o pensamento moderno urbanístico contribuiu de maneira indubitável para que os fluxos de pessoas fossem dissolvidos em vários eixos e esvaziando as áreas centrais.

A inversão de valores, onde a máquina (no caso, o automóvel) é mais importante do que as pessoas proporcionaram locais em que os sujeitos não se sentem pertencentes, e, portanto, não atuem como agentes de preservação de tais espaços.

Obviamente é necessário que além de uma sensibilização da população, o poder público atue de maneira articulada com demais órgãos e agentes envolvidos. As políticas públicas têm a capacidade de reverter o cenário rodoviarista implantado pelo pensamento moderno e devolver os espaços para quem é proprietário de fato – as pessoas.

Uma gestão integrada permite a participação popular e personaliza as intervenções a serem propostas, enaltecendo as características únicas de cada espaço, respeitando a cultura e os modos de vida da população. Sem pessoas não há urbanismo e tampouco razão de existirem cidades. As pessoas, tal como são, são os verdadeiros motivos para estudar os espaços urbanos, são para elas que se projetam os espaços públicos.

6. Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2003.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade de técnica**. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COLOSSO, Paolo. A CRÍTICA DE HENRI LEFEBVRE AO URBANISMO MODERNO. **XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, [S. l.], p. 2-10, 13 set. 2015. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/shcu2016/anaais/wp-content/uploads/pdfs/06.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

DEL RIO, Vicente; GALLO, Haroldo. O legado do urbanismo moderno no Brasil. Paradigma realizado ou projeto inacabado? **Arquitextos**, São Paulo, ano 01, n. 006.05, Vitruvius, nov. 2000 – disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.006/958>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FONSECA, Maria Luisa Ferreira. **Os não lugares das imagens urbanas**. Universidade Federal de Minas Gerais, [S. l.], p. 78, 22 dez. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAC-A82MWK>. Acesso em: 9 maio 2022.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 5. ed. São Paulo: UNESP, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4118660/mod_resource/content/1/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

NESBITT, Kate. **Uma Nova Agenda para Arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/36164658/10_Kate_Nesbitt_-_Uma_nova_agenda_para_arquitetura_leitura_online. Acesso em: 6 abr. 2019

SILVA, D. J. . **Racionalidade tecnológica e seus desafios éticos: considerações a partir de Adorno e Horkheimer**. *Ágora (Campo Grande)*, v. 1, p. 1-12, 2005.

SOUSA, Rafaela. **"Primeira Revolução Industrial"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/primeira-revolucao-industrial.htm>. Acesso em 02 de setembro de 2019.

Capítulo 8 - Passarelas contemporâneas para pedestres à Ponte de Ferro do rio Coxipó¹

Fabiane Krolow²

1. Introdução

A paisagem urbana de Cuiabá carrega em suas estruturas elementos que narram a história e a cultura da cidade, como é o caso das pontes de ferro sobre os rios Coxipó e Coxipó-Mirim. Essas obras, muitas vezes esquecidas no cotidiano contemporâneo, vão além da função de travessia: constituem marcos simbólicos que conectam passado, presente e identidade local. A Ponte de Ferro do rio Coxipó, inaugurada em 1897, representa uma herança da engenharia do século XIX, construída com estrutura metálica importada da Europa e fundamentada com materiais locais. Embora tenha perdido sua função principal, a ponte ainda se impõe como um vestígio material e simbólico da cidade que se formava em meio aos fluxos comerciais e às transformações urbanas.

A partir da análise dessas pontes e de sua relação com a paisagem e a população, o presente trabalho propõe discutir o conceito de patrimônio cultural sob a ótica de autores como Canclini, Glissant e Gruzinski, que abordam temas como hibridismo, criouliização e mestiçagem cultural. Além da ponte do Coxipó, também é explorada a estrutura semelhante localizada no distrito da Guia, sobre o rio Coxipó-Mirim. Ambas revelam, em seus usos e desusos, as tensões entre memória e modernização, patrimônio e abandono.

¹ Trabalho faz parte da Dissertação intitulada A influência do espaço das pontes e viadutos na cidade contemporânea: Um estudo a partir dos espaços criados por obras de arte da engenharia da região metropolitana do vale do rio Cuiabá, defendida em 2019 no PPGECO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

² Engenharia Civil, Mestra em Estudos de Cultura Contemporânea pelo PPG ECCO da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: fabianekrolow@gmail.com.

2. Referencial Teórico

A paisagem urbana, enquanto expressão da memória e do tempo, revela transformações significativas quando analisada sob a perspectiva das infraestruturas e dos elementos que compõem a dinâmica da cidade. A região do Coxipó, em Cuiabá, é um exemplo emblemático dessa leitura urbana, sendo marcada pela presença do rio de mesmo nome, que atua ora como divisor, ora como elemento de conexão com a região metropolitana do Vale do Rio Cuiabá.

A travessia sobre o rio Coxipó é atualmente realizada por meio da Ponte Benedito Figueiredo, construída em concreto armado na Avenida Fernando Corrêa da Costa, sendo uma das vias mais movimentadas da cidade. Contudo, é no contraste com a antiga Ponte de Ferro, situada em uma cota inferior à da ponte contemporânea, que se manifesta a complexidade histórica e cultural da paisagem local. Essa estrutura, embora não mais utilizada para o tráfego viário, permanece na paisagem com seus traços avermelhados, evocando elementos da memória coletiva e configurando-se como um marco simbólico de uma cidade que transita entre o passado e o presente.

A presença simultânea das duas pontes – uma moderna e funcional, outra histórica e remanescente – contribui para o entendimento da paisagem urbana como palimpsesto, onde diferentes tempos convivem e dialogam entre si. Nesse sentido, a multiplicidade de expressões presentes na paisagem é compreendida como resultado da coexistência de diferentes racionalidades espaciais e culturais. Conforme afirma Canclini (2009), “a própria pluralidade de culturas contribui para a diversidade de paradigmas científicos, ao condicionar a produção do saber e apresentar objetos do conhecimento com configurações muito variadas” (Canclini, 2009, p. 112). Essa diversidade se materializa na justaposição das estruturas, que simbolizam tanto o progresso urbano quanto a permanência de vestígios históricos.

A transformação da paisagem urbana de Cuiabá também pode ser contextualizada pela análise das dinâmicas de mobilidade e infraestrutura. Em 1910, a cidade ainda não contava com automóveis, e as vias, rudimentares e de terra, eram apropriadas apenas a carroças, mulas e ca-

valos. “As estradas eram de terra, tortuosas e mal dimensionadas, servidas apenas para veículos da época. Pressa pra quê?” (Siqueira, *et al.*, 2007, p. 182). Esse cenário é diametralmente oposto ao contemporâneo, em que se observa uma infraestrutura viária robusta, com a Ponte Benedito Figueiredo oferecendo duas pistas para fluxos em sentidos opostos, além de passeios laterais destinados a pedestres.

A Ponte de Ferro, por sua vez, representa um patrimônio material que resiste no espaço urbano como alternativa de circulação para pedestres e ciclistas. Sua estrutura, composta por concreto armado, metal e pavimento em madeira foi mantida conservada até ser destruída por uma enchente, tendo posteriormente sido reconstruída, o que evidencia a valorização da memória urbana por meio da preservação de seus marcos arquitetônicos. Dessa forma, o estudo da paisagem urbana da região do Coxipó permite não apenas compreender os processos de modernização e adaptação funcional da cidade, mas também refletir sobre as formas de permanência da história nos espaços urbanos, onde elementos simbólicos e materiais se entrelaçam e revelam múltiplas camadas de sentido.

3. Métodos

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo de natureza descritiva e interpretativa, cuja abordagem está fundamentada na análise da paisagem urbana como expressão simbólica, histórica e funcional. O objeto empírico escolhido foi a região do Coxipó, em Cuiabá (MT), com ênfase nas estruturas das pontes que atravessam o rio homônimo: a atual Ponte Benedito Figueiredo e a antiga Ponte de Ferro.

A análise foi conduzida a partir da observação direta *in loco*, complementada por levantamento documental e bibliográfico, com o objetivo de identificar os elementos materiais e imateriais que compõem a paisagem urbana local. As visitas de campo permitiram registrar, por meio de anotações, registros fotográficos e cartográficos, os aspectos morfológicos e simbólicos das duas estruturas viárias, bem como sua relação com o entorno imediato e a dinâmica de uso pelos transeuntes.

O procedimento metodológico incluiu ainda a reconstrução histórica da área a partir de fontes secundárias, como obras de referência, docu-

mentos oficiais e literatura especializada sobre o desenvolvimento urbano de Cuiabá. Entre as referências consultadas, destaca-se a obra de Siqueira *et al.* (2007), que oferece um panorama das condições urbanas da cidade no início do século XX, permitindo contrastar o cenário atual com sua configuração passada. O referencial teórico de Canclini (2009) também foi incorporado para fundamentar a interpretação da paisagem enquanto espaço de expressões múltiplas, desiguais e por vezes desconectadas.

A escolha pelas pontes como elementos centrais de análise deve-se ao seu papel simbólico na mediação entre passado e presente, bem como à sua relevância funcional no sistema viário da capital mato-grossense. A justaposição de uma ponte contemporânea em concreto armado e outra histórica, em estrutura metálica com pavimento em madeira, oferece um cenário propício à compreensão da paisagem como palimpsesto urbano, no qual camadas de tempo e significado se sobrepõem.

A metodologia adotada busca, portanto, articular a leitura crítica da paisagem urbana com a interpretação de seus marcos arquitetônicos e suas implicações socioculturais. Essa abordagem permite não apenas descrever os elementos visíveis da paisagem, mas também compreender os processos históricos, políticos e simbólicos que os configuraram, contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre a permanência e a transformação dos espaços urbanos.

4. Resultados

A análise da região do Coxipó, em Cuiabá (MT), a partir das estruturas viárias sobre o rio homônimo, permitiu compreender como a paisagem urbana se configura não apenas por elementos físicos, mas também por significados simbólicos, culturais e funcionais. A convivência entre a moderna Ponte Benedito Figueiredo e a antiga Ponte de Ferro revela, além do contraste entre diferentes temporalidades, uma coexistência entre formas distintas de apropriação do espaço urbano. Ambas exercem funções fundamentais no cotidiano da cidade, mas sobretudo, a antiga ponte, hoje ressignificada como passarela, permite refletir sobre a importância da acessibilidade, do conforto e da segurança no planejamento urbano.

Ao observar a Ponte de Ferro e as passarelas metálicas ao longo da Ave-

nida Fernando Corrêa, constata-se que tais estruturas devem ser analisadas também sob o ponto de vista da mobilidade urbana inclusiva. Projetar passarelas eficazes exige considerar aspectos como o fluxo de pedestres, o gabarito da via, a relação com o entorno e, especialmente, a conformidade com normas técnicas como a NBR 9050, que trata da acessibilidade a edificações, espaços mobiliários e equipamentos urbanos. A atenção a esses critérios é o que possibilita a transformação de simples estruturas de passagem em espaços qualificados de convivência.

A citação de Lynch (1960) reforça a ideia de que um “bom ambiente” urbano deve proporcionar um sentimento de segurança emocional e pertencimento, o que é alcançado quando os espaços, além de funcionais, são distintos, legíveis e acolhedores. A experiência do *High Line Park*, em Nova York — uma antiga ferrovia elevada transformada em parque urbano — exemplifica como a requalificação de infraestruturas pode gerar espaços de interação social, lazer, arte e memória. Esse paradigma pode ser inspiração para intervenções locais, como a própria Ponte de Ferro do Coxipó, valorizando seu potencial simbólico e paisagístico.

Assim, conclui-se que pensar a paisagem urbana requer ir além das soluções técnicas. É necessário projetar com sensibilidade histórica e social, considerando as múltiplas dimensões que compõem o cotidiano urbano. A região do Coxipó, com suas pontes e passarelas, representa não apenas um elo entre margens físicas, mas também entre tempos, memórias e possibilidades futuras de reconexão entre cidade e cidadão.

5. Considerações Finais

A presente investigação permitiu compreender a paisagem urbana da região do Coxipó, em Cuiabá (MT), como um espaço dinâmico, onde estruturas físicas e simbólicas se entrelaçam e revelam diferentes temporalidades da cidade. A análise das pontes que atravessam o rio Coxipó — a contemporânea Ponte Benedito Figueiredo e a histórica Ponte de Ferro — revelou que tais elementos vão além da função infraestrutural e assumem papel central na constituição da identidade urbana e da memória coletiva.

Por meio de uma abordagem qualitativa, com base em observações *in*

loco, levantamento documental e análise teórica, foi possível reconhecer essas pontes como expressões materiais da transformação do território e da justaposição de tempos históricos. A convivência entre a ponte moderna, com suas pistas para o tráfego intenso, e a antiga estrutura de ferro e madeira, hoje destinada a pedestres e ciclistas, simboliza a coexistência entre progresso técnico e herança histórica. Esta configuração contribui para a leitura da paisagem como palimpsesto urbano, onde o passado permanece visível, mesmo sob camadas de modernização.

A partir do referencial teórico proposto por Canclini (2009), compreendeu-se que a diversidade de formas, usos e significados atribuídos aos espaços urbanos reflete a pluralidade de paradigmas culturais que moldam o território. Assim como destaca Lynch (1960), o valor de um “bom ambiente” reside na capacidade de oferecer segurança emocional e sentido de pertencimento, elementos fundamentais para a construção de uma paisagem urbana humanizada e inclusiva.

Nesse contexto, as passarelas e demais infraestruturas voltadas à mobilidade de pedestres devem ser projetadas não apenas com base em critérios técnicos, mas também considerando aspectos como acessibilidade, conforto, segurança e inserção qualificada no espaço urbano. A aplicação de normativas como a NBR 9050 reforça a necessidade de garantir que esses espaços atendam à diversidade dos usuários, contribuindo para a equidade no uso da cidade.

A experiência internacional do *High Line Park*, em Nova York, ilustra o potencial de requalificação de estruturas urbanas obsoletas em ambientes públicos de valor simbólico e coletivo. Analogamente, a Ponte de Ferro do Coxipó, mesmo após sua destruição e reconstrução, permanece como um marco paisagístico e social, cuja permanência traduz não apenas resistência material, mas também afetiva e cultural.

Em síntese, a leitura crítica da paisagem do Coxipó evidencia que o espaço urbano não se constrói apenas por critérios técnicos e funcionais, mas por narrativas, memórias e usos que se acumulam ao longo do tempo. Compreender e valorizar essa complexidade é essencial para promover intervenções urbanas mais sensíveis, inclusivas e conectadas à história e à identidade dos territórios.

6. Referências

CANCLINI, N. G. **A cultura extraviada nas suas definições**. Em: Diferentes, desiguais e desconectados. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CANCLINI, N. **Introducción a la nueva edición. Las culturas híbridas em tempos globalizados**. Em: Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2001.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3. ed. São Paulo: Editora da UFRJ, 2009.

CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. Lisboa: Edições 70, 1983. 202p.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.

SIQUEIRA, M. A. *et al.* Cuiabá: histórias e memórias urbanas. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira *et al* (Org.). **Cuiabá: de vila à metrópole nascente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2007. 208 p.

Cultura, Relações Sociais e Representações na Midiatização

Capítulo 9 - O Falar Cuiabano como Resistência Cultural: entre tensões, representações e poder simbólico na contemporaneidade¹

Dalila Rodrigues Souza²

1. Introdução

A compreensão da cultura local, seus processos de resistência, transformação e representação, requer estudo aprofundado no contexto social contemporâneo. Em Cuiabá, cidade que abriga uma diversidade de segmentos sociais, migrantes de vários estados, geradora de manifestações culturais. O falar cuiabano emerge como um elemento central de identidade e poder simbólico. Diante desse cenário, a pesquisa de mestrado realizada entre 2020 e 2022 sob orientação do professor doutor Pedro Pinto de Oliveira, apresentou análises e reflexões sobre o lugar do falar cuiabano nos espaços de poder em Cuiabá.

O estudo “Arte e poder: o falar cuiabano na cultura contemporânea”, apresenta uma trajetória que ampliou minha compreensão sobre o papel da dinâmica social na construção de identidades e na luta por reconhecimento cultural. Além de consolidar uma abordagem teórica como autores Vera França, Erving Goffman, Mário Cezar Silva Leite e Pierre Bourdieu, a investigação se apoiou em um método inovador, ao utilizar o formato de *podcast* como ferramenta de coleta, análise e difusão de dados, democratizando a pesquisa e ampliando os canais de diálogo com público interno e externo.

Este texto, portanto, busca refletir sobre esses achados, contextualizando o potencial da academia tanto na entrega de resultados ao público externo, como no papel capacitador na vida profissional de um indivíduo,

¹ Este trabalho faz parte da Dissertação intitulada Arte e Poder: o falar cuiabano na cultura contemporânea, defendida em 04/08/2022 no PPGECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

² Mestra em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. E-mail: dalila.rsouza@gmail.com

pois o mestrado se revelou fundamental para o fortalecimento de minha atuação enquanto jornalista/pesquisadora, contribuindo para uma visão mais crítica e aprofundada da vida em sociedade.

2. Sentidos, Tensões e Resistência Cultural

O percurso investigativo revelou que o falar cuiabano é um objeto vivo, de múltiplos sentidos, que passa por constante tensão de poder em razão das críticas sociais. Os resultados mostraram que, apesar de sua forte identificação cultural, esse modo de expressão enfrenta processos de preconceito tanto de dentro quanto de fora da comunidade local.

Essas tensões manifestam-se, sobretudo, a partir das representações e percepções — muitas vezes atravessadas pelo humor, pelo preconceito e pelo estereótipo.

Um exemplo emblemático dessa dinâmica é a figura pública de Roberto França, comunicador, político, ex-prefeito de Cuiabá, que rejeita a utilização do falar cuiabano em contextos de representação artística, por entender como uma forma de deboche ou ridicularização. Em suas próprias palavras, “o falar cuiabano não é pra ser debochado e muito menos pra servir de riso pra ninguém, de gozação” (informação verbal). Esta postura evidencia um ponto de vista que repudia qualquer instrumento que possa minimizar ou inferiorizar sua maneira de comunicação.

Dentro deste cenário, utilizamos a noção de identidade e de identificação proposta pelo escritor e professor doutor Mário Cesar Silva Leite, para compreender o papel das representações culturais na construção do sentimento de pertencimento. Leite (2021) destaca que o falar cuiabano interpretado pelas artes constitui uma forma de identidade que se elabora e se reinventa, entretanto, essa elaboração muitas vezes se dá sob o meio do humor, cuja interpretação pode suscitar diferentes leituras: como mecanismo de aproximação, de afastamento, ou mesmo de caricatura.

A observação de que o falar cuiabano é frequentemente colocado em perspectiva humorística por artistas regionais ressalta a necessidade de um olhar mais amplo na análise dessas representações. Como assinala Leite, “quando se ri de uma determinada situação, algo está querendo ser dito” (*Podcast*, 2021), podendo o riso atuar como instrumento de afirmação,

de questionamento ou de inferiorização. Assim, a apropriação do falar cuiabano na arte pode, ao mesmo tempo, contribuir para sua circulação e reforço cultural, ou reforçar estereótipos que reduzem sua complexidade e seu valor.

Mesmo em contextos de privilégio, como espaços de poder e mídia, há o risco de perdimento do sentido original do falar, quando as representações se tornam superficiais ou estereotipadas. Conforme Leite (2021), “existem tipos de cuiabano ali, mas dizer que aquilo é o cuiabano, é raso, é superficial”. A identidade cuiabana é plural e multifacetada; entretanto, as representações midiáticas e artísticas, ao se limitarem a certos estereótipos, tendem a simplificá-la, o que pode gerar um processo de exclusão ou de fragmentação.

A dinâmica do uso do falar cuiabano na mídia digital reforça essas tensões. O influencer José Didier Provenzano, conhecido por seu personagem “Xômano que mora logo ali”, relata ter sofrido ataques por fazer piadas com o linguajar regional. Sua experiência revela como as expressões culturais locais ainda são vistas como inferiores ou passíveis de zombaria por parte de setores que exercem poder simbólico (Bourdieu, 1989). Nesse sentido, o humor às vezes é acionado como ferramenta de imposição de hierarquias culturais, promovendo uma sensação de inferioridade ao sujeito que representa sua cultura de origem.

De forma similar, o procurador de Justiça Domingos Sávio expressou sua discordância em relação às interpretações do falar cuiabano pelas artes, considerando-as distorcidas ou ultrapassadas. Segundo ele, “reproduzem um linguajar lá de séculos atrás, eu acho que não tem nada a ver com o cuiabano, eu acho, se esse é o parâmetro.” Esse posicionamento evidencia a resistência de diferentes figuras públicas em reconhecer a legitimidade do falar regional, reforçando as tensões entre tradição, representação e exercício do poder.

Dessa forma, percebe-se que a inserção do falar cuiabano nos espaços de poder está marcada por um embate entre reafirmação identitária e processos de estigmatização. O contexto revela que o poder simbólico das expressões culturais está sujeito a conflitos, onde se percebe a necessidade de um olhar crítico e sensível para reconhecer a complexidade e o valor do falar cuiabano, além dos estereótipos que muitas vezes o reduzem.

Ao analisar as diferentes percepções, identificamos uma divisão entre os cuiabanos do centro, que tendem a negar qualquer semelhança com falar cuiabano da população ribeirinha, e os que valorizam o falar informal, promovendo uma identidade regional de orgulho por meio da arte. Para alguns atores, o linguajar é símbolo de resistência contra a hegemonia da cultura, uma forma de reafirmar suas raízes e singularidades. Para outros, representa um estigma social.

Expressões populares como “pau rodado” e “cu branco”, mencionadas pelo intelectual Eduardo Mahon, segundo ele, representam uma forma de exclusão social e cultural contra pessoas que não nasceram na capital mato-grossense. Mahon relata experiências pessoais de discriminação, comentando que a sensação de inadequação decorrente do olhar preconceituoso foi uma dor profunda na sua infância, reforçando um ambiente de intolerância que persiste ao longo dos anos.

A pesquisa também aponta que essa rejeição não é algo recente, pois segundo Mahon, há registros históricos de textos xenofóbicos de até 200 anos. Poemas de Silva Freire, na década de 1980, por exemplo, referenciam migrantes do Sul do Brasil com expressões pejorativas como “cú branco”, demonstrando uma narrativa de exclusão que caracteriza e reforça uma identidade local fechada. Mahon destacou que essa identidade não se caracteriza por resistência cultural, mas por uma forma cruel de exclusão de quem não é natural de Cuiabá, colocando esses indivíduos como invasores ou forasteiros indesejados na cidade.

No aspecto literário, esse apontamento é reforçado por textos que retratam o migrante como um invasor. Essa visão reforça uma estrutura social endógena, autorreferente, que distância e exclui o elemento externo. Como evidencia uma citação do próprio Mahon, “Cuiabá nunca foi vítima, o cuiabano nunca foi vítima”, sugerindo que a exclusão foi uma postura de defesa de uma identidade que se tenta manter pura e preservada, muitas vezes à custa de intolerância.

Em síntese, a pesquisa revela uma sociedade cuiabana marcada por uma forte barreira de fronteiras culturais e sociais, onde expressões regionais carregadas de conotações de exclusão coexistem com uma história de preconceito contra migrantes. Esse cenário expõe os desafios de uma identidade que, embora valorize a memória e a cultura local, também

perpetua atitudes de intolerância que merecem reflexão e enfrentamento para uma convivência mais inclusiva e plural.

Por outro lado, é preciso destacar a revivificação do falar cuiabano por meio do humor. Artistas, por meio de performances cênicas, músicas e mídias digitais, fazem uso do linguajar para criar identidades positivas e de resistência. Segundo Aclyse Mattos (2021), a arte coloca em cena uma linguagem que mantém sua vitalidade, mesmo carregada de estigmas, e pode servir como elemento de libertação cultural.

Ao analisar esse fenômeno, nota-se que os artistas locais vêm utilizando a representação do falar cuiabano para dar visibilidade a uma cultura que, apesar de resistente ao tempo, muitas vezes permanece invisibilizada nos espaços de poder e na narrativa dominante.

Segundo Matos, a arte tem a capacidade de colocar em cena o linguajar regional, conferindo-lhe um novo sentido e democratizando sua presença na sociedade. A criação de personagens que dialogam com essa oralidade e que utilizam o humor como ferramenta tem sido uma estratégia eficaz para gerar identificação e, sobretudo, provocar o reconhecimento de uma verdade muitas vezes desconfortável: o falar cuiabano, com toda sua autenticidade e vivacidade, continua vivo e pulsante. Nesse contexto, o humor se apresenta como um triunfo: ao fazer rir, revela uma realidade que muitos prefeririam ignorar, oferecendo um espaço de resistência e de afirmação da cultura local.

Esse processo de revivificação artística tem suas raízes na obra pioneira do ator Liu Arruda, cujo trabalho iniciou na década de 1980. Arruda utilizou o humor como instrumento de transformação social, promovendo protesto e denúncia por meio do riso. Sua performance demonstrou perspectivas estereotipadas sobre o falar cuiabano, como também abriu caminhos inéditos para sua expressão artística dentro do campo da cultura regional. Ao incorporar o humor na sua atuação, Liu Arruda confrontou o poder hegemônico e desafiou a tentativa de apagamento da identidade cultural local, usando a comédia para dar voz às questões sociais e políticas que afligiam a comunidade.

A relevância de Liu Arruda como precursor do humor cuiabano é incontestável. Seu legado inspirou outros artistas regionais, como Thyago Mourão, que vêm consolidando uma tradição de transformação e resis-

tência por meio da arte. O personagem criado, Xô Dito, representa uma ressignificação do falar cuiabano, levando essa linguagem para além dos espaços tradicionais, promovendo uma democratização de sua visibilidade nos palcos, na mídia e nas manifestações públicas.

A potência da arte, ao frear o avanço das forças homogenizadoras, reside em sua capacidade de criar espaços de liberdade e de resgate identitário. A partir de novas experimentações artísticas, o falar cuiabano ganha novos sentidos, reforçando sua importância como expressão de resistência cultural, no enfrentamento de culturas dominantes. Assim, a arte preserva a memória do linguajar regional e também se constitui em uma força transformadora capaz de influenciar o entendimento social de sua validade, legitimidade e valor.

Em suma, a trajetória do falar cuiabano na arte revela um processo de revivificação que fortalece a identidade regional e contribui para a construção de uma sociedade mais consciente de suas raízes e diversidades. Por meio do humor e da criatividade artística, esse modo de falar encontra novas oportunidades de expressão, resistência e reconhecimento, garantindo, assim, que a cultura cuiabana continue viva e relevante no cenário contemporâneo.

Por fim, percebi que o reconhecimento e a legitimação do falar cuiabano ainda permanecem fragmentados, refletindo tensões entre culturas tradicionais e movimentos de resistência. Essas dinâmicas revelam o caráter de objeto cultural em contínua transformação, que resiste e se adapta ao tempo.

3. A Importância do Mestrado na Minha Formação Profissional

Minha trajetória de formação profissional enquanto jornalista foi profundamente impactada por esse percurso acadêmico. O mestrado me proporcionou uma compreensão aprofundada das relações entre cultura e poder, elementos essenciais para a prática jornalística crítica e pluralista.

A pesquisa colaborou para aprimorar minhas habilidades de análise de discursos, compreender as dinâmicas sociais envolvidas na construção de identidades e valorizar os processos culturais locais. Além disso, a experiência com metodologia inovadora — como o uso do *podcast* — ampliou

minhas possibilidades de abordagem e comunicação em meu trabalho cotidiano.

O estudo também reforçou minha capacidade de dialogar com diferentes públicos, valorizando os sotaques, expressões e saberes populares, contribuindo para uma cobertura mais próxima da realidade social e cultural mato-grossense. Essa formação me capacitou ainda a pensar criticamente sobre as representações midiáticas e a fortalecer o papel do jornalismo na promoção da diversidade cultural.

Como profissional, consolidou o entendimento de que a cultura local não é algo estático ou necessariamente marginalizado, mas uma fonte de resistência, criatividade e afirmação identitária, que deve ser valorizada. A pesquisa, ao contrário de limitar-se à academia, impulsionou minha prática profissional, inspirando-me no desenvolvimento de entrevistas e reportagens, fortalecendo uma comunicação mais inclusiva e participativa.

Um aspecto que considero fundamental ao longo do meu processo de formação foi a orientação do professor doutor Pedro Pinto de Oliveira, cuja orientação e apoio foram essenciais para a ampliação do meu conhecimento e desenvolvimento acadêmico. Sua expertise, dedicação e paciência fizeram toda a diferença na minha trajetória, demonstrando como a excelência na prática do ensino pode transformar vidas e trajetórias profissionais. A sua forma de orientar, sempre pautada pelo comprometimento com o entendimento profundo e a reflexão crítica, despertou em mim uma postura mais analítica, criativa e dedicada diante dos desafios enfrentados na área acadêmica e profissional.

4. Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAMPOS, Cristina. **O Falar Cuiabano**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014.

FRANÇA, Vera. **Comunicação e identidade: a construção do sentido nas interações sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREIRE, Silva. **Obra poética completa**. Cuiabá: Instituto Silva Freire, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PODCAST: **Comunicação, Cultura e Ciência**. [entrevistadora]: Dalila Rodrigues. Entrevistado: Aclyse de Mattos. Cuiabá: PNB Online, 19 mar. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0wEXAr0ZRMkgPKIE5jNa50>. Acesso em: junho de 2025.

PODCAST: **Comunicação, Cultura e Ciência**. [entrevistadora]: Dalila Rodrigues. Entrevistado: Didier Provenzano. Cuiabá: PNB Online, 16 mai. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4ZLC5TyHgqxTkcyjoen1hb>. Acesso em: junho de 2025.

PODCAST: **Comunicação, Cultura e Ciência**. [entrevistadora]: Dalila Rodrigues. Entrevistado: Domingos Sávio. Cuiabá: PNB Online, 30 abr. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4GENvGVj8cas7VSn5Auttn>. Acesso em: junho de 2025.

PODCAST: **Comunicação, Cultura e Ciência**. [entrevistadora]: Dalila Rodrigues. Entrevistado: Mário Cezar Leite. Cuiabá: PNB Online, 28 mai. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2NwIEVoCQ4uDWKvIZzWsQW>. Acesso em: junho de 2025.

Capítulo 10 - Migrante venezuelano; fragilidade e insegurança: Um estudo de caso em Mato Grosso¹

José Elias Antunes Neto²

Cristóvão Domingos Almeida³

Introdução

Um dos países escolhidos foi o Brasil. Entre os motivos observados por nós foi a proximidade territorial, por se tratar de idiomas irmãos e pela hospitalidade do povo brasileiro. Em meio à estratificação social que se registra entre os migrantes, fomos em busca dos menos afortunados conforme artigos e pesquisas anteriores nos mostraram. Certos de que encontraríamos um cenário de instabilidade, insegurança e de pouca esperança a partir do que se noticiava nas mídias, nacional, internacional e locais, encontramos uma terra ainda mais arrasada, conforme vamos descrever neste artigo.

O cotidiano dos venezuelanos em Cuiabá - MT

A insegurança e a fragilidade estão presentes no cotidiano dos venezuelanos que migraram para o Brasil e fixaram residência em Cuiabá, fazem um conjunto de problemas que levam à vulnerabilidade. Torres, (2017, p. 118) “O conceito de vulnerabilidade é uma ideia inerente aos direitos humanos”. O Autor nos diz ainda da subjetividade quando se quantifica e qualifica a palavra vulnerabilidade.

Trata-se de identificar indivíduos e grupos sociais específicos

¹ Trabalho faz parte da Dissertação intitulada “Telejornalismo e Migrações: desafios e dinâmicas dos venezuelanos em Cuiabá-MT”, defendida em 2022 no PPGECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

² Jornalista e Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea- UFMT.

³ Docente do programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e do programa de Pós-graduação em Comunicação na UFMT

com base em premissas a partir das quais seja possível consultar aspectos de fragilidade e, por isso, da necessidade maior de proteção. Na prática, a ideia é bastante subjetiva, ficando a critério do responsável pela proteção a caracterização da eventual situação de vulnerabilidade. (Torres, 2017, p. 118).

Ainda que haja subjetividade na interpretação da palavra, a situação dos venezuelanos no Brasil se apresenta com características de profunda vulnerabilidade. Crianças e mulheres foram os que tiveram seus problemas mais visíveis nesse contexto, gerado a partir da crise político/social que se instalou na Venezuela com agravamento a partir da segunda década do século XXI, evoluindo para um ponto extremamente crítico, culminando com migrações forçadas. A feminilização apresenta-se de forma bem acentuada. Conforme afirma Romera (2017), essa realidade é antiga, com as mulheres entrando para o mercado de trabalho. Em muitos casos, afirma a autora, a única renda da família vem do trabalho da mulher.

(...) em épocas passadas elas eram vistas mais enquanto meras acompanhantes de seus esposos – estes, sim, iam para outro país com fins de realizar uma atividade considerada como produtiva – enquanto que, na realidade, tem-se percebido uma mudança nesse perfil, com diversas mulheres migrando com o objetivo de trabalhar no país de destino, contribuindo para a renda familiar ou até mesmo sustentando a si e sua família. (Romera, 2017, p. 41)

Entretanto, ainda que elas façam parte de forma ativa da força de trabalho, Romera chama atenção para a desigualdade de gêneros, com as mulheres percebendo rendimentos menores que os homens e ocupando cargos de menor relevância. Romera (2017, p. 43) relata que “observamos, pois, que o trabalho feminino se envolve em uma dicotomia, que contrapõe a grande inserção no mercado à ocupação de atividades precárias, com baixos salários e poucas garantias à trabalhadora”. Esse contexto é encontrado também em Antunes Neto (2022), em que as mulheres comandam suas casas, saem em busca de trabalho remunerado, e em muitos casos são mães solteiras. Ainda que sejam casadas, os homens normalmente não se apresentam para fazer parte das discussões sobre os problemas que afetam os migrantes.

Além da vulnerabilidade, outro ponto chamou-nos a atenção: a participação das mulheres para garantir o mínimo necessário para sobreviver. Ao se apresentarem como chefes de família, percebe-se o protagonismo feminino. (Antunes Neto, 2022, p. 62)

A ausência dos governos latino-americanos nesse processo agrava ainda mais essa fragilidade. Canclini (2015, p. 173) destaca “um aspecto-chave é se poderia ser construída efetivamente, com suportes jurídicos e políticos, uma cidadania latino-americana tal como se fala e se pratica uma cidadania europeia”. Percebe-se então que se trata de um povo fragilizado a partir da própria identidade.

Na pesquisa por nós apresentada para defesa de mestrado, não ficaram claras as razões que levam os homens a se colocarem na “retaguarda” sem nem mesmo se apresentarem nas discussões dos grupos onde colhíamos as impressões e percebíamos os afetos por meio da observação. Uma das atividades das mulheres para levar dinheiro para casa era vender pirulito no semáforo das principais avenidas da capital de Mato Grosso. Todas eram mães. Uma delas, com quatro filhos e grávida de oito meses, dependia da irmã que se arriscava nos sinaleiros de Cuiabá, explicou os motivos da sua dependência e falou dos seus sonhos. Destacamos que nas citações foram utilizados nomes fictícios para não revelar as identidades.

Porque eu não posso trabalhar neste momento, ela me ajuda, a mim, ela vai pedir no farol, mas ela me ajuda com tudo. Mas, opino que é por um tempo, já quando conseguirmos emprego/trabalho, já temos que deixar isso (pedir), e trabalhar no nosso, isso é temporal, e agradeço muito às pessoas que têm ajudado aí. (Ouro, 31/10/2021, depoimento).

Seres humanos, vítimas de suas próprias escolhas e do sistema capitalista mundial que acentua as desigualdades. A investigada que chamamos de Ouro, à época, 2021, tinha 32 anos de idade. Pelas suas palavras, via pouca perspectiva para sair da linha de extrema pobreza e de todas as formas de insegurança, situação que se agravava também por ser indocumentada. Assim como a necessidade da criação de uma cidadania latino-americana defendida por Canclini. Amado chama atenção para a urgência da criação de um sistema jurídico internacional de proteção aos

migrantes latinos.

Diante das evidentes privações e exploração que sofrem os migrantes, potenciais trabalhadores, ao adentrarem no país receptor, urge reconhecer a existência de um sistema jurídico internacional de proteção ao trabalhador migrante, o que deveria ensejar uma posição mais humanamente responsável por parte dos principais países de destino das rotas migratórias. (Amado, 2017, p. 17).

Em Mato Grosso, os que chegaram na terceira fase do fluxo migratório para o Brasil foram os que mais sofreram com a dificuldade em conseguir os documentos necessários para permanecer legalmente no país.

Indígenas venezuelanos – desemprego e insegurança

De todas as famílias observadas, apenas uma não aparentava o protagonismo das mulheres. Um homem falou em nome de todos da etnia indígena Warao, a segunda mais conhecida na Venezuela depois dos Pemone. De acordo com Canclini (2015), há uma questão cultural em que as mulheres não se apresentam como líderes.

Diz-se também que as relações dentro dos grupos indígenas são de reciprocidade e de hierarquia, com dominação dos homens sobre as mulheres, dos anciãos sobre os jovens, dos católicos sobre os outros grupos religiosos, dos que se apropriam de mais terras ou têm relações preferenciais com os mestiços ou com os brancos. (Canclini, 2015, p. 39).

Os indígenas venezuelanos demonstraram ainda mais fragilidade. Por questões culturais eles não se separaram. Encontramos em uma casa de um residencial construído pelo governo, moradia de sala, dois quartos, banheiro e cozinha, que abrigava vinte e sete pessoas entre homens, mulheres, jovens, crianças e idosos. A falta de trabalho, por serem indocumentados, era a principal reclamação. A falta de documentos seria uma das causas da vulnerabilidade. Segundo os Warao, o problema se agrava com a demora do governo em expedir a documentação dos migrantes.

É muito difícil para conseguir os documentos, tem que ter paciência esperando a resposta, por isso que te falo, na casa pastoral

do imigrante levou 1 ano para minha nora ter informação. Apenas há 1 semana chegou a resposta, e foi na Polícia Federal, e demorou 1 ano para isso. (Homem das Águas, 02/10/2021, depoimento).

Outras diferenças criadas pelo neoliberalismo também contribuem para agravar a situação dos indígenas na América Latina, segundo Canclini.

Os indígenas não são diferentes apenas pela sua condição étnica, mas também porque a reestruturação neoliberal dos mercados agrava a sua desigualdade e exclusão. Sabemos em quantos casos sua discriminação étnica adota formas comuns a outras condições de vulnerabilidade: são desempregados, pobres, migrantes sem documentos, homeless, desconectados. (Canclini, 2015, p. 66).

Eles moram nas periferias, locais onde falta quase tudo como saúde pública, saneamento, escolas e segurança pública, o mínimo necessário para as famílias viverem com dignidade. Em dois bairros mais pobres de Cuiabá, ficam próximos de uma área nobre com shopping e todas as condições para se viver, encontramos cinco famílias em cinco quitinetes de quarto, cozinha e banheiro onde moravam até sete pessoas, marido, mulher e cinco filhos. Do alto do morro onde fica o bairro é possível ver a dicotomia da vida na cidade. Enquanto, ali, barracos e cubículos abrigam dezenas de famílias, é possível contemplar uma realidade diferente mais adiante. De um lado o poder econômico e do outro desemprego e fome. Conforme Silva e Souza a desigualdade é visível inclusive entre os venezuelanos que vieram para o Brasil.

A migração venezuelana para o Brasil se estabeleceu em três fases, sendo a primeira composta por integrantes da classe alta; a segunda, por pessoas que faziam parte da classe média, como liberais e comerciantes; e a terceira, por pessoas desafortunadas, que são identificados sob o prisma da vulnerabilidade. (Silva; Souza, 2018, p. 106).

Em nossa investigação trabalhamos com as pessoas desafortunadas, famílias que dividiam o pouco que conseguiam, até mesmo um velho e desatualizado aparelho de telefone celular. Na visão de Hall (2020), para que se alcance patamares melhores e igualdade social, é preciso que se

mude as formas de agir e pensar a partir do governo e sociedade organizada nas diversas culturas.

Mudanças em uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondidas. Tais mudanças de perspectivas refletem não só os resultados do próprio trabalho intelectual, mas também a maneira como os desenvolvimentos e as verdadeiras transformações históricas são apropriados no pensamento e fornecem ao Pensamento, não sua garantia de “correção”, mas suas orientações fundamentais, suas condições de existência.” (Hall, 2020, p. 143)

Dialogando com os autores que ora apresentamos é possível ter uma visão mais ampliada dos problemas que devem ser enfrentados por todas as camadas da sociedade e instituições como a igreja, sindicatos, a classe empresarial, a mídia e governos, para que haja uma equalização dos problemas mostrados neste artigo em que nos deparamos com um dos maiores desafios a serem enfrentados que é a redução da desigualdade social.

Diante da realidade a qual os migrantes venezuelanos se depararam com a crise da Venezuela, tornou-se inevitável a desterritorialização, debatida por Canclini, com remota possibilidade de territorialização dos que vieram para o Brasil e dos que seguiram para diversos outros países.

Considerações Finais

Diante dos percalços narrados por personagens da vida real, tudo podemos concluir e a nem um resultado chegar. Concluo porque é preciso encerrar a conversa e deixar as sugestões para irmos em busca das respostas que nem sempre encontramos no pensamento esvaziado quando já não conseguimos mais pensar. Falamos de gente que vem de longe para tentar a sorte em terras brasileiras, empurradas pelas crises político/sociais, as guerras que não foram criadas pelas vítimas, quando no máximo tiveram a participação apoiando seus candidatos na esperança de um mundo melhor.

Quando estudamos histórias de vida do outro que chega de outros os países, principalmente latino-americanos, em nosso exercício do pensar,

somos convidados a trazer nossos olhares para mais perto de nós, a situação dos brasileiros que migram de cidade em cidade, de comunidade em comunidade ou entre os morros e favelas. Assim como os venezuelanos que buscaram guarida no Brasil, brasileiros vivem na linha e/ou abaixo da linha da pobreza sem a certeza de que haverá um novo amanhã. Para ilustrar esse pensamento lembremo-nos um pouco de uma ficção nordestina tirada da realidade da vida dos retirantes das regiões mais áridas do Nordeste, o poema dramático “Morte e vida Severina”⁴ de João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Escrito entre 1954 e 1955.

Esta cova em que estás, com palmos medida
É a conta menor que tiraste em vida
É de bom tamanho, nem largo, nem fundo
É a parte que te cabe deste latifúndio
Não é cova grande, é cova medida
É a terra que querias ver dividida
É uma cova grande pra teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
É uma cova grande pra teu defunto parco
Porém mais que no mundo, te sentirás largo
É uma cova grande pra tua carne pouca
Mas a terra dada não se abre a boca
É a conta menor que tiraste em vida
É a parte que te cabe deste latifúndio
(É a terra que querias ver dividida)
Estarás mais ancho que estavas no mundo
Mas a terra dada não se abre a boca

No olhar para o que seria o quintal de casa, com base em questões religiosas, João Cabral de Melo Neto, aborda um tema universal. A luta pela sobrevivência de um povo, assim como os venezuelanos fugindo da crise política dos seus governos. Dos haitianos, expulsos de suas casas por uma tragédia, os terremotos de 2010 e em 2023, a uma das maiores car-

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/morte-e-vida-severina.html>. Acesso 17/10/2023.

nificinas que o mundo já viu na disputa por território no Oriente Médio onde Israel e o grupo terrorista Hamas travam a mais sangrenta das batalhas dos últimos tempos. Aos refugiados restará muito pouco ou nada, ou somente uma cova rasa, com palmos medida.

A partir da visão dos autores Hall, Canclini, Romera e Amado entre outros que visitamos para embasar a teoria deste artigo, chegamos à conclusão de que as políticas públicas para o acolhimento das vítimas são insuficientes para atendê-las. O capitalismo apresenta suas diversas faces, entre elas a misoginia e o machismo. As políticas não podem ser curativas, o apagar do fogo quando as “bombas” estouram. É necessário que todas as formas de radicalismo sejam extirpadas por meio do conhecimento para a construção de argumentos que evitem a polarização, as notícias falsas e o fundamentalismo religioso ao redor do mundo, para que haja paz. A guerra não está somente entre Ucrânia e Rússia, Israel e Hamas. Entre todas as guerras, uma das piores e permanentes é a guerra da desinformação e as guerrilhas urbanas.

Referências

AMADO, T. D. A. **A condição jurídica do trabalhador migrante no âmbito normativo internacional**. In: Migração, trabalho e direitos Humanos. JÚNIOR, A, R, de F.; TORRES, B.; Filho, D. B. (Orgs.). São Paulo: LTr, 2017. p. 17 – 30.

ANTUNES NETO, J. E. **Telejornalismo e Migrações e Dinâmica dos Venezuelanos em Cuiabá – MT** Dados eletrônicos (1 arquivo: 126 f. pdf) – 2022. Orientador Almeida, C, D. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. Cuiabá. 2022. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/3935>. Acesso em: 10 de jan, 2023.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

HALL, S. **Da diáspora – Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ROMERA, H, D. **Análise das especificidades de gênero do processo migratório internacional**. In: JÚNIOR, Antônio Rodrigues de Freitas; TORRES, Daniel Bertolucci; FILHO, Jorge, Cavalcanti, Boucinhas (Orgs.) *Migração, trabalho e direitos Humanos*. São Paulo: LTr, 2017. p.41 – 54.

SILVA, F, C, A. SOUZA, E, M. **A migração venezuelana e o aumento da pobreza em Roraima**. *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 14, n. 27, p. 105-119, 2018. Disponível em: LVA, F, C, A. SOUZA, E, M. *A migração venezuelana e o aumento da pobreza em Roraima*. *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 14, n. 27, p. 105-119, 2018. Ver em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/855/1027>. Acesso em 15.10.2025

TORRES, D, B. **Vulnerabilidade e exploração: considerações sobre as relações entre o migrante e o trabalho em condição análoga à de escravo**. In: *Migração, trabalho e direitos Humanos*. JÚNIOR, Antônio Rodrigues de Freitas; TORRES, D, B.; FILHO, J, C, B. (orgs.). São Paulo: LTr, 2017. p. 117 -132.

Capítulo 11 - Do Mestrado ao Doutorado - Do Olhar Sobre as Crianças e a Cultura Digital para o Protagonismo Feminino no Cuidado Familiar e Comunitário¹

Gracielly Soares Gomes²

1. Introdução

Ao explorar a minha trajetória como pesquisadora desde o mestrado até o doutorado, este artigo destaca aspectos do estudo desenvolvido, bem como reflete sobre os resultados obtidos e possíveis contribuições para o campo acadêmico. Além disso, serão apresentadas as principais conclusões da dissertação de mestrado e uma visão geral do projeto de pesquisa em andamento no doutorado. A partir dessa contextualização, podemos adentrar ao desenvolvimento deste artigo, explorando em detalhes a minha trajetória como pesquisadora, meus estudos, resultados e reflexões.

A trajetória acadêmica de um pesquisador é um processo dinâmico, caracterizado por aprendizado contínuo, crescimento e busca por novas descobertas. Durante o mestrado, a pesquisa concentrou-se na interseção entre crianças e mídias digitais, examinando a relação complexa entre cultura e conhecimento. Essa investigação explorou as formas como as crianças interagem com as tecnologias digitais e como essas interações moldam sua compreensão do mundo ao seu redor. Ao explorar as influências culturais nas experiências digitais das crianças, em paralelo com a educação no ambiente escolar, essa pesquisa buscou identificar as dinâmicas complexas desse fenômeno contemporâneo.

A partir da base estabelecida durante o mestrado, a pesquisa de dou-

¹ Trabalho faz parte da Dissertação intitulada CRIANÇAS E MÍDIAS DIGITAIS: CULTURA E CONHECIMENTO, defendida em 2019 no PPGECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea PPGECCO/UFMT. E-mail:graciellysgomes@gmail.com

torado da autora direcionou seu foco para o conceito de protagonismo feminino no cuidado familiar, com ênfase nas famílias residentes em Bon-sucesso, comunidade ribeirinha mais antiga de Várzea Grande-MT. Essa investigação tem como objetivo explorar os papéis e responsabilidades assumidos pelas mulheres no contexto do cuidado familiar atrelada ao eixo da Saúde Única, destacando a participação ativa e a influência na formação cultural do cuidado entre as meninas da família. Espera-se que ao examinar as experiências dessas mulheres, o estudo possa contribuir para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de gênero nas estruturas familiares.

2. Mestrado: crianças e mídias digitais: cultura e conhecimento

O celular se destaca como um dispositivo que facilita a construção de uma nova cultura, alterando a forma como crianças e adolescentes se relacionam com o mundo e consigo mesmos. Anteriormente, eram utilizados diversos aparelhos eletrônicos para se conectar com as diferentes mídias, mas agora tudo está incorporado em um único dispositivo móvel, através do qual esses indivíduos constroem seus próprios universos íntimos (Moreira, 2015; Pereira, Brasil, Vidigal, Vicente, 2015).

A presença dessas tecnologias no ambiente escolar é significativa no processo de ensino e aprendizagem. Podem ser ferramentas importantes para apoiar a socialização escolar, uma vez que já fazem parte da vida das crianças e adolescentes. “Uma de suas funções é contribuir para compensar as desigualdades que tendem a afastar a escola dos jovens e, por consequência, dificultar que a instituição escolar cumpra efetivamente sua missão de formar o cidadão e o indivíduo competente” (Bévort; Belloni, 2009, p.1084).

As atividades pertinentes à cultura digital da criança e do adolescente, quando inseridos no ambiente escolar, tendem a impulsionar a ludicidade e a criatividade, ao mesmo tempo em que incentiva o indivíduo na construção e amadurecimento de suas descobertas. Essas vivências proporcionam o desenvolvimento de suas habilidades, competências e inteligências subjetivas (Santos, 2014; Gomes, 2016).

As mídias digitais compõem várias dimensões da vida contemporânea

e integra a cultura lúdica construída pelas crianças dessa geração, caracterizada pela simultaneidade de ações midiáticas na realização de suas atividades escolares e não escolares. A educação tem nessa relação um desafio ao considerar essas práticas midiáticas opostas aos objetivos e métodos de ensino escolares. A dissertação de mestrado apresentou alguns dados acerca do modo como as atividades e processos interativos e criativos se revelam nas práticas culturais de consumo de mídias digitais entre crianças do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, e as formas de uso de produções e recursos audiovisuais (*smartphones*, *MP4 player*, *tablets*, *videogames*, entre outros) no processo de socialização e criatividade desses estudantes, avaliando a ocorrência dessas ferramentas com a atribuição de caráter livre e criativo.

A pesquisa foi realizada em duas escolas, uma privada localizada na região leste de Cuiabá, e uma pública, localizada na região sul da capital. Foram selecionadas uma turma do sexto e uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental em cada escola. A pesquisa envolveu entrevistas com coordenadores e professores, observações em sala de aulas e em espaços de recreação e atividades coletivas, aplicação de questionários aos alunos e entrevistas em grupo com os alunos que responderam aos questionários. Todos os procedimentos seguiram os parâmetros éticos estabelecidos pelo Comitê de Ética e Humanidades da Universidade de Mato Grosso, incluindo a participação apenas de alunos autorizados pelos pais.

A partir da pesquisa de mestrado foi possível observar que a escola ainda é pensada preponderantemente apenas como um espaço de transmissão de conhecimento, com a centralização do poder dos adultos sobre as crianças. Isso limita a participação efetiva das crianças no ambiente de aprendizagem. O adultocentrismo influencia a forma como os adultos entendem e restringem a participação das crianças. O medo da perda de autoridade dos adultos sobre as crianças pode ser um dos motivos para esse comportamento. A brincadeira e a criatividade são elementos essenciais no desenvolvimento das crianças. A cultura lúdica se diversifica de acordo com o contexto, faixa etária e sexo das crianças. Os dispositivos tecnológicos fazem parte da cultura lúdica contemporânea e podem ser benéficos se utilizados de forma orientada e consciente. A escola deve considerar a cultura lúdica como parte integrante da cultura escolar. É

importante aprender com as crianças e adolescentes para acompanhar as mudanças causadas pelo desenvolvimento tecnológico. Aos pais cabe o exercício de controle e orientação sobre o uso das mídias digitais pelas crianças, promovendo a reflexão crítica sobre o conteúdo acessado. Já, da escola, espera-se reconsiderar as práticas e tornar o ambiente escolar atrativo, promovendo a participação dos alunos nos processos educacionais.

Foram analisadas as diferenças na socialização e comportamento de crianças em diferentes escolas. Os alunos da Escola particular apresentaram comportamentos mais infantis, enquanto os da Escola pública apresentaram comportamentos mais sexualizados. Além disso, os alunos do 7º ano da Escola particular demonstraram características comportamentais de faixas etárias inferiores, enquanto os do 6º ano da Escola pública demonstraram comportamentos de faixas etárias superiores. Isso indica que as crianças vivenciam infâncias distintas de acordo com o contexto social em que estão inseridas. O fator econômico também pode influenciar no prolongamento ou encurtamento da infância. O estudo também abordou a relação entre a infância, as mídias digitais e o ensino escolar.

Durante a observação das crianças foi possível constatar que cada turma apresentava diferentes formas de vivenciar a infância, de acordo com o contexto social em que estavam inseridas. Essas diferenças corroboram o conceito de Postman (2006), de que a infância assume aspectos singulares dependendo do contexto econômico, religioso e intelectual em que se manifesta. O fator econômico parece desempenhar um papel determinante na duração dessa fase da vida. Com base nos resultados obtidos, verificamos que os contextos em que as crianças estão inseridas não apenas influenciam a concepção de infância, mas também determinam se ela será prolongada ou encurtada.

3. Doutorado: O Protagonismo Feminino no Cuidado das Famílias de Bonsucesso

Ao longo da história, as mulheres têm desempenhado um papel fundamental como protagonistas nos cuidados com a família e em situações relacionadas à saúde. Essa relação afetiva entre as mulheres e seus entes familiares nos ajuda a compreender o lugar da mulher na sociedade. A

formação da identidade feminina está diretamente ligada à cultura, aos grupos sociais e ao contexto familiar. O cuidado é entendido como um modo de agir na vida cotidiana, caracterizado por atenção, responsabilidade, zelo e dedicação às pessoas e coisas em diferentes momentos e lugares. A cultura desempenha um papel importante na forma como vivemos, nos expressamos, aprendemos e convivemos, e inclui valores, símbolos, normas e práticas. As práticas culturais são manifestas por meio da participação de cada indivíduo no grupo. A cultura se apresenta como um ambiente que torna possível a relação entre as pessoas.

As normas e padrões sociais atribuem papéis de gênero, definindo as permissões e expectativas para meninos e meninas, homens e mulheres. O papel de cuidadora atribuído às mulheres é resultado de uma construção social e histórica, em que as meninas são ensinadas desde cedo a desempenhar tarefas relacionadas ao cuidado. Além disso, as mulheres também se envolvem em ações relacionadas à preservação do meio ambiente, liderança comunitária, proteção animal e medicina popular. No entanto, apesar do importante trabalho desempenhado pelas mulheres no cuidado, muitas vezes suas contribuições são invisibilizadas e suas realizações passam despercebidas. Diante desse contexto, surge a seguinte questão: como o protagonismo feminino no cuidado é construído no cotidiano de uma comunidade e na educação de meninas adolescentes, tanto no âmbito familiar quanto escolar?

Como sabemos, as mulheres sempre estiveram na linha de frente quando se trata de cuidados com a saúde da família e da comunidade. No entanto, é importante compreender os aspectos implícitos e explícitos desse cuidado, bem como os processos comunicacionais e culturais envolvidos nessa prática. A atribuição de atividades de cuidado, como responsabilidade feminina, reflete nos campos profissionais e no mercado de trabalho. Mulheres compõem a maioria dos profissionais de saúde, ocupando cargos como agentes comunitários de saúde, enfermeiros, técnicos de enfermagem e auxiliares de enfermagem.

A cultura desempenha um papel crucial na atribuição dessas responsabilidades de cuidado, destacando o gênero como fator determinante na escolha do cuidador. Essa dinâmica perpetua a expectativa social de que as mulheres são naturalmente habilitadas para o cuidado, tanto na famí-

lia como na sociedade. As relações de gênero e a cultura do cuidado são transmitidas entre gerações, influenciadas pelas práticas comunicacionais e mutações culturais.

A pesquisa, de natureza qualitativa, busca identificar e analisar os processos comunicacionais presentes na cultura do cuidado feminino, com foco nas percepções e práticas das mulheres ribeirinhas da comunidade de Bonsucesso, localizada em Várzea Grande. O objetivo é compreender como essas mulheres desempenham um papel fundamental no cuidado da saúde de suas famílias e da comunidade em que estão inseridas, explorando tanto os aspectos implícitos como os explícitos do protagonismo feminino no cuidado da saúde única, considerando a relação entre saúde humana e meio ambiente. Além disso, busca-se compreender como esses conhecimentos e práticas são transmitidos entre as gerações de meninas e mulheres ribeirinhas.

4. Considerações Finais

A mudança de temática entre o mestrado e o doutorado foi motivada pela busca em ampliar a compreensão sobre questões sociais relevantes e explorar novas áreas de pesquisa. Durante o mestrado, o estudo sobre crianças e mídias digitais permitiu uma análise aprofundada da relação entre cultura e conhecimento nesse contexto específico do ambiente escolar. No entanto, ao refletir sobre as demandas e desafios enfrentados pelas mulheres cuidadoras, senti a necessidade de direcionar meu olhar para o protagonismo feminino no cuidado familiar em consonância com Saúde Única, especificamente para desenvolver essa pesquisa em uma comunidade ribeirinha com tanta cultura a ser estudada.

Essa motivação surgiu da percepção de que as mulheres desempenham um papel fundamental nas dinâmicas familiares, sendo responsáveis pelo cuidado e sustentação emocional dos membros da família, além de enfrentarem diversas barreiras e desigualdades de gênero. A escolha de Bonsucesso como cenário para a pesquisa se deu pela relevância social dessa comunidade e pela intenção de dar alcance a voz dessas mulheres que vivenciam essas realidades.

Dessa forma, a mudança de temática reflete o meu compromisso

como pesquisadora em abordar questões sociais pertinentes e contribuir para a compreensão e valorização do protagonismo feminino no cuidado familiar e comunitário. A pesquisa no doutorado busca, assim, ampliar o conhecimento sobre as experiências e cultura dessas mulheres nos campos do cuidado e da Saúde Única, e identificar os modos como tudo isso é transmitido entre as gerações das famílias de Bonsucesso.

5. Referências

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação e Sociedade**. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>. Acesso em 10 out. 2018.

GOMES, S. dos Santos. **Infância e Tecnologias**. In COSCARELLI, Carla Viana (Org.). Tecnologias para aprender. São Paulo: Parábola, 2016. 190 p.

MOREIRA, Benedito Dielcio. Jovens e as Tecnologias: Entre a poética e o controle técnico. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**. Brasília, Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade católica de Brasília - UCB, 2015.

PEREIRA A.M.R; BRASIL, K.T.R; VIDIGAL, A; VICENTE, M. V. D. O audiovisual como um recurso de expressão na adolescência. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**. Brasília, Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília - UCB, 2015.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2006.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O brincar na escola: metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 108 p

Capítulo 12 - Albergue da juventude, perfil dos jovens que se hospedam em Cuiabá, Mato Grosso¹

Débora Moreira Mello²

Pedro Pinto de Oliveira³

1. Introdução

A relação entre turismo e cultura torna-se um valioso instrumento de enriquecimento cultural para as pessoas em geral. A convivência com a diversidade cultural pode estar vinculada à compreensão e aceitação das pessoas com suas diferenças. Concordando, assim, com a ideia de Jostin Kripendorf (2001, p. 51), que definiu o ato de viajar:

Viajar é partir para a descoberta de si mesmo. É em um ambiente diferente do nosso que se tem a consciência da nossa realidade, é nas viagens que descobrimos caminhos que levam ao enriquecimento pessoal, nos ocupamos com nós mesmos, exploramos nossa alma, redescobrimos nossa harmonia interior para compararmos com outras pessoas, outras experiências e descobrir nossas aptidões.

Entendemos, assim, que viajar pode proporcionar o enriquecimento

¹ Esse artigo trata-se de um recorte de uma dissertação realizada no ano de 2014 vinculada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia oferecido pelo Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais - ICHS

² Possui graduação em Turismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT (2011) Licenciatura em Geografia pela Faculdade Única (2023) Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT (2014). Especialização em Gestão de Pessoas pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT (2021) e Doutorado pelo Programa de Estudos de Cultura Contemporânea- ECCO/ UFMT (2023). Professora do Instituto Federal de Mato Grosso

³ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014). Pós-Doutorado em Comunicação e Artes na Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã/Portugal (2017). Docente e Pesquisador Associado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO/UFMT e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM/UFMT.

cultural, visto que não se trata somente de um deslocamento espacial, mas de um ato de contemplação capaz de operar mudança no estado de espírito do ser humano, por meio do contato entre as culturas e pessoas. O crescimento pessoal torna-se mais completo ao observar que a prática de uma simples viagem não é somente uma fuga do cotidiano, mas sim o descortinar de um mundo novo de experiências e sensações que podem ser vividas em um ambiente desconhecido.

Diante do exposto, o artigo proporciona uma reflexão sobre o perfil, motivações e interesses desse turista com base no consumo do serviço de *Hostelling International*, precisamente o Albergue da Juventude Pantanal, na cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. A partir desse cenário, traçamos como objetivo principal verificar se o albergue em questão se enquadra nas características e filosofia da rede HI, como um espaço de intercâmbio cultural e vivências entre pessoas de todas as idades, nacionalidades e idiomas, em busca de um turismo acessível e de baixo custo, sob o olhar do Turismo da Juventude.

2. Referencial Teórico

Compreendemos que a viagem praticada pelos jovens tem uma motivação diversa que vai além das férias típicas escolares, a ela incluem-se os fatores como o desejo de experimentação de outras culturas, aprendizagem, novas vivências e o enriquecimento pessoal. A viagem que os jovens buscam é motivada por vários fatores, incluindo o desejo de experimentar outras culturas, construir experiência de vida e beneficiar de oportunidades de aprendizagem formais e informais noutros locais e/ou países.

Um conceito mais específico é aplicado pela UNWTO (2008), entendendo que o Turismo da Juventude é turismo praticado por pessoas jovens até aos trinta anos, que viaja fora do seio familiar e que inclua pelo menos a estada de uma noite. É também um segmento que engloba uma diversidade de perfis, como o intercâmbio estudantil, viajantes jovens independentes e os *backpackers*⁴, entre outros que compõem o público-alvo

⁴ Denominação mais utilizada a nível internacional para descrever os turistas que viajam de maneira independente, flexível e econômica.

dos *hostels* (Nash, Thyne e Davies, 2006). Medaglia e Ortega (2015) destacam também que as atividades turísticas dos jovens viajantes suscitam benefícios sociais e culturais nas comunidades e espaços de acolhimento e que perduram no médio e longo prazo, ao mesmo tempo em que produzem informações enquanto sujeitos tecnológicos e sensíveis a questões sociais e ambientais compatíveis com seus valores educacionais.

Nesse sentido e a partir do panorama descrito sobre esse jovem consumidor, surge o hostel ou albergue. Um meio de hospedagem que favorece a troca de experiência e convívio coletivo, contudo mantendo a individualidade de cada hóspede. Esse moderno contexto socioespacial é marcado pela singularidade e baseado na filosofia de Bahls, 2015; Barretto, 2001; Brenner & Fricke, 2007; Coburn, 1950; Giaretta, 2003; Heath, 1962; Hostelling International, 2014; Trotta, 1978.

Diante disso, percebemos o crescimento do serviço de *hostelling* diante da expansão do turismo da juventude, dado que os jovens turistas passaram a buscar uma hospedagem que proporcione vivências, além de oferecer um serviço de qualidade por um preço mais acessível. Nesse sentido, o Albergue da Juventude (AJ) é um dos exemplos de tendências no mercado turístico que envolvem os jovens. Nos albergues são oferecidos quartos individuais com serviços mais personalizados, sempre com a presença de dormitórios coletivos e com diárias a partir de US\$12. (Boiteux, 2009). Os Albergues da Juventude no Brasil compõem a rede Hostelling International (HI), bem como outros Albergues que não estão vinculados à rede internacional, considerados como hostels independentes.

O início do *Hostel International* aconteceu em 1909 na Alemanha, quando o professor Richard Schirmann promoveu atividades pedagógicas para seus alunos e organizou grupos de jovens para realizar pequenas viagens de estudo. Após essas viagens, o professor descobriu a possibilidade de criar uma alternativa de hospedagem para seus alunos que não fosse apenas o pernoite em hospedarias (Hostel, 2010).

No final da década de 1920, o alberguismo se espalhou por toda a Europa, e na década de 50 chegou à América do Sul. O primeiro Hostel brasileiro recebeu o nome de "Residência Ramos" e foi construído no bairro de Ramos, no Rio de Janeiro. (Hostel, 2010). Trata-se de um segmento de hospedagem, considerado não convencional,

Albergues da Juventude Internacionais existem para ajudar jovens a viajar, conhecer e amar a natureza e apreciar os valores culturais das pequenas cidades e grandes metrópoles. Estes variam de região para região, mas as características gerais são as mesmas, ofertam dormitórios, toaletes separadas por sexo, sala de estar e cozinha e são regidos por uma filosofia mundial. (Trotta, 1978, p. 17).

Diferente de outras hospedagens, o AJ possui sua própria filosofia internacional⁵ bem como programas de descontos na estadia por meio de carteirinha de associados, além de atrativos turísticos de baixo custo que, segundo Santos (2015), torna-se vantajoso economicamente pois oferece diárias cerca de 30% mais baratas que uma hospedagem hoteleira ou quartos privados, alcançando, dessa forma, classes econômicas de menor poder aquisitivo. Salientamos, ainda, que os AJ primam pela ideia de que “todos possuem o direito de viajar”. Sua filosofia deve evidenciar “o espírito de amizade, o sentimento de solidariedade e o anseio de viajar, e deve, principalmente, amar a liberdade, dignificar a convivência humana e o respeito” (Hostel International, 2010). Essa modalidade de hospedagem tem no público-alvo os jovens, embora, atualmente, observamos a presença de famílias, além adultos e idosos.

Em Mato Grosso, a presença da rede HI era no Albergue de Juventude Pantanal. Atualmente esse hostel não se encontra mais aberto, o HI presente no estado é o *Hostel Pantanal Backpacker*, em Chapada dos Guimarães- situado a 60 Km da cidade de Cuiabá, Mato Grosso. Lélis e Toledo (2015) e Silva (2014) afirmam que os hostels possuem características específicas de cada ambiente, fundindo coletivo e individual, democratizando o local de modo a proporcionar uma maior socialização. Dentre os espaços de convívio coletivo que favorece a ideia de enriquecimento pessoal por meio da troca de vivências destacamos a cozinha, sendo ela um dos elementos mais interessantes desse segmento de hos-

⁵ Segundo o Hostel International (2010), o valor associado a essa tipologia de hospedagem é o de fomentar a educação de jovens de todas as nações, especialmente os de recursos limitados, estimulando neles um maior conhecimento, afeto e cuidado com a natureza, assim como um conhecimento dos valores culturais das cidades, tanto grandes como pequenas, de todas as partes do mundo.

pedagem, como um espaço bem característico de um *hostel*, visto que a maioria deles oferece a cozinha comunitária, favorecendo a economia nas refeições, reajustando, assim, suas prioridades de forma a adequar seus gastos à suas vontades, e, conseqüentemente, possibilitando-o fazer mais passeios na cidade visitada ou permanecendo mais dias hospedado.

Geralmente, as pessoas que se hospedam sozinhos em AJ's buscam se hospedar nesse segmento não somente pelo baixo custo ou a troca de experiências com a cultura local, mas também pela companhia de pessoas com as quais formam laços de amizades adquiridos ao longo da estada. Para Correa e Rosendahal (2005), o hostel é um "lugar de significação", dotado de emotividade e relações sociais e culturais que se estabelecem como companhia para aqueles que evitam a solidão. Esses significados e relações não são estabelecidos dentro dos hotéis como ressalta Boiteux (2009).

3. Métodos

Com suporte metodológico em Marconi e Lakatos (2009), a pesquisa é de caráter exploratório e contou com o universo de cinquenta alberguistas que, por meio de conversas e entrevistas, contribuíram para a construção de dados que passam a ser analisados e expostos neste artigo sob a base de um referencial teórico sólido de pesquisadores como Giaretta (2009), Volante (2011), Bahls (2015), Santos (2015) Tuan (1983), Krippendorff (2001) entre outros.

Como instrumento de pesquisa, a coleta de dados se deu por meio de questionários com questões abertas e fechadas. Os questionários foram aplicados nos idiomas espanhol, português e inglês. A aplicação deu-se pelo contato indireto e direto com os entrevistados. A escolha do AJ se deu por acessibilidade, pois o Pantanal era o único Hostel de Mato Grosso localizado em Cuiabá. A pesquisa foi realizada durante o mês de setembro de 2012 a janeiro de 2013. Foram ouvidos um total de 50 alberguistas.

Os instrumentos de pesquisa foram modelados para o programa IBM® Statistical Package for the Social Sciences (SPSS®). A partir da utilização desse programa, dados interessantes para o amparo das discussões surgiram, tais como a facilidade de comparação entre dados fornecidas pelo programa, cruzamento de dados do objetivo da viagem em relação ao

estado de procedência ou ainda o gasto médio da viagem em relação ao período da viagem, além de detalhes em relação ao perfil de turista.

4. Resultados

Dos cinquenta alberguistas entrevistados, 67,40% vieram à Cuiabá somente para a realização profissional. A partir das informações levantadas, realizamos o cruzamento de dados a fim de compreender a relação “idade e objetivo da viagem⁶”, indicando que dos alberguistas com idade entre **15 a 20 anos**, 2% visitaram o Pantanal acompanhados dos pais; 8% estavam em Cuiabá para a participação em eventos esportivos escolares. Entre **21 e 25 anos**, 66% estavam em Cuiabá em busca de emprego ou para participar de concursos, eventos ou cursos. De **26 a 30 anos**, a pesquisa apurou que os alberguistas dessa faixa etária foram os que mais se deslocaram no Estado, entre Pantanal (4%), Chapada dos Guimarães, Jaciara e Nobres (8%), e Amazônia (2%). Idade maior que 30 e menor de 60 anos totalizaram 34% dos adultos. Destes, 2 se deslocaram no estado, para o Pantanal, e 4% para a Chapada dos Guimarães. Já 28% se estabeleceram em Cuiabá com o objetivo profissional. Por fim, dos alberguistas com mais de 60 anos, 2% visitaram Chapada dos Guimarães, 2% Pantanal e 6% permaneceram em Cuiabá.

Observamos que não somente os jovens estão em busca de hospedagens diferentes, mas também adultos e idosos, assim como famílias. Houve relatos que os adultos passaram a levar seus filhos porque queriam que eles tivessem a experiência de se hospedarem em um albergue, uma vez que quando eram jovens se hospedavam nos albergues.

Os solteiros foram os mais presentes, pois trata-se de um modelo de hospedagem com quartos coletivos - sendo estes separados por sexo (TROTITA, 1978) - e poucos são os destinados a casal. Os solteiros perfizeram 86%, os casados 10% e os divorciados 4%. A presença de casais, 10%, está vinculada à atualidade dos HI, que já proporcionam também quartos para esse segmento. A presença dos brasileiros foi mais intensa, 92%. Os estrangeiros foram apenas de países da América Latina, como

⁶ Para essa proposição não foi levado em conta o gênero dos entrevistados.

Argentina (4%), Peru (2%) e Chile (2%). Constatou-se, ainda, que a maioria dos alberguistas brasileiros teve Cuiabá como principal destino turístico por questão profissional, sendo que os estrangeiros estavam em busca da prática do ecoturismo.

Em relação a duração média das viagens e gasto no AJ Pantanal, foi constatado que a maioria, 46%, gastam o equivalente de R\$50,00 a R\$100,00 diariamente, na faixa com gasto acima de R\$200,00 eram os alberguistas que já possuíam pós-graduação, ou estavam aposentados. Os que gastavam até R\$50,00 eram os de estudantes.

Em relação a duração média das viagens de 2 a 6 dias, o cômputo foi de 56%, comparando que a maioria dos alberguistas estavam realizando a viagem com intuito profissional, suficiente para a realização de provas, ou participação em eventos e cursos. Os de 7 a 11 dias estavam participando de congressos, feiras ou jogos escolares. E os que estabeleceram no Estado por mais de 12 dias estavam praticando o ecoturismo,

Em relação à quantidade de viagens realizadas por ano, 54% responderam que implementavam mais de 6, seguida de 34,0% dos que investem entre 3 a 5 viagens, e apenas 12% de uma a duas. Analisando o objetivo das viagens por esses alberguistas do AJ Pantanal, pode-se evidenciar a intensidade de 6 viagens por ano, ocasionadas pela procura de emprego. Também outro fator é que, hospedar em AJ, proporciona uma visível economia, podendo garantir aos alberguistas viajar várias vezes ao ano, economizando, assim, na hospedagem. Na questão no gasto médio/diária, a maioria possui um gasto de R\$50,00 a R\$100,00, sendo que no quesito na quantidade de viagens realizadas/ano os alberguistas que gastam menos, diariamente, viajam mais, evidenciando a estreita relação entre economia e hospedagem.

Foi questionado aos alberguista sobre os “Destinos Turísticos Preferenciais” -em múltiplas escolhas- 48,9 % escolheram a “Cultura” como a principal motivação, 40% “Ecoturismo”, “Sol e Praia” resultaram em 36%; “Lugares da moda”, apenas 4%, 26% para os “Lugares exóticos”, 10% escolheram preço, “Lugares diferentes e desconhecidos”, apenas 2%.

Em relação a escolha nas viagens por pacotes turísticos, 89,8 % preferem a flexibilidade da escolha, enquanto 10,2% optam pelos pacotes. Fazendo uma alusão aos AJ's, raras são as empresas que vendem pacotes

turísticos que oferecem esse tipo de hospedagem como opção, uma vez que, de baixo custo, possivelmente não proporcionam lucros para as empresas.

Questionando sobre onde os alberguistas foram em Cuiabá, “Bares e Restaurantes” foi a opção escolhida por 55%. A cidade é conhecida pela noite agitada, existindo várias opções de músicas, que vão desde o estilo sertanejo até música eletrônica, e possui a gastronomia também, como um grande atrativo do turismo. Em segundo lugar, a opção shopping foi escolhida, com 42,8%. Porém, apenas 6,1% responderam que foram somente ao shopping.

Questionados -em múltipla escolha- “Porque a escolha do AJ como meio de hospedagem”, 82% responderam ser o preço o fator de maior influência na escolha, o que é compatível com sua filosofia, que garante preços acessíveis a todas as classes sociais. A escolha pela “Filosofia de hospedagem” aparece em 8% das respostas, relacionadas também em mais 26%, em múltipla escolha. O valor associado a essa hospedagem é o de fomentar a educação para pessoas do mundo inteiro, principalmente que abranjam aqueles que possuem recursos limitados, estimulando valores de afetos e de conhecimento.

Quanto à questão do “Porque viajo sozinho e o *Hostel* me proporciona conhecer outras pessoas” foi mencionada por 34%, aparecendo em segundo lugar, somente abaixo do preço. Esse é um fator muito importante, os ambientes oferecidos pelos AJ's permitem esse encontro com os turistas hospedados, por meio da infraestrutura baseada nos espaços de convívio:

[...] A diferença é que nos albergues você pode encontrar pessoas que estão viajando sozinhas e gostam de fazer amizades e acabam em companheirismo as suas experiências e até mesmo a possibilidade de praticar outro idioma, fato também a respeito dos valores que em muitos casos são mais convidativos. Além da possibilidade de oferecer passeios turísticos, em de aventura, ecoturismo, histórico, cultural [...] (Alberguista 1, Albergue da Juventude Pantanal, 19/12/2012)

Esse depoimento contracena com as respostas das questões anteriores, uma vez consoantes com a filosofia alberguista mundial, onde o espírito de solidariedade, de amizade e respeito é o que se observa dentro

de todos os AJ's:

[...] Fácil de encontrar pessoas simples, fazer passeios coletivos, ter maior interação entre os hóspedes, até porque quando usamos os quartos coletivos fica mais fácil de fazer amizades. Para quem gosta de convivência, o Hostel é a segunda casa! Também, conhecer pessoas de outros lugares, espírito de companheirismo e solidariedade entres os viajantes [...] (Alberguista 2, Albergue da Juventude Pantanal, 10/01/2013)

Em um segundo momento, para aprofundar de que maneira o alberguista se “Enriquece culturalmente dentro de um AJ”, a partir das principais influências do lugar, foram estabelecidas múltiplas escolhas, o convívio com pessoas foi o quesito mais mencionado, cerca de 82% das respostas, seguido de 52% sobre as informações sobre atrativos turísticos, sendo a culinária 10%, e decoração 6%. Apenas 4% dissera, que não obtiveram qualquer enriquecimento dentro de um AJ.

Considerado que o contato com pessoas é a forma ideal para se obter enriquecimento cultural, Krippendorff (2001) ensina que viagem é comunicação, é comunicar-se com outras pessoas, travar relacionamentos, pois através das respostas ficou evidente que os alberguistas aprenderam que o turismo é comunicação. Uma vez adquirida, torna as viagens menos solitárias para aqueles que viajam sozinhos.

Em relação aos “Benefícios profissionais e pessoais” proporcionados pelas viagens, várias foram as respostas, porém em mais de 80% predominou a questão pessoal/cultural. Os professores relataram que, através da viagem, eles retornam à sala de aula com mais conhecimento para repassar para os alunos, conhecimento esses que não se adquire apenas nos livros, mas também no contato com a realidade local. A melhoria da auto-estima, saúde, fuga do estresse, também foi mencionada. A viagem possui essa capacidade de curar o ser humano. Os olhos, em contato com o belo e com o novo, fazem com que o ser humano passe a olhar o mundo de uma forma diferente, a vencer os obstáculos e esquecer as dores e aflições.

4. Considerações Finais

Observamos que existe enriquecimento cultural por meio do lugar.

Condensando ainda mais a ideia de autores como, Tuan (1960), as relações se estabelecem entre o eu e o outro, transformando assim o lugar em um artefato único. O compartilhar com o próximo, torna-se enriquecedor, pois o personagem da própria história também reflete ser personagem da história de outras pessoas, agrupando, assim, diversos personagens de mundos diferentes em um único lugar.

O Albergue da Juventude oferece uma diferente experiência ao turista, principalmente pelo convívio com o próximo, com relação a trocas de experiências de vida, intercâmbios culturais, sendo esta atração principal desse meio de hospedagem, e quem sabe, seja isso que algumas hospedagens precisem. Pensando em sentimentos de saudades e pela necessidade de querer voltar a viver essa experiência outra vez, pois proporciona, nas vozes dos alberguistas, “cultura e amizade”; “mais contato com as pessoas do lugar e diminuindo a sensação de distância de casa”.

Referências

BAHLS, A. (2015). **Hostel: proposta conceitual, análise socioespacial e do panorama atual em Florianópolis (SC)**. Mestrado em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí.

CHAGAS, M. M. (2007): “**A imagem do destino turístico Natal sob a perspectiva da EMBRATUR, SETURN/RN e Mercado Turístico Ibero-Holandês: Uma análise comparativa e competitiva.**” Monografia (graduação em Turismo). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007, p.144.

GIARETTA, Maria José. **Turismo da Juventude**. Barueri: Manole, 2003.

LÉLIS, Cecília Marcia Pinto.; TOLEDO, Patrícia de M. e S. **O Design em hostels no Brasil**. (Monografia). Especialização em Arquitetura de Interiores. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2015.

MEDAGLIA, Juliana; ORTEGA, Cristina Dotta. **Mediação da informação em turismo: um estudo introdutório**. In: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, USP: Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p.

126-147, set. 2015/fev. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/89926/103991> Acessado em: 31.maio.2018.

NASH, Robert; THYNE, Maree & DAVIES, Sylvie. An investigation into customer satisfaction levels in the budget accommodation sector in Scotland: a case study of backpacker tourists and the Scottish Youth Hostels Association. *In: Tourism Management*: London, v. 27, n. 3 p. 525–532, jun/2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517705000154> Acessado em: 01.jun.2018

RIBEIRO, Hidelberto de Sousa. **Políticas territoriais e colonização numa área da Amazônia Oriental**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. Worldwide hedonic prices of subjective characteristics of hostels. *In: Tourism Management*, v.52, p. 451-454. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517715001545> Acessado em: 03.jun.2018.

VOLANTE, Pedro Jorge Tavares. **O segmento low-cost da indústria hoteleira em Portugal: o caso dos hostels**. Dissertação de Mestrado em Gestão. ISCTE - Business School, Instituto Universitário de Lisboa, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/4068> Acessado em: 02.jun.2018.

UNWTO. **Practical Techniques for Forecasting Visitor Demand – Instructional Materials**. Madrid: World Tourism Organization, 2016.

UNWTO. (2010). AM Reports: **The power of youth travel**. United Nations World Tourism Organization. Madrid: United Nations World Tourism Organization, 2010. Disponível em: http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/amreports_vol2_thepowerofyouthtourism_eng_lw.pdf Acessado em: 01.jun.2018

UNWTO. (2008). **Youth Travel Matters – Understanding the Global Phenomenon of Youth Travel**. Marid: United Nations World Tourism Organization, 2008.

Capítulo 13 - As novas formas da cultura de comunicação do agronegócio: o movimento Agroligadas¹

Julia G. N. Munhoz²

Pedro Pinto de Oliveira³

1. Introdução

O presente artigo, recortado a partir da dissertação na qual nos dedicamos, é um estudo de caso sobre um novo movimento feminino liderado por mulheres que atuam diretamente no agronegócio em Mato Grosso: as Agroligadas. Líderes femininas que têm como principal missão defender, pelo olhar das mulheres, os valores do agro. O movimento foi criado em 2018 pela fisioterapeuta e esposa de produtor rural Genil Schenkel. Atualmente, são mais de 1.400 mulheres filiadas ao movimento, em mais de 100 cidades, sendo a grande maioria em Mato Grosso.

No âmbito da economia, Mato Grosso hoje é o maior produtor de grãos do país. Os números do agronegócio ajudam a fomentar as narrativas que situam o desenvolvimento econômico impulsionado pelo setor. Além disso, o setor é um espaço histórico e cultural, conservador, controlado por homens que se ocupam dos negócios do Mundo Rural, mas que tem experienciado recentemente uma série de transformações no comando da gestão das empresas.

Em nossa pesquisa, traçamos o percurso a partir da análise da performance dessas líderes femininas em três momentos e contextos midiáticos

¹ Trabalho faz parte da Dissertação intitulada As novas formas da cultura de comunicação do agronegócio: o movimento Agroligadas, defendida em 2022 no PPGECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/3936>

² Mestra pelo PPGECCO – UFMT, com MBA em Marketing e Comunicação, graduada em Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo e bacharel em Direito. E-mail: juliamunhozz@hotmail.com

³ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós Doutor em Comunicação e Artes na Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã/Portugal. Docente no PPGCOM – UFMT e PPECCO – UFMT. E-mail: ppo@terra.com.br

distintos, mas interligados: as redes sociais, primeiro campo de atuação selecionado pelo movimento; o programa de rádio Agroligadas e o *podcast* de construção científica⁴ ‘Agro é Negócio de Mulher’.

O eixo teórico de nosso percurso é o paradigma relacional de comunicação de Vera França. Os conceitos operadores são o de feminismo com Maria João Silveirinha e Chimamanda Adichie e de performance de Erving Goffman. Nossa pergunta condutora: como as Agroligadas situam o conceito de feminismo e quais valores são postos em ação nas suas performances midiáticas? Buscamos aqui apreender e analisar quais são as estratégias comunicativas acionadas pelas líderes do movimento Agroligadas nas suas interações midiáticas.

2. Comunicação, feminismo e performance

A comunicação é compreendida aqui como um processo de compartilhamento de sentidos que nasce de dinâmicas interdisciplinares em um terreno transdisciplinar como define França (2001, p. 16): “[...] algo vívido, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações; lugar onde não apenas os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura”. Um modo de conceber os diferentes fenômenos do mundo da vida.

Essa dinamicidade, responsiva e autocorretiva, é ampliada pelo filósofo pragmatista John Dewey (1925) ao considerar que a comunicação provoca reconsiderações e revisões aos eventos naturais, transformando-os em objetos e coisas com significados. Dewey afasta qualquer dualismo entre a essência e a existência. Em aproximação ao pensamento *deweyano*, Progrebinschi (2005) define essas formas de interação e compartilhamento de significados solidificados, reflexivas do processo de comunicação de um indivíduo isolado, como o “outro generalizado”. “Deste comporta-

⁴ O *podcast* de construção científica é um instrumento criado pelos professores doutores da UFMT, Luán Chagas e Pedro Pinto de Oliveira, na experimentação de novos modos de comunicar ciência. O *podcast* científico serve como repositório de conteúdo de ciência e tem dupla utilidade: para o pesquisador é produção de informação, serve como referência para os pares, coleta de dados para a pesquisa, e para os diferentes públicos das plataformas de streaming e do site onde é veiculado é produto de divulgação científica, dando a ver/ouvir do que os cientistas se ocupam.

mento reflexivo resulta que os indivíduos passam a ser conscientes de si mesmos ou autoconscientes, bem como críticos de si mesmos ou autocríticos”. (Progrebinschi, 2005, p. 102).

Assim compreendemos a comunicação como ação compartilhada e interação, não sendo limitada a apenas à transmissão de mensagens. É, portanto, uma visada processual: cada elemento do processo comunicativo visto em relação na cadeia de eventos: desde a interlocução entre os sujeitos em diferentes papéis sociais, o discurso (materialidade simbólica) produzido na e pela interação social e o contexto social no qual estão inseridos os sujeitos.

A comunicação é vista assim em processo de compartilhamento de sentidos em composição com diversos aspectos da vida social. Desse eixo, passamos ao conceito de feminismo a partir de Maria João Silveirinha e Chimamanda Adichie. Ambas apresentam conceitos contemporâneos de feminismo como algo diretamente ligado à cultura. Nossa visada, portanto, partiu especificamente da abordagem dessas duas autoras.

Neste sentido, Silveirinha (2021) situa que a ideia sobre ser mulher ou ser homem criada e aplicada pelas expectativas da própria sociedade. Um conceito apresentado por Silveirinha durante a entrevista concedida a esta pesquisadora no *podcast* de construção científica “Agro É Negócio de Mulher” veiculado na editoria de Comunicação, Ciência e Cultural do site PNB Online e disponibilizado em plataformas de streaming. “Aprendemos, por exemplo, na língua portuguesa a separar o masculino e o feminino e atribuir, digamos, um gênero masculino e feminino às coisas”.

Nessa perspectiva, Adichie (2012) também apresenta um conceito contemporâneo de feminismo não como acontecimento recente, mas histórico. Para Adichie (2017) essa transmissão de saberes e valores conduzem a uma ideia de igualdade feminina condicional, o que ela define como “feminismo leve”. Feminismo leve, feminismo liberal, feminismo branco de elite são elementos que se beneficiam, mas não transformam. A partir das apreensões das Sara Ahmed em ‘Viver uma vida feminista’ e Grada Kilomba em ‘Eu não sou Mulher? Mulheres negras e feminismo’.

O feminismo leve usa analogias como “ele é a cabeça e você o pescoço”. Ou “ele está na direção, mas você é o copiloto”. Mais preocupante ainda é a ideia, no Feminismo Leve, de que os ho-

mens são naturalmente superiores, mas devem “tratar bem as mulheres”. Não, não e não. A base para o bem-estar da mulher não pode se resumir à condescendência masculina. (Adichie, 2017, p. 29).

Uma falsa ideia de feminismo disfarçada nos gestos e costumes. Em aproximação a essa perspectiva de que não é possível existir um meio termo para o feminismo, Silveirinha (1997) busca estabelecer relações entre a ética feminista e o pragmatismo de Dewey (1925), pautada na relação entre comunicação e comunidade e essas influências, que por vezes ganham contornos éticos-políticos.

Para o conceito de performance e enquadramento buscamos as compreensões de Goffman (1959), que define a performance como ações sociais que marcam a identidade e contam histórias do sujeito, sendo ainda uma ação que permite ensaios, tanto na arte como na vida social. Segundo Goffman (1959), a performance vem composta por ajustes sociais, sendo que sua análise consiste em formas verbais, como nos comunicamos, e as não verbais com a qual expressamos opiniões sobre determinadas situações, como apresenta Goffman (1967):

Todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes. Em cada um desses contatos a pessoa tende a desempenhar o papel de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria. (Goffman, 1967, p. 13).

Goffman (1967) aponta ainda que gestos externados durante uma interação midiaticizada como mudanças no tom de voz, olhares e posições preenchem de importância a performance, sendo sinais expressos de forma intencional, ou não. Ou seja, a performance está associada ao fazer e ao refazer das formas e dos conteúdos e como prática mutante e fluida, uma vez que incorpora a tensão aos ajustes inevitáveis.

Nessa constante de encontros e interações midiaticizadas, outro modo que percebemos é de que os participantes estão sujeitos ao enquadre ou enquadramento. Uma noção definida pelo antropólogo Gregory Bateson, a partir da ideia de que as interações sociais estão fundamentadas em qua-

dros de sentido que marcam as interpretações e ações.

Partindo dessa definição, Bateson (1972) elenca três níveis de mensagem: o denotativo, metalinguístico e o metacomunicativo. Sendo o primeiro relacionado ao conteúdo, o segundo ao modo como a própria mensagem repensa a linguagem e o terceiro a partir dos elementos que definem a relação entre os falantes. Desta forma, a partir da mensagem metacomunicativa, Bateson (1972) apresenta a primeira definição de enquadre, como sendo o grau de metacomunicação o que possibilita compreender o que acontece nessa interação entre os animais.

Nessa perspectiva, Goffman (2006) busca tratar a questão do enquadramento a partir da análise de pequenas interações cotidianas. Sendo que para ele, quando um indivíduo se encontra em determinada situação é preciso compreender qual o quadro que conforma essa situação e qual posicionamento o indivíduo deve adotar neste quadro, podendo ainda ser possível uma sobreposição de quadros, já que em grande parte das interações ocorrem diferentes acontecimentos ao mesmo tempo. Passamos agora a compreensão quanto a caracterização dos quadros que permitem experiências distintas a quem os instrumentaliza.

A apreensão da performance dessas figuras públicas no duplo desempenho na condição da presença feminina no universo do agronegócio e na condição de profissionais do agronegócio buscou identificar e refletir sobre como elas acionaram os quadros de sentido nessa interação social mediatizada com seus públicos e quais os valores do “mundo rural” são acionados e emergem dessa relação.

A análise dos quadros de sentido de Goffman (2012) consiste, então, na dimensão inevitavelmente relacional do significado, sendo o quadro uma metáfora para expressar a ideia de que os acontecimentos que ocorrem durante uma interação são regidos por regras não declaradas. Goffman ocupa-se com a experiência dos indivíduos em momentos de sua vida social, tratando da organização das experiências e não da organização da sociedade.

3. Procedimentos metodológicos

Como procedimentos metodológicos, analisamos a performance das

líderes Agroligadas em três diferentes contextos midiáticos que se interligam: 1) nas redes sociais do movimento através de perfis públicos do movimento no *Instagram @agroligadas* e no *Facebook AgroLigadas*, de onde fizemos o recorte das ocorrências selecionadas. 2) no programa de rádio Agroligadas; também com recorde de ocorrências. 3) em entrevistas para o *podcast* de construção científica.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso, com uma análise cruzada dos referidos momentos da performance das líderes do movimento na produção midiática: o falar de si nas entrevistas; as palavras de pessoas do “mundo rural” - homens e mulheres, no contraponto à ideia das Agroligadas sobre o lugar da mulher nesses espaços de poder.

Em um primeiro momento o programa Agroligadas ia ao ar todas às terças-feiras, com uma hora de duração, na RadCom MetrÓpole FM, localizada em Cuiabá. Ancorado pelas Agroligadas Eloisa Haje, médica veterinária, Melissa Freitas, agrônoma e produtora rural e Geni Schenkel, esposa do produtor rural e presidente do movimento. Em um período de dois anos de programa elas já acumularam um acervo de mais de 80 edições. O programa é todo de entrevistas para desmistificação da comunicação negativa do agro, oportunidades de negócios, cotidiano da produção de grãos e sustentabilidade.

Nos dois perfis em redes sociais as Agroligadas compartilham campanhas desenvolvidas especificamente para as redes sociais e os conteúdos que repercutem no programa de rádio. Não distante dos impactos ocasionados pela pandemia da covid-19 desde março de 2020, as líderes do movimento também organizam transmissões ao vivo para debater diversos assuntos. E é neste campo de atuação, as redes sociais, que o movimento se move politicamente, a exemplo da série Politizar para produzir, da transmissão ao vivo “Você tem medo de Política?” e das postagens no dia “7 de setembro de 2021”.

O *podcast* de construção científica é parte do processo de pesquisa. Criado e idealizado pelos pesquisadores e professores da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Pedro Pinto de Oliveira e Luán Chagas o “*Podcast de Construção Científica*” abre uma “janela sonora” no laboratório de pesquisa, dando a ver um estudo em processo: acontecendo.

Em nosso percurso, realizamos sete entrevistas para o *podcast* de cons-

trução científica “Agro é Negócio de Mulher”, idealizado pelo professor Pedro Pinto de Oliveira, como parte do processo de pesquisa, um estudo em processo, com dupla utilidade. Para esta pesquisadora a produção de informação serviu de referência e coleta de dados e para o público ouvinte a possibilidade de acompanhar um estudo sendo construído.

A série de entrevistas para o *podcast* foi veiculada pela editoria de Comunicação, Ciência e Cultura do *site* PNB Online⁵. Entre os meses de fevereiro e julho de 2021 produzimos sete entrevistas com as lideranças das Agroligadas; vozes opositoras ao agro; especialistas nas atividades técnicas e econômicas do agronegócio e pesquisadoras que discutem o Feminismo.

4. Achados da pesquisa

A análise dos achados da presente pesquisa começa pela performance das Agroligadas em um meio que pode ser apontado como uma primeira ideia de campo de atuação do movimento, que são as redes sociais. A idealizadora e presidente do movimento, Geni Schenkel, dá a conhecer como concebeu as Agroligadas a partir do cotidiano da comunicação sobre o agro e entre os produtores. A ação foi motivada pelo desejo de combater o que ela e outras esposas de produtores rurais apontavam como falsas informações disseminadas em redes sociais sobre o agronegócio.

A líder Agroligada aciona essa estratégia de defesa com a justificativa da “causa justa”. Não há, nesta condição, espaço para a divergência, só a verdade única sustentada pela lógica da produção do agronegócio. O que aponta para um valor de distinção entre o bom e o ruim, o correto e o errado. A valorização do agronegócio, na interlocução com outros públicos que não o público que vive e reconhece a atividade, é registrada de maneira direta quando a líder expressa a condição de subordinação da mulher ao convocar a ideia de que é preciso estar à disposição do setor para atuar como uma linha de defesa.

Em outros cinco momentos que utilizamos como recorte das redes sociais, as mulheres ligadas ao agronegócio falam, através de séries em vídeos, transmissões ao vivo e postagens de fotos, da importância da mo-

⁵ www.pnbonline.com.br

bilização política nos movimentos do agro” e sobre a necessidade de se abandonar a ideia, tratada como “chavão”, de que “política não se discute”, angulando o tema pelos valores e pela lógica da produção em garantir vantagens específicas para o agronegócio, desconsiderando valores sociais ou qualquer pauta fora dos interesses dos negócios do agro.

Elas também deixam explícito o valor de distinção do empreendedor dos negócios do campo e o Outro. Em uma performance evidenciada a partir do momento em que elas passam a intervir no léxico criando nomenclaturas de que o que foge ao perfil do “rural” deve ser denominado como “o urbano”, o que também é impor valores.

O mesmo posicionamento político-partidário que é reverberado pelos homens do agronegócio fica cada vez mais evidente nas redes sociais do movimento. Mas que não conduz a uma ideia apartada de atuação, tratando-se de uma mesma performance na reprodução de valores da lógica do campo a partir de um discurso/fala mais sensível e empático promovido pelas mulheres.

Nessas performances é possível observar que elas sempre utilizam recursos que identificam o movimento, como bonés das Agroligadas e camisetas, com cortes e cores mais leves, mas ao mesmo estilo de figurino dos homens do campo. E, diferente da comunicação por meio das redes sociais onde também evidenciam posicionamentos políticos, no rádio as líderes abordam temas como a história do movimento, a desmistificação da comunicação negativa do agro pelas vozes femininas e sensíveis, oportunidades de negócios, dia a dia da produção de grãos e sustentabilidade, sempre como foco na Comunicação positiva dos interesses e negócios do Mundo Rural.

Para além da performance das Agroligadas em suas mídias, incorporamos em nossa análise entrevistas produzidas e realizadas no processo do nosso estudo, na série de *podcast* de construção científica “Agro É Negócio de Mulher”. A série de entrevistas foi veiculada pela editoria de Comunicação, Ciência e Cultura do site PNB Online⁶. Entre os meses de fevereiro e julho de 2021 produzimos sete entrevistas: com as lideranças das Agroligadas, vozes opositoras ao agro, especialistas nas atividades técnicas

⁶ www.pnbonline.com.br

e econômicas do agronegócio e pesquisadoras que discutem o Feminismo.

As entrevistas com as três líderes do movimento Agroligadas: Geni Schenkel, Melissa Freitas e Eloisa Hage contribuíram para uma análise cruzada da performance das Agroligadas. A entrevista com o produtor rural e com a integrante do MST foram importantes para a análise complementar quanto à condição da mulher no campo a partir das perspectivas do homem e de mulheres que atuam no mesmo setor, mas em movimentos distintos. E as duas entrevistas com as professoras Maria João Silveirinha e Maristela Carneiro, que se dedicam às pesquisas e debates sobre as questões de gêneros, são referenciais transversais em relação às outras entrevistas.

Ao alargarmos a ideia de performance constatamos em nossos achados argumentos que reforçam que essa estratégia de defesa da lógica econômica do agronegócio atravessa homens e mulheres e está acima de qualquer outro tipo de debate. Outra observação que emergiu nas análises foi o lugar da religião, da fé. Vimos como o valor da fé atravessa a performance das mulheres que atuam no campo, mesmo em grupos opostos. A fé religiosa, fé no agro e a fé na educação que sustenta posições conservadoras da mulher submissa ao homem, mesmo diante dessa nova roupagem contemporânea que tentam vestir o agronegócio.

5. Considerações finais

Foi possível observar que as mulheres que integram o movimento Agroligadas se colocam muito mais na condição de instrumento para criação de estima pelo setor do que na defesa de uma equidade de gênero. Atuação essa pautada na repetição de valores da lógica do “mundo rural”, conservador e de valores masculinos, em equilíbrio com a suavidade da comunicação feminina sensível e empática.

A noção de empoderamento feminino está mais relacionada a um feminismo leve, de uma igualdade condicionada ao merecimento dos espaços “conquistados” pelos homens e não a uma libertação do contexto social e cultural ao qual estão inseridas. São performances conectadas e sustentadas por valores às tradições, costumes, crenças religiosas e influências culturais e sociais, sempre pautadas pela lógica do setor, que afastam o movimento de qualquer ideia de avanço para uma ruralidade moderna

contemporânea.

No agronegócio de homens e mulheres, moderna é a forma de produção com a tecnologia de ponta, não a relação dessa produção com a condição de vida. Ainda como a ideia do moderno apontamos as transformações na forma de se comunicar com o outro para além dos meios tradicionais, inserindo mulheres do campo em novas formas de comunicar pelas performances de influência nas redes sociais.

É dessa ocupação feminina desses espaços incentivados pelos diferentes papéis sociais que essas mulheres ocupam como profissionais liberais, sucessoras, produtoras/empresárias rurais e esposas de produtores, tomadas por um novo papel social, como mulheres que assumem o protagonismo de agir, persuadir e firmar posições de defesa dos interesses e da lógica do agronegócio, que acabam reduzidas a uma condição secundária/coadjuvante, uma vez que elas não apresentam novas discussões, apenas dão um tom mais suave aos valores do agronegócio.

Mesmo que impulsionadas pela inquietação de promover novos olhares para o agronegócio, na tentativa de fechar lacunas entre o que no passado se comunicou sobre o agronegócio e o que se pode, atualmente, comunicar, essas mulheres evidenciam que, entre gestos e intensões, a prioridade não está em discutir relações assimétricas entre homem e mulher, mas de atuarem em uma condição de “ponte” entre o rural e urbano. Algo que não está vinculado a influência do ambiente ao qual integram, mas sim por se conformarem com essa condição.

6. Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BATESON, Gregory. (2000), “**A theory of play and fantasy**”, in. Steps to an ecology of mind, Chicago, University of Chicago Press. (2002), “Uma teoria sobre brincadeira e fantasia”, in B. T. Ribeiro e P. M. Garcez (orgs.), Sociolinguística interacional, 2. ed., São Paulo, Edições Loyola, 2013, p. 85-105.

DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958.

DEWEY, John. **Democracia e educação**, p. 257, 1979.

FRANÇA, V.R.V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê. C. Legenda – **Revista do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, n. 5, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**: tradução de Maria Célia Santos Raposo. 16ª ed. – Petrópolis, Vozes, 2009. Do original em inglês: *The presentation of self in everyday life*.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 107-148.

MUNHOZ, Julia G. N.; OLIVEIRA, Pedro P. IN: Aclyse Mattos *et al.* (Orgs.). **Estudos interdisciplinares em comunicação e mediações culturais: tensões contemporâneas**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2022, p. 19-32.

MUNHOZ, Julia G. N. **As novas formas da cultura de comunicação do agronegócio: o movimento Agroligadas**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/3936>

POGREBINSCHI, Thamy. **Pragmatismo: teoria política e social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

SILVEIRINHA, M. J. No encaço das mulheres de Chicago: conexões orgânicas e radicais do pragmatismo clássico americano. **Revista Famecos**. Vol. 23, n. 3, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/view/1065>

Ciência, Saúde e Conhecimento em Diferentes Contextos

Capítulo 14 - Da divulgação científica sobre células-tronco do cordão umbilical e placentário à Saúde Única da comunidade ribeirinha São Gonçalo Beira Rio¹

Juliana Michaela Leite Vieira²

1. Introdução

A comunicação científica e a divulgação científica são dois campos de estudo que sempre nortearam o meu interesse na pesquisa científica, principalmente por conta do dia a dia do meu trabalho como técnica-administrativa em educação, no cargo de jornalista³ do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT).

Passados 13 anos de formada, retornei à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) para o Mestrado e minha orientadora, na época, professora doutora Dolores Galindo, me convidou para tratar sobre células-tronco do sangue do cordão umbilical e placentário, pois seu pós-doutorado versava sobre o tema, assim como a Dissertação de outra aluna (Renata Vilela⁴) também tratava desse assunto. Como a área da saúde

¹ Trabalho faz parte da Dissertação intitulada “A divulgação científica sobre células-tronco do cordão umbilical e placentário na imprensa, no cotidiano médico-científico e nos usuários de serviços de saúde privados”, defendida em 29 de março de 2017, no PPGECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/2029>.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO/UFMT), Mestre pelo PPGECCO/UFMT, MBA em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela UFMT e Jornalista do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). E-mail: julianamichaela.ecco@gmail.com

³ Por ser jornalista de uma instituição pública de ensino superior, de pesquisa e extensão, recebo as pesquisas científicas dos docentes e alunos. A melhoria e o aprimoramento na forma de comunicar esses trabalhos foi que me impulsionou a voltar para a academia.

⁴ Renata Vilela defendeu a Dissertação de Mestrado com o tema “Capitalização da vida nos bancos de células-tronco do cordão umbilical: interrogantes à Psicologia na produção de subjetividade”.

sempre foi algo que me interessava e atraía, aceitei prontamente.

O tema abria uma discussão sobre a divulgação científica, de forma que pedi para ela se poderia convidar o professor doutor Benedito Dielcio Moreira para ser coorientador desse trabalho, pois é jornalista e tem muito conhecimento em comunicação científica e divulgação científica. Na época, ele atuava como secretário de Comunicação e Multimeios da UFMT e coordenava várias ações de divulgação científica da Instituição (Moreira, 2017), entre elas a Rede de Divulgação Científica (RDC), em que eu fazia parte como membro do comitê gestor, formado por representantes das três instituições públicas de ensino superior (Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT). A participação do professor Dielcio Moreira foi primordial na Dissertação.

A Dissertação teve como objetivo geral analisar a divulgação científica da utilização terapêutica e das pesquisas sobre células-tronco do cordão umbilical e placentário, na imprensa, no cotidiano médico-científico, e como isso repercutia nos usuários do sistema de saúde privado do País.

O trabalho tratou do debate entre a ciência e a imprensa, a respeito do armazenamento público e privado das células-tronco do sangue do cordão umbilical e placentário. De um lado estava o armazenamento privado, sendo feito pelos bancos particulares que tinham, para as famílias com grande poder aquisitivo, a esperança para o tratamento de doenças existentes ou que ainda não têm cura. De outro lado, o armazenamento público é tido como uma alternativa terapêutica para os transplantes alogênicos (uso das células para outras pessoas) de medula óssea, em doenças hematológicas.

O armazenamento do sangue do cordão umbilical e placentário foi motivo de um amplo debate, pela ciência e imprensa, principalmente por significar a esperança de cura para diversas doenças. Conforme o relatório de produção 2003-2014 dos Bancos de Sangue do Cordão Umbilical e Placentário para Uso Autólogo (uso próprio) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), foram armazenadas 105.074 unidades de sangue do cordão umbilical e placentário (SCUP) para uso autólogo (uso próprio), representadas pelos bancos privados. Destas, foram usadas 14

unidades para uso terapêutico.

Em contrapartida, a Rede BrasilCord, composta pelos bancos públicos, possui 22.474 mil unidades armazenadas, desde 2001, das quais 183 já foram usadas em transplantes alogênicos. Identificamos que, apesar do menor número de SCUP armazenado nos bancos públicos, eles apresentaram maior emprego, se compararmos com os bancos privados.

Como problema de pesquisa, indagamos a respeito das tensões, aco- plamentos e derivações dos regimes de “esperança⁵” e “verdade⁶” (Moreira; Palladino, 2005), os quais mobilizam e são mobilizados pela divulgação científica da utilização terapêutica e das pesquisas científicas com células-tronco do cordão umbilical e placentário, que perpassam a mídia impressa e especializada e se fazem presentes no cotidiano médico e de potenciais usuário(a)s dos serviços privados. Entendemos que se formaram, ao lado dos regimes de esperança e de verdade, “regimes de espetacularização”.

Neste estudo, realizamos um levantamento documental das matérias publicadas de 2000 a 2014, em sites de quatro jornais de circulação nacional (*Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*) e cinco especializados (*Ciência Hoje Online*, *Revista Pesquisa Fapesp*, *Agência USP de Notícias*, *Agência Fapesp* e *Revista ComCiência*).

Nesse mesmo período de 14 anos, também fizemos um levantamento dos documentos oficiais (portarias, leis, resoluções, cartilha da ANVISA, notas técnicas e relatórios da ANVISA de produção dos bancos de sangue do cordão umbilical). Em ambos os levantamentos (matérias publicadas e documentos oficiais), analisamos se havia a controvérsia científica entre os regimes de “esperança” e “verdade”.

Foi promovida uma pesquisa de campo para saber como estava a percepção da divulgação científica das pesquisas sobre células-tronco do cordão umbilical e placentário. Foram entrevistados três segmentos específicos: profissionais da área da saúde, profissionais da imprensa e usuários

⁵ O regime de esperança, segundo Moreira e Palladino (2005), se caracteriza pela promessa de que novos e melhores tratamentos estão sempre por vir, e que a investigação e o desenvolvimento são justificados pela expectativa de encontrar curas milagrosas para doenças debilitantes.

⁶ O regime de verdade, de acordo com Moreira e Palladino (2005), implica um investimento no que é positivamente conhecido, ao invés daquilo que pode ser.

dos serviços privados.

Como resultado do levantamento documental, observamos que os picos de reportagem andam a reboque da divulgação dos documentos oficiais, os veículos especializados não entraram na controvérsia médico-científica entre armazenar num banco público e privado, e, nos jornais, os dois regimes estão presentes nas publicações, com o tema pulverizado para várias editorias.

Os resultados das entrevistas indicaram o contraste dos dois regimes, presente nas narrativas. Nos usuários, o conhecimento sobre o assunto é superficial, obtido por meio da TV e sites. Mesmo sendo superficial, os usuários têm conhecimento da existência dos bancos privados, porém, quanto aos bancos públicos, as pessoas desconhecem que existem. Com os profissionais da área da saúde, há maior tensão entre os dois regimes.

Também foi identificada a falta de divulgação acerca do banco público, entre os profissionais da área da saúde. Já nos profissionais da imprensa, tem-se um esforço na divulgação científica e na compreensão pública da ciência. A conclusão deste estudo é que os regimes de “esperança” e “verdade” são visíveis, tanto no levantamento documental como nas narrativas dos entrevistados.

Ademais, esta pesquisa apontou para a necessidade de ampliação na divulgação do transplante e armazenamento do sangue do cordão umbilical nos bancos públicos, por ser considerada a quarta alternativa para transplantes alogênicos hematopoiéticos e por sua disponibilidade imediata, em caso de utilização, ao contrário do transplante de medula óssea, para o qual é necessário procurar um doador.

Reconhecemos a importância do jornalismo científico na divulgação das novas biotecnologias, sendo, para o público leigo, muitas vezes, a única fonte de informação, cumprindo o seu papel como difusor e intérprete do conhecimento científico, edificando uma cultura científica democrática e participativa.

Como referencial teórico, na dissertação utilizamos Bruno Latour (2000), com a teoria ator-rede; Michel Foucault, com “Em Defesa da Sociedade” (2005) e o “Nascimento da Biopolítica” (2008); Tiago Moreira e Paolo Palladino (2005), Freitas (2010, 2014) e Mary Jane Spink (2011), com os regimes de esperança e verdade; André Lemos (2013), com a teo-

ria ator-rede e cibercultura; Graça Caldas (2011), Oswaldo Frota-Pessoa (2000), Isabelle Stengers (1990) e Glória Kreinz e Crodowaldo Pavan (2000), com comunicação da ciência e divulgação científica.

Ao iniciarmos os trabalhos da Dissertação, o panorama observado era de crescimento da prática de armazenamento do sangue do cordão umbilical em bancos privados. Na fase de finalização, verificamos que o mercado estava em queda, tanto na coleta dos bancos privados como nos bancos públicos, conforme relatórios da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Passados cinco anos da conclusão do Mestrado, retornei ao Doutorado, com foco na comunicação científica, na divulgação científica e na saúde, incluída no Mestrado, o que me interessou muito.

De acordo com a pesquisa Percepção Pública da Ciência e Tecnologia (C&T, 2019), no Brasil, três temas de interesse declarados pelos brasileiros têm se mantido estáveis por mais de uma década: medicina e saúde (79%), meio ambiente (76%) e religião (69%). A ciência e a tecnologia (62%) são igualmente temas que têm demonstrado interesse pelos brasileiros.

Por conta do interesse do público brasileiro pelo tema “medicina e saúde” e por ter sido instigante trabalhar com esse campo de estudo, esses foram os motivos me impulsionaram a permanecer com o tema “saúde” em minha pesquisa de Doutorado.

Nesta etapa, o meu projeto de pesquisa se intitula “Saúde Única: Estudo de caso sobre o conhecimento científico e o saber tradicional, na comunidade ribeirinha São Gonçalo Beira Rio”. Esse projeto está vinculado à linha de pesquisa Comunicação e Mediações Culturais, com a orientação do professor doutor Dielcio Moreira.

Vivemos no século XXI e podemos usufruir dos avanços da ciência, como as vacinas, as tecnologias digitais, os aparelhos eletrônicos, os eletrodomésticos, entre outros, que nos facilitam as atividades do dia a dia, de sorte que não nos imaginamos sem eles.

Na pandemia de Covid-19, por causa do negacionismo e de mentiras, ficou exposta a dificuldade da ciência, dos cientistas e das universidades em se comunicar com a sociedade. Notícias falsas e manipulações de informação nas redes sociais colocavam em dúvida o papel do cientista e do

conhecimento científico.

Como problema de pesquisa, nós nos questionamos: até que ponto essa forma verticalizada de divulgar ciência alcança as pessoas que não estão envolvidas diretamente com o processo científico? Elas têm conhecimento da importância da ciência, no seu cotidiano, em suas atividades diárias?

Como objetivo, pretendemos compreender como ocorre a circulação de informações científicas sobre o meio ambiente, saúde humana e animal, na comunidade ribeirinha São Gonçalo Beira Rio, realizando uma análise sobre a correlação desse conhecimento científico, especialmente o conceito de Saúde Única (One Health) com o conhecimento tradicional (Ciência Popular). Outro ponto da pesquisa é se a comunidade identifica a região como histórica e culturalmente relevante, e quais são as ações e atividades para a permanência e a transmissão desse conhecimento.

A referida comunidade foi escolhida por ter sido a primeira da Capital do Estado de Mato Grosso, localizada na margem esquerda do Rio Cuia-bá, cujo sustento está ligado ao peixe, ao artesanato, às danças (cururu e siriri) e ao rio, sendo as famílias dos pescadores, em sua maioria, proprietárias dos restaurantes daquela localidade.

2. Referencial Teórico

Como dito anteriormente, utilizamos como referencial teórico os seguintes autores: Ludwik Fleck (2010), com os conceitos de translação e coletivo de pensamento, Fritjof Capra (1996), com pensamento sistêmico; Humberto Maturana e Francisco Varela (1997), com Autopoiese; Jean Caune (2008) e James Carey (2008), com Cultura e Comunicação; Edgar Morin (2015), com pensamento complexo; David Harvey (2014), cidade sã; Luisa Massarani (2022), Carlos Orsi e Natalia Pasternak (2023), com a desinformação e o negacionismo.

3. Métodos

A pesquisa é de natureza qualitativa e se desenvolve por meio de um estudo descritivo e exploratório. Os instrumentos de coleta de dados, na

investigação são: revisão bibliográfica (livros, artigos e documentos), observação participante, entrevista em profundidade e grupo focal. Com base nas experiências de Ciência Cidadã, buscamos a participação da comunidade. Nas entrevistas em profundidade e nos grupos focais, os sujeitos estão divididos em três grupos: idosos, adultos e jovens.

4. Considerações Finais

Adotaremos, em todo o caminhar da tese, o conceito de Saúde Única, que tem sido usado como uma abordagem eficaz para problemas complexos de saúde que envolvem várias disciplinas. Xie *et al.* (2022) propõem analisar o tema, a partir do pensamento sistêmico, para entender problemas de sistemas complexos.

A ideia de Saúde Única envolve vários elementos, como doenças zoonóticas (doenças transmitidas dos animais para os humanos, tanto domésticos como silvestres), resistência a antibióticos, qualidade e segurança dos alimentos (alimentos contaminados), doenças transmitidas por vetores (malária, zika, chagas, toxoplasmose, febre amarela, leishmaniose, covid-19 etc.), saúde do ambiente (poluição, desmatamento, queimadas, agrotóxicos etc.), saúde mental e saúde ocupacional:

A saúde única tem por objetivo a busca pela preservação da saúde em todos os âmbitos, e engloba as mais diversas áreas, envolvendo o meio ambiente, os animais e o homem, que precisam estar equilibrados. Quando ocorre falhas nesse equilíbrio ou falta de “manutenção” em alguma das áreas, as consequências podem ser graves. (Souza *et. al*, 2021, p. 23)

Gruetzmacher *et al.* (2021) alertam sobre a necessidade de se trabalhar com a abordagem Saúde Única, para “direcionar a nossa saúde futura neste mundo de mudanças agudas e irrevogáveis. A Covid-19 nos mostrou o custo exorbitante da inação. A hora de agir é agora”.

Consideramos que estamos passando por um momento de ruptura da forma de se pensar a ciência, a qual era concebida por visões fragmentadas, havendo a necessidade de um olhar sistêmico e para o todo. Essa mudança do olhar, levando em conta a necessidade de se trabalhar em rede, foi vivenciada durante a pandemia de Covid-19, que possui inter-

correlação com o meio ambiente, os animais e o ser humano.

A proposta de se trabalhar em rede e tendo uma visão preocupada com o ecossistema é uma urgência para os tempos atuais, onde não podemos pensar que o ser humano é o centro do universo e que suas atitudes não irão repercutir para as gerações futuras.

O uso desenfreado dos agrotóxicos, do descarte de qualquer maneira dos resíduos sólidos e esgotos no meio ambiente está se tornando insustentável. É necessária uma mudança desse olhar de que o planeta Terra se autorregenera e que dele se pode retirar à vontade as riquezas. O termo Saúde Única e o pensamento sistêmico são sopros de esperança para ação e reflexão.

A Tese pretende compreender como se dá a circulação das informações científicas sobre meio ambiente, saúde humana e animal, como eles recebem e acessam essa informação, de forma direta, indireta ou retrabalhada. É imperioso identificar esses fluxos de comunicação e verificar se as pessoas acreditam em fatores outros que não seja o científico.

Precisamos saber como as pessoas compreendem o conhecimento científico, incorporando os seus valores e necessidades, colocando em prática o conhecimento adquirido. Além disso, analisaremos se o conhecimento tradicional dessa comunidade ribeirinha se relaciona com o conceito de Saúde Única (One Health) e se está presente, em suas práticas cotidianas.

Pretendemos problematizar a saúde única também como um problema de comunicação e não apenas de saúde. Além disso, analisamos as questões de Comunicação e Saúde x Comunicação em Saúde, Educação em Saúde x Educomunicação.

Referências

CALDAS, Graça. **Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência.** In: PORTO, C. M.; BROTAS, A. M. P.; BORTOLIERO, S. T. (Org.). *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas.* Salvador: EDUFBA, 2011.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** Tradução: Newton Roberval Eíchemberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAUNE, Jean. As relações entre cultura e comunicação: núcleo epistêmico e forma simbólica. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade Cásper Líbero**. Ano XI, n. 22, dez 2008. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/556>

CAREY, James. **Communication as Culture: Essays on Media and Society**. Revised Edition. 2009: Routledge's - Taylor & Francis Group, Ano 2008.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil – 2019**. Resumo executivo. Brasília, DF: CGEE, 2019. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_publica.pdf/ce15e51d-d49d-4d00-abcf-3b857940c4c7?version=1.2

FLECK, Ludwik. **Fundamentação da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da Ciência**. In: FLECK, Ludwik. Gênese e Desenvolvimento de um fato científico. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. p. 01-36.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. Tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Cláudia Berliner. – São Paulo: Martins Fontes, 2008 – (Coleção tópicos).

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREITAS, Thiago Ribeiro de. **O uso de argumentos sobre verdade e esperança em campos científicos controversos: um estudo sobre a veiculação de pesquisas com células-tronco na mídia**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2010.

FREITAS, Thiago Ribeiro de. **Entre a esperança de cura e a cautela perante os riscos: um estudo com voluntários de ensaios clínicos com células-tronco**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

FROTA-PESSOA, Oswaldo. José Reis, **O divulgador da ciência**. In:

KREINZ, Glória; PAVAN, Crodowaldo (Org.). Os donos da paisagem: estudos sobre divulgação científica. São Paulo: NJR/ECA/USP, 2000.

GRUETZMACHER, K.; KARESH, W.B., AMUASI J.H., ARSHAD A, FARLOW A, GABRYSCH S, JETZKOWITZ J, LIEBERMAN S, PALMER C, WINKLER A S, WALZER C. The Berlin principles on one health – Bridging global health and conservation. **Science of The Total Environment**, Volume 764, 2021, 142919, ISSN 0048-9697, <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.142919>. (<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0048969720364494>) Acesso: 08 out. 2022

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KREINZ, Glória. **Teoria e prática da divulgação científica**. In: KREINZ, Glória; PAVAN, Crodowaldo (Org.). Os donos da paisagem: estudos sobre divulgação científica. São Paulo: NJR/ECA/USP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

LEMONS, André. A Comunicação das Coisas: Teoria Ator-Rede e Cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013 (Coleção Atopos).

I, Luisa; MEDEIROS, Amanda; WALTZ, Igor; LEAL, Tatiana. Disinformation about Covid-19 in Ibero-America: an analysis of fact checkers. **Transatlantic Studies Network (TSN)**, n.14, 2022.

MOREIRA, Benedito Dielcio. **Desafios da Divulgação Científica: os primeiros passos na UFMT**. In: MOREIRA, Benedito Dielcio e SILVA, André Chaves de Melo (Org.) – Cuiabá: EdUFMT, 2017. 349 p. ISBN 978-85-327-0603-4

MOREIRA, Tiago; PALLADINO, Paolo. Between truth and hope on Parkinson's disease, neurotransplantation and the production of the "self". **History of the Human Sciences**, v. 18, n. 3, 2005.

PASTERNAK, Natalia; ORSI, Carlos. **Ciência no cotidiano: Viva a razão. Abaixo a ignorância**. 1. ed., 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2023.

SOUZA, Bárbara Victória Dias de; SANTANA, Cassiane Barreto; QUEISSADA, Daniel Delgado; PACHECO, Fábio Kovacevic; DIAS, Mariana Monique Santos; RODRIGUES, Rayanne Rabelo; COSTA, Shakyra Fontes. **Patologias associadas à Saúde Única**. In: QUEISSADA, Daniel Delgado; PACHECO, Fábio Kovacevic (Org). Fundamentos de Saúde Única. – Paripiranga, BA: AGES, 2021. ISBN 978-65-996353-1-1

SPINK, Mary Jane. Riscos antecipados: regimes de esperança e regimes de verdade na administração de agravos à saúde. Texto apresentado na Mesa Redonda “Saúde Coletiva, Risco e Biopolítica”. In: V Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde. **Anais...** São Paulo: ABRASCO/USP, 2011.

STENGERS, Isabelle. **Quem tem medo da ciência? Ciências e Poderes**. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Siciliano, 1990.

VIEIRA, Juliana Michaela Leite. **A Divulgação Científica sobre Células-tronco do Cordão Umbilical e Placentário na Imprensa, no Cotidiano Médico-Científico e nos Usuários de Serviços de Saúde Privados**. 2017. 368 f. Orientadora: Dolores Cristina Gomes Galindo. Coorientador: Benedito Dielcio Moreira. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, MT, 2017. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/2029>. Acesso em: 20 de jan. 2023.

XIE T, LIU W, ANDERSON BD, LIU X, GRAY GC (2017) A **system dynamics approach to understanding the One Health concept**. PLoS ONE 12(9): e0184430. <https://doi.org/10.1371/journal>. Acesso em: 08 out. 2022

Capítulo 15 - Mulheres na Pesca Artesanal: Experiências Transnacionais entre Rosário Oeste (Brasil) e a Costa de Oaxaca/Chiapas (México)¹

Ivoneides Maria Batista do Amaral²

1. Introdução

A pesca artesanal constitui uma prática milenar de produção de alimentos, sustento econômico e preservação cultural, profundamente vinculada aos modos de vida de comunidades ribeirinhas e costeiras em diferentes partes do mundo. No Brasil, essa atividade representa uma importante fonte de subsistência, especialmente na região amazônica e no Pantanal, enquanto no México ela se mantém como parte fundamental da economia e da identidade de povos indígenas e afromexicanos. Apesar de sua relevância, a pesca artesanal é historicamente marcada pela invisibilidade social e pela precarização do trabalho, fenômenos que se acentuam quando o olhar se volta para a participação das mulheres.

As pescadoras, embora responsáveis por grande parte da produção, do trato e da comercialização do pescado, permanecem à margem do reconhecimento institucional e enfrentam condições de trabalho que combinam longas jornadas, baixo retorno financeiro e ausência de políticas públicas efetivas. Essa situação revela a interseção de marcadores de gênero, raça e classe social, que estruturam desigualdades no acesso a direitos básicos, como saúde, educação e renda.

Este artigo analisa a participação das mulheres na pesca artesanal em dois contextos interligados por desafios semelhantes: a cidade de Rosário Oeste, no estado de Mato Grosso (Brasil), e as comunidades de Zapotalti, Corralero, Minitan e Topón, localizadas na costa de Oaxaca e Chiapas

¹ Tese de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal de Mato Grosso.

² Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso. Professora pela SEDUC-MT, integrante do grupo de pesquisa multimundo.

(México). A pesquisa integra um intercâmbio doutoral realizado entre abril e outubro de 2024, cujo objetivo foi compreender como as pescadoras brasileiras e mexicanas vivenciam e resistem às transformações socioambientais, às barreiras estruturais de gênero e às políticas públicas insuficientes.

A análise destaca que apesar das diferenças geográficas e culturais, as realidades dessas comunidades convergem em aspectos fundamentais: a importância da pesca como prática de subsistência e resistência; a centralidade das mulheres no cuidado com a família e no manejo ambiental; e a luta cotidiana por reconhecimento, direitos e permanência no território. Ao evidenciar essas conexões, o estudo contribui para o debate sobre gênero, sustentabilidade e justiça social na pesca artesanal latino-americana.

2. Referencial Teórico

A compreensão da presença feminina na pesca artesanal exige uma abordagem interseccional, capaz de articular gênero, raça, classe social e meio ambiente. A divisão sexual do trabalho, conceito central para este estudo, evidencia que a organização social do trabalho atribui historicamente às mulheres funções de cuidado e reprodução, enquanto aos homens são reservadas atividades produtivas consideradas de maior valor econômico (Santos, 2019). Esse padrão, herdado do patriarcado, repercute no setor pesqueiro, onde o trabalho das pescadoras é frequentemente interpretado como “ajuda” e não como atividade profissional (Martinez; Hellebrandt, 2019).

A literatura especializada demonstra que as mulheres, mesmo quando não participam diretamente da captura do pescado, realizam funções fundamentais no preparo, conservação, transporte, comercialização e transmissão de saberes (FAO, 2012). Essa contribuição, porém, permanece invisível, resultando em baixa remuneração, dificuldade de acesso a direitos previdenciários e exclusão das políticas públicas voltadas ao setor (Antunes Neto; Silva; Amaral, 2021).

Além da desigualdade de gênero, é indispensável considerar o racismo estrutural que atravessa a vida de mulheres negras e indígenas. Conforme argumenta Carneiro (2003), o racismo define a inferioridade social dos

segmentos negros e impõe às mulheres negras uma dupla opressão, pela cor e pelo gênero. Estudos recentes apontam que, no Brasil, as mulheres negras e indígenas ocupam posições laborais mais precárias, com menor acesso à educação e saúde, perpetuando ciclos de pobreza (Yuderkys; Moreno, 2021). Realidade semelhante é observada entre as comunidades afromexicanas de Oaxaca e Chiapas, onde, segundo Berrio (2023), as mulheres enfrentam obstáculos estruturais para acessar licenças de pesca, benefícios governamentais e renda fixa.

Outro elemento central é a questão ambiental. A pesca artesanal depende diretamente do equilíbrio ecológico dos rios, lagunas e mares. Alterações no regime das águas, poluição, avanço do agronegócio e mudanças climáticas afetam a disponibilidade de peixes e mariscos, aumentando a vulnerabilidade das comunidades (Auyero, 2019). Canclini (2005) destaca que a globalização intensifica processos migratórios e a exploração dos recursos naturais, gerando fraturas culturais e sociais que impactam a reprodução dos modos de vida tradicionais.

Por fim, este estudo dialoga com a noção de territorialidade, entendida como a relação de pertencimento entre comunidades e seus ambientes de vida. A pesca artesanal não é apenas uma prática econômica, mas um modo de existir, onde trabalho, cultura e natureza se articulam. A perda do território — seja pela degradação ambiental ou pela apropriação por agentes externos — significa também a perda de identidade e memória coletiva.

3. Métodos

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, privilegiando o contato direto com as comunidades e a escuta das pescadoras. Na cidade de Rosário Oeste-MT, as atividades de campo se concentraram em diferentes momentos, com destaque o segundo semestre de 2023. Em Oaxaca, no México, foi realizado entre os meses de abril a outubro de 2024, integrando o intercâmbio doutoral realizado junto ao *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS), em Oaxaca, México.

Foram realizadas 17 entrevistas semiestruturadas com pescadoras ar-

tesanais: sete no município de Rosário Oeste (Brasil) e dez nas comunidades de Zapotalito, Corralero, Minitan (Oaxaca) e Topón (Chiapas). As participantes foram selecionadas pela experiência na prática da atividade pesqueira e localizadas por redes de contato, garantindo diversidade de idades, tempo de atuação na pesca e posição nas organizações locais.

Além das entrevistas, a investigação contou com observação participante nas seguintes atividades: acompanhamento nas práticas de pesca, limpeza e preparação dos peixes para alimento da família e comercialização (Brasil); coleta e manejo de moluscos (Tichindas – *Mytella arciformis*), atividades de monitoramento da laguna e participação em reuniões de cooperativas (México). O diário de campo foi adotado para registro de impressões, conversas informais e dinâmicas comunitárias. Quanto ao levantamento de dados secundários, foram utilizadas informações oficiais do Ministério da Pesca e Aquicultura (Brasil), da Comissão Nacional de Aquicultura e Pesca (CONAPESCA) e do Instituto Nacional de Estatística e Geografia (INEGI) do México.

As informações obtidas foram organizados em categorias temáticas: (1) trabalho feminino e divisão sexual das atividades; (2) impactos ambientais e sustentabilidade; (3) saúde e educação; (4) mobilidade e migração; e (5) estratégias de resistência e organização comunitária. A análise foi orientada pela perspectiva da interseccionalidade, permitindo compreender como gênero, raça e classe se entrecruzam nas trajetórias das pescadoras.

4. Resultados

A análise das entrevistas, observações e registros de campo revelou padrões convergentes entre as pescadoras de Rosário Oeste (Brasil) e das comunidades de Oaxaca e Chiapas (México), mesmo em contextos geográficos e culturais distintos. Os achados foram organizados em cinco eixos: participação feminina na pesca, invisibilidade e reconhecimento, impactos ambientais, saúde e educação e experiências transnacionais.

Participação Feminina na Pesca

No Brasil, segundo o Ministério da Pesca e Aquicultura (2023), 49%

dos mais de 1 milhão de pescadores profissionais são mulheres, evidenciando sua expressiva presença no setor. Em Mato Grosso, esse percentual é de 40,58%, e em Rosário Oeste, de 35,52%, números que confirmam a relevância da atuação feminina na região. Nas comunidades mexicanas, a Comissão Nacional de Aquicultura e Pesca (CONAPESCA) estima mais de 22.000 mulheres dedicadas à pesca e à aquicultura, ainda que apenas 12% figurem nos registros oficiais (INEGI, 2019).

As entrevistas mostram que em ambos os países as mulheres participam de todas as etapas da pesca artesanal: desde a preparação das redes, a coleta de moluscos e peixes, o trato e a limpeza, até a comercialização. Em Oaxaca, por exemplo, as pescadoras coletam Tichindas (*Mytella arciformis*), molusco típico dos mangues, enquanto em Rosário Oeste atuam na captura de peixes como cachara e pintado. Muitas pescadoras relatam que a aprendizagem ocorreu na infância, acompanhando pais, irmãos ou companheiros, e que a pesca é entendida como herança familiar e prática de pertencimento ao território.

Invisibilidade e reconhecimento

Apesar da centralidade de seu trabalho, as pescadoras enfrentam invisibilidade social e institucional. Em Rosário Oeste, várias entrevistadas relataram que, mesmo pescando desde jovens, só obtiveram a Carteira de Pescadora após anos de atividade, enquanto seus familiares homens já possuíam o documento. No México, a ausência de políticas públicas específicas dificulta a obtenção de licenças e apoios financeiros, restringindo o acesso das mulheres a direitos previdenciários e benefícios de defeso.

O depoimento de uma pescadora brasileira ilustra essa situação: “Meu pai, meu avô e meu esposo sempre tiveram a carteira de pescador. Mesmo indo todos nós para o rio, eu só fiz a minha há dez anos, e podia ter feito antes”. Já em Zapotalito (Oaxaca), integrantes da cooperativa *Mujeres Pescadoras del Manglar* relataram que a criação de associações femininas foi uma estratégia para conquistar reconhecimento e fortalecer a defesa dos territórios lagunares.

Impactos Ambientais

A degradação ambiental é uma preocupação recorrente em todos os locais pesquisados. Em Oaxaca e Chiapas, a formação de bancos de areia impede a entrada da água do mar nas lagunas, provocando escassez de peixes, redução de oxigênio e morte das Tichindas. As pescadoras relatam jornadas cada vez mais longas para coletar uma quantidade mínima de moluscos, com retorno financeiro insuficiente. Situação semelhante ocorre em Rosário Oeste, onde o assoreamento do rio Cuiabá, a poluição e a diminuição do nível da água dificultam a navegação e a reprodução dos peixes.

Essas mudanças impactam diretamente a renda e a segurança alimentar das famílias. “Seguimos vindo todos os dias à laguna, mesmo diante da falta, pois não há outra forma de viver”, relata Janete, pescadora mexicana. No Brasil, a pescadora Glória afirma: “Antes íamos com a canoa até lá embaixo; agora ela fica presa no mato ou na terra, o rio perdeu profundidade e o peixe não cresce”.

Saúde e Educação

As condições de saúde das pescadoras refletem o peso do trabalho físico intenso e a precariedade dos serviços públicos. Em Minitan, as mulheres contam com apenas uma visita mensal de enfermeira, recorrendo a chás e plantas medicinais para tratar doenças como hipertensão, diabetes e dores musculares. Em Rosário Oeste, queixas de dores crônicas e falta de assistência médica adequada também foram frequentes.

O acesso à educação é outro desafio. Entre as 17 entrevistadas, sete declararam não saber ler nem escrever; seis frequentaram apenas o ensino fundamental; três concluíram o ensino médio; e apenas uma possui formação técnica. Em comunidades mexicanas, a ausência de escolas locais obriga as crianças a percorrerem longas distâncias para estudar, aumentando a evasão escolar e limitando as perspectivas de mobilidade social.

Experiências Transnacionais

Apesar das diferenças entre Brasil e México, as trajetórias das pescadoras revelam convergências notáveis. Em ambos os contextos, a pesca é

mais que uma atividade econômica: é prática de resistência, transmissão de saberes e afirmação identitária. As mulheres relatam orgulho de viver da pesca, mas também frustração diante das transformações ambientais e da falta de apoio governamental.

Outro ponto em comum é a migração de jovens. Em Oaxaca, muitos tentam chegar aos Estados Unidos, frequentemente por vias ilegais, enfrentando riscos de violência e exploração. Em Rosário Oeste, os jovens migram para capitais ou cidades do norte de Mato Grosso em busca de emprego. Essa saída da juventude ameaça a continuidade da pesca artesanal, pois reduz a mão de obra e fragiliza os vínculos comunitários. As falas das entrevistadas evidenciam que apesar das adversidades a pesca é percebida como fonte de liberdade e empoderamento, permitindo às mulheres ampliarem seus espaços de decisão e fortalecer laços de solidariedade.

5. Considerações Finais

A pesquisa realizada em Rosário Oeste (Brasil) e nas comunidades afromexicanas da costa de Oaxaca e Chiapas (México) demonstra que a pesca artesanal é mais do que uma atividade econômica: trata-se de um modo de vida, de resistência cultural e de afirmação identitária. As mulheres entrevistadas revelam trajetórias de força e resiliência, articulando o trabalho na pesca com o cuidado familiar, a preservação ambiental e a transmissão de saberes intergeracionais.

Apesar de sua relevância, o trabalho feminino permanece marcado pela invisibilidade. Em ambos os contextos, as pescadoras enfrentam barreiras para o acesso a licenças, benefícios previdenciários e políticas de apoio, além de lidar com condições de saúde precárias e baixa escolaridade. Essa exclusão é reforçada por padrões patriarcais e, no caso das mulheres negras e indígenas, por estruturas de racismo e colonialidade que dificultam a mobilidade social e a participação política.

As mudanças ambientais observadas, como o assoreamento dos rios, a formação de bancos de areia, a escassez de peixes e moluscos e a poluição intensificam a vulnerabilidade das comunidades, ameaçando a continuidade da pesca artesanal. Em resposta, as pescadoras organizam-se em cooperativas, como a *Mujeres Pescadoras del Manglar* no México, ou marcam

presença em colônias, como a Z13 em Rosário Oeste, administrada por homens, buscando garantir direitos e fortalecer redes de apoio.

Diante desses achados, este estudo reforça a necessidade de políticas públicas integradas que reconheçam e valorizem o trabalho das mulheres na pesca artesanal; garantam acesso à saúde, educação e benefícios previdenciários; promovam a sustentabilidade ambiental e a proteção dos territórios pesqueiros; combatam o racismo estrutural e a desigualdade de gênero.

Mais do que prover assistência, essas políticas devem respeitar os saberes locais e fortalecer a autonomia das comunidades, assegurando que a pesca artesanal continue sendo um espaço de vida, memória e futuro.

6. Referências

ANTUNES NETO, José Nogueira; SILVA, Raphael de Oliveira; AMARAL, Shirlena Campos de Souza. Maré invisível e as mulheres na pesca artesanal: um estudo sobre o perfil laboral e a discriminação indireta na atividade pesqueira do Brasil. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 16, n. 43, p. 103–128, dez. 2021. DOI: [10.14393/RCT164305](https://doi.org/10.14393/RCT164305).

AUYERO, Javier (2019). Los sinuosos caminos de la etnografía política. **Revista Colombiana de Antropología** 55, vol 2 Julio-diciembre de 2019. pp 169-190.

BERRIO, Lina Rosa. **Gênero, raça e pesca artesanal: experiências afromexicanas**. Oaxaca: CIESAS, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, n. 3, p. 3-12, 2003.

FAO – Circular de Pesca e Aquicultura n.º 1075, KALIKOSKI, D. C.; VASCONCELLOS, M. **Estudo das condições técnicas, econômicas**

e ambientais da pesca de pequena escala no estuário da Lagoa dos Patos, Brasil: uma metodologia de avaliação. Roma: FAO, 2012.

GERBER, Regina. Trabalho feminino na pesca artesanal: invisibilidades e resistências. **Revista de Estudos Rurais**, v. 7, n. 1, p. 69-84, 2015.

INEGI – Instituto Nacional de Estadística y Geografía. Censos Económicos 2019. Disponível em: <https://www.inegi.org.mx>. Acesso em: 10 set. 2024.

MARTINEZ, Ana; HELLEBRANDT, Ana. Mulheres na pesca artesanal: trabalho e reconhecimento. **Revista de Ciências Sociais**, v. 50, n. 1, p. 7-21, 2019.

MENÉNDEZ, Eduardo. Saúde, cultura e trabalho: desigualdades estruturais na América Latina. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 18, n. 2, p. 237-246, 2002.

MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA (Brasil). Brasil tem mais de 1 milhão de pescadores profissionais e 49% são mulheres. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mpa>. Acesso em: 15 abr. 2024.

QUILJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **Revista Internacional de Sociologia**, v. 63, n. 20, p. 215-232, 2005.

SANTOS, Ana Cláudia. Gênero, trabalho e pesca artesanal: reflexões sobre a divisão sexual do trabalho. **Revista de Antropologia Social**, v. 11, n. 2, p. 175-190, 2019.

YUDERKYS, Espinosa Miñoso; MORENO, Lorena Cabnal. Femonismos decoloniais e interseccionalidade: raça, gênero e território. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, p. 1-18, 2021.

Capítulo 16 - Cultura e comunicação: o pensamento sistêmico em saúde para crianças da educação infantil¹

Jessiane Maria de Almeida²

1. Introdução

Este projeto visa compreender a percepção das crianças da educação infantil sobre uma visão mais sistêmica da saúde, investigar se os professores abordam questões de saúde animal e ambiental, além da saúde humana, e como isso é realizado. A pandemia da Covid-19 impactou a educação, destacando desafios como o ensino online e evidenciando desigualdades nas escolas públicas.

As desigualdades nas escolas públicas afetam as crianças, muitas das quais enfrentam dificuldades devido à falta de saneamento básico e má alimentação. A pandemia agravou essas desigualdades, especialmente devido à falta de acesso à internet e dispositivos para aulas remotas. A tecnologia está cada vez mais presente na vida das crianças, influenciando seus métodos de aprendizado. As escolas urbanas, em particular, têm populações diversas, promovendo a interculturalidade. A comunicação entre escola, aluno e família é crucial para a saúde e educação das crianças.

A saúde das crianças está ligada à aprendizagem e cultura. Elas precisam de atividades pedagógicas e culturais para um desenvolvimento saudável. Os professores desempenham um papel fundamental na educação infantil, adaptando-se ao uso de tecnologia e abordando questões relevantes. A pandemia do Covid-19 mostrou a importância de ensinar saúde e comunicação na educação infantil, relacionando a saúde humana com o

¹ Trabalho faz parte da Dissertação intitulada Cultura e Comunicação: o pensamento sistêmico em saúde para crianças da Educação Infantil, defendida em 2023 no PPGECO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

² Jessiane Maria de Almeida é Coordenadora Pedagógica do CEIC Laís Amicucci Soares Martins, EM Cuiabá – Mato Grosso. E-mail: jessiane.almeida@outlook.com

meio ambiente e a vida animal. O projeto questiona se as crianças podem compreender a saúde a partir dessa perspectiva sistêmica e como os professores comunicam questões de saúde para essa faixa etária. A pesquisa considera que as crianças têm acesso a informações e tecnologias além do que é ensinado na escola, o que pode permitir uma compreensão mais holística da comunicação e saúde.

2. Referencial Teórico

As crianças, desde a tenra idade estão cada vez mais expostas a tecnologias, levantando debates sobre o momento apropriado para introduzi-las o uso dessas ferramentas. Crianças já demonstram habilidades tecnológicas surpreendentes, como o manuseio de dispositivos, desde idades precoces (Livingstone, 2016). Escolas modernas incorporam tecnologias na educação, usando ferramentas como a "Rádio Cartola" para promover a comunicação, criatividade e aprendizado dos alunos.

A educação contemporânea não se limita a habilidades tradicionais, mas visa desenvolver pensamento crítico, colaboração e cultura. A comunicação desempenha um papel fundamental na educação infantil, permitindo que as crianças expressem suas ideias e desenvolvam suas habilidades. A Constituição Federal de 1988 solidificou a importância da educação como um direito, por isso a Educação Infantil é crucial para o desenvolvimento das crianças, pois proporciona uma base para atitudes e habilidades (Paschoal, 2013). A infância é uma construção social e as creches têm um papel educativo fundamental, contribuem para o desenvolvimento das crianças. A promoção da saúde no ambiente escolar inclui a melhoria do espaço físico, práticas de ensino, educação em saúde e integração com serviços de saúde. O "Programa Saúde na Escola (PSE)" é uma das iniciativas.

2.1 Cultura, Comunicação e Tecnologias na Educação Infantil

No campo da educação, a interação entre diferentes culturas tem um papel significativo no desenvolvimento humano. Estudos interculturais exploram as ideias de independência e interdependência, que podem ser entendidas como culturas de individuação e culturas de relacionamento.

Estas linhas de pesquisa estabelecem uma ligação entre mudanças sociais e desenvolvimento humano, ligando trajetórias de desenvolvimento com mudanças sociodemográficas (Anjos, 2016).

O modelo de independência concebe o indivíduo como autônomo, enquanto o modelo de interdependência o vê como inter-relacionado com outros. O modelo de relacionamento autônomo combina ambos, enfocando tanto a integração da família quanto sua autonomia (Buss-Simão e Mafra-Rebello, 2019). Esses modelos são influenciados por fatores culturais, como a ruralidade e urbanidade, impactando o desenvolvimento.

O fenômeno do parentesco é uma interface entre biologia e cultura, permitindo a transmissão e transformação de informações. As etno-teorias parentais, crenças e estilos de interação desempenham um papel importante nesse processo (Tavares, 2022).

2.2 Pensamento Sistêmico na Educação Infantil

O pensamento é a faculdade de pensar e se manifesta de forma diversa em indivíduos devido a habilidades metacognitivas. Os pensamentos podem ser involuntários, surgindo em resposta a estímulos externos, ou voluntários, resultado de um raciocínio específico. A educação moderna procura estimular a capacidade dos alunos de pensar de forma crítica e resolver problemas, adotando abordagens de pensamento sistêmico ou crítico (Nodari, 1997). Este método promove a relação entre ideias para gerar novos conhecimentos.

2.3 Tecnologias da Informação

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) abrangem a aquisição, produção, armazenamento, tratamento, comunicação e apresentação da informação (Baranauskas e Valente, 2013). A digitalização da informação é um dos principais resultados da convergência dessas áreas do conhecimento, permitindo a troca de informações de maneira eficaz.

O uso de TICs na educação, que inclui a utilização de lousas digitais, computadores e internet, visa tornar o processo educativo mais dinâmico e visual, promovendo o envolvimento ativo dos alunos e melhorando o

aprendizado (Oliveira, Mello e Franco, 2020). As TICs auxiliam na personalização do ensino, adaptando as atividades às necessidades individuais dos alunos (Camargo, Ferreira e Godoy, 2019).

Além disso, o desenvolvimento de habilidades tecnológicas e digitais desde cedo é considerado essencial para os cidadãos do século XXI, já que a tecnologia desempenha um papel cada vez mais importante na sociedade (Lima, Santos, Campos e Franco, 2019).

2.4 Desafios dos Professores no Século 21

As mudanças culturais e tecnológicas, como a influência da Internet, impactam o ensino tradicional, desafiando os professores a se adaptarem a um novo ambiente de ensino. Isso exige uma nova abordagem para a formação de professores e a entrega de educação no século XXI.

Os professores devem adotar uma abordagem interdisciplinar, promovendo o diálogo efetivo e a colaboração entre os diversos espaços curriculares (Carvalho e Schmidt, 2021). Além disso, a integração das tecnologias na formação dos professores vai além do conhecimento de equipamentos, exigindo uma abordagem pedagógica adequada (Corsino, 2021).

A introdução de habilidades digitais no currículo da educação infantil visa promover o desenvolvimento pessoal e a formação de alunos críticos (Queiroz, 2021). As crianças devem ser incentivadas a se sentir seguras no uso de tecnologias, tanto cultural quanto intelectualmente. O uso de tecnologia na educação infantil oferece benefícios como estímulo à criatividade, resolução de problemas e personalização do aprendizado (Alves, Ferrari e Oliveira, 2019). Além disso, prepara as crianças para o mundo digital em constante evolução.

No entanto, a utilização da tecnologia deve ser equilibrada com outras atividades, e os educadores devem escolher cuidadosamente os recursos tecnológicos, levando em consideração a idade, o desenvolvimento e o contexto cultural das crianças (Silva, 2019). Precauções devem ser tomadas para garantir a segurança no uso da tecnologia na educação infantil (Vóvio, 2019).

3. Métodos

Para compreender os eventos na sala de aula, a pesquisa utiliza a observação participante, englobando entrevistas, análise documental, fotografia, gravações, entre outros. Entrevistar crianças é desafiador, já que se expressam de diversas formas, com destaque para o desenho. Vigotski destaca que o desenho infantil não apenas reflete o que veem, mas também o que sabem e consideram essencial. Assim, o desenho torna-se uma maneira significativa de comunicação para as crianças, superando limitações na fala.

Entender crianças, especialmente na educação infantil, requer abordagens especiais, focando na compreensão da situação em vez de comprovar teorias ou generalizar. O desenho é uma ferramenta valiosa para a pesquisa com crianças, permitindo investigar seu desenvolvimento, representações e pensamentos. As entrevistas também são essenciais, ajudando a compreender a perspectiva das crianças sobre diversos temas.

Para conduzir entrevistas com crianças, é crucial considerar a idade, o desenvolvimento e as experiências prévias, além de estabelecer confiança com a criança para obter respostas autênticas. Na análise de dados, deve-se levar em conta tanto o conteúdo das respostas quanto as expressões verbais e não verbais das crianças.

Em resumo, a pesquisa utiliza observação participante, enfatiza o desenho e a entrevista com crianças para compreender seu desenvolvimento e perspectivas, exigindo sensibilidade em relação às características da população estudada e análise cuidadosa dos dados.

4. Resultados

Inicia-se os resultados dessa pesquisa apresentando os resumos dos professores, o trabalho de campo, incluindo o planejamento, a execução e sua conclusão. A preparação do campo ocorreu no período de maio de 2023 e a coleta de dados e finalização ocorreram em junho de 2023. O estudo envolveu cerca de 5 turmas de educação infantil, incluindo a pré-escola, em duas unidades.

A primeira unidade acolhedora foi o Ceic Mariana Fernandes Macedo, que atende exclusivamente crianças de 01 e 11 meses a 03 anos e 11

meses em período integral. Nesta unidade não foi possível obter todas as informações necessárias para esta pesquisa, pois as crianças ainda não possuíam habilidades na fala e ainda se encontram em período de garatuja. Portanto, nesta unidade, obteve-se apenas a participação de uma educadora, em que ela contribuiu com seus relatos e observações feitas durante a aplicação do projeto. A segunda foi o Ceic São José Operário. Esta unidade atende crianças de 01 ano e 11 meses a 05 anos e 11 meses, tendo em seu quadro as crianças da pré-escola, de 4 a 5 anos de idade. Nesta unidade, pode-se obter as informações necessárias para esta pesquisa.

Para a coleta dos resultados foi criado o projeto denominado “Saúde Única para Educação Infantil”, discutido e adotado pelas duas escolas, cujo objetivo era trabalhar com as crianças durante quatro semanas. Foram realizadas atividades exclusivas voltadas à saúde e bem-estar da natureza, dos animais e dos seres humanos. O projeto foi criado pela pesquisadora e apresentado à coordenação e aos professores das duas unidades. Após a apresentação e discussões, as professoras optaram por dividir os temas semanais de acordo com o projeto: semana da saúde ambiental, semana da saúde animal e por fim semana da saúde humana, ficando a última semana como fechamento do projeto. Ao final de cada semana as professoras organizaram um relatório, contendo as informações e descrições das atividades desenvolvidas durante a semana.

Portanto, a apresentação e discussão dos resultados deste estudo estão organizados da seguinte forma: 1. Relatórios de aplicação; 2. Entrevista com os professores sobre a aplicação do projeto e expectativas com a ideia de uma saúde única; desafios enfrentados na educação infantil durante a pandemia do Coronavírus e como este tema foi tratado com as crianças; existência anterior de algum projeto sobre saúde e metodologia adotada; bem como a reação das crianças com a junção da saúde humana, do meio ambiente e dos animais em uma saúde única. 3. A produção de um desenho sobre a ideia de saúde única; 4. Entrevistas em forma de aplicação do desenho com as crianças.

5. Considerações Finais

Considerando a importância do bem-estar animal, ambiental e hu-

mano, juntamente com o importante papel das escolas na vida de milhares de estudantes, este estudo buscou compreender, através das práticas comunicativas e culturais, qual é a percepção das crianças da educação infantil sobre uma visão mais sistêmica da saúde.

Com a construção do projeto “Saúde Única na Educação Infantil”, que proporcionou a obtenção dos resultados desta pesquisa, foi possível conhecer um pouco mais sobre a importância do conceito de saúde única, conceito este que mostra que a saúde animal, ambiental e humana não se desassocia uma da outra.

Conforme os relatos dos professores sobre como foi a aplicação do projeto, fica evidenciada a importância do ensino lúdico e interativo, a valorização da abordagem da saúde única na educação infantil, a necessidade de comunicação entre escola e família sobre temas de saúde e o desejo de aprimorar a compreensão das crianças sobre a interligação entre ser humano, animais e natureza.

Durante a aplicação do projeto, na finalização de cada semana os professores fizeram um relatório descrevendo as atividades da semana e seus desenvolvimentos. Os professores adotaram abordagens criativas e envolventes para ensinar conceitos de saúde ambiental, humana e animal para crianças de 4 e 5 anos. Eles aproveitaram a roda de conversa diária como um meio eficaz para discutir tópicos relevantes. Através de atividades lúdicas, como vídeos, músicas, rodas de conversas interativas e criação de materiais recicláveis, os alunos compreenderam a importância da reciclagem, cuidados pessoais e preservação da natureza.

Cada professor adaptou seu ensino de acordo com a faixa etária que atende, garantindo que os alunos compreendessem a conexão entre ações individuais e impactos coletivos. Eles enfatizaram a relação entre bem-estar pessoal e ambiental, usando exemplos práticos para tornar os conceitos tangíveis. As atividades práticas, como coletar lixo, desenhar e criar maquetes, permitiram que as crianças explorassem as ideias de forma concreta.

As abordagens abrangentes desses professores, combinando aprendizado teórico e prático, ajudaram as crianças a desenvolverem uma compreensão profunda de como suas ações influenciam a saúde do meio ambiente, dos seres humanos e dos animais. Isso não apenas estimulou a

conscientização, mas também incentivou uma mentalidade de cuidado e responsabilidade desde a infância.

Em síntese, as respostas dos professores evidenciam uma gama de expectativas e, para além dessas expectativas, surgem também algumas sugestões como maior durabilidade para aplicação do projeto. Em outros casos consideraram a oportunidade de compartilhar conhecimento e vivências de novas experiências. Com os relatórios entregues pelos professores e através da conversa com cada um deles, pode-se observar as contribuições que este projeto permitiu, tanto nas práticas pedagógicas como nas formas de ensinar e até mesmo na aquisição de conhecimentos.

Sobre os relatos das crianças, pode-se observar pelas respostas que elas não apenas levam conhecimento para seus meios familiares, mas trazem também as vivências de suas casas. Juntando com o que aprendem na escola, seguem formando suas visões de mundo.

Diante das respostas dos professores, vê-se a necessidade de trabalhar com as crianças com mais frequência e em maior prazo a saúde como um todo, de acordo com o que o conceito de saúde única prevê, deixando o ensinamento antropocêntrico voltado apenas para a saúde humana ou até mesmo de se trabalhar o meio ambiente apenas como uma data comemorativa. Segundo os professores que participaram nesta pesquisa, os ensinamentos com maior frequência e em maior prazo possibilitarão uma maior compreensão por parte das crianças. Então, pode-se identificar que um período de 30 dias não seria suficiente para abordar um tema tão complexo e de tamanha importância.

Com este estudo, também pode-se identificar que a contribuição da família é indispensável e que a escola necessita dessa contribuição para garantir o direito de aprendizagem de seus alunos de forma eficaz. Portanto, por meio das respostas das crianças e dos professores, pode-se concluir que a criança dessa faixa etária, a partir dos 4 anos de idade, pode sim fazer a associação e compreender que a saúde animal ambiental e humana são indissociáveis e que uma depende da outra para sobreviver, porém, para essa compreensão ser mais precisa, necessitaria de um trabalho frequente e com maior durabilidade, sempre trazendo as experiências e vivências das crianças de casa para a escola. Neste sentido, estender o projeto aos pais é também uma proposição relevante.

O projeto “Saúde única na Educação Infantil”, elaborado para a realização desta pesquisa de mestrado, foi adotado como projeto fixo da unidade de ensino Ceic-Mariana Fernandes Macedo, para ser trabalhado todos os anos, de preferência no mês de junho, data em que se comemora o dia do meio ambiente, consolidando juntamente com a rotina universalizada da Secretaria de Educação, que é uma proposta de ensino igualitário para toda a rede de educação infantil do município. E, o projeto será um norteador para as atividades desenvolvidas pelos professores.

Ao longo desta pesquisa foi possível tecer valiosas considerações que permitiram ter uma melhor visão sobre ensinamento em saúde para crianças da educação infantil. Acredita-se que foi possível contribuir também com as práticas pedagógicas dos professores participantes, que, por sua vez, poderão levar para as unidades que percorrem todos os aprendizados obtidos com esta pesquisa, que não se dá por finalizada, mas que poderá contribuir para maiores aprofundamentos e até mesmos como inspiração para futuros pesquisadores.

6. Referências

ALVES, Maria Teresa; FERRARI, Polyana; OLIVEIRA, Priscila. As tecnologias digitais na Educação Infantil: avanços e desafios. **Revista Científica FacMais**, v. 3, n. 1, p. 52-61, 2019

ANJOS, Juez José Tuchinski dos. - No regaço da mãe Faustina: uma ama escrava e a educação da criança pela família no século XIX - **Educar em Revista**; (60); 199-214; 2016-06

BARANAUSKAS, M. C. C., & VALENTE, J. A. Tecnologias, Sociedade e Conhecimento, 1(1), 1-5, 2013.

BUSS-SIMÃO, Márcia; MAFRA-REBELO, Aline Helena. - Formas regulatórias e participação infantil: marcas de descompassos nos momentos da roda na Educação Infantil - **Educar em Revista**; 35(77); 245-264; 2019-10

CAMARGO, Mariane; FERREIRA, Renato; GODOY, Marcos. A personalização do aprendizado na educação infantil por meio das tecno-

logias digitais. **Revista Digital de Tecnologia e Cultura**, v. 6, n. 1, p. 45-59, 2019.

CARVALHO, Amanda Gabriele Cruz; SCHMIDT, Andréia. - Práticas Educativas Inclusivas na Educação Infantil: uma Revisão Integrativa de Literatura - **Revista Brasileira de Educação Especial**; 27; 2021

CORSINO, Patrícia. - Apresentação - Movimentos avaliativos na e da Educação Infantil - **Educar em Revista**; 37; 2021

ESTEBAN, Maria Teresa; LOUZADA, Virgínia; FERNANDES, Ana Cristina Corrêa. - Processos avaliativos e docência na Educação Infantil: diálogos cotidianos - **Educar em Revista**; 37; 2021

LIMA, Jucimara; SANTOS, Monique Fernanda; CAMPOS, Viviane Souza; FRANCO, Amanda Cristina de Sousa. A contribuição das tecnologias digitais para o desenvolvimento infantil. **Revista Científica da FAMINAS**, v. 15, n. 1, p. 47-58, 2019.

LIVINGSTONE, Sonia. **The Class: Living and Learning in the Digital Age**, New York University Press, 2016

NODARI, P. C. A ética aristotélica. Síntese Nova Fase, v. 24, 1997.

OLIVEIRA, A.X.; MELLO, D.E.; FRANCO, S.A. P. Práticas de ensino com o uso de tecnologias digitais: o papel da formação docente. **Revista Teias**, v. 21, n. 60, jan./mar. 2020.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. 2013. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf Acesso em: 18 de out. 2022.

QUEIROZ, M.A. **Infância digital: elaborações de crianças sobre suas experiências na educação infantil a partir do uso de tablet**. 223 f. Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha. Dissertação (Mestrado em Educação) —Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, 2021

SILVA, Marcia Borin da. Educação Infantil e tecnologia: desafios e possibilidades. **Revista Teias**, v. 20, n. 57, p. 67-85, 2019

TAVARES, José de Farias. **Comentários ao Estatuto da Criança e do Adolescente**, 12. ed. rev. ampl. e atual. com os dados comparativos entre os dispositivos do Código Civil de 1916 e o novo Código Civil de 2002. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

VÓVIO, Claudia Lemos. O uso de tecnologia na Educação Infantil: possibilidades e desafios. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 13, n. 2, p. 262-282, 2019

Capítulo 17 - Radioatividade: uma breve história das areias monazíticas de Guarapari(ES)¹

Marina Coelho Motta²

1. Introdução

Minha aproximação com o tema “radioatividade” aconteceu durante o período em que ministrei aulas nos cursos para Tecnólogos em Radiologia, em algumas instituições particulares de ensino superior da região metropolitana de Cuiabá–MT. Contudo, o fator determinante para a minha decisão sobre o tema partiu de um almoço na casa dos meus pais, ambos graduados em Física, em que o meu pai — que é doutor nessa área — falou sobre a cidade de Guarapari, no estado do Espírito Santo, e suas areias monazíticas. Confesso que não sabia sobre a existência de tais areias, bem como não imaginava a amplitude de sua abordagem temática. Após o interesse ter sido despertado e alguns meses estudando sobre as areias monazíticas, enviei uma proposta de pesquisa para o departamento do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) onde fui prontamente atendida.

Com esse indicativo, o próximo passo foi o deslocamento até à cidade de Guarapari, maior ponto turístico do Espírito Santo. Foram 10 dias em setembro de 2017, período utilizado para conhecer, observar e fotografar o local. Em um dos passeios pelo calçadão da Praia de Areia Preta, logo após o pôr do sol, pude iniciar uma conversa com duas senhoras que ali também passeavam. Elas foram muito solícitas e se dispuseram a se reunir comigo no dia seguinte, pela manhã, naquela praia, para nos apresen-

¹ Este texto traz informações sobre a tese de doutorado “Radioatividade: o processo transitório do medo à ideia de cura pelas areias monazíticas”, defendida na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

² Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea – UFMT. E-mail: marinameiracoelho@gmail.com

tar algumas pessoas que poderiam fornecer dados relevantes à pesquisa. Como resultado daquele encontro, fui presenteada com livros, fotos e contatos que me permitiram, mesmo residindo em Cuiabá, acessar outras fontes para subsidiar e complementar o estudo.

Então, com a pesquisa “Radioatividade: o processo transitório do medo à ideia de cura pelas areias monazíticas”, investigamos as areias monazíticas, emissora de radioatividade espontânea na cidade de Guarapari-ES; o processo de medo, que foi amplamente divulgado pelas mídias, causou estranheza e questionou a ideia de cura promovida pela radioatividade. Como base metodológica, utilizamos uma bibliografia específica sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil, além de jornais e documentos já colocados à disposição pelas Forças Armadas Brasileira, principalmente a Marinha.

A pesquisa em Arquivo Público se mostrou imprescindível, pois é onde estão registradas as informações sobre as areias monazíticas do Brasil e acerca dos locais em que foram processados industrialmente os seus elementos. Ao término da pesquisa, vimos que os meios de comunicação e o medo, aliados à falta de conhecimento específico, sobre o que é radioatividade, provocaram interpretações duvidosas. Para melhor compreender como se deu o processo de transição do medo da radioatividade para a busca de cura a diversas enfermidades, entrevistamos moradores e turistas atraídos pelas possibilidades de cura das areias monazíticas.

2. Quadro metodológico

Esta pesquisa foi organizada a partir de uma metodologia de abordagem qualitativa, com viés cultural e interdisciplinar, utilizando-se da Física, Biologia, Comunicação, Jornalismo, Filosofia e Cultura. Cumpre destacar as influências que me auxiliaram na escolha e condução desta pesquisa. Primeiramente, os trabalhos do professor doutor João de Vasconcellos Coelho (1936 –), físico nuclear. Ao perceber que havia poucos estudos sobre o tema, ele propôs estudar as areias monazíticas de Guarapari-ES. Em segundo lugar, o autor Silva Mello (1971), em seu livro *Guarapari Maravilha da Natureza*, autor que aborda o potencial radioativo da região e, também, a possibilidade de tratamento e cura com o uso da

areia. Trata-se do pioneiro a expor o potencial terapêutico do balneário.

Além dos pesquisadores acima mencionados, outros autores me inspiraram no desenvolvimento e produção deste estudo: Jose Augusto Dias Júnior e Rafael Roubicek, que, em ‘O Brilho de Mil Sóis’ (2007 [publicação original em 1995]), discutem a história da bomba atômica e seus desdobramentos; Beatriz Bueno (2011), com o levantamento histórico dos principais fatos ocorridos em Guarapari–ES, em torno do tema e de outras curiosidades, e Günther Anders, “Teses para a era atômica”, (2018), com sua pesquisa que discute a catástrofe ambiental ligada à era atômica e à banalização dos fatos dela decorrentes, abordando sobre a questão de o homem tornar-se obsoleto, ou seja, quando perde sua capacidade de sentir e passa a se comportar como uma máquina.

Também merece destaque o trabalho da professora Emiko Okuno (2018), “Radiação: efeitos, riscos e benefícios”. O estudo discute os efeitos da radiação, bem como sua aplicabilidade e as transformações culturais geradas em torno desse tema. Nesse sentido, Leonam dos Santos Guimarães (2016) em “O medo nuclear” trouxe importante contribuição sobre o medo da energia nuclear.

Já Bernadette Bensauade-Vincent (2013) aborda o tema “Vertigens da Tecnociência”, em que percorre o caminho da formação do mundo, átomo por átomo. Em “Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente”, organizado por Hermetes Reis Araújo (1998), são abordadas as questões sobre a cultura contemporânea e a ciência reduzida à lógica do produtivismo, em que a cultura não difere da natureza. Danna Haraway, em *Stay Whith the Trouble* (2015) (Convivendo com o problema, tradução livre), relata as formas de se viver e morrer em um mundo danificado e os novos modos de se relacionar.

Outros suportes essenciais para a pesquisa decorrem dos ensinamentos de: Felix Guattari, em “Três ecologias” (1990), em que o autor manifesta toda a sua aversão perante um mundo que vem se corrompendo lentamente, por meio dos desequilíbrios ecológicos, cujos acidentes químicos e nucleares têm sido comuns e algumas doenças deles decorrentes são incuráveis, situação na qual uma ecologia afetada afetará as outras; e no trabalho de Guattari com Gilles Deleuze, “Mil platôs: Máquinas desajantes. Somos todos máquinas!” (1995).

Por fim, trago o autor Urick Beck, de “*A teoria da sociedade do risco*” (*World Risk Society*, 1999), baseada no pensamento da modernização reflexiva, uma das teorias sociológicas do século XX com mais impacto na sociedade moderna, tanto nos campos das ciências sociais, jurídicas e da engenharia como junto aos decisores políticos e do público em geral.

O objetivo neste ensaio é compreender o universo da radioatividade e os potenciais científicos e energéticos, uma busca na história e a transformação cultural, no início do século XX, a utilização da radiatividade em todos os segmentos como forma de poder e status sociais, ao mesmo tempo que os efeitos do elemento rádio eram desconhecidos.

Atualmente, esses elementos não são utilizados de forma indiscriminada, pois no passado gerou grandes impactos sociais, ambientais e físicos. Dito isso, não há dúvida de que o mero nome de “radioativo” dá origem a um sentimento de inquietação e insegurança, uma vez que, como aprendemos a fazer, para muitas outras substâncias e descobertas, geralmente confiamos em evidências e dados que emergem regularmente das comunidades científicas e das leis dos vários países.

No início do século XX, a publicação em jornais e de artigos científicos sobre as novas descobertas da radioatividade tratava das possíveis aplicações nas áreas de saúde como uma forma segura e eficaz de produtos contendo material radioativo (Vdovenko *et al.*, 1975).

Devido à falta de conhecimento científico eficaz sobre a radiação, “médicos e cientistas começaram a analisar os reais efeitos, surgindo irritações e descamações cutâneas, queimaduras, cegueira e, até mesmo, formas cancerosas” (FRAME, 1989). Nesse sentido, “O desejo de resultados imediatos (como acontecia com os raios-x) sobrepujava eventuais efeitos adversos com o tempo” (Hoffman, 1925).

De acordo com Lima, Pimentel e Afonso (2011, p. 93):

Os últimos anos do século XIX e os primeiros do XX foram marcados pela descoberta dos raios X e da radioatividade, que viariam a revolucionar as teorias atômicas. Tais descobertas estimularam, desde aquela época, inúmeras pesquisas, visando não só entender aqueles novos fenômenos como também propor aplicações destes. Os primeiros relatos sobre a radioatividade de Antoine-Henri Becquerel (1852–1908) foram feitos apenas alguns meses após a divulgação da existência dos raios-x, feita por Wilhem Con-

rad Roentgen (1845–1923), sendo seus efeitos percebidos de imediato pela população e mídia. Por exemplo, eles permitiam a visão interior do corpo humano por meio das radiografias, causando um impacto maior que a radioatividade, que não podia ser vista pelas pessoas. Os trabalhos do casal Curie tiveram crucial importância na mudança de rumo que tomaria a radioatividade. A partir das primeiras observações de Marie Curie (1867–1934), em abril de 1898, quando constatou que havia algum componente mais ativo que o urânio em seus minerais naturais, o casal isolou o rádio em 1902, após três anos de trabalhos exaustivos (Lima, Pimentel e Afonso (2011, p. 93).

A partir da descoberta da radiatividade, a humanidade passa por várias transformações que mudariam todo o percurso da história. A radiatividade era vista como um milagre de todos os tempos e poderia ser aplicada em todos os setores atômicos, por exemplo em indústrias farmacêuticas, datação de pinturas antigas, produtos de beleza e bélicos, na construção de armas nucleares, ou seja, em todos os segmentos tecnológicos.

Isso levou a um crescente entusiasmo, e uma onda de esperança surgiu acerca dos benefícios desse elemento, dentre os quais: a energia, a iluminação moderna e o combustível,

[...] capazes de mover as máquinas das indústrias e a nascente frota automobilística eram exemplos de aplicações imaginadas para o rádio. A divulgação da descoberta do rádio e de suas propriedades (as manchetes relativas a ele geralmente ocupavam a página de rosto dos jornais, tal como já ocorrera com os raios-x anos antes) fez com que as pessoas, já fascinadas quando do surgimento dos raios-x, passassem a vê-la como um novo e encantador fenômeno. Os jovens eram particularmente envolvidos por aquela sensacional era da ciência, que não conhecera precedentes no século XIX. Tanto a sociedade europeia quanto a norte-americana foi extremamente atenciosa com o fenômeno da radioatividade, ao ponto de dizer que o rádio era muito bem aceito pelo corpo humano, assim como a radiação pelas plantas. (Lima; Pimentel; Afonso, 2011, p. 93-94).

Nesse sentido, a radioatividade passou a ter um papel de destaque e visibilidade na fase inicial da sua história, trazendo respostas sobre as questões da ciência que, aparentemente, eram insolúveis. Portanto, o rá-

dio tornou-se um elemento que possuía “superpoderes”, por ter a capacidade de ser responsável pela qualidade e geração da vida, cura de doenças irreversíveis e fonte da juventude. Nos meios de comunicação, não se falava outra coisa que não fosse o milagre da radiação, cuja informação alcançou a esfera mundial (Lima; Pimentel; Afonso 2011).

Em 1910, tem início a publicação de informativos em revistas e artigos científicos, principalmente na Europa e Estados Unidos, para a população mais jovem. As publicações eram realizadas com base em estudos científicos e estruturadas com linguagem de fácil entendimento para que toda a população pudesse compreender a aplicabilidade da radioatividade, por exemplo, na medicina, indústrias e no manufaturamento de tintas luminosas para produção de ponteiros luminosos nos relógios³. A propaganda procurava envolver o leitor de forma entusiasmada, com os efeitos do bem-estar que o elemento poderia produzir a partir das descobertas científicas.

Segundo Macklis (1990, p. 28), a radioatividade passou a fazer parte do dia a dia, pois era encontrada em vários produtos, principalmente nos de consumo humano, por exemplo a água, que era ““desnaturada” pela falta de um componente essencial a ela: a radioatividade, eliminada durante o tratamento da água” (Hering 1924). Algumas propagandas da época diziam que determinadas doenças eram causadas pela água devido à falta de tratamento ou por ser imprópria para o consumo. Nesse sentido, a radioatividade poderia restaurar novamente as propriedades e o vigor que a água tinha perdido, melhorando, assim, a saúde da população com a aplicação do gás radônio, tão essencial quanto o oxigênio (Chase, 1991).

Os produtos de beleza foram os que tiveram mais impactos na beleza feminina, tornando um grande mercado de produtos de origem atômica (Bardwell, 1926). As propagandas eram diretamente direcionadas ao imaginário popular para acreditar na beleza e nas linhas de produtos diversos, sendo todos com a garantia da radioatividade em suas substâncias, que trazia maior credibilidade às mulheres que consumiam e, consequentemente, maior destaque à sociedade.

³ As Meninas Radioativas da empresa Undark: um estudo de caso sobre a violência emocional e socioambiental sobre o uso indiscriminado da radioatividade. Coelho, Marina Meira; Motta, Daril Domingos, 2017.IHGD/UFMT.

Nesse contexto, percebe-se que na modernidade tal ação concentrava-se em pôr ordem no caos, buscando a beleza, harmonia e felicidade (Bauman, 2000). Havia produtos radioativos para limpeza de pele, tratamentos faciais para eliminação de rugas, acne, cravos e branqueamento da pele, entretanto esses produtos não eram acessíveis à população de baixa renda, pois o valor era elevado, o que não permitia a todos terem acesso aos produtos estéticos, que Bauman (2000) chamou de privilégios da elite.

Nos produtos radioativos vinham fotos de belas mulheres estampadas nas propagandas e artigos de revistas, que chegaram a ponto de mudar o que entendemos como estética. Nesse sentido, Baudrillard (2013), usando o conceito da hiper-realidade, convencionou que a beleza feminina deveria alcançar um padrão ideal.

Naquela época, transformada pela modernidade dos produtos radioativos a realidade foi mudada para algo hiper-real, pois será no estágio de simulação que se percebe estar, de alguma forma, sendo confundido ou, ainda, como no caso dos produtos de beleza à base do elemento rádio a renovação da forma de ver a beleza presente na sociedade (Frame, 1986). Sobre isso, Bauman (2000) aponta:

Como a sociedade moderna de produtores foi gratuitamente se transformando em uma sociedade de consumidores. Nessa nova organização social, os indivíduos se tornaram ao mesmo tempo promotores e, também, suas próprias mercadorias que promovem e todos habitamos espaço social descrito como mercado de consumo. (Bauman, 2000, p. 20).

Há um sentimento de medo que grande parcela da sociedade apresenta quanto ao uso da energia nuclear, seja em qual produto for apresentado. O discurso informacional pelos meios de comunicação é um dos fatores primordiais desse medo existir. Por intermédio de matérias veiculadas na mídia de ampla circulação, que constituem o corpus da análise elaborada, observa-se como vem sendo construída a informação discursiva sobre as grandes tragédias nucleares a partir da radioatividade. Desde os meados do século XX, a história é marcada pelo medo das bombas atômicas, que repercutiu no cenário mundial pelos meios de informação: jornais, televisão, revistas, gerando, assim, mais preocupação do que propriamente

esclarecimentos sobre o assunto

Para que a sociedade que vivia a expansão de veiculação sobre o elemento químico rádio, pensava-se que poderia trazer curas e desenvolvimento. As areias monazíticas retiradas em Guarapari-Es foram de fundamental importância para o desenvolvimento da Ciência no Brasil, pois, foram a partir da descoberta dela, que houve uma valorização nos institutos de ciências e desenvolvimento cultural.

3. Considerações Finais

Verificou-se que o fenômeno da radioatividade não despertava nem medo nem esperança, tratava-se apenas de uma atividade natural que provinha de alguns minérios encontrados tanto no Brasil quanto em outros países. Nós convivemos com a radioatividade, provinda de elementos naturais e do espaço sideral. Nós somos radioativos, assim, aonde formos, qualquer lugar que seja, vamos levar e encontrar essa radioatividade.

A circulação de produtos a partir de elementos radioativo gerou na história, em períodos distintos, percepções e sentimentos também distintos. Formando assim nova forma de ver a questão radioativa. Assim, a radioatividade promoveu o desenvolvimento e abertura para novos caminhos para a Ciência. Com essa breve história das areias monazíticas podemos provocar vários questionamentos sobre o que elementos radioativos podem fazer para a humanidade.

4. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, E. V. de. **A Radioatividade e suas aplicações**. Monografia. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2004.

ANDERS, G. Teses para a era atômica. Tradução: Alexandre Nodari e Déborah Danowski. Sopro 87, abr./2013, p. 3-10. **Edição Cultura e Barbárie**. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/ou-tros/anders.html#.X2yaS2hKgeR>. Acesso em: 17 fev. 2018.

ARAÚJO, H. R. de. (org.). **Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

AZEVEDO E SOUZA, B. de; SOTO, R. E. de A. Criminologia cultural, marketing e mídia. **Boletim IBCCRIM**, São Paulo, ano 20, n. 234, p. 14-15, mai. 2012.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011.

BENSAUDE-VINCENT, B. **As Vertigens da Tecnociência**. São Paulo: Ideia & Letras Editora, 2013.

BUCHANAN, P. D. **Radical Feminists: A Guide to an American Subculture: A Guide to an American Subculture**. [S.l.]: ABC-CLIO, 2011. p. 124-2011.

BUENO, B. **Guarapari muito mais que um sonho**. Brasília: Editora Thesaurus, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIAS JÚNIOR, J. A.; ROUBICEK, R. **O brilho de Mil sóis – História da bomba atômica**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

GAINES, M. **Energia Atômica**. São Paulo: Melhoramentos; Edusp, 1975.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. **Environmental Humanities**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 159-165, 2015.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, set. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>.

HELMAN, C. G. **Dor e cultura**. In: Cultura, saúde e doença. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KIERNAN, D. **The Girls of Atomic City: The Untold Story of the Women Who Helped Win World War II**. Touchstone, 2013.

KOLBERT, E. **The Sixth Extinction: an unnatural history**. New York: Henry Holt and Company, 2014.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos, Crise**. Tradução: Carlos Iri-
neu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1994.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercul-
tura**. São Paulo: Annablume, 2013.

LOPES, A.; BOURGUIGNON, N. **A guerra de Guarapari: uma
história sobre praias tropicais, bombas atômicas, riqueza e explora-
ção no litoral brasileiro**. Vitória, 29 de agosto de 2015.

LUHMANN, N. **A realidade dos meios de comunicação**. São Pau-
lo: Paulus, 2005.

MELLO, S. **Guarapari Maravilha da Natureza**. Rio de Janeiro: O
Cruzeiro, 1971.

MIOSSEC, J-M., **Le tourisme et les aménagements touristiques
littoraux**. In: MIOSSEC, A., Géographie Humaine des littoraux mariti-
mes. Paris: Sedes, pp. 309-411, 1998.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Ja-
neiro: Zahar, 1976.

MOTOYAMA, S. Fapesp: **Uma História de Política Científica e
Tecnológica e Para uma História da Fapesp**. Marcos Documentais. São
Paulo: Fapesp, 1999.

OKUNO, E.; YOSCHIMURA, E. **Física das Radiações**. São Paulo:
Oficina de Textos, 2010.

ROUBICEK, Rafael; DIAS JUNIOR, José Augusto. **O brilho de mil
sóis**. São Paulo: Ática, 1995.

RHODES, R. **The making of the atomic bomb**. New York: Simon
& Schusters Paperbacks, 2011.

ROSZAK, T. **A contracultura**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

RUBIN, J. **DO IT!: Scenarios of the Revolution**. New York: Ballan-
tine Books, 1970.

SAFFIOTI, W. **Fundamentos da Radioatividade**. São Paulo: Editora Vozes, 1982.

SAFATLE, V. **Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STRATHERN, P. **Oppenheimer e a bomba atômica**. Tradução: M. H. Geordane. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

WOLFGANG, R. **Anti-nuclear Movements: A World Survey of Opposition to Nuclear Energy**, Longman, 1990. p. 54–55.

VIRILIO, P. **A inércia Polar**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1993.

Expressões Artísticas e Subjetividade na Contemporaneidade

Capítulo 18 - Renato - de Manfredini Junior a Russo¹

Luciano Carneiro Alves²

Aos quinze anos, em Brasília e no ano de 1975, o adolescente Renato Manfredini Junior deu forma ao seu desejo de ser artista. A maneira foi inusitada: criou a imaginária “42nd Street Band” - referência à avenida de Nova York que foi cenário para o movimento beat nos anos 1950 e do *folk* na década de 1960. Dava vazão ao seu sonho de ser uma estrela do rock enquanto se recuperava de uma doença no quadril, a epifisiólise, que gera desvios na articulação do fêmur ao quadril e que limitou os movimentos e a sociabilidade de Renato até os dezessete anos.

Em meio a imobilizações das pernas, fisioterapia e deslocamentos de cadeira de rodas ou muletas, criou a personagem Eric Russel, líder da *42th Street Band*. Pelo menos até 1993, registrou sempre em inglês em vários cadernos de anotações suas imaginações sobre a trajetória da banda que existia em sua mente e que, na adolescência, o ajudou a superar a delicada fase pessoal.

Nas primeiras oportunidades que teve após voltar a andar em 1977 e se integrar à *Turma da Colina* em Brasília, buscou colocar seus sonhos em prática. Setor de quadras de apartamentos de professores da Universidade de Brasília, a Colina foi o espaço no qual jovens filhos de professores, militares e funcionários públicos em geral construíram uma sociabilidade em torno dos signos da cena punk de influência inglesa. Renato embora não morasse nesta região de Brasília, acabará por se sentir atraído por esta nova onda e frequentar a Colina.

Chamava-lhe atenção especialmente o fato dos *punks* (ou “podres”,

¹ Este texto tem origem em minha tese de doutoramento “Renato Russo: Rastros Poéticos de Um Animal Sentimental”, sob a orientação do Prof. Dr. Benedito Dielcio Moreira, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (2023).

² Professor do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Rondonópolis. Pesquisador de práticas culturais, artísticas e educacionais contemporâneas, com foco em juventude e música. Contato: luciano@ufr.edu.br

“restos”, em tradução não-literal) serem jovens que faziam uso de indumentárias e discursos que fugiam do politicamente correto e como eram capazes de chocar a sociedade agindo assim. E de estarem definindo outra sonoridade no âmbito da música jovem, o *punk rock*.

Bandas como *The Clash* e *Sex Pistols* estavam em evidência e eram tratadas como a nova onda do *rock*. O som simples, veloz e agressivo que as caracterizavam eram a marca do *punk rock* em contraposição à elaboração e pretensões artísticas de grupos como Pink Floyd, que almejavam com suas canções e apresentações marcadas pelo apuro técnico que o rock “progredisse” e fosse mais respeitado artisticamente.

Com o *punk rock*, a persona Renato Russo começa a ganhar forma. A possibilidade de fazer música com “três ou quatro acordes” e a postura “faça você mesmo” das bandas inglesas, juntamente com sua vontade de estar sempre “sintonizado” com as últimas novidades (principalmente se pudesse estar à frente do restante da turma na divulgação dessas novidades...), foi tratada como a oportunidade de começar a tocar rock sem ter quase nenhuma técnica instrumental.

Foi o que afirmou Renato Russo em declaração dada em 1986: “Eu sempre quis ser igual aos *Beatles*, ter uma banda, mas achava impossível, porque não sabia tocar nada. Daí, surgiu o punk, que eu ouvi quando todos começaram a gostar de disco music, e pensei: “Ah, pra fazer quatro acordes, até eu!”. (Assad, 1997, p. 201).

Um acorde corresponde, em termos muito simples, a três ou mais notas musicais sendo harmonicamente tocadas juntas por um instrumento musical. Existe uma infinidade de acordes que podem ser tocados, mas cada estilo acaba por usar uns ou outros preferencialmente. E estas preferências são articuladas às propriedades sonoras (duração, intensidade, altura e timbre) e às variações do campo harmônico no qual se referencia a melodia (sucessão rítmica das notas e acordes).

No caso do *punk rock*, ficou muito marcado o uso de guitarras tocadas com rapidez, alta intensidade e pequena variação de timbres. O resultado foi um som acelerado pela rápida troca de acordes, que se repetem várias vezes ao longo da música, geralmente partindo do formato que a banda norte-americana *Ramones* consagrou: acordes da “escala de quinta” – Dó, Sol, Ré, Lá, Mi, Si, Fá Sustenido (meio tom acima) e Dó Sustenido.

Os irmãos Flávio e Felipe Lemos foram o elo de Renato com a Colina. Filhos de um professor de Biblioteconomia da UnB, eles acompanharam o pai em 1976 quando fora para a Inglaterra cursar pós-graduação. Sempre que possível, enviavam para os amigos que estavam no Brasil fitas cassete gravadas com os programas de rádio que escutavam em Leicester – cidade a 150 km de Londres onde residiam. Na volta, foram matriculados pelos pais na escola de idiomas Cultura Inglesa para darem sequência aos aprendizados da língua estrangeira e, assim, conheceram Renato.

As fitas enviadas pelos irmãos Lemos foram importantes para criar sintonia entre alguns adolescentes da Colina, que as ouviam como se fossem um tesouro. De alguma forma, sentiam-se vivendo o mesmo que os ingleses, o que dava uma sensação de distinção. Quando Renato os conheceu, gostou de encontrar outros garotos e garotas que “curtiem” rock, tinham materiais para trocarem e alimentavam o mesmo sonho de ter uma banda.

O estreitamento de laços com André Müller, amigo de Flávio, e com André Pretorius – filho do embaixador da África do Sul, colega de Müller na Escola Americana onde estudavam juntos – criou a situação necessária para que o sonho pudesse ser materializado. Durante o ano de 1979 foram diversos encontros e ensaios que redundaram no “Aborto Elétrico”, formado inicialmente por Renato (baixo e voz), Felipe (bateria) e André Pretorius (guitarra).

Embora em muitas referências possa ser encontrada a data de 1978 para a criação do Aborto Elétrico, foi somente em 1979 que isso de fato aconteceu. Desde o segundo semestre de 1978, Renato e Felipe já estavam decididos a criar a banda, mas faltavam instrumentos e os demais integrantes. A bateria de Felipe, por exemplo, só chegou da Inglaterra no final de 1978. Outro ponto importante: como esclarece Felipe Lemos, no primeiro ano houve apenas ensaios.

O primeiro show do Aborto Elétrico foi em 11 de janeiro de 1980, no Só Cana, que ficava no [Centro Comercial] Gilberto Salmão. O repertório tinha umas seis ou sete músicas e tivemos de repeti-las. Foi todo instrumental porque ninguém cantava. (Marchetti, 2001, p. 105).

Há duas versões para a escolha do nome da banda.

Segundo o próprio Renato, Aborto Elétrico era uma referência a um cassete usado pela polícia do Distrito Federal, que, posto em ação para dissolver uma manifestação em 1968, induzira uma jovem grávida ao aborto. Segundo Fê, o nome nascera de um brainstorm em torno do nome de uma banda americana, Electric Flag [Bandeira Elétrica]. Estando os três membros da banda de acordo com a presença da palavra “elétrico”, foram experimentando outras que caíssem bem com ela. Pretorius sugeriu “aborto”, aprovada por aclamação. Aborto Elétrico. [...] De qualquer forma, aquele era adequado a uma banda formada para protestar contra o regime militar (Dapieve, 2000, p. 36).

Antes disso,

Em outubro de 1979, Renato rascunha o próprio futuro. Registra a gravação de uma fita cassete, batizada Saturno devorando um dos seus filhos, com a primeira leva de composições do Aborto: “Admirável mundo novo (Sid Vicius has hisen from the grave)”, “Verde-amarelo”, “Que país é este”, “Metrópolis”, “Quanto tempo”, “Ficção científica” e outras quatro músicas sem nome, agrupadas sob o rótulo silly songs [músicas bobas]. Na identificação da autoria das canções, Renato opta por utilizar um pseudônimo, Érico Russo, versão em português do nome que escolhera para o líder da banda imaginária 42nd Street Band. (Marcelo 2009, p. 139)

Não se sabe ao certo em que momento Érico virou Renato Russo. Nos registros do Aborto Elétrico, em geral está apenas Renato. Seu período de maior dedicação como letrista, baixista e vocalista da banda foi o ano de 1980. As apresentações eram em “bares e lanchonetes como o porão do Cafó e o lado de fora da *Food's*. Por questões ideológicas, sempre sem cobrar ingresso” (Dapieve, 2000, p. 47).

Em dezembro de 1980, o assassinato de John Lennon por um fã indiretamente levou à primeira saída de Renato do *Aborto*. O crime ocorreu no dia 08 e não houve funeral. No dia 14, um domingo, o *Aborto Elétrico* tinha um show, mas Renato estava mais preocupado em viver o luto da morte de seu ídolo. Neste mesmo dia 14, ocorreu no Central Park em Nova York uma vigília e diversas homenagens a Lennon. E os fãs foram incentivados a fazerem o mesmo mundo afora. Para desgosto de Renato,

não houve em Brasília e ele lidou com esta frustração se embebedando antes do show. Ainda assim ele subiu ao palco, mas as coisas não correram bem – como lembra Felipe Lemos:

O Renato estava muito sentido com isso [morte do Lennon] e eu tive um certo ciúme pelo fato de ele não estar cem por cento concentrado no show. Fomos tocar num clima ruim. Aí, no meio da apresentação, quando estávamos tocando “Veraneio Vascaína”, o Renato errou e eu, impulsivamente, joguei a baqueta nele e acertou seu rosto. Tocamos mais uma música e ele sumiu. Quando fui procurá-lo, me disseram que ele tinha ido embora, aí me toquei da minha atitude. Fui atrás dele e ele falou que a banda tinha acabado. (Marchetti, 2001, p.105)

Durante o primeiro semestre de 1981, o *Aborto* tentou substituir Renato sem muito sucesso. Felipe o procurou, pediu desculpas e Renato voltou a participar da banda – porém sem o mesmo compromisso e entusiasmo de antes. No início de 1982 ele se afasta em definitivo e busca trajetória solo como *Trovador Solitário*.

É neste momento que também usualmente usa o nome de Renato Russo. Felipe Lemos ainda tenta por mais alguns meses levar o Aborto Elétrico à frente. Porém, junto com seu irmão Flávio, caminhou na direção de fundar outra banda: Capital Inicial.

O *Aborto Elétrico* nunca chegou a ser um grupo profissional, mas muitas das canções do seu repertório ficaram registradas em fitas cassetes como a que Renato fez em outubro de 1979 ou em gravações amadoras de ensaios ou shows. Principalmente após o sucesso da Legião Urbana e do Capital Inicial (do qual Fê Lemos veio a ser um dos fundadores), criou-se uma memória sobre o Aborto repleta de simbologias e idealizações. Para Arthur Dapieve, por exemplo,

as músicas que foram registradas são a base de um monumento. Nelas, se encontra a preocupação social do *Aborto Elétrico* – e de seu principal letrista, Renato ainda Manfredini Jr, em breve Russo – e do meio peculiar de onde o grupo emergiu. Classe média alta, bem-nascida, bem-educada, bem-informada, não-alienada. A primeira letra escrita por Renato seria transformada em hino dessa geração, dita “Coca-Cola”. (Dapieve, 2000, p. 43)

Sair do *Aborto Elétrico* significou para Renato Russo uma mudança em relação ao tipo de música produzida. Ele se apresentou em Brasília durante o primeiro semestre de 1982 como "Trovador Solitário", cantando músicas suas (entre elas "Eduardo e Mônica", um dos maiores sucessos de sua carreira, gravada pela Legião Urbana em 1986) e de outros compositores, onde a influência do *folk rock* de Bob Dylan era explícita.

Até a gravação de seu primeiro disco, em 1984, as composições de Renato cada vez mais caminham para o diálogo entre várias perspectivas do rock, como ocorre na canção "Eu Sei". composta em 1982-1983, acabando por definir sua linguagem e da Legião Urbana dentro das características do *pop rock*.

No repertório da Legião Urbana, canções do *Aborto Elétrico* tiveram seu lugar. "Geração Coca-Cola", "Que País é Este?", "Química" dentre outras. Mas a estética da banda que consagrou Renato Russo já apontava para outros caminhos. Há lugar para a estética urbana, rápida, pesada e agressiva do *punk*, mas já se percebem as melodias mais lentas (onde o violão é o instrumento básico) e as letras reflexivas do *folk* e suas ligações com a música *country* norte-americana. Ou mesmo os teclados e sintetizadores da *new wave*.

Das referências estéticas e musicais anteriores à sua fase *punk*, além de Bob Dylan houve bastante espaço para que a sonoridade dos Beatles fosse utilizada como inspiração, por exemplo. A mescla de referências que virá a caracterizar a obra da *Legião Urbana*, mostra como houve da parte de Renato Russo mudanças em sua concepção de mundo e visão política. Se no início da carreira é marcante o tom de desesperança em relação ao futuro, ao final da década de 1980 em "Pais e Filhos", "Monte Castelo" e "Quando o Sol Bater na Janela do Seu Quarto", todas do disco "As Quatro Estações" de 1989, o futuro aparece em perspectiva bem mais positiva.

Temos, assim, em sua obra uma estreita relação entre estética e política. A diluição de um referencial estético iconoclasta, como o *punk*, em outro marcado pela bricolagem de perspectivas, o *pop*, na construção de seu discurso está diretamente relacionada como o abandono de uma leitura da realidade, na qual não se via possibilidades para a construção de um futuro melhor, em prol de outra na qual já se vê perspectivas. Em síntese, ao final dos anos 1980, Renato Russo tinha em suas canções uma utopia,

ao contrário do que ocorria nos versos compostos para o Aborto Elétrico.

Em minha interpretação da obra de Renato Russo, entendo que ele se propôs a desenvolver uma proposta artística na qual em “As Quatro Estações” o vemos preocupado em abordar as correlações entre o universal e o particular, fazendo uso de canções por acreditar nelas como linguagem para divulgar sensivelmente mensagens que pudessem aproximar seu público de sua ética e contribuir para transformar o mundo nos aspectos que entedia ser urgente melhorar.

Seguindo por esta mesma perspectiva de interpretação, entendo que no conjunto das 14 canções de “O Descobrimento do Brasil”, o sexto disco da Legião Urbana, lançado em 1993, há a materialização do que Renato Russo construiu como projeto poético, estético e político. Projeto que, embora tendo por questão inegociável a obstinação de ser reconhecido como um artista singular, foi sendo caracterizado em meio às suas contradições e vivências (artísticas e pessoais).

Nestes dezesseis anos que separam a aproximação com o punk rock e o lançamento de “O Descobrimento do Brasil” a desconfiança e auto-ironia punk viraram um “hino de confiança no futuro”, como bem identificou Hermano Viana (1995). Isto fica ainda mais evidente se compararmos os versos de “Que País é Este?” (escritos em 1978 e tornados sucesso em 1987, com a gravação para o disco lançado neste ano) com os de “Perfeição” (1993).

Aos dezoito anos, bradava: “Nas favelas, no senado / Sujeira pra todo lado / Ninguém respeita a constituição / Mas todos acreditam no futuro da nação // Que país é este? / Que país é este? / Que país é este?”

Mantém-se a indignação com a realidade brasileira em “Perfeição”. Composta após os acontecimentos políticos de 1992, que levaram à deposição do Presidente Fernando Collor de Melo, mantém a crítica ao país com “sua corja de assassinos covardes / Estupradores e ladrões” e o “Estado que não é nação” de “passado de absurdos gloriosos”. Porém, há a preocupação de encerrar a canção com mensagem de otimismo.

Venha!

Meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa

Só a verdade me liberta
Chega de maldade e ilusão

Venha!
O amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera
Nosso futuro recomeça
Venha que o que vem é perfeição

Na relação com “Que País é Este?”, em “Perfeição” além da mensagem de esperança Renato faz questão usar “venha!” com exclamação como uma tentativa de convocar quem como ele tem indignação e lágrimas verdadeiras pelo Brasil, porém ainda acredita em um futuro no qual se possa haver recomeços positivos.

Se antes terminava a letra com uma pergunta que seguia ecoando, aqui diz que todo apoio para a mudança é bem-vindo já que “o que vem é perfeição”. O melhor do país está na singeleza das pessoas comuns, não em suas instituições.

Do Renato Manfredini Júnior que sonhava em ter uma banda de *rock* aos 15 anos ao Renato Russo que começa a ser ídolo juvenil aos 25 anos, a experiência na banda de *punk rock* *Aborto Elétrico* não deve ser tratada como irrelevante.

Foi um primeiro momento de vazão de sua criatividade musical, de suas compreensões sobre as contradições brasileiras. De passar de fã ao exercício prático do fazer artístico. Nada, porém, que deva significar que já era possível identificar ali a “genealidade posteriormente revelada” em minha maneira de compreender.

Ao longo de sua carreira, Renato Russo foi desenvolvendo um gesto criativo para seus versos e aprendeu que seu sonho de ter uma banda de rock de sucesso dependia de muitas outras tarefas.

Além de criar versos e sons, era preciso gravá-los, formatar como produto, divulgar para o público, potencializar seu consumo com shows, presenças em rádios, programas de televisão. Enfim, encarar sua atividade artística de forma mais profissional e responsável – inclusive nisto se preocupar sempre com a pergunta: qual a principal mensagem que minha

obra oferece?

Quem com ele conviveu, ralata o hábito desde a adolescência de ter cadernos em que registrou seus versos, ideias e sonhos. Diversos destes cadernos foram preservados e mostram que Renato Russo era inclusive um letrista bastante exigente e metódico em seu processo de composição. Nos momentos em que se iniciavam o processo de gravação dos discos da *Legião Urbana*, estes cadernos eram sempre consultados antes da finalização de uma faixa.

Outro aprendizado necessário, contudo não necessariamente bem sucedido, foi distinguir sua persona artística da sua pessoa em si. As personagens não são artifícios para que artistas escondam as suas características pessoais, mas formas para construção de elos comunicativos, estéticos e sentimentais com seu público.

Acompanhando os aspectos biográficos de Renato Manfredini Júnior algumas ambiguidades advindas da dualidade existente entre a pessoa tímida e insegura que ele demonstrava ser no cotidiano e que se transformava em artista carismático nos palcos.

Renato Russo era sempre preocupado, por exemplo, em citar muitas referências estéticas, filosóficas, políticas, como uma forma de mostrar que não era um “roqueiro sem cérebro” e que produzia “rock comercial” por opção e não por falta de repertório.

Lidando com o espectro da morte, após descobrir ser soropositivo para o HIV no início do ano de 1990 e optar por manter esta condição privada, Renato Russo apresenta composições que oscilam entre o enigmático e a serenidade quando tratava de questões ligadas à saúde. Ao mesmo tempo em que reafirmava com mais intensidade mensagens de esperança.

Referências Bibliográficas

ALVES, Luciano Carneiro. **Renato Russo: Rastros Poéticos de Um Animal Sentimental**. Cuiabá, 2023. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea), ECCO, UFMT.

ASSAD, Simone (Org.) **Renato Russo de A a Z**. Ed. ver. atl. Campo Grande (MS), Letra Livre, 1997.

DAPIEVE, Arthur. **Renato Russo. O Trovador Solitário**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2000.

MARCELO, Carlos. **Renato Russo. O filho da revolução**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MARCHETTI, Paulo. **O Diário da Turma 1976-1986: A história do rock de Brasília**. São Paulo: Conrad, 2001.

VIANNA, Hermano. **Por Enquanto – 1984-1995**. (Encarte da Coleção Por Enquanto). Rio de Janeiro: EMI Brasil, 1995.

Canções da Legião Urbana Citadas

GERAÇÃO Coca-Cola (Renato Russo). *In: Legião Urbana*. EMI, 1985, Faixa 6.

MONTE Castelo (Renato Russo). *In: As Quatro Estações*. EMI, 1989, Faixa 7.

PAIS e Filhos (Renato Russo, Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá). *In: As Quatro Estações*. EMI, 1989, Faixa 2.

PERFEIÇÃO (Renato Russo, Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá). *In: O Descobrimento do Brasil*. EMI, 1993, Faixa 4.

QUANDO o Sol Bater na Janela do Seu Quarto. (Renato Russo, Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá). *In: As Quatro Estações*. EMI, 1989, Faixa 4.

QUE País é Este? (Renato Russo). *In: Que País é Este 1978/1987*. EMI, 1987, Faixa 1.

QUÍMICA (Renato Russo). *In: Que País é Este 1978/1987*. EMI, 1987, Faixa 5.

Capítulo 19 - A dialética da fotografia contemporânea brasileira: a decolonialidade e o documental imaginário¹

Vinicius Appolari²

1. Introdução

Em 2022 foi defendida a tese intitulada “A dialética da fotografia contemporânea no Brasil: Uma proposta decolonial para a fotografia e seus discursos”, realizada de maneira online, com o intermédio de tecnologias de comunicação e adequação necessária para que a defesa ocorresse em um período pós-pandêmico. A tese aprofundou-se na fotografia contemporânea brasileira e suas relações com o conceito de decolonialidade. É interessante notar que a prática fotográfica, por mais que haja lentes teleobjetivas que permitem a criação de imagens de assuntos fisicamente distantes, necessita da proximidade, pois depende de um objeto ou sujeito que esteja diante de suas lentes. Essa dualidade da distância e proximidade alastrou-se, mesmo inconscientemente, em toda a pesquisa, que apresentou um recorte temporal de 2020 e 2021 para uma investigação sobre os eventos, atores e produções em fotografia contemporânea no Brasil, pois a fotografia não começa nem acaba no momento do clique, ela é dialética e se desenvolve com interações, mesmo depois de criada.

A fotografia é dialética no sentido hegeliano do termo. A fotografia, enquanto um produto de um processo criativo provoca afetações. A fotografia codificada em um cartão de memória ou estampada em um negativo não é o final da fotografia. Caso ela seja de alguma forma exposta, continuará criando movimentações variadas, dependendo de sua potência estética/narrativa e das interpretações de seus espectadores. (Appolari, 2022)

¹ Texto trata da tese “A dialética da fotografia contemporânea no Brasil: Uma proposta decolonial para a fotografia e seus discursos”, defendida em 2022.

² Licenciado (FAAL) e Mestre (UNICAMP) em Artes Visuais, Doutor (UFMT) em Estudos de Cultura Contemporânea, Professor de Arte no IFMS. Pesquisador e artista visual em desenho e fotografia. E-mail: viniciusappolari@gmail.com.

Um ano após a defesa da tese, com o convite do Professor Pablo Santamaria Alzate, foi realizado uma ação de internacionalização na *Fun-dación Univeritaria Bellas Artes* em Medellín - Colombia. Na ocasião, ocorreu uma intensa agenda com a realização de um curso, uma palestra, uma exposição artística, entrevistas e reuniões com a temática da fotografia contemporânea e suas relações com a decolonialidade. Ao longo das atividades houve o acompanhamento do fotógrafo e Professor Enrique Aguirre, que proporcionou diálogos que geraram diversas reflexões sobre a prática fotográfica, sobretudo a fotografia documental.

Tendo em vista que a técnica artística influencia e é influenciada pelas inovações tecnológicas de seu tempo, entre 2024 e 2025 houve um desenvolvimento e acesso massivo às Inteligências Artificiais (IA's) de modelos de linguagem, entre elas o Chat-GPT, Gemini, Copilot entre outros. Essas ferramentas, primeiramente voltadas à geração de textos, rapidamente também incorporaram a geração artificial de imagens e interfaces dedicadas às imagens foram se popularizando. Os impactos profissionais do uso das IAs nas artes aplicadas foi implacável e iniciou um debate ético sobre a utilização dessas ferramentas para a geração de imagens. Considerando que necessariamente a IA precisa de treinamento com imagens feitas por autores e considerando que elas geram imagens com uma rapidez e custo inviável aos artistas, as preocupações dos profissionais dos campos da criação de imagem se intensificaram e no atual momento ainda gera debates.

Apesar do tópico das IA's não estarem presentes na tese, é oportuno observar as reflexões promovidas pela pesquisa de 2022 com a nova ótica, após a experiência internacional e com os novos acontecimentos no mercado profissional da fotografia e suas implicações para a criatividade e a decolonialidade na fotografia.

2. Referencial Teórico

Para a realização da pesquisa, foram utilizados conceitos e reflexões sobre a fotografia, a fotografia contemporânea brasileira e a decolonialidade. Diante da interdisciplinariedade e multiplicidade temática, recorreu-se ao conhecimento de autores de campos distintos. Ainda assim, mesmo que a temática na época fosse relativamente recente, houve um destaque aos

autores que já estabeleciam relações entre a arte e os impactos políticos da imagem e o pensamento decolonial.

Juan Ramos, em seu “*Sensing Decolonial Aesthetics in Latin American Arts*” (2018), expõe propostas decoloniais para a crítica e a arte na América Latina. Susan Best, com “*Reparative Aesthetics: Witnessing in Contemporary Art Photography*” (2016), apresenta as formas como a fotografia pode ser usada para validar discursos políticos. Ariella Azoulay, em “*What is photography? Philosophy of Photography*” (2010), discute como a fotografia é usada para alimentar um imaginário imperialista e como o pensamento e prática decolonial é necessário nesse universo. Já Jennifer Bajorek, com “*Unfixed - Photography and decolonial imagination in West Africa*” (2020), ao realizar uma pesquisa sobre a relação da fotografia com o pensamento decolonial no continente africano, auxilia a moldar as possibilidades e limites que uma pesquisa sobre as relações da decolonialidade com a fotografia contemporânea brasileira poderia alcançar.

Os autores nacionais sobre fotografia também foram parte fundamental na pesquisa, sobretudo para auxiliar nas reflexões sobre o fenômeno da fotografia contemporânea brasileira. Em destaque Boris Kossoy e Eder Chiodetto, que além de teóricos também são críticos de fotografia e fotógrafos.

A decolonialidade é uma teoria ampla que pode servir como proposta para o combate ao imperialismo cultural em suas múltiplas facetas. Entre as diversas vertentes no pensamento decolonial que poderiam auxiliar no direcionamento da pesquisa, foi selecionado o pensamento de Walter D. Mignolo (2017), que propõe uma opção decolonial como alternativa aos conteúdos do *mainstream*, tece críticas à modernidade e as suas relações com a colonialidade. Mignolo também incorpora o pensamento estético em suas análises sobre a decolonialidade.

3. Métodos

Uma junção de métodos foi utilizada na pesquisa, com inspiração na Teoria Fundamentada (Strauss & Corbin, 2008) para a construção de categorias a partir dos dados, na Descrição Densa de Clifford Geertz (2015) para a interpretação do microcosmo cultural, e no Paradigma Indiciário

de Carlo Ginzburg (1989) para identificar os vestígios de decolonialidade nas obras.

A pesquisa focou no período de 2020 e 2021, um biênio marcado pela pandemia de COVID-19, que impulsionou a digitalização de exposições e eventos. Foram selecionados instituições e eventos de abrangência nacional com presença virtual, e fotógrafos brasileiros ativos que realizaram exposições individuais e publicaram fotolivros nesse período.

Para a análise das fotografias, criaram-se cinco dimensões: Dimensão Técnica; Dimensão Estética; Dimensão Ética; Dimensão Política; Dimensão Simbólica que com suas respectivas categorias dispostas no Quadro 1, permitiram uma abordagem organizada e multifacetada das análises fotográficas.

Quadro 1: Dimensões e categoriais para a análise das fotografias

Dimensão	Categoria
Técnica	a) Técnicas inovadoras em relação à fotografia comercial.
	b) Hibridismo técnico.
	c) Equipamentos alternativos
Estética	a) Visualidade diferente do padrão comercial.
	b) Matrizes não europeias e/ou norte americanas.
	c) Estética visual multicultural.
Ética	a) Indagações morais contemporâneas.
	b) Respeitoso em relação ao modelo.
	c) Subverte valores coloniais.
Política	a) Meio Ambiente.
	b) Narrativas pró Diversidade.
	c) Ações Afirmativas.
Simbólica	a) Temas de ancestralidade.
	b) Cultura e identidade nacional.
	c) Alternativa ao maniqueísmo religioso.

Fonte: Appolari, 2022.

As dimensões e as categorias auxiliaram na sistematização de temas complexos e profundos, conforme apresentado na Tese:

A dimensão ‘Técnica’ abrange as vicissitudes do fazer prático da fotografia. Entende-se que um fazer artístico é uma forma de expressão e comunicação, portanto a forma como ele é executado deve estar acompanhado do cuidado com o conteúdo que está a ser apresentado.(...)

A dimensão 'Estética' envolve a sensação visual gerada pela harmonia de elementos visuais disponíveis em cada uma das fotos selecionadas. A estética é ao mesmo tempo uma área da deontologia na filosofia e uma importante balizadora da produção artística. (...)

A dimensão 'Ética' propõe identificar a harmonia de elementos visuais que gerem a possibilidade de identificação de significados morais dentro da narrativa da imagem. É feita uma análise valorativa partindo desses pressupostos com o direcionamento principal no modelo e/ou assunto que está sendo fotografado.(...)

Ao avançar para a arena mais ideológica do trabalho, a dimensão 'Política' aborda temas de constante embate. Neste caso, foi feito um recorte para dois valores decoloniais do inter-relacionamento entre espécies e culturas, ou seja, a relação do ser humano com a natureza e com o outro. A principal diferença entre essa dimensão e a 'Ética' é a que na política é observado as socializações de maneira ampla, em outras palavras, um olhar para as ações que tenham afetação na vida em sociedade. (...)

A dimensão 'Simbólica' comporta temas do imaginário popular: as visualidades religiosas, dos povos originários e da identidade brasileira. (Appolari, 2022, p. 127)

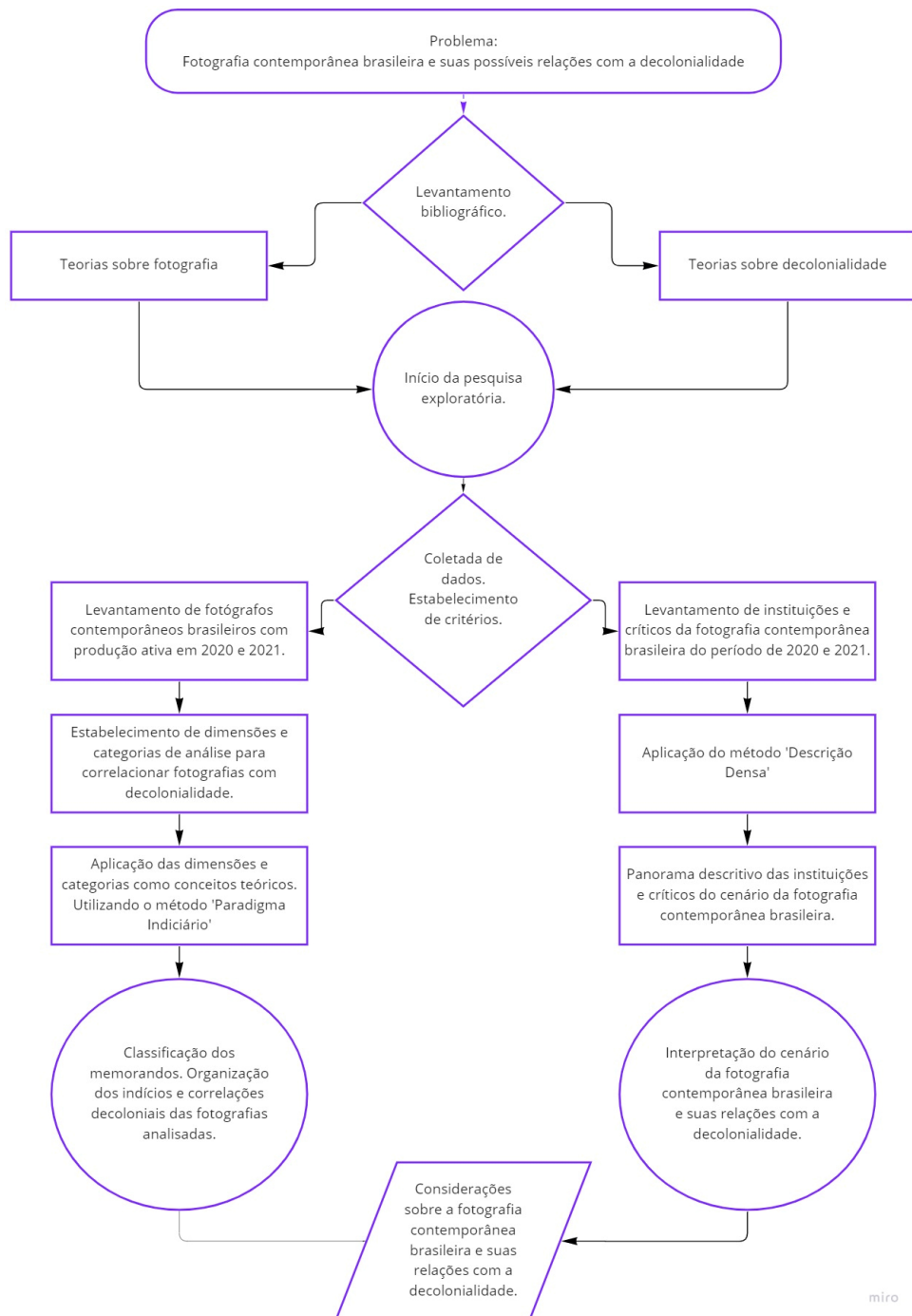
Essas dimensões e categorias serviram como lentes para aprofundar a leitura das obras, buscando "indícios" que revelassem a presença ou ausência de uma perspectiva decolonial. Para melhor compreensão metodológica, foi elaborado um o Fluxograma 1, (página seguinte).

Conforme o Fluxograma 1 demonstra, o arcabolo teórico e levantamentos de dados foram a parte inicial da pesquisa e serviram para as análises sistematizadas que permitiram notar que o fenômeno da fotografia contemporânea brasileira relaciona-se com valores decolonial.

4. Resultados

A pesquisa confirmou que a fotografia contemporânea brasileira, no período de 2020 e 2021, tem abordado de forma ampla e variada os valores decoloniais. As categorias analisadas em oito trabalhos fotográficos demonstram que, mesmo em um contexto de pandemia e desafios, os artistas brasileiros estão engajados em produzir obras que questionam, ressignificam e celebram a diversidade cultural e social do país.

Fluxograma 1 – Fluxograma metodológico



Fonte: Appolari (2022)

Essa constatação da presença decolonial na fotografia contemporânea brasileira abre novas indagações. Em um mundo de esmagadora disponibilidade de imagens e consumo digital, a fotografia decolonial pode se tornar uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de educar para a leitura crítica do mundo. Acredita-se que o uso dessas fotografias em ambientes escolares, por exemplo, pode inspirar uma nova geração a não apenas se conectar com a internet, mas também com sua ancestralidade e seu mundo contemporâneo, compreendendo a sintaxe da imagem para identificar conotações opressoras, racistas e xenofóbicas.

A Arte Contemporânea, com sua polifonia de vozes e diversidade, tem o potencial de impulsionar os valores decoloniais. Contudo, é fundamental que o acesso a essa produção não se restrinja à "alta cultura". O poder público e os agentes culturais devem fomentar e proporcionar o acesso a essas manifestações artísticas e culturais, garantindo que a arte que debate temas importantes para a compreensão do mundo chegue a uma fatia da população tão diversa quanto a própria arte que se propõe a representar.

Ao abraçar a complexidade das visualidades e culturas, a fotografia decolonial oferece uma alternativa aos padrões de valoração visual hegemônicos e elitistas, que historicamente promoveram a subjugação de povos. Ela convida a um aprofundamento do conhecimento, a uma postura crítica sobre o que se consome culturalmente, celebrando a riqueza da diversidade brasileira. Quanto mais se fomenta essa produção, mais chances haverá de que a arte toque o público com valores que exaltam a diversidade e combatem o racismo e a xenofobia, construindo um futuro mais justo e equitativo.

Na oportunidade de realização de um curso sobre fotografia em Medellín, foram utilizados conteúdos e reflexões construídas ao longo da pesquisa de doutorado. O curso foi ofertado pela Facultad de Artes Visuales de La Fundación de Bellas Artes de Medellín, entre os dias 07 e 14 de junho de 2023. Todo o curso foi acompanhado pelo Director do Programa de Fotografia o Mg. Enrique X. Aguirre Belgrano. O curso foi composto de aulas teóricas com a apresentação de fotógrafos contemporâneos brasileiros e atividades práticas com saídas fotográficas para a realização de fotografia urbana em Medellín.

Durante as saídas fotográficas da oficina, além de orientar questões técnicas e dar sugestões de composições aos alunos, foram realizadas fotografias enquanto um brasileiro em terras colombianas. De fato, essa experiência prática pode gerar uma meditação sobre as teorias debatidas ao longo da pesquisa. Pois, agora, não mais enquanto pesquisador, em uma cadeira, diante de uma tela com pixels brancos e pretos, mas enquanto um fotógrafo, com a dinâmica da rua, as pessoas desconfiadas, as interações dos comerciantes e transeuntes e as questões técnicas da fotografia.

Diversos questionamentos surgiram ao longo desse processo criativo, principalmente naquilo que tangia uma possível representação estereotipada ou que menosprezasse uma cultura nova para quem fotografava, ou seja, uma preocupação que ultrapassava a dimensão técnica, pois, além da curiosidade e fascínio por conhecer novos visuais e cultura havia também uma preocupação em, de certa forma, respeitar o local e suas visualidades. Entretanto, o exagero desse cuidado poderia representar a vitória de uma imagem institucionalizada, programada para turistas e estéril em relação às intencionalidades artísticas do ato de fotografia de rua, documental e imaginária. Dessa maneira, essa dicotomia entre atrevimento e comedido pesava no corpo da câmera em cada clique.

Fotografia 1: O Artesão, 2023.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Na Fotografia 1, realizada em uma das saídas fotográficas da oficina, a fotografia de um senhor, que habilmente realizava seus artesanatos e mantinha a sua própria organização das ferramentas, materiais e produtos, na praça da Biblioteca Gabriel Garcia Marques. Ele aparentava não se incomodar com a lente apontada, esse foi o primeiro sinal de autorização implícita para as fotografias, após alguns cliques ele demonstrava um estar confortável com as fotos, conversava e exibia as suas obras.

Na fotografia de pessoas na rua, o cuidado com a aproximação e o registro de imagens é uma postura importante. Pois, os transeuntes estão realizando seus afazeres, não necessariamente saíram à rua para serem modelos de um terceiro.

As câmeras implementam uma visão estética da realidade por serem um brinquedo mecânico que estende a todos a possibilidade de fazer julgamentos desinteressados sobre a importância, o interesse e a beleza. (“Isso daria uma boa foto.”) As câmeras implementam a visão instrumental da realidade por reunir informações que nos habilitam a reagir de modo mais acurado e muito mais rápido a tudo o que estiver acontecendo. A reação, é claro, pode ser repressiva ou benevolente: fotos de reconhecimento militar ajudam a aniquilar vidas, radiografias ajudam a salvá-las. (Sontag, 2004, p. 193)

A imagem carrega a individualidade, assim como o nome e sobrenome é necessário refletir em como pegá-la emprestada para uma foto. Pois, a fotografia tem o poder de invadir espaços e quebrar intimidades, gerar desconfortos que, para esse caso, não se justificariam. Tendo em vista que a imagem da pessoa é dela própria e não é posse do fotógrafo, a atitude violenta de tomar imagens sem consentimento é uma prática que não estaria de acordo com as ideias propostas nessa pesquisa.

5. Considerações Finais

Correndo o risco de apresentar uma discussão infértil e apressada, após três anos da defesa da pesquisa, surge a necessidade de passar a observar o fenômeno da Inteligência Artificial generativa de imagens. A ponderação sobre a geração desses gráficos vai além da técnica, pois, de maneira técnica elas não seriam fotografias, considerando que uma foto

necessita de fótons, imagens criadas por IA não podem ser fotografias, dado que são geradas a partir de dados interpretados por computadores. Mesmo que haja a necessidade de alimentação dessas IA por fotos, quando a plataforma gera uma nova imagem, é na verdade uma interpretação do algoritmo sobre o Prompt utilizado. Entretanto, quando a fotografia digital ameaçava a fotografia analógica, não era rara entre profissionais a opinião de que apenas as fotografias analógicas eram ‘verdadeiramente’ fotografias, pois utilizavam processos físico-químicos para registrar a incidência da luz.

É inegável que as imagens geradas por IA não seguem, nem de perto os processos criativos da fotografia, todavia, os softwares de edição de fotografia cada vez mais acrescentam ferramentas de edição com capacidades de IA. Todavia, o ato de editar por si só já é um ato de alterar a composição dos dados (computacionais e visuais) da fotografia, acrescenta-se um hibridismo da virtualidade no registro do fenômeno físico da luz, à medida que a edição generativa segue uma lógica de fotomontagem, com elementos de outras imagens servindo como referência para a edição da fotografia.

Um problema gerado por essas novas possibilidades é também narrativo, visto que ao considerar que são geradas imagens baseadas em um banco de dados prévio que estabelece princípios estéticos, o surgimento de imagens estereotipadas surge com muita vazão. Há uma distorção de narrativas em prol das imagens idealizadas, estereotipadas e mesmo com as facilidades práticas que essas ferramentas geram, o pensamento e responsabilidade do artista precisaria prevalecer para evitar que as imagens se tornem apenas reforços de uma estética dominante.

Na Fotografia 2, um jovem praticando dança de rua protagoniza um movimento ousado em meio aos carros e pedestres. Ao visualizar essa imagem, o impulso de remover digitalmente os pedestres surgiu, mas ceder a esse impulso em prol de uma imagem seguindo valores estéticos minimalistas do design, significaria remover uma importante parte de sua narrativa, uma vez que as pessoas ao fundo ajudam na representação do ambiente urbano e agitado que o dançarino estava contextualizado.

Fotografia 2: Slide (Deslizar)

Fonte: Elaborada pelo autor.

No dia 15 de junho de 2023, como atividade de finalização da oficina, foi realizada uma palestra "*Fotografia brasileira contemporânea y el discurso decolonial*". Na ocasião, foram apresentadas sínteses as reflexões da tese de doutorado e um debate sobre a fotografia brasileira. Um questionamento sobre a vida e a obra de Sebastião Salgado chamou a atenção, reconhecido pelos pares como mais bem-sucedido fotógrafo documental, sem deixar de lado a admiração à qualidade visual das obras do fotógrafo. O questionamento tinha um tom crítico à utilização e imagens de sofrimento de pessoas em situações precárias no contexto a beleza estética das fotografias de Salgado. É interessante notar como esse tipo e observação permeia o fotojornalismo e a fotografia documental, quando a dor é explícita, a comoção é gerada pelo desconforto, e a colonialidade atua de maneira sutil, sob a máscara da cultura e dos valores morais.

A obra de arte não fica estática simbolicamente, a dialética da fotografia torna-se ainda mais intensa com a combinação com os novos e ágeis meios de comunicação (Appolari, 2022). Portanto, a atenção em como as

imagens são usadas e contextualizadas é constante, seja na fotografia analógica, digital ou nos gráficos de IA generativas, pelas sutilezas, violências e preconceitos velados propagados.

6. Referências

APPOLARI, V, A, S. **A dialética da fotografia contemporânea no Brasil: Uma proposta decolonial para a fotografia e seus discursos**. Cuiabá: UFMT, 2022. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/3735>.

AZOULAY, ARIELLA. What is a photograph? What is photography? **Philosophy of Photography Volume 1 Number 1**, p. 9-13, 2010.

BAJOREK, Jennifer. **Unfixed - photography and decolonial imagination in West Africa**. London: Duke University Press, 2020.

BEST, Susan. **Reparative Aesthetics: Witnessing in Contemporary Art Photography**. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2016

CHIODETTO, Eder. **Geração 00: A nova fotografia brasileira**. São Paulo: Edições Sesc, 2013.

Lombardi, K, J. **Documentário Imaginário: Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAFI-7TBQHM/1/wordtotal.pdf>

MIGNOLO, W. COLONIALIDADE: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - vol. 32 nº 94. P. 01-18, 2017.

RAMOS, Juan G. **Sensing Decolonial Aesthetics in Latin American Arts**. Gainesville: University of Florida Press, 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Resumo dos Textos Publicados

Quando a notícia comunica: o metáporo colocado em prática

Camila Bini Pereira Rosa

Para responder a pergunta “o jornalismo contemporâneo comunica?”, este artigo parte de conceitos, provocações e propostas epistemológicas da Nova Teoria da Comunicação, idealizada pelo autor Marcondes Filho (1948-2020). A abordagem considera a comunicação como um Acontecimento, ou seja, um fenômeno raro, impactante, disruptivo, de natureza estético-sensorial e que leva a pensar. Distinta da sinalização e da informação, a comunicação é rara, tendendo à improbabilidade. Sua insurgência somente pode ser atestada por aquele que é comunicado e sua natureza “acontecimental” pede uma abordagem fenomenológica de pesquisa, em que o pesquisador busca ‘encontrar’ o Acontecimento comunicacional no momento em que ele se dá. Partindo da visão da Comunicação como uma ‘ciência nômade’ (Deleuze e Guattari), adotamos o (a)método chamado metáporo (Marcondes Filho). Entre as percepções possíveis, a pesquisa comprovou a viabilidade de aplicação do metáporo e mostrou a importância de aspectos estéticos e imagéticos na afecção que leva à eclosão de um Acontecimento comunicacional.

O ser e pertencer no interior das telas

Tania Mara Rauber

Em tempos de TikTok, instagrammers, influenciadores digitais, trends, a busca por visibilidade e reconhecimento no ambiente virtual tem resultado em novos comportamentos tanto dentro quanto fora das telas. Ganha notoriedade o “eu performático” e a “sociedade do espetáculo”, nos quais tendências que vão e vem de forma veloz ditam o que seria “bom” ou “aceito” nestes espaços. O presente artigo parte da observação de alguns fenômenos percebidos neste permear de virtual e real, um deles objeto de pesquisa de mestrado, além de contextos teóricos e

vivências desta pesquisadora, para compreender melhor este novo cenário. Na construção deste percurso, trazemos alguns questionamentos sobre as fronteiras entre o “ser público e privado” nas redes, bem como a experiência da individualidade e a subjetividade em tempos de repetição e simulação de hábitos, condutas e práticas, tendo como anseio final o recebimento de cliques, ser visto e reconhecido nas redes, mesmo que momentaneamente.

Cultura Científica no Mundo da Vida

Um estudo sobre a ciência, educação e informação na palma da mão

Mirian Barreto Lellis

A fim de compreendermos melhor ciência no aspecto do anônimo e contribuir com a discussão sobre Cultura Científica, investigamos o conhecimento científico no universo digital presente no dia a dia das pessoas, nas telas deslizantes ao toque de um dedo. E mais objetivamente, levantamos reflexões sobre o modo como a Cultura Científica, na forma da divulgação científica, se constrói e é transmitida na palma da mão, por meio dos celulares smartphones. Assim, traçamos três eixos de investigação: Ciência, Comunicação e Educação. Com relação à metodologia, a pesquisa é qualitativa e aborda informações históricas e reflexões filosóficas, ao mesmo tempo em que mantém diálogo com a experiência vivida na pesquisa de campo. Esta tem caráter etnográfico, elaborada com a finalidade de investigar, acompanhar, descrever e analisar as informações sobre as interações de alunos de duas escolas da cidade de Barra do Garças - MT com os conteúdos científicos nos dispositivos móveis. O estudo mostrou inúmeras formas de popularizar a ciência na escola, de expandir a Cultura Científica para o seio familiar e, principalmente, oferecer à sociedade respostas propositivas. Apontamos o surgimento do Mediador Científico como um novo agente no processo de interação e divulgação científica que vive ciência nas redes e transporta para a educação do jovem conhecimentos científicos, transformando a Cultura Científica no cotidiano em um fenômeno social.

Extração de sentidos e valores no garimpo digital

Alessandra Pereira da Paz

As redes sociais tornaram-se um importante meio de obtenção de visibilidade e fama. Nesse contexto, o surgimento de celebridades digitais é um fenômeno cada vez mais comum. Para compreender os sentidos e valores que emergem da comunicação relacional entre a celebridade digital e seu público, analisamos a trajetória de um garimpeiro, de cariz popular, que enriqueceu com a exploração de ouro em Poconé, região do Pantanal de Mato Grosso. A partir do eixo teórico da ideia relacional de Comunicação de Vera França, a noção de Celebridade de Fred Inglis e os conceitos operadores de Performance e Enquadramento, com Erving Goffman, identificamos os seguintes quadros de sentidos na trajetória do garimpeiro digital: o nascimento da estrela; o sucesso inesperado: a figura pública torna-se um fenômeno de popularidade nas redes sociais; e a ascensão à fama. Ele adota um novo estilo de vida, marcado pelo consumo ostentatório. Este artigo parte de um estudo que contribuiu para a compreensão dos sentidos e valores que emergem da comunicação relacional de celebridades digitais. Ele mostra que, além de fatores como talento e carisma, a fama nas redes sociais também pode ser resultado de estratégias de comunicação.

Memes e tipificação na formação de quadro de sentidos em torno de Dilma Rousseff

Jessica Bastos

O artigo apresenta as reflexões e discussões acerca dos valores sociais e morais circulados por memes ilustrados pela figura pública da ex-presidenta Dilma Rousseff. Apreendemos como artefato híbrido de mídia e cristalização cultural. Os conceitos operadores de Enquadramento e Tipificação são acionados em relação ao eixo teórico do paradigma relacional da comunicação, visando a apreensão do objeto inserido em seu contexto, a partir da organização do acontecimento e da significação da experiência partilhada. A noção de enquadramento também orienta a definição dos

momentos biográficos observados. No procedimento analítico propomos a observação seriada dos memes, a partir da formação de conjuntos relacionados ao enquadres estabelecidos. Para a análise seriada, constituímos pranchas digitais e apresentamos os achados da pesquisa sistematizados em quadros de síntese.

Espaço escolar e a percepção do estudante do século XXI

Paula Libos

Presente na sociedade e na história de uma parcela expressiva da população, o ambiente escolar é onde passamos muitos anos de nossas vidas. Apesar disso, há poucos estudos sobre as experiências dos usuários nos espaços escolares, em especial do ensino público de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. Este artigo, apresenta um recorte da tese de doutorado cujo título é “Arquitetura Escolar, Inovação e a Era Digital”, um trabalho defendido em 2022, de caráter qualitativo, exploratório, que teve como proposta estudar e analisar a arquitetura escolar pública tradicional e seus espaços na era digital. O propósito foi descrever, a partir da perspectiva dos alunos, educadores, gestores e arquitetos envolvidos na concepção dos prédios o que eles pensam sobre os espaços escolares. Apresentaremos um fragmento da percepção de 219 estudantes respondentes de um questionário semiestruturo, aplicado em três escolas públicas de Cuiabá. Uma vez identificados os temas e experiências, foram criados três grupos focais, um em cada escola, para aprofundamento dos resultados obtidos no questionário. Como a arquitetura é utilizada para inúmeras finalidades e possui diversas tipologias, foram apresentados também aos grupos de discussão espaços escolares inovadores no Brasil e em outros países, com diferentes possibilidades, funções e formas de ambientação, uso e convivência. A percepção dos alunos em relação aos espaços das três escolas não apresentou diferenças significantes, porém quando os alunos conheceram os espaços inovadores, os problemas de cada escola ganharam outra dimensão. Já os professores, gestores e arquitetos deixam claro que estão conformados com a imobilidade e condições dos atuais espaços educativos, dado a ausência de recursos para educação como um todo, entretanto não abordarmos essa questão nesse artigo. O estudo destacou

ainda os benefícios de um espaço educativo inovador como um mediador no caminho da construção do conhecimento, compartilhamento, comunicação e socialização.

O pensamento moderno urbanístico

Danielle Ferraz Garcia

As cidades passaram por diversas transformações ao longo dos anos e são um reflexo físico das variadas formas de interação do homem com o meio, ainda que não sejam projetadas de maneira a promover a integração de usos, classes e atividades, sendo ainda, em sua maioria, fruto de uma urbanização arcaica e atrasada, traduzida em espaços que não são tratados de maneira democrática. Estudar a relação das cidades, do meio, do homem e da cultura é fundamental para compreender o passado e o futuro, pois o campo cultural traz importantes contribuições a serem exploradas, uma vez que as cidades são o palco onde as relações culturais se desenrolam e servem, portanto, como base para que os fenômenos da cultura aconteçam. Neste contexto, o objetivo geral é compreender a influência do pensamento moderno urbanístico nos contextos urbanos. Como objetivos específicos buscou-se interrelacionar a percepção e visão de diferentes autores estudiosos da temática. Acerca da metodologia empregada, fez-se uso da revisão bibliográfica acerca dos temas centrais da pesquisa e ainda estudos qualitativos.

Passarelas contemporâneas para pedestres à Ponte de Ferro do rio Coxipó

Fabiane Krolow

O presente estudo investiga a importância histórica, cultural e urbana das pontes de ferro localizadas sobre os rios Coxipó e Coxipó-Mirim, em Cuiabá (MT), considerando suas influências na paisagem, no cotidiano urbano e na memória coletiva. Inicialmente, destaca-se a Ponte de Ferro do rio Coxipó, construída em 1897 com estrutura metálica importada da França e elementos inspirados na Torre Eiffel. Apesar de sua relevân-

cia histórica e localização estratégica, encontra-se atualmente em desuso, sendo relegada a uma “mancha” na paisagem. O texto evidencia como sua preservação envolve disputas políticas, judiciais e culturais, sobretudo frente ao projeto inacabado do VLT. A ponte representa um rizoma cultural, símbolo da criouliização e da mestiçagem urbana discutida por autores como Glissant, Canclini e Gruzinski. Também é analisada a ponte do distrito da Guia, construída sobre o rio Coxipó-Mirim, em moldes semelhantes, igualmente negligenciada, mas reapropriada pela comunidade local como espaço de lazer, mesmo em condições precárias de segurança. O estudo propõe reflexões sobre o papel das passarelas e pontes como obras de arte urbanas que transcendem a função utilitária, tornando-se lugares de memória, convivência e expressão cultural. Tais estruturas revelam a complexidade das interações entre cidade, história e cotidiano, sugerindo que a revalorização desses espaços — a exemplo do High Line Park em Nova York — pode integrar paisagismo, mobilidade e cultura, promovendo um ambiente urbano mais acessível, seguro e simbólico. Conclui-se que a integração entre patrimônio histórico e intervenções urbanas contemporâneas é fundamental para reconhecer a importância desses elementos na formação de uma paisagem plural, híbrida e relacional.

O Falar Cuiabano Como Resistência Cultural: Entre Tensões, Representações e Poder Simbólico na Contemporaneidade

Dalila Rodrigues Souza

O artigo propõe uma reflexão sobre o falar cuiabano como expressão de identidade, resistência e poder simbólico no contexto cultural contemporâneo. A partir da pesquisa de mestrado *Arte e poder: o falar cuiabano na cultura contemporânea (2020–2022)*, desenvolvida sob orientação do professor doutor Pedro Pinto de Oliveira, o estudo analisa como essa forma de expressão linguística se insere nas disputas simbólicas que marcam os espaços de poder e representação em Cuiabá. Fundamentada nos autores Vera França, Erving Goffman, Pierre Bourdieu e Mário César Silva Leite, a investigação adota como procedimento metodológico, de base multimodal, a utilização do *podcast* de construção científica como instrumento de coleta, análise e difusão de dados, o que possibilitou ampliar o diálogo

entre academia e sociedade e a democratização do conhecimento. A pesquisa analisa como o falar cuiabano é um objeto cultural vivo, permeado por tensões entre valorização e estigmatização, sendo frequentemente associado a estereótipos ou ao humor. Contudo, a pesquisa investiga como artistas e comunicadores têm ressignificado essa linguagem por meio da arte e das mídias digitais, transformando o humor em instrumento de resistência e afirmação identitária. Dessa forma, a dissertação apresenta a preservação da oralidade cuiabana como patrimônio simbólico e meio de fortalecimento da diversidade e da memória coletiva cuiabana.

Migrante venezuelano; fragilidade e insegurança: Um estudo de caso em Mato Grosso

José Elias Antunes Neto

Cristóvão Domingos Almeida

O objetivo deste trabalho é discutir a fragilidade do migrante venezuelano com destaque para as mulheres, trabalhadoras, mães de família e desvalorizadas pelo sistema capitalista mundial. Falamos da ausência que começa pelos homens que acompanham as mulheres na condição de maridos. Uma das questões com as quais nos deparamos no decorrer da nossa pesquisa para a conclusão do mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso, defendida em 2022, foi a feminilização. Nesse contexto, tivemos a oportunidade de observar a fragilidade dos migrantes, a busca pela identidade e as dificuldades para conseguir emprego e renda na condição de indocumentados. Neste artigo, fazemos um recorte e tratamos de um ponto que passa quase sempre despercebido pela maioria dos que assistem o processo migratório, que é a presença das mulheres como personagens que fazem a ancoragem no seio da família e tomam decisões pela maioria para que todos tenham o mínimo de dignidade na condição de “retirantes”.

Do mestrado ao doutorado. Do olhar sobre as crianças e a cultura digital para o protagonismo feminino no cuidado familiar e comunitário

Gracielly Soares Gomes

A trajetória acadêmica de um pesquisador é marcada por momentos de aprendizado, evolução e descobertas. Neste artigo, apresento parte das pesquisas que compõem a trajetória acadêmica da autora, resumidamente o percurso de pesquisa desde o mestrado até o doutorado, destacando as pesquisas realizadas e a evolução temática ao longo desses estudos. No mestrado, o foco foi nas crianças e mídias digitais, explorando a relação entre cultura e conhecimento. Já no doutorado, o olhar se voltou para o protagonismo feminino no cuidado familiar, com ênfase nas famílias de Bonsucesso, em Várzea Grande, Mato Grosso, cidade vizinha a Cuiabá. Neste texto são apresentados os principais pontos das pesquisas, abrindo portas para futuros estudos.

Albergue da juventude: perfil dos jovens que se hospedam em Cuiabá, Mato Grosso

Débora Moreira Mello

Pedro Pinto de Oliveira

Considerando as viagens como um dos instrumentos de enriquecimento cultural, tendo por base os lugares que integram o turismo, este artigo privilegia um segmento de hospedagem diferente dos convencionais, o Albergue da Juventude Pantanal (Hostel International), que em sua filosofia considera as viagens turísticas não somente como fuga dos grandes centros, do cansaço e do cotidiano, mas enquanto busca de conhecimento pessoal e cultural, em um ambiente onde a comunicação com seus pares é um dos principais atrativos.

As novas formas da cultura de comunicação do agronegócio: o movimento Agroligadas

Julia G. N. Munhoz

Pedro Pinto de Oliveira

Neste artigo, analisamos a performance de figuras públicas em um acontecimento no contexto contemporâneo. Um novo movimento feminino ligado à cultura do agronegócio em Mato Grosso: as Agroligadas. Liderado por mulheres que atuam diretamente neste setor econômico e/ou que fazem parte das famílias de grandes empresários rurais, esse movimento tem como ideia defender, pelo olhar das mulheres, os valores do agro. Nossa fundamentação parte do paradigma relacional de comunicação de Vera França (2001). Os conceitos operadores são o de feminismo com Maria João Silveirinha (2016) e Chimamanda Adichie (2015) e de performance com Erving Goffman (2009). Nosso *corpus* reúne recortes dos programas de rádio, *podcasts*, entrevistas e publicações em redes sociais. Partimos das seguintes perguntas condutoras: como as Agroligadas situam o conceito de feminismo? Quais valores são postos em ação nas suas performances midiáticas? Nosso objetivo foi apreender e refletir as estratégias comunicativas que as líderes do movimento Agroligadas acionam nas suas interações midiáticas.

Da divulgação científica sobre células-tronco do cordão umbilical e placentário à Saúde Única da comunidade ribeirinha São Gonçalo Beira Rio

Juliana Michaela Leite Vieira

Este artigo apresenta um panorama e os resultados da Dissertação de Mestrado intitulada “A divulgação científica sobre células-tronco do cordão umbilical e placentário na imprensa, no cotidiano médico-científico e nos usuários de serviços de saúde privados”, assim como apresenta o projeto de pesquisa para o Doutorado, “Saúde Única: Estudo de caso sobre o conhecimento científico e o saber tradicional na comunidade ribei-

rinha São Gonçalo Beira Rio”. O objetivo, no doutorado, é compreender como ocorre a circulação de informações científicas sobre meio ambiente, saúde humana e animal (Saúde Única/*One Health*), na comunidade ribeirinha São Gonçalo Beira Rio, realizando uma análise e correlação do conhecimento científico com os conhecimentos tradicionais (Ciência Popular). A pesquisa, de caráter qualitativo, descritiva e exploratória, analisa especificamente a comunidade São Gonçalo Beira Rio. Os instrumentos de coleta de dados na pesquisa são: revisão bibliográfica (livros, artigos e documentos), observação participante, entrevista em profundidade e grupo focal. Com base nas experiências de Ciência Cidadã, busca-se também a participação da comunidade. Como referencial teórico, são utilizados os seguintes autores: Ludwik Fleck (2010), com os conceitos de translação e coletivo de pensamento, Fritjof Capra (1996), com pensamento sistêmico, Humberto Maturana e Francisco Varela (1997), com Autopoiese; Jean Caune (2008) e James Carey (2008) com Cultura e Comunicação; Edgar Morin (2015) com pensamento complexo; David Harvey (2014), com cidade sã; Luisa Massarani (2022), Carlos Orsi e Natalia Pasternak (2023), com a desinformação e o negacionismo.

Mulheres na pesca artesanal: experiências transnacionais entre Rosário Oeste (Brasil) e a Costa de Oaxaca/Chiapas (México)

Ivoneides Maria Batista do Amaral

Este artigo analisa a participação das mulheres na pesca artesanal em Rosário Oeste (Brasil) e em comunidades afromexicanas da costa de Oaxaca e Chiapas (México), a partir de um intercâmbio doutoral realizado em 2024. A pesquisa busca compreender as práticas de trabalho, os desafios ambientais, a divisão sexual das tarefas e as estratégias de resistência das pescadoras, evidenciando a intersecção de gênero, raça e classe social. Para isso, foram realizadas entrevistas com dezessete mulheres (sete em Rosário Oeste e dez no México), observação participante, acompanhamento das atividades de pesca, coleta de *Tichindas* (*Mytella arciformis*), além da participação em seminários e monitoramento das lagunas. Os resultados apontam que, apesar de desempenharem funções centrais para

a sustentabilidade econômica e cultural de suas comunidades, as pescadoras seguem invisibilizadas socialmente e enfrentam múltiplas barreiras: precarização do trabalho, impactos ambientais, acesso restrito à saúde e à educação, além da escassez de políticas públicas específicas. As experiências transnacionais revelam semelhanças nos modos de vida e nos desafios enfrentados, ressaltando a urgência de políticas que valorizem o trabalho feminino, protejam os territórios pesqueiros e garantam condições dignas de existência.

Cultura e comunicação: o pensamento sistêmico em saúde para crianças da educação infantil

Jessiane Maria de Almeida

As unidades educacionais atuam diretamente na formação de milhares de crianças e adolescentes, recaindo sobre os professores um importante papel, que é trabalhar para um ensinamento significativo, inovador e transformador. Nas unidades da educação infantil (creches, Cmei, Ceic entre outras), isso não é diferente. Os educadores trabalham com um único propósito: levar conhecimento e aprendizado para seus educandos. A educação infantil atende a uma faixa etária em que as crianças começam a receber suas primeiras informações fora do contexto familiar, nessa fase elas iniciam a preparação para o ingresso nas atividades escolares e começam a ter novos meios que auxiliam no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Nesse momento, o professor atua como um dos principais mediadores das novas mudanças que começam a ocorrer com as crianças, trabalhando com elas temas voltados não apenas para alfabetização e letramento, mas também atividades relacionadas à realidade de cada uma delas. O objetivo desse trabalho é entender qual a percepção das crianças da Educação Infantil sobre uma visão mais sistêmica da saúde, verificar como os professores tratam o tema Saúde e conhecer qual a percepção que eles têm sobre o pensamento sistêmico na saúde: humana, animal e ambiental. A metodologia utilizada para a elaboração da pesquisa fundamenta-se em estudos bibliográficos sobre comunicação e cultura, educação infantil e saúde, formulação de um projeto sistêmico sobre saúde em conjunto com os professores, entrevistas com o quadro docente,

desenho como método de pesquisa e conversas com as crianças sobre os desenhos. Acredita-se que foi possível contribuir também com as práticas pedagógicas dos professores participantes, que, por sua vez, poderão levar para as unidades que percorrem todos os aprendizados obtidos com esta pesquisa que não se dá por finalizada, mas que poderá contribuir para maiores aprofundamentos e até mesmos como inspiração para futuros pesquisadores.

Radioatividade: uma breve história das areias monazíticas de Guarapari (ES)

Marina Coelho Motta

Este artigo é produto do desenvolvimento da tese de doutoramento do programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, cujo título é homônimo: Radioatividade: uma breve história das areias monazíticas de Guarapari. O estudo analisa como elementos presentes na natureza foram utilizados de diferentes formas, como lastro de navio, fabricação de filamento de lâmpadas, em cosméticos e em tratamento de saúde. Quando falamos em radioatividade, primeiro vem a ideia de medo, como algo ruim, que provocou destruição com bombas atômicas ou mesmo em acidentes graves registrado na história. Mas, temos também a ideia de cura, principalmente quando citamos lugares que tem de forma espontânea a emissão destes elementos, como é caso da cidade de Guarapari-ES. Como base metodológica, utilizamos uma bibliografia específica sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil, além de jornais e documentos já colocados à disposição pelas Forças Armadas Brasileira, principalmente a Marinha. A pesquisa em Arquivo Público se mostrou imprescindível, pois é onde estão registradas as informações sobre as areias monazíticas do Brasil e dos locais em que foram processados industrialmente os seus elementos. Ao término da pesquisa, vimos que os meios de comunicação e o medo, aliados à falta de conhecimento específico e o modo generalizado sobre o que é radioatividade provocaram interpretações duvidosas. Com entrevistas, buscamos compreender junto à população local como ocorreu a transição do processo de medo à esperança de cura das pessoas por meio dos componentes das areias monazíticas.

Renato - de Manfredini Junior a Russo

Luciano Carneiro Alves

Renato Russo foi uma das referências musicais do rock produzido no Brasil na década de 1980. Alcança o sucesso nacional em 1985, com o primeiro disco da banda Legião Urbana na qual era o principal letrista e vocalista. Até sua morte em 1996, construiu sua trajetória almejando ser algo mais que sucesso comercial. Apresento aqui breve perfil biográfico e de sua obra buscando caracterizar sua proposta artísticas. Argumento que entre o adolescente Renato Manfredini Junior, que sonhou ter uma banda, e o Renato Russo tratado como ídolo por tantas pessoas houve a construção de um projeto poético, estético e político que se materializa mais nitidamente no disco “O Descobrimento do Brasil”, de 1993.

A dialética da fotografia contemporânea brasileira: a decolonialidade e o documental imaginário

Vinicius Appolari

Este texto apresenta uma síntese da tese "A dialética da fotografia contemporânea no Brasil: uma proposta decolonial para a fotografia e seus discursos", defendida em 2022 na UFMT. Ele oferece uma análise sobre o fenômeno da fotografia contemporânea brasileira e os métodos utilizados para a análise sistematizada de instituições e atores da fotografia nacional, sob a ótica do pensamento decolonial. Para progredir em uma produção artística decolonial, é necessário considerar as culturas ancestrais e promover debates no campo fotográfico sobre as minorias, comumente atacadas por valores imperialistas. Essa abordagem é crucial para o avanço de uma estética decolonial. Considerando a continuidade do estudo, também é apresentado um breve relato de experiência posterior à pesquisa, com uma vivência epistemológica e artística na Fundación Universitaria Bellas Artes em Medellín, Colômbia. Diante dos conhecimentos expostos, tece-se uma possibilidade de estudos sobre a recente interação da tecnologia de Inteligência Artificial Generativa no contexto da fotografia e suas implicações na decolonialidade.

Organizadores

Mirian Barreto Lellis

Doutora pelo PPG ECCO - Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Coordenadora do curso de Graduação em Jornalismo da Faculdade Católica Paulista, Marília – SP. Desenvolve pesquisas no campo da Comunicação, Cultura Científica, Jornalismo Científico, Divulgação Científica, Comunicação Científica, Popularização da Ciência, Estudos do Cotidiano e Geopolítica dos Meios de Comunicação do estado de Mato Grosso.

Paula Libos

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Cuiabá (2001), mestrado em Física Ambiental pela Universidade Federal de Mato Grosso UFMT (2007) e especialização em Sistema Viário Urbano e Mobilidade Urbana pela Faculdade Faipe (2017). Doutora em Estudos de Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporâneas - ECCO – UFMT (2022), na linha de pesquisa de Comunicação e Mediações Culturais, sob a Orientação de Benedito Dielcio Moreira. Participa do Grupo de Pesquisa Multimundos - UFMT. Tecnóloga em Fotografia pela UNIDERP (2023). Possui 24 anos de experiência no desenvolvimento de projeto arquitetônico, atuando na área de arquitetura, urbanismo e interiores, com ênfase na arquitetura comercial e residencial, 16 anos de experiência no ensino superior como docente e coordenadora de curso.

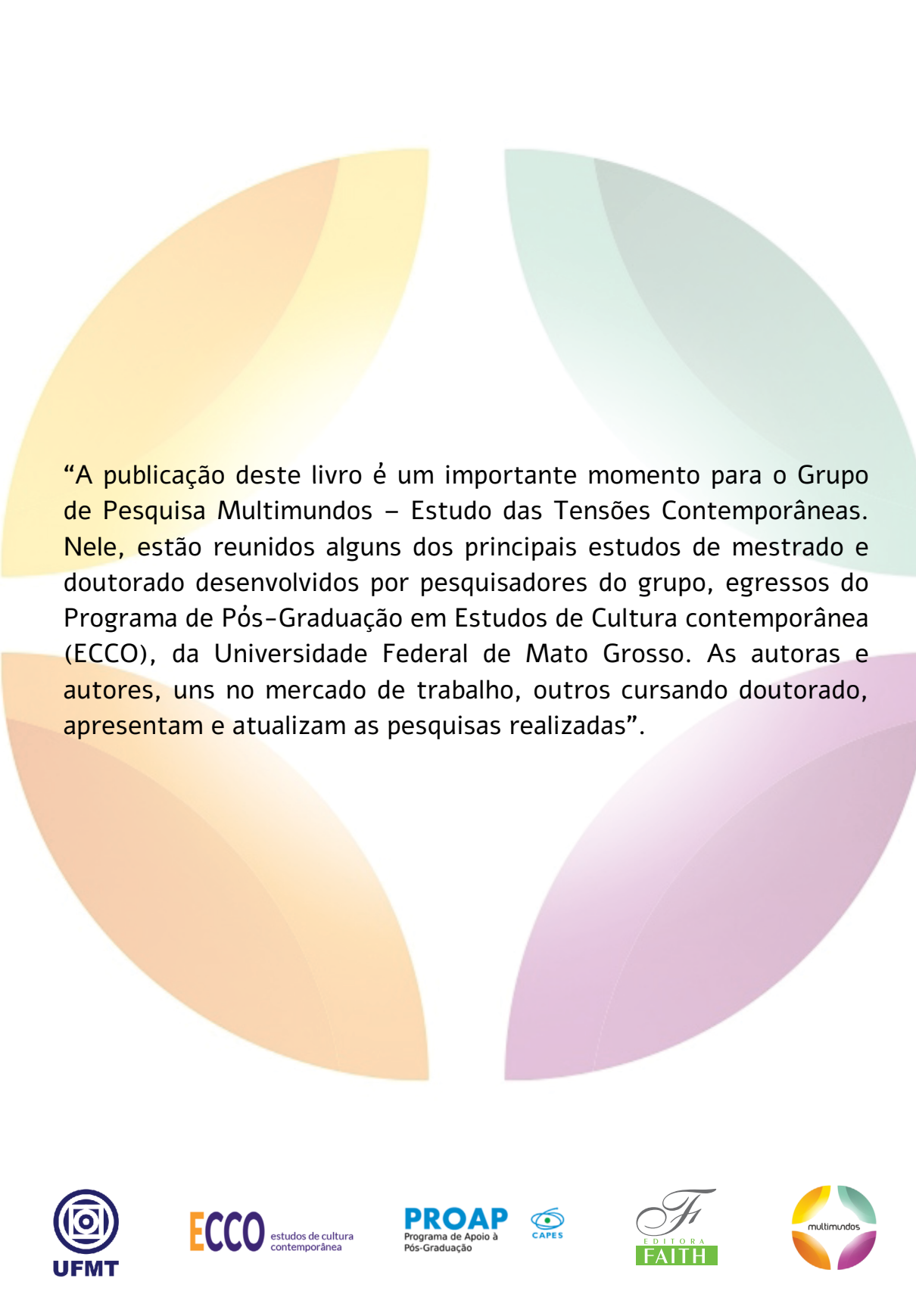
Benedito Dielcio Moreira

Jornalista, pesquisador associado e professor do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Doutor em Educação pela Universität Siegen (DE). Coordena, juntamente com os professores Júlio Suzuki (PROLAM-USP – Programa de Pós-Graduação em Integração da

América Latina) e Denise Moraes (Programa FRONTEIRAS – UNIOESTE – Foz do Iguaçu - Paraná) a disciplina “Fronteiras Interdisciplinares” para alunos de pós-graduação do ECCO-UFMT, PROLAM-USP e FRONTEIRAS (UNIOESTE). Participa do projeto “Mulheres da Comunicação” na América Latina – Brasil – Região Centro-Oeste (Apoio: Fundação Friedrich Ebert Stiftung (DE) - FES Comunicación (CO). Lider do Grupo de pesquisa Multimundos - Estudo das Tensões Contemporâneas: [https:// multimundos.org](https://multimundos.org) (Diretório do CNPq - https://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf). Temas de interesse: Jornalismo Científico, Ensaios Audiovisuais Científicos, Cultura Científica, Educomunicação, Comunicação e Poder. E-mail: dielcio@hotmail.com

Pedro Pinto de Oliveira

Jornalista e professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-doutor em Comunicação e Artes pela Universidade da Beira Interior (UBI), Portugal, e pós-doutor em Comunicação e Política pelo Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal. É coordenador do Grupo de Pesquisa Multimundos/UFMT e vice-coordenador do GT de Pesquisa em Comunicação Multimodal da IAMCR (International Association for Media and Communication Research). Integra o GT de Teorias e Métodos de Pesquisa em Comunicação da Associação Espanhola de Pesquisa em Comunicação (AE-IC). Suas áreas de interesse incluem Comunicação e Política; Acontecimentos e Figuras Públicas; e Ensaio Audiovisual Científico.



“A publicação deste livro é um importante momento para o Grupo de Pesquisa Multimundos – Estudo das Tensões Contemporâneas. Nele, estão reunidos alguns dos principais estudos de mestrado e doutorado desenvolvidos por pesquisadores do grupo, egressos do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura contemporânea (ECCO), da Universidade Federal de Mato Grosso. As autoras e autores, uns no mercado de trabalho, outros cursando doutorado, apresentam e atualizam as pesquisas realizadas”.